

UNIVERSIDADE DE SALAMANCA
FACULDADE de PSICOLOGIA

Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação



TESIS DOCTORAL

**VÍNCULOS AFECTIVOS, COMUNICAÇÃO SEXUAL E
SATISFAÇÃO SEXUAL EM UMA AMOSTRA DE CASAIS
HETEROSSEXUAIS PORTUGUESES**

Ana Sofia Melo Refoios Semedo Garcia

Salamanca, 11 de Dezembro de 2015

Yo, Ana Sofia Melo Refoios Semedo Garcia, con DNI 10737197, en relación al proyecto de Tesis registrado bajo el título “*Vínculos afectivos, comunicación sexual y satisfacción sexual en una muestra de parejas heterosexuales portuguesas*”, codirigido por el Dr. D. Antonio Fuertes Martín y la Dra. D^a. Begoña Orgaz Baz, y de conformidad con el art. 14.3 del Reglamento de Doctorado de la Universidad de Salamanca (aprobado por Consejo de Gobierno de 25 de octubre de 2011)

SOLICITO

Autorización para poder redactar la Tesis Doctoral en portugués.

Salamanca, 11 de diciembre de 2015

Ana Sofia Melo Refoios Semedo Garcia

V^oB^o

El Codirector de la Tesis

Antonio Fuertes Martín

V^oB^o

La Codirectora de la Tesis

Begoña Orgaz Baz

V^oB^o

El Director Dpto. Psicología Evolutiva y de la Educación

Javier Rosales Pardo

António Fuertes Martín e Begoña Orgaz Baz, profesores del Doctorado intitulado “Sexualidad y Relaciones Interpersonales” del Departamento de Psicología Evolutiva y de la Educación, de la Universidade de Salamanca,

CERTIFICAN:

Que el trabajo titulado *Vínculos afectivos, comunicación sexual y satisfacción sexual en una muestra de parejas heterosexuales portuguesas*, realizado bajo nuestra dirección por D^a. ANA SOFIA MELO REFOIOS SEMEDO GARCIA, licenciada en Psicología y alumna del Programa de Doctorado de Sexualidad y Relaciones Interpersonales, reúne los requisitos necesarios para optar al GRADO DE DOCTOR por la Universidad de Salamanca.

Salamanca, 11 de diciembre de 2015

Fdo.: António Fuertes Martín

Fdo.:Begoña Orgaz Baz

Em memória de duas das predominantes figuras de vinculação que perdi,
Guga e Avô Pedro.
Até já...!

AGRADECIMENTOS

A realização da presente dissertação não seria viável sem o apoio, a colaboração e empenho de um conjunto significativo de pessoas, as quais gostaria, publicamente, de dirigir algumas sentidas e sinceras palavras de agradecimento.

Ao Professor António Fuertes pela cuidadosa e dedicada orientação científica, pela sensibilidade, conhecimentos, experiência, confiança.... Pela escuta e apoio nos momentos menos fáceis, e pela capacidade em motivar quando me sentia perdida e angustiada... Pelo entusiasmo, motivação e esforço para garantir o sucesso deste trabalho.... Pelo seu rigor e entrega desde o primeiro momento.....Um sentido obrigada!

À Professora Begoña Báz por gentilmente ter aceite o desafio de co-orientar este projecto, por acreditar no mesmo, pelo interesse e rigor científico, pela partilha de conhecimentos, pelos ensinamentos diádicos... E o quanto me ensinou!

Agradeço a ambos todo o apoio, apesar das dificuldades e obstáculos; pelas críticas incisivas e sugestões que permitiram uma aprendizagem contínua e constante; pelos vários debates de ideias, sempre produtivos, por me terem ajudado a reflectir sobre as questões surgidas, e por terem sempre satisfeito as minhas dúvidas. Muito obrigada pela confiança e infinita disponibilidade que demonstraram durante todo este processo.

À Fundação para a Ciência e Tecnologias por todo o apoio financeiro.

Ao Professor Paulo Lopes pela sua preciosa ajuda e por todo o apoio dispensado na partilha de conhecimentos relacionados com o Modelo de Rasch.

Ao amigo e colega Hugo Oliveira pelo apoio na revisão da tese.

Aos mais de 40 colaboradores pela sua imprescindível colaboração, que, de uma forma desinteressada, permitiram que a presente dissertação fosse possível. O meu muito obrigada pela disponibilidade e interesse em apoiar na recolha de dados.

À família, pelo incentivo e o apoio de retaguarda...e tanto mais...

Aos meus pais pelo amor, incentivo, educação e todas as oportunidades, facilitando o meu caminho até aqui. Aos meus irmãos Rita, Joana e João Pedro pelo apoio sem julgamentos, entusiasmo, motivação neste caminho árduo e solitário que abracei, e por compreenderem e perdoarem as minhas grandes ausências!

Aos meus amigos, com quem partilhei alegrias, tristezas, lágrimas, risos, angústias, pelos seus reforços permanentes e constantes e por todo o apoio afectivo e emocional.

Aos meus irmãos de afecto – Anabela, Cristina, Paulo, Teresa, Fernando – pela paciência, ombro amigo nos momentos de maior desmotivação e emocionalmente difíceis. Pela tolerância, respeito e compreensão pelo meu distanciamento físico e emocional, pelo incentivo permanente, pela confiança no meu trabalho e capacidades. Mas sobretudo, pela amizade e por serem importantes figuras de vinculação!

A todos os participantes na presente investigação, sem os quais não teria sido possível levar a bom termo este trabalho!

O trabalho de investigação útil à presente dissertação foi co-financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano (POPH) do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN – 2007-2013), através da Bolsa de Investigação com a referência SFRH / BD / 27696 / 2006, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

ÍNDICE GERAL

Resumo.....	11
Índice de Tabelas.....	12
Índice de Figuras.....	14
Índice de Quadros.....	16
Abreviaturas Utilizadas.....	17
Introducción.....	19
I – REVISÃO TEÓRICA	
1 VINCULAÇÃO.....	39
1.1. Raízes da Teoria da Vinculação.....	42
1.1.1. John Bowlby: O Fundador da Teoria da Vinculação.....	43
1.1.1.1. Sistema Comportamental de Vinculação e Sistema de Prestação de Cuidados.....	50
1.1.1.2. Modelos Internos Dinâmicos.....	58
1.1.2. Mary Ainsworth e a Situação Estranha.....	64
1.1.2.1. A Situação Estranha.....	71
1.1.2.1.1. Padrões de Vinculação.....	74
1.1.2.1.2. Desorganização da Vinculação – D.....	76
1.2. Vinculação na Idade Adulta.....	76
1.2.1. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta.....	86
1.2.1.1. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta em Portugal.....	90
1.2.2. Medidas de Auto-Relato.....	91
1.2.2.1. Protótipo de três estilos de Vinculação de Hazan e Shaver.....	92
1.2.2.2. Modelo Bidimensional de Bartholomew.....	102
1.2.2.3. Brennan e colaboradores e as duas dimensões da Vinculação Adulta.....	107
1.2.3. Vinculação e Relações Românticas Adultas.....	110
2 SEXUALIDADE HUMANA.....	120
2.1. Satisfação Sexual.....	127
2.1.1. Comunicação Sexual e o seu papel na Satisfação Sexual e na Sexualidade.....	136

3	VINCULAÇÃO E SEXUALIDADE.....	143
3.1.	Vinculação, Satisfação Sexual, e Comunicação Sexual.....	153
II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA		
4	PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	157
4.1.	Objectivos Gerais.....	159
4.2.	Objectivos Específicos.....	159
5	HIPÓTESES.....	160
6	METODOLOGIA.....	164
6.1.	Desenho Metodológico.....	164
6.2.	Participantes.....	165
6.3.	Variáveis e Instrumentos de Medida.....	168
6.3.1.	Variáveis Sociodemográficas.....	169
6.3.2.	Vinculação Afectiva.....	170
6.3.3.	Satisfação Sexual.....	173
6.3.4.	Comunicação Sexual.....	175
6.4.	Procedimento.....	176
6.5.	Análise Estatística.....	180
	- Análise das diferenças nas variáveis em estudo em função do género.....	181
	- Análise das associações entre as variáveis em estudo.....	181
	- Análise dos efeitos actor-parceiro: Modelo para a Investigação Diádica – O Modelo de Interdependência Actor-Parceiro (APIM).....	181
	- Comprovação do papel mediador da comunicação sexual.....	184
7	RESULTADOS.....	189
7.1.	Descritivo da distribuição dos diferentes itens nas diferentes categorias de resposta para cada uma das escalas.....	189
7.1.1.	ECR-R.....	191
7.1.2.	ESS.....	196
7.1.3.	DSCS.....	200

7.2. Descrição das variáveis para cada um dos membros da díade.....	204
7.3. Descrição das variáveis e análise das diferenças entre os membros da díade.....	206
7.4. Relações entre as variáveis de casal.....	207
7.5. Análise dos efeitos actor-parceiro: Modelo APIM.....	208
7.6. Análise da relação entre os vínculos afectivos e a satisfação sexual mediada pela comunicação sexual.....	217
a) Modelo para a satisfação sexual ego-centrada explicada pela ansiedade.....	217
b) Modelo para a satisfação sexual ego-centrada explicada pela evitação.....	221
c) Modelo para a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual explicada pela ansiedade.....	226
d) Modelo para a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual explicada pela evitação.....	230
III – DISCUSSÃO	
8 DISCUSSÃO.....	235
8.1. Contributos da Investigação, Limitações, e Indicações para Estudos Futuros.....	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	263
ANEXOS.....	321

RESUMO

Bowlby defende a importância das relações de vínculo na vida do sujeito, argumentando que os processos de vinculação acompanham o indivíduo durante todo o seu ciclo de vida, desde o seu nascimento até à sua morte (Bowlby, 2006). O autor, conjuntamente com Ainsworth, alega que as relações de vinculação – entre progenitor e bebé, entre pares e/ou entre casais amorosos – têm como função a promoção do sentimento de segurança, e da manutenção da proximidade, através de figuras de vinculação que responsivas, disponíveis e sensitivas em responder às necessidades do Outro e, consequentemente, em fomentar uma base e refúgio seguros (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969, 1973, 1980).

A relação mãe-bebé é o protótipo de todas as relações românticas (Montoro, 2004), pois esta relação precoce de vinculação desempenha uma função essencial no desenvolvimento do indivíduo, desde a sua infância até à idade adulta, influenciando no funcionamento das diversas relações de vinculação que o sujeito estabelecerá, nomeadamente as românticas (Bowlby, 1969).

No presente trabalho utilizou-se a *Experiences in Close Relationships-Revised Questionnaire* (ECR-R; Fraley, Waller, & Brennan, 2000) para avaliar a ansiedade e a evitação, a *Dyadic Sexual Communication Scale* (DSCS; Catania, 1986) para estimar a comunicação sexual, e a validação da *New Sexual Satisfaction Scale* (NSSS; Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010) para uma amostra de adultos heterossexuais portugueses, a *Escala de Satisfação Sexual* (ESS; Refoios, Fuertes, & Báz, 2012), para medir a satisfação sexual.

Participaram 147 casais heterossexuais portugueses com uma média de idades de 34.49 anos, tendo sido utilizada a análise diádica para avaliar os efeitos actor e os efeitos parceiro, assim como se a comunicação sexual era medidora da relação entre os vínculos afectivos – ansiedade e evitação – e a satisfação sexual.

Os resultados alcançados revelaram que a comunicação sexual, quando introduzida no modelo de mediação, anula quase a totalidade dos efeitos actor significativos, emergindo varios efeitos indirectos, sendo indicador de que a comunicação sexual medeia, total ou parcialmente, a relação entre os vínculos afectivos e a satisfação sexual.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Frequência e percentagem das mulheres e dos homens nas variáveis demográficas.....	168
Tabela 2. Médias e Desvio-Padrão da idade e da duração do relacionamento.....	168
Tabela 3. Variáveis e os instrumentos utilizados para as medir.....	169
Tabela 4. Fiabilidade dos itens, dos sujeitos e do alfa de Cronbach de cada uma das duas dimensões do ECR-R para quatro categorias de resposta, depois da recodificação.....	172
Tabela 5. Análise da fiabilidade das dimensões da ESS e do somatório dos 18 itens.....	175
Tabela 6. Fiabilidade dos itens, dos sujeitos e do alfa de Cronbach da DSCS, depois da recodificação das categorias de resposta.....	176
Tabela 7. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ECR-R em cada uma das categorias de resposta depois da recodificação, para os homens da amostra.....	191
Tabela 8. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ECR-R em cada uma das categorias de resposta depois da recodificação, para as mulheres da amostra.....	194
Tabela 9. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ESS em cada uma das categorias de resposta para os homens da amostra.....	197
Tabela 10. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ESS em cada uma das categorias de resposta para as mulheres da amostra.....	199
Tabela 11. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da DSCS em cada uma das categorias de resposta para os homens da amostra.....	201
Tabela 12. Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da DSCS em cada uma das categorias de resposta para as mulheres da amostra.....	203
Tabela 13. Médias, Desvio-Padrão, Coeficiente de Assimetria, Intervalos de Confiança 95% das variáveis intercalares em estudo para os homens da amostra.....	204
Tabela 14. Médias, Desvio-Padrão, Coeficiente de Assimetria, Intervalos de Confiança 95% das variáveis intercalares em estudo para as mulheres da amostra.....	205
Tabela 15. Descritivos nas variáveis e resultados dos contrastes de diferença de médias	206
Tabela 16. Correlação de Pearson entre as escalas de vínculos afectivos, de satisfação sexual, e de comunicação sexual por separado para homens e mulheres.....	207
Tabela 17. Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos e da comunicação sexual, predizendo a satisfação sexual ego-centrada.....	208

Tabela 18. Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos e da comunicação sexual, predizendo a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual.....	209
Tabela 19. Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos predizendo a comunicação sexual.....	210
Tabela 20. Contraste dos Efeitos Actor e Parceiro para homens e mulheres.....	211
Tabela 21. Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão da bondade de ajuste (AIC) dos modelos de medição da comunicação sexual sobre a ansiedade e a satisfação sexual ego-centrada, até ao modelo com bom ajuste.....	219
Tabela 22. Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual ego-centrada.....	220
Tabela 23. Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de qualidade de ajuste (AIC) dos modelos de mediação da comunicação sexual sobre o estilo evitante e a satisfação sexual ego-centrada, até ao modelo com bom ajuste.....	223
Tabela 24. Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada.....	224
Tabela 25. Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de bondade de ajuste (AIC) dos modelos de mediação da comunicação sexual sobre o estilo ansioso e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, até ao modelo com bom ajuste.....	228
Tabela 26. Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual.....	228
Tabela 27. Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de bondade de ajuste (AIC) dos modelos de medição da comunicação sexual sobre o estilo evitante e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, até ao modelo com bom ajuste.....	232
Tabela 28. Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a evitação e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual.....	232

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Origem das duas tradições da investigação sobre a vinculação no adulto (Simpson & Rholes, 1998).....	88
Figura 2. Os componentes de um protótipo da união entre casais românticos (Hazan & Shaver, 1994).....	96
Figura 3. Modelo bidimensional de quatro categorias da vinculação adulta de Bartholomew (1990).....	104
Figura 4. Modelo Bidimensional da vinculação do adulto de Brennan e colaboradores (1998a).....	108
Figura 5. Sistemas envolvidos na relação romântica.....	117
Figura 6. Modelo hipotético associando o vínculo afectivo com a satisfação sexual, do homem e da mulher.....	161
Figura 7. Modelo hipotético associando o vínculo afectivo com a comunicação sexual, do homem e da mulher.....	162
Figura 8. Modelo hipotético associando a comunicação sexual com a satisfação sexual, do homem e da mulher.....	162
Figura 9. The Actor-Partner Interdependence Mediation Model (APIMeM) – Modelos hipotéticos associando os vínculos afectivos com a satisfação sexual ego-centrada e a satisfação sexual centrada no/a parceiro/a e na actividade sexual através de um cenário de um mediador – Modelo de Mediação Actor-Parceiro com a vinculação afectiva como variável exógena, a comunicação sexual como o mediador, e a satisfação sexual como a variável endógena.....	163
Figura 10. Estado civil das díades da amostra.....	167
Figura 11. Índices de Ajuste do Modelo de Medição.....	188
Figura 12. Efeitos Actor entre o vínculo afectivo ansioso e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros.....	211
Figura 13. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros.....	212
Figura 14. Efeitos Actor entre a comunicação sexual e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros.....	213
Figura 15. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a ansiedade e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros.....	214

Figura 16. Efeitos Actor entre a evitação e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros.....	215
Figura 17. Efeitos Actor entre a comunicação sexual e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros.....	215
Figura 18. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a ansiedade e a comunicação sexual em ambos os géneros.....	216
Figura 19. Efeitos Actor e Efeitos Parceiro entre a evitação e a comunicação sexual em ambos os géneros.....	217
Figura 20. Modelo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade, tendo em conta os possíveis efeitos directos e indirectos.....	218
Figura 21. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade.....	221
Figura 22. Modelo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação, tendo em conta os efeitos directos e indirectos.....	222
Figura 23. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação.....	225
Figura 24. Modelo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade, tendo em conta os possíveis efeitos directos e indirectos.....	227
Figura 25. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade.....	229
Figura 26. Modelo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação, tendo em conta os efeitos directos e indirectos.....	231
Figura 27. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora do vínculo afectivo evitante.....	233

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Lista de comportamentos verificados por Ainsworth (1967) na sua investigação no Uganda com díades mãe-bebé.....	69
Quadro 2. Resumo dos oito episódios da Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978).....	73
Quadro 3. Grupos de classificação de acordo com a Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978).....	75
Quadro 4. Três protótipos de vinculação propostos por Hazan e Shaver (1987, 1990), Shaver e Hazan (1988), e Shaver et al. (1988).....	93
Quadro 5: Distribuição dos sujeitos classificados em cada um dos três estilos de vinculação, de acordo com Hazan e Shaver (1987).....	98
Quadro 6: Parágrafos de Bartholomew e Horowitz (1991).....	105

ABREVIATURAS UTILIZADAS

AAI.....	Adult Attachment Interview
AAS.....	Adult Attachment Scale
AAQ.....	Adult Attachment Questionnaire
AFE.....	Análise Factorial Exploratória
ASM-1.....	Adult Styles Measure
ASM-2.....	Attachment Style Measure
ASQ.....	Attachment Style Questionnaire
AQS.....	Attachment Q-Set
ASS.....	Attachment Style Scales
CRI.....	Current Relationship Interview
DSCS.....	Dyadic Sexual Communication Scale
ECR.....	Experiences in Close Relationships
ECR-R.....	Experiences in Close Relationships Revisited
ECR-S.....	Experiences in Close Relationship Scale-Short Form
ERP.....	Experiências em Relações Próximas
ESS.....	Escala de Satisfação Sexual
EVA.....	Escala de Vinculação do Adulto
FV.....	Figura de Vinculação
FSFI.....	Female Sexual Function Index
GEV.....	Grupo de Estudos de Vinculaçã
GMSEX.....	Global Measure of Sexual Satisfaction
GRISS.....	The Golombok–Rust Inventory of Sexual Satisfaction
ICPD.....	International Conference on Population and Development
IEMSS.....	Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction
IPPA.....	Inventário de Vinculação aos Pais e Pares
ISS.....	Sexual Satisfaction Index
IST.....	Infecções Sexualmente Transmissíveis
IVA.....	Inventário da Vinculação na Adolescência
MAI.....	Marital Attachment Interview
MAQ.....	Measure of Attachment Qualities
MID.....	Modelos Internos Dinâmicos

NSSS.....	New Sexual Satisfaction Scale
PSSI.....	Pinney Sexual Satisfaction Inventory
QVA.....	Questionário de Vinculação Amorosa
RAQ.....	Reciprocal Attachment Questionnaire
RQ.....	Relationship Questionnaire
RSQ.....	Relationship Style Questionnaire
SCE.....	Sistema Comportamental de Exploração
SCM.....	Sistema Comportamental de Medo
SCV.....	Sistema Comportamental de Vinculação
SIDA.....	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
SPC.....	Sistema de Prestação de Cuidados
SSS-W.....	Sexual Satisfaction Scale for Women
SS-EC.....	Satisfação Sexual Ego-Centrada
SS-CPASx.....	Satisfação Sexual Centrada no Par e na Actividade Sexual
TV.....	Teoria da Vinculação
VD.....	Variável Dependente
VI.....	Variável Intependente
VM.....	Variável Moderadora
VIH.....	Vírus da Imunodeficiência Humana
WAS.....	World Association Sexology
WHO.....	World Health Organization
WISS.....	Whitley Inventory of Sexual Satisfaction
YSSS.....	Young's Sexual Satisfaction Scale

INTRODUCCIÓN

Reciprocidad temprana entre el niño y la madre es un elemento esencial en el desarrollo humano, siendo el proceso del apego madre-hijo uno de los componentes más básicos. Esta interacción, llamada "apego" o "vinculación" fue definida por Ainsworth como un lazo afectivo, perdurable al largo del tiempo, desarrollado hacia otro sujeto específico, uniéndolos en el espacio (Ainsworth, 1979, 1989). Bowlby (1958), el padre de la *Teoría del Apego* (TA) utilizó el término "apego / vínculo" para referirse a la naturaleza del apego entre el niño y su madre, definiéndolo como "(...) una disposición fuerte para la procura de cercanía y contacto con una figura específica, realizada en determinadas situaciones de amenaza, principalmente cuando asustado, cansado, o enfermo" (Bowlby, 1969, p. 371).

El niño no está proveído para subsistir por sí mismo, sin la ayuda de figuras cuidadoras que lo alimenten, cuidan, y lo ayudan en contextos de amenaza, o enfermedad, y la TA intenta percibir y explicar los efectos del apego temprano de protección en el desarrollo psicoemocional del infante, así como las consecuencias en las situaciones en que el apego no existe o es inseguro (Casullo & Liporace, 2004).

La investigación sobre el apego asociase a los trabajos pioneros desarrollados por John Bowlby y Mary Ainsworth. Sin embargo, ambos los autores demostraron interés en las vivencias prematuras de separación, pérdida y privación de la predominante figura cuidadora,

a menudo la madre, siendo Bowlby el autor central de la TA. Desde 1930 que Bowlby intentó combinar diferentes vertientes del pensamiento en una teoría coherente que pudiese explicar la función y naturaleza del apego entre niños y sus cuidadores (Cassidy, 2008; Karen, 1998; Mooney, 2010; Van der Horst, Van der Veer, & Van IJzendoorn, 2007). A pesar de existir científicos cada vez más interesados en las diferentes raíces de la TA, y en la forma como Bowlby las fundió, la verdad es que fueron publicados pocos trabajos que abordan específicamente la génesis de la TA (Bretherthon, 1992, 1995).

Debido al interés que tenía, Bowlby especializase en psiquiatría infantil y va trabajar en el *London Child Guidance Center* (Bowlby, 1944) y, más tarde, en la *Tavistock Clinic*, dónde recoge una base de datos de casos clínicos (Bretherthon, 1992, 1995; Karen, 1998; Mikulincer & Shaver, 2007; Mooney, 2010; Soares, 2007), habiendo su experiencia retrospectiva sido publicada en 1944 (Casullo & Liporace, 2004). Sin embargo, sus investigaciones lo persuadieron sobre la importancia de los apegos familiares, y sobre la necesidad de envolver a los miembros familiares en el abordaje terapéutico de los niños observados (Casullo & Liporace, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007). Bowlby defendía que la ausencia del apego entre niño-madre, y la separación prolongada de la madre durante la infancia conducía al surgimiento de perturbaciones severas. A pesar de su estudio no haber sido concluyente, Bowlby observó que estas perturbaciones son precursores de la presencia de psicopatologías en la edad adulta (Bowlby, 1944), asociando los síntomas de los niños a la historia de privación y separación maternal (Bretherthon, 1992, 1995; Mikulincer & Shaver, 2007).

Su principal objetivo fue estudiar y analizar el proceso de construcción del apego afectivo entre el niño y la madre o la predominante figura cuidadora y las repercusiones en el comportamiento y en el desarrollo de las características de personalidad del niño cuando el apego era quebrado (Feeney & Noller, 1996). Consecuentemente, Bowlby separase de la línea psicoanalítica, en la cual tuvo formación, una vez que esta defendía que el origen de los problemas emocionales residía en el papel de las fantasías y de los conflictos internos (Bretherthon, 1992, 1995, 2003, 2004), rechazando las explicaciones psicoanalíticas, una vez que estas defendían que para el bien-estar psicológico del niño, la satisfacción de las necesidades alimentares tenía un papel esencial, siendo que en situaciones de privación o separación materna o de la predominante figura cuidadora, mismo con las necesidades alimentares satisfechas, los niños presentaban señales de perturbación psicológica, como el aislamiento social (Soares, 2007).

El primero trabajo sobre la TA surgió, en 1958, a través del artículo “*The Nature of the Child’s Tie to his Mother*” (Bowlby, 1958). En lo mismo Bowlby propone que el apego entre el niño, de uno hasta los dos meses de edad, con la madre es instintivo: chupar, agarrar, comportamientos de señalización, como llorar o sonreír (Bretherton, 1992). El segundo artículo, “*Separation Anxiety*”, fue presentado en 1959. En lo mismo, Bowlby procuraba explicar las fases que podrían ocurrir en función de la separación bebé-madre: 1ª – Protesto; 2ª – Desespero; 3ª – Desvinculo o negación (Bowlby, 1960 citado en Bowlby, 1973). Hasta los días de hoy, esta descripción es importante y esencial para percibir los cambios emocionales porque pasa un niño abandonado (Bretherton, 1992, 1995). En el tercero artículo, “*Grief and Mourning in Infancy and Early Childhood*”, que surgió en 1960 (Bowlby, 1960), Bowlby explora la importancia de la pérdida del objeto amado, afirmando que el niño pequeño no tiene las condiciones psíquicas necesarias para elaborar la pérdida, en la medida que no tiene un ego suficiente para hacerlo (Bretherton, 1992, 1995).

Las orígenes de la TA encuéntrase en esos tres artículos psicoanalíticos, descriptos anteriormente, que destacaron tres conclusiones: (a) hay un apego primario entre madre y niño, que tiene como propósito evolutivo proteger el bebé; (b) la ansiedad es una respuesta afectiva tanto a la separación de una figura de apego, como a la amenaza externa; y (c) los lactantes y los niños sienten dolor cuando experimentan pérdida. Fue a través de estos artículos que surgieron las primeras y principales premisas de la TA, teniendo por base los conceptos existentes en la etología, y en la psicología del desarrollo (Bretherton, 1992, 1995), habiendo sido expandidos en la trilogía de Bowlby: Apego (1969), Separación (1973), y Pierda (1980).

Bowlby (1969, 1973, 1980) señala que los apegos prematuros que permiten la conservación de la relación y promueven la proximidad con las figuras cuidadoras, son esenciales para la sobrevivencia del bebé. Consecuentemente, el apego se refiere a un método motivacional, activado en edades muy tempranas, y requiere motivación asociada a la procura y a la manutención del contacto con la predominante figura cuidadora (Ainsworth, 1979; Bowlby, 1969).

Bowlby formuló la hipótesis de que la prestación de cuidados parentales recibidos y percibidos durante la infancia irán resultarse, a lo largo de la vida, a través de la organización del Sistema de Apego (conductas, afectos, representaciones mentales), que se establece en cuanto substrato emocional, cognitivo y conductual para todas las experiencias relacionales del sujeto (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Por consiguiente, el sistema de apego es activado

delante de la amenaza o estrés, es decir, si el niño tiene hambre y/o siente dolor, miedo, amenaza, él se acercará al cuidador (Bowlby, 1969).

El apego puede ser definido como un sistema comportamental instintivo que produce el restablecimiento de la proximidad del sujeto con su principal figura de apego, y que tiene como función biológica la protección del individuo; es un sistema específico de comportamientos que conduce a ciertos resultados predecibles, dónde el objetivo es la homeostasis conductual, es decir, la distancia ideal del cuidador (Bowlby, 1969). Bowlby defiende que este sistema tiene funciones biológicas, como proteger el sujeto del peligro, garantizando la proximidad hacia la prestación de cuidados, a través de figuras de apego responsivas y disponibles, especialmente en situaciones de amenaza y necesidad (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Es activado a través de variables asociadas con el propio niño, como la fatiga, hambre, estrés, enfermedad, y variables relacionadas con el medio ambiente como la presencia de situaciones amenazantes, siendo la interacción compleja entre estos dos tipos de factores, y dónde para la mayoría de los niños el contacto y proximidad con la figura principal de apego es suficiente para desactivar el sistema, o el contacto con esta figura finaliza la activación del mismo, y numerosas veces escuchar la voz de la figura cuidadora suele ser suficiente. En ambas las situaciones la madre o principal figura cuidadora podrá cumplir con la función de refugio seguro (Bretherton & Munholland, 2008; Casullo & Liporace, 2004), es decir, fuente de protección y confort, sostén y alivio en tiempos de necesidad (Hazan & Zeifman, 1994; Mikulincer, 2006); y base segura (Bretherton & Munholland, 2008), permitiendo al niño procurar satisfacer sus necesidades en un contexto relacional seguro (Hazan & Zeifman, 1994; Mikulincer, 2006).

De un punto de vista evolutivo, el niño que tiene la capacidad en procurar y mantener la cercanía hacia una figura cuidadora presenta mayor probabilidad en sobrevivir y, eventualmente, en reproducirse, causando genes que fomentan la procura de proximidad, y de otras conductas de apego seleccionadas y pasadas a la generación subsecuente (Mikulincer & Shaver, 2007). Bowlby argumenta que, a pesar del sistema comportamental de apego ser evidente y esencial en los primeros años de vida, el mismo es activado al largo del ciclo de vida del ser humano, siendo manifestado de forma cognitiva y comportamental a través de la relación con la procura de la cercanía en momentos y contextos de amenaza o necesidad (Bowlby, 1989).

El sistema de apego motiva el niño a procurar la cercanía hacia una figura de apego, teniendo como objetivo interno la sensación de seguridad (Sroufe & Waters, 1977). Cuando

la figura de apego está disponible, responsiva, y sensitiva a los esfuerzos del niño en procurar y mantener la cercanía en momentos de necesidad, existe una probabilidad significativa del niño vivenciar la sensación de seguridad, es decir, la sensación, de una forma general, de que el mundo es seguro, de que la figura de apego es útil cuando es solicitada, y de que existe la posibilidad de explorar, de forma curiosa y confidente, el medio ambiente (Mikulincer & Shaver, 2007).

Bowlby (2006) señala que esta sensación, que implica un funcionamiento adecuado del sistema de apego y de que la procura de proximidad, es una estrategia de regulación emocional fiable y eficaz, siendo esta regulación un conjunto de procesos internos y externos al sujeto, permitiéndole hacer frente con la activación emocional con el fin de actuar adaptativamente en circunstancias emocionalmente estimulantes (Cicchetti, Ganiban, & Barnett, 1991).

Bowlby (1969, 1973, 1980, 1989), con el objetivo de explicar la relación entre el desarrollo de las relaciones de apego durante la infancia, se basó en el concepto de los Modelos Operativos Internos, una metáfora conceptual introducida para describir factores emocionales y cognitivos que promueven la formación de representaciones mentales, frecuentemente estables, de sí mismo en interacción con la figura de apego (Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Pinto, 2014). Sin embargo, las cogniciones también han desempeñado una función compleja en el desarrollo de la TA, y de la investigación sobre esto constructo. Bowlby originalmente propuso que las cogniciones, que se refirió como "modelos operativos internos" o "modelos representacionales", se derivan de la experiencia de sí mismo, del cuidador, y del medio ambiente (Bowlby, 1969). Estos modelos mentales constan de representaciones del *self*, del Otro, y de la relación de apego, integrando sentimientos, emociones, creencias, expectativas, comportamientos, estrategias atencionales, y memorias, formándose durante el primer año de vida través de la infinidad de interacciones diarias entre cuidador y niño (Bowlby, 1969, 1973, 1980, 2006; Bretherton, 1985; Bretherton & Munholland, 2008; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985), y se presume que tienen la función de organizar los comportamiento de apego, mediar las diferencias individuales en los estilos de apego, y explicar la estabilidad del funcionamiento del apego al largo del ciclo de vida (Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004).

Las representaciones mentales también sirven una función reguladora, siendo esquemas motivacionales activas que representan internamente el mundo externo, de forma más o menos precisa, y prediciendo la experiencia interpersonal futura. Cuando el niño está

operando desde una base segura, estos modelos internos se pueden actualizar de forma adaptativa con nuevas experiencias (Bowlby, 2006). Main y colaboradores (1985) señalan que las representaciones mentales precoces permiten la organización de las memorias del niño sobre sí mismo y sobre las interacciones con las figuras principales de apego durante los esfuerzos para sentir seguridad, y de los resultados característicos de esos esfuerzos, como el suceso o fracaso de la primera estrategia de apego – procura de proximidad.

Consecuentemente, los autores argumentan que el sistema de apego tiene que ser hiperactivado o desactivado, en las situaciones en que el sujeto desarrolla modelos operativos internos para alcanzar suceso en los esfuerzos de búsqueda de proximidad.

El trabajo pionero de Ainsworth cambió las concepciones de la relación madre-niño y, consecuentemente, las concepciones de las relaciones humanas en general. Como la principal colaboradora de Bowlby, en el desarrollo de la TA, su trabajo es comúnmente acreditado en proporcionar soporte empírico para la teoría, en cuanto Bowlby es considerado la creación de la estructura básica de la misma. Sin embargo, el abordaje innovador de Ainsworth en investigar el desarrollo de las relaciones permitió testar empíricamente algunas ideas de Bowlby. De la misma forma, las introspecciones de la autora llevaron a la expansión de la propia TA (Bretherton, 2003).

Ainsworth fue a Uganda con su marido y llevó al cabo el primer estudio empírico de apego entre 26 díadas madre-lactantes, empezando la validación de la teoría etológica de Bowlby sobre el apego, y sobre la importancia de la sensibilidad materna en la calidad del apego (Ainsworth, 1967).

Conjuntamente con su segundo estudio observacional con otras 26 familias y sus niños, en Baltimore, fue formulada la Situación Extraña, un experimento naturalista, observacional, en un contexto de laboratorio, constituido por 20 minutos en que se examina el apego y la exploración bajo tensión mínima y máxima (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

En esta investigación, Ainsworth verificó tres condiciones esenciales, de acuerdo con la TA: 1) uso de la madre como base segura para explorar el medio con confianza; 2) perturbación en separación transitorias del cotidiano; y 3) miedo en la reunión con extraños (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2007). La clasificación del apego en la infancia basase en la conducta de niños, que están a empezar a caminar, en la situación extraña (Solomon & George, 2008). A través de las observaciones, Ainsworth y colaboradores (1978) refirieron tres grupos de clasificación de la relación de apego de los niños, caracterizados por una

establecida organización conductual. En la medida que la evaluación del comportamiento en la situación extraña es hecha de acuerdo con la dimensión seguridad-ansiedad, los grupos inseguros son, también, designados por grupos ansiosos. Consecuentemente, los tres grupos se dividen en apego seguro (B) – el niño seguro expresa sus necesidades de forma competente, y acepta los cuidados maternos –, y dos grupos inseguros, apego evasivo (A) – los infantes evitativos exploran el medio ambiente sin prestar atención a la distancia de la madre, revelando valores mínimos de estrés cuando la madre se iba, y la ignoraban cuando esta regresaba –, y apego resistente o ambivalente (C) – el niño demuestra dificultad para separarse de su madre y explorar o jugar en el medio ambiente, revelando niveles significativos de ansiedad y angustia cuando la madre salía de la sala (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2007; Solomon & George, 2008). Estas reacciones se asocian a las conductas de la figura de apego en el cotidiano, particularmente cuanto a su accesibilidad, respuesta y sensibilidad a los señales y solicitudes de protección y conforto por parte del niño (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bertherton, 1992, 1995), es decir, estas categorías expresen la relación madre-bebé fuera del contexto de laboratorio (Levy, Blatt, & Shaver, 1998).

Los autores verificaron que la ansiedad de separación no distinguió los niños seguros de los inseguros, una vez que todos los tres patrones de apego evidenciaron ansiedad de separación en un grado u otro (Ainsworth et al., 1978). Durante décadas este sistema de clasificación de la Situación Extraña de Ainsworth fue la base de la mayoría de las investigaciones llevadas a cabo sobre el apego, sea en la niñez, adolescencia, y en la edad adulta (Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira, Filipe, & Faustino, 2006), siendo utilizado con suceso para testar la hipótesis de que los patrones de apego son, generalmente, estables, desde na infancia hacia la edad adulta (Goldberg, 1995).

Con todo, Main y Solomon (1986) verificaron que algunos sujetos no podrían ser clasificados de acuerdo con los tres patrones de apego de Ainsworth y colaboradores (1978), y, subsecuentemente, desarrollaron criterios para un cuarto estilo: apego desorganizado / desorientado (D) – el niño que presenta este estilo de apego no presentan estrategias organizadas para la gestión de la excitación durante la activación de su sistema comportamental de apego mientras buscan comodidad y seguridad.

Bowlby (2006) afirmó que el apego es integrante de la existencia humana desde el nacimiento hacia la muerte, considerando que, en su naturaleza, los sistemas de apego infantil son similares a los que más tarde surgen en las relaciones románticas y, en realidad, señala pocas diferencias entre las relaciones cercanas, sean éstas entre padres e hijos, o entre pares

(Casullo & Liporace, 2004). López (2009) señala que la TA es la que mejor explica la forma de estar en las relaciones románticas. El autor argumenta que la manera como el sujeto está y vivencia sus relaciones amorosas es dependiente de sus experiencias y vivencias, al largo del ciclo de vida, siendo la sexualidad la experiencia más importante.

Inmediatamente después de la publicación de los datos de Ainsworth y colaboradores (1978) sobre la situación extraña, y desde que Main y colaboradores (1982) describieron una medida sobre el apego en el adulto, y Hazan y Shaver (1987) fueron pioneros en la aplicación del concepto de apego en las relaciones románticas adultas, investigaciones sobre el apego en la edad adulta tienen proliferado (Zeifman & Hazan, 2008), basadas en las creencias de Bowlby y Ainsworth de que los patrones de apego establecidos en la vida temprana se mantienen estables al largo del desarrollo, y de que las relaciones de apego son el prototipo del apego adulta (1991).

Actualmente, las investigaciones empíricas sobre el proceso del apego adulto tienen colocado el enfoque en las relaciones románticas en díadas adultas, siendo, de acuerdo con Bowlby, el prototipo de lazos de apego en la edad adulta. Sin embargo, el sujeto adulto vivenciará la sensación de seguridad a través de la interdependencia emocional e comportamental con una pareja romántica comprometida únicamente con él (Zeifman & Hazan, 2008). En ambas los estadios del desarrollo del ser humano – niñez y la adultez – el conforto emocional y físico depende de la disponibilidad de la figura de apego que podrá tener el papel de providenciar un refugio seguro confiable en momentos de necesidad, y una base segura que fomenta la exploración autónoma del medio ambiente o en situaciones externas a la relación. Además, el sentimiento de alimentado y cuidado por una pareja responsiva y disponible podrá ser un componente crítico para la sensación de seguridad, conforto, y de que la relación funciona adecuadamente (Collins & Feeney, 2004).

La TA de Bowlby (1969, 1973, 1980) abordó, primeramente, los lazos que se forman entre el infante y sus cuidadores. Con todo, desde 1980 que investigaciones teóricas tienen señalado la relevancia de los apegos en las relaciones de cercanía, surgiendo un conjunto de distintas formas de evaluar el apego en la edad adulta, como la Adult Attachment Interview (George, Kaplan, & Main, 1985), y medidas de auto-relato (Shaver & Mikulincer, 2004). Weiss (1991) argumenta que las características del apego niño-madre puede ser aplicado en relaciones de compromiso dónde la díada se encuentra casada o en noviazgo, pues existe reciprocidad en providenciar comodidad y seguridad, ambos los miembros de la díada desean estar junto de su pareja, esencialmente en situaciones de estrés, y protesta cuando su pareja

está indisponible, mientras Ainsworth (1989) señala que el apego sexual es el primer ejemplo de apego adulta.

La perspectiva del apego en las relaciones románticas adultas solo se convirtió en un tópico activo a partir de las investigaciones de Hazan y Shaver (1987; Shaver & Hazan, 1988; Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988). Los autores colocaron la hipótesis de que el amor romántico puede ser conceptualizado como un proceso de apego, proponiendo que las teorías de amor, los estilos de amor, podrán ser integrados en la configuración de la TA (Feeney, 2008). Consecuentemente, Levy y Davis (1988) evaluaron la relación entre los estilos de apego y las medidas sobre los estilos de amor descritos por Lee (1988) – Eros (amor romántico), Ludus (amor juguetón), Storge (amor de compañía), Mania (amor posesivo), Pragma (amor pragmático), y Ágape (amor altruista) –, y las tres componentes del amor, de acuerdo con la teoría triangular – la intimidad, pasión, y compromiso – de Sternberg (1986, 1988).

Por consiguiente, Hazan y Shaver (1987) propusieron la teoría del apego romántica y crearon un instrumento de auto-informe sobre los estilos de apego adulta, dónde las respuestas estaban sistemáticamente asociadas a las representaciones mentales de sí mismo y de la pareja, creencias sobre el amor romántico, y memorias de las relaciones tempranas con las figuras principales de apego (Shaver & Mikulincer, 2004). El sujeto tenía de colocarse en una de tres categorías de apego, de acuerdo con sus sentimientos, emociones, y conductas predominantes en las relaciones románticas – seguro, evitativo, y ansioso.

Bartholomew investigó e interpretó dos dimensiones principales subyacentes a las medidas de auto-relato sobre los estilos de apego, que emergieron durante los diversos y distintos experimentos para crear escalas de multi-ítems: ansiedad (sobre la separación, abandono, o amor insuficiente), y evitación (de la intimidad, dependencia, cercanía, y expresividad emocional) (Mikulincer & Shaver, 2007). Consecuentemente, Bartholomew (1990) señaló una explicación sobre estas dos dimensiones, centrándose en las premisas de Bowlby (1969) sobre las representaciones mentales del *self* y del Otro, proponiendo que la dimensión ansiedad podrá ser conceptualizada como el modelo del *self*, positivo *versus* negativo, y la dimensión evitación podrá ser concebida como el modelo del Otro, positivo *versus* negativo. La autora defiende la existencia de cuatro estilos de apego: (i) seguro – sujeto con modelos positivos de sí mismo y del Otro –; (ii) preocupado – modelos positivos del Otro y negativos de sí mismo; (iii) evitativo-rechazante – modelos negativos del Otro

pero positivos de sí mismo; y (iv) evitativo-temeroso – modelos negativos del *self* y del Otro (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

En 1998, Brennan, Clark, y Shaver realizaron un análisis factorial de todas las medidas estandarizadas, en el idioma inglés, sobre los estilos de apego, desarrollados hasta la data, habiendo descubierto, en consonancia con el modelo bidimensional propuesto por Bartholomew y Horowitz (1991), que todos los instrumentos podrían ser reducidos en dos dimensiones ortogonales – el apego ansioso, y el apego evitativo. Como resultado de este análisis extensivo, los autores desarrollaron la *Close Relationships Scale*, una escala de auto-relato que tiene sido utilizada, desde 1998, por una panoplia de investigaciones, en idiomas variadas, comprobándose su elevada fiabilidad, y validez predictiva, y de constructo (Shaver & Mikulincer, 2002).

Investigaciones sobre relaciones de compromiso (Levy & Davis, 1988; Simpson, 1990) relacionaron la confianza, compromiso, satisfacción, e interdependencia con niveles positivos y elevados con el apego seguro, y negativos con el apego ansioso, mientras con el apego evitativo reveló niveles bajos de interdependencia y compromiso.

A pesar de existir un conjunto significativo de investigaciones sobre el apego y la sexualidad, son pocos los estudios existentes entre la relación entre los estilos de apego y la satisfacción sexual, principalmente en parejas adultas, una vez que el enfoque es comúnmente colocado en muestras de adolescentes o de estudiantes universitarios (Brassard, Shaver, & Lussier, 2007; Butzer & Campbell, 2008).

La sexualidad, más específicamente la satisfacción sexual y la comunicación sexual son las segundas grandes variables analizadas en la presente investigación, siendo el apego y la historia del apego esencial para las relaciones romántico-sexuales, en la medida que desde la niñez que el sujeto aprende la importancia de la comunicación, en las diferentes relaciones de apego, principalmente la comunicación íntima y sexual, en las relaciones románticas. Por otro lado, son las relaciones de apego que consienten al individuo adquirir y desarrollar la sensación de seguridad emocional, permitiéndole confiar a los demás (Ortiz & Yáñez, 1993).

El sujeto nace una predisposición bifásica, es decir, cuanto al apego tiene la propensión para vincularse con los demás, para el contacto, para procurar y mantener la proximidad, con el objetivo de sentir seguridad, para cuidar y ser cuidado, para los afectos, y con relación al sistema sexual, tiene la tendencia para la búsqueda del placer sexual (Zapiain, 2009).

A pesar de en los últimos años los estudios sobre apego en el adulto y sexualidad haber progresado, los investigadores se han centrado en las diferencias de género, colocando el enfoque en el individuo, en detrimento de la naturaleza diádica de las experiencias sexuales entre las parejas (Butzer & Campbell, 2008).

Sin embargo, la presente investigación fue desarrollada con la intención de integrar la literatura empírica sobre la relación entre el apego inseguro, la satisfacción sexual y la comunicación sexual, a través del análisis diádico, en la medida que los dos objetivos principales fueron (i) analizar el poder predictivo del apego inseguro, del actor y de su pareja, es decir, efecto actor y efecto pareja, en predecir la satisfacción sexual; y (ii) investigar el poder mediador de la comunicación sexual en la relación entre el apego afectivo ansioso y el apego afectivo evitativo con la satisfacción sexual.

La interacción existente entre los miembros de la díada describe las elijas de los dos miembros, los resultados que cada uno experiencia, y las opciones o consecuencias futuras que están disponibles como resultado de la interacción, o sea, la interacción describe las necesidades, pensamientos, expectativas, y motivaciones de la pareja A hacia la pareja B, en el contexto que incluye situaciones específicas de interdependencia, como es el caso de las relaciones románticas (Rusbult, Kumashiro, Coolsen, & Kirchner, 2004).

En cuanto existen investigaciones que continúan a analizar datos diádicos sin tener en cuenta la no independencia, otros científicos tienen procurado analizar los resultados separando los géneros, es decir, hacen análisis paralelas, una para los varones y otra para las mujeres. Con todo, si por un lado consigue respetar la no independencia, por otro lado desvaloriza la importancia de la variable género y de las diferencias entre varones y mujeres (Campbell & Kashy, 2002). Según Kenny, Kashy, & Cook (2006), en la dependencia entre los miembros de una díada los resultados son más similares o más diferentes, entre los dos miembros, comparativamente con los resultados de los sujetos que no pertenecen a la misma díada.

Hasta Kenny y colaboradores (2006; Baron & Kenny, 1986; Kenny, 1996) las investigaciones tenían como objetivo analizar los efectos sobre el propio comportamiento (más tarde designado de efecto actor), no considerando que las opiniones / comportamientos / actitudes de una persona podrían afectar el comportamiento de otra persona (efecto pareja) (Furman & Simon, 2006). Cuando los estudios analizaban los efectos pareja (Simpson, Rholes, Oriña, & Grich, 2002), lo hacían separadamente, es decir, un análisis investigaba los efectos de los varones sobre el comportamiento de las mujeres y otro análisis estudiaba los

efectos de las mujeres sobre la conducta de los varones, no teniendo en cuenta la potencial dependencia de los comportamientos y de los puntos de vista de los dos sujetos (Furman & Simon, 2006).

En la presente disertación fue utilizado el Modelo de Interdependencia Actor-Pareja (APIM), que supone que las personas envueltas en una relación diádica se influyen mutuamente, ya que son parte activa del mismo sistema interpersonal, pero también asume que la medida de la relación del marido con su esposa no es igual a la medida de la relación de la esposa con su marido (Cook, 1998), siendo evaluados dos tipos de efectos: efecto actor, y efecto pareja (Campbell & Kashy, 2002; Furman & Simon, 2006; Laursen, 2005).

El APIM es un modelo sobre las relaciones diádicas que, a través de la utilización de técnicas estadísticas adecuadas, integra el concepto de la interdependencia (Cook & Kenny, 2005), siendo que en los últimos años tiene ganado terreno en el área de las ciencias sociales, dónde su utilización tiene crecido, independientemente del objeto de estudio, como es caso del apego (Campbell, Simpson, Kashy, & Rholes, 2001). La utilización del conjunto de técnicas se encuentra dependiente del tipo de diáda, es decir, de diádas con miembros distinguibles (*e.g.* parejas heterosexuales; padre-hijo), o con miembros indistinguibles (*e.g.* parejas homosexuales; gemelos) (Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006), siendo que en los miembros de diádas distinguibles las puntuaciones son ordenadas de forma consistente y sistemática (Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006).

Con el objetivo de analizar las cuestiones de investigación hemos adoptado el modelo APIM (Kashy & Kenny, 2000; Kenny et al., 2006) que dirige un abordaje analítica de los datos. De acuerdo con este modelo, cuando el sujeto está involucrado en una relación de interdependencia, sus resultados, sucesos y/o fracasos, dependen no sólo de sus propias características y costos (efecto actor) pero también de las características y costos de su pareja (efecto pareja) (Butzer & Campbell, 2008).

Hemos planteado tres modelos APIM considerando como variable dependiente la Satisfacción Sexual Ego-Centrada y como variables independientes los dos estilos de apego inseguro (ansioso y evitativo), y la comunicación sexual. De lo mismo modo, hemos planteado otro tres modelos similares pero considerando como variable dependiente la Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual. Por último planteamos dos modelos APIM, donde la variable dependiente fue la comunicación sexual y las variables independientes fueron los dos estilos de apego inseguro.

Posteriormente, fuimos analizar la existencia de mediación de la comunicación sexual en la relación entre los vínculos afectivos y la satisfacción sexual. Consecuentemente, hemos utilizado el *Modelo de Ecuaciones Estructurales* (MEE: Kenny, Kashy, & Bolger, 1998), una técnica estadística para la prueba y estimación de las relaciones casuales a través de un conjunto de procedimientos asociados, que permite análisis confirmatorias y exploratorias (Kline, 2005), que se ha convertido en una de las técnicas de elección para los investigadores (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008), siendo que para estimar los efectos actor y los efectos de pareja fue utilizado el Modelo de Análisis de Vías (*Paths Analysis Model*) del MEE (Kashy & Campbell, 2002; Cook & Kenny, 2006).

El MEE tiene dos objetivos principales: 1) comprender los patrones de correlación / covarianza entre un conjunto de variables y; 2) explicar la mayor varianza posible con el modelo específico (Kline, 2011), siendo que el análisis factorial, la regresión y el análisis de vías (*path analysis*) son procedimientos especiales del MEE. En la presente investigación se utilizó el análisis de vías para el estudio de medición.

En el análisis de vías existen dos tipos de variables: (i) variables endógenas, es decir, variables que son causadas por otras variables (*e.g.* exógenas); y (ii) variables exógenas, variables que pueden influenciar otras (Kenny et al., 2006). En la presente disertación las variables endógenas fueron la satisfacción sexual ego-centrada y la satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual, y las variables exógenas fueron los vínculos afectivos – ansioso y evitativo –, y la comunicación sexual.

En la literatura de las ciencias sociales una porcentaje significativa de investigaciones tiene como objetivo evaluar la relación entre dos variables (X e Y), incluyendo estudios que intentan analizar si X es una posible causa de Y, es decir, el análisis estadístico de mediación es frecuente en la literatura de las ciencias sociales y comportamiento, entre otras ciencias (Hayes & Preacher, 2011; MacKinnon, Fairchild, & Fritz, 2007). Con todo, desde la publicación del trabajo de Baron y Kenny (1986) la utilización de modelos de mediación en las ciencias sociales tiene comenzado a crecer exponencialmente (Fritz & MacKinnon, 2007; Shrout & Bolger, 2002).

La noción central del modelo de mediación es que los efectos de los estímulos sobre el comportamiento son mediados por un conjunto de procesos de transformación internos para el organismo. Cuando existe una variable mediadora esta funciona de forma a representar la relación entre la variable predictora y la variable criterio, explicando cómo acontecimientos físicos externos van tener influencia en los significados psicológicos

internos. Consecuentemente, la variable mediadora procura percibir como y porque los efectos ocurren (Baron & Kenny, 1986; p. 1176), siendo que la precisión del análisis de mediación depende de la capacidad de los investigadores en manejar una variable mediadora sin manipular otros mediadores.

Ledermann, Macho, y Kenny (2011) señalan que en el modelo de mediación el efecto de una variable inicial en una variable de resultado podrá ser parcial, completamente o inconsistentemente mediada, es decir, cuando el efecto indirecto y el efecto directo c' presentan el mismo signo estamos perante una mediación parcial; la mediación es completa cuando el efecto indirecto es diferente de cero, pero el efecto directo c' es igual a cero. Por consiguiente, con el objetivo de evaluar la existencia de mediación y si es completa, parcial o inconsistente, hemos analizado y estimado los efectos directos e indirectos (Ledermann & Macho, 2009), a través de la utilización de la prueba de Sobel (1982) para estimar la varianza del efecto indirecto (MacKinnon, Lockwood, & Williams, 2004).

Consecuentemente, y a través del programa AMOS (Arbuckle, 2009) fuimos analizar hasta qué punto existía un efecto mediador entre por lo menos dos variables.

Propusimos cuatro modelos de análisis vías: dos modelos considerando como variable endógena la satisfacción sexual ego-centrada, y como variable mediadora la comunicación sexual, siendo que en uno de los modelos la variable exógena fue el apego ansioso, y en el otro modelo fue el apego evitativo. De igual manera planteamos otros dos modelos considerando la variable endógena la satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual. En todos los modelos incluimos los resultados de ambos los miembros de la pareja, aunque en todos los casos incluimos los efectos actor que eran obtenidos significativos en el modelo APIM.

Antes de considerar los modelos APIM y los modelos de mediación se observó la presencia de valores *outliers*, a través de la *Distancia Cuadrada de Mahalanobis* (DM^2) (Kline, 2011; Maroco, 2010b).

De la misma forma, y para evaluar el ajuste de cada uno de los cuatro modelos, hemos utilizado un conjunto de criterios múltiples asociados a uno número de índices de bondad de ajuste que proporciona información sobre si el modelo es consistente con los datos empíricos (Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Müller., 2003; Yuan, 2005).

La muestra fue recogida, a través de un método no casual del tipo por conveniencia, es decir, los casos escogidos son los casos más fácilmente disponibles (muestra no probabilística e intencional) (Pais-Ribeiro, 2008; Tabachnick & Fidell, 2007), y por el efecto

“bola de nieve” (*snowball sampling*). Se distribuyeron 1004 protocolos (502 parejas), pero después de los criterios de inclusión y exclusión, la muestra final se quedó constituida por 147 parejas heterosexuales portuguesas, con una media de edad de 34.49 años, y una media de duración de relacionamiento de 122.48 meses, habiendo sido la tasa de respuesta del 54.84%.

Para evaluar los vínculos afectivos hemos utilizado la The Experiences in Close Relationships-Revised (ECR-R) Questionnaire (ECR-R; Fraley et al., 2000); para estimar la comunicación sexual fue usada la Dyadic Sexual Communication Scale (DSCS: Catania, 1986 citado por Davis, Yarber, Bauserman, Schreer, & Davis, 1998 y Fisher, Davis, Yarber, & Davis, 2011), y para analizar la satisfacción sexual hemos utilizado la validación de la New Sexual Satisfaction Scale (NSSS; Štulhofer et al., 2010) para una muestra de adultos heterosexuales portugueses, las Escala de Satisfação Sexual (ESS: Refoios et al., 2012).

Antes del análisis estadístico, y con el propósito de adaptar cada una de las escalas utilizadas a la muestra en estudio, hemos utilizado el Modelo de Rasch. Con todo, creemos ser importante referir que no es nuestra intención afirmar que los instrumentos se encuentran adaptados a la población de parejas portuguesas. Sin embargo, el uso del Modelo de Rasch sirvió, únicamente, para intentarnos controlar posibles sesgos, y promovernos la fiabilidad de los resultados en esta muestra.

El ECR-R y la DSCS demostraron el desajuste de sus categorías de respuesta original, ya que los pasos de calibración no estaban ordenados monotónicamente, presentando un comportamiento irregular y desordenado. Consecuentemente, hemos procurado una solución adecuada al funcionamiento de las categorías de respuesta, siendo que ambos los instrumentos revelaron ajuste con cuatro categorías de respuesta. De la misma forma, se observó que todos los ítems de las dos medidas estandarizadas estaban ajustados (*Infit* y *Outfit* < 1,5) o un desajuste moderado (*Infit* y *Outfit* > 1.5 y < 2). Con todo, como ninguno ítem, en ningunas de las escalas, reveló desajuste elevado (*Infit* y *Outfit* > 2) no hubo necesidad de eliminar ninguno. Las dos escalas revelaron valores de alpha de cronbach indicadores de buena consistencia interna para la muestra en estudio.

Cuanto a la NSSS, la misma fue validada para una muestra de 147 mujeres portuguesas y 147 varones portugueses (Refoios et al., 2012). A través del análisis factorial exploratoria emergieron dos factores y fueron eliminados dos ítems – 9 y 11 – debido a su carácter ambiguo. Los autores decidieron mantener las designaciones originales de cada una de las dimensiones – Satisfacción Sexual Ego-Centrada, y Satisfacción Sexual Centrada en la

Pareja y en la Actividad Sexual – cada una de ellas constituida por nueve ítems, definiéndose la medida de Escala de Satisfação Sexual (ESS: Refoios et al., 2012). La ESS presentó excelente consistencia interna, así como buena homogeneidad de varianza, validez facial, de contenido, y convergente, y de constructo, revelando bueno ajuste de las cinco categorías de respuesta.

Analizamos lo estudio de diferencias en las diferentes variables intercalares en estudio en función del género. Cuanto a las hipótesis se verificó la no comprobación de las hipótesis 1 y 2. Se esperaba que los varones presentasen niveles más elevados de evitación, cuando comparados con las mujeres, y estas valores medios superiores de ansiedad, comparativamente con los varones, con todo no fueron encontradas diferencias estadísticamente significativas en la ansiedad y en la evitación en función del género, corroborando un conjunto significativo de investigaciones (Collins & Read, 1990; Del Giudice, 2009; Feeney & Noller 1990; Gentzler & Kerns 2004; Hazan & Shaver, 1987).

Las hipótesis 3 y 4 se confirmaron, es decir, los varones de la muestra presentaron valores medios superiores de satisfacción sexual ego-centrada, comparativamente con las mujeres, y las mujeres de la muestra demostraron valores medios más elevados de satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual, corroborando los datos alcanzados en las investigaciones de Štulhofer y colaboradores (2010).

La hipótesis 5 no fue comprobada, pues no fueron encontradas diferencias estadísticamente significativas en la comunicación sexual en función del género.

Hemos evaluado, igualmente, las relaciones interdependientes con el fin de verificar si existían condiciones de proseguir con el análisis diádico. Hemos comprobado la existencia de asociaciones estadísticamente significativas entre los resultados de los varones y de las mujeres en la satisfacción sexual, en los dos vínculos afectivos inseguros, y en la comunicación sexual, siendo un indicador de que los datos de los dos miembros de la diada son interdependientes, revelando el valor del análisis del nivel diádico (Kenny et al., 2006, p. 28). Consecuentemente, y como evidenciamos la existencia de relaciones significativas entre las puntuaciones en la misma variables para varones y mujeres, hemos realizado en análisis diádico, utilizando el modelo APIM (Cook & Kenny, 2005; Kenny, 1996; Kenny et al., 2006), y hemos analizados dos tipos de efectos: actor y de pareja (Campbell & Kashy, 2002; Furman & Simon, 2006; Laursen, 2005).

No que se refiere a las hipótesis relacionadas con los modelos APIM, es posible verificar que solamente el modelo Evitación X Comunicación Sexual se comprobó

totalmente, revelando los dos efectos actor negativos y los dos efectos pareja negativos, mientras los modelos Ansiedad X Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual, y Ansiedad X Comunicación Sexual demostraron dos efectos actor negativos y un efecto pareja negativo entre la ansiedad del varón y la satisfacción sexual o la comunicación sexual de su pareja, es decir, cuanto más ansiedad del varón menos comunicación sexual y menos satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual de su mujer, confirmándose parcialmente. El modelo APIM Evitación X Satisfacción Sexual Ego-Centrada reveló los dos efectos actor negativos y un efecto pareja negativo, siendo que cuanto más ansiedad de la mujer, menos satisfacción sexual ego-centrada del varón, comprobándose en parte. Con respecto a los modelos APIM: 1) Ansiedad X Satisfacción Sexual Ego-Centrada; 2) Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual Ego-Centrada; 3) Evitación X Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual; y 4) Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual, solo se verificaron los efectos actor corroborando parcialmente las hipótesis.

Cuanto a la hipótesis 9, sobre los modelos de mediación, hemos comprobado en el primer modelo – Ansiedad X Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual Ego-Centrada – la existencia de tres efectos indirectos estadísticamente significativos, igualmente designados de mediador (MacKinnon, 2000), posibilitando la formulación de la hipótesis de que los datos son indicadores de que la ansiedad del varón predijo una menor satisfacción sexual centrada en sí mismo a través de la comunicación sexual del varón; mientras la ansiedad de la mujer predijo una relación estadísticamente negativa con la satisfacción sexual centrada en sí mismo a través de la comunicación sexual de la mujer. De la misma forma es posible verificar que el modelo reveló un efecto directo del vínculo afectivo ansioso del varón con la comunicación sexual de la mujer, siendo, igualmente, posible confirmar la existencia del tercer efecto indirecto en que la comunicación sexual de la mujer mediatiza la relación entre el vínculo afectivo ansioso varón y la satisfacción sexual ego-centrada de la mujer (efecto pareja), siendo que la hipótesis 9 se confirma parcialmente.

El segundo modelo de mediación - Evitación X Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual – reveló, igualmente, tres efectos indirectos, en que parece que los datos son indicadores de que la evitación del varón predice una menor satisfacción sexual ego-centrada, a través de su propia comunicación sexual, mientras la evitación de la mujer es predictora de una relación estadísticamente significativa e negativa con la satisfacción sexual ego-centrada, a través de la comunicación sexual propia. De la misma forma, es posible verificar que el

modelo reveló dos efectos directos del vínculo afectivo evitativo de la mujer con la comunicación sexual, e con la satisfacción sexual ego-centrada de su pareja, siendo, igualmente, posible confirmar la existencia del tercero efecto indirecto en que la comunicación sexual del varón mediatiza la relación entre la evitación de la mujer y la satisfacción sexual ego-centrada de su pareja, comprobando, una vez más, en parte la hipótesis 9.

El tercero modelo de mediación – Ansiedad X Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual – confirmó parcialmente la Hipótesis 9, existiendo tres efectos indirectos o mediadores, siendo posible formular la hipótesis de que los datos son indicadores de que la ansiedad del varón es un predictor de una menor satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual, a través de la comunicación sexual del varón; mientras la ansiedad de la mujer predijo una relación estadísticamente negativa con su satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual, a través de su propia comunicación sexual. Del mismo modo, se puede comprobar que el modelo reveló un efecto directo de la ansiedad del varón con la comunicación sexual de la mujer, siendo posible confirmar la existencia del tercer efecto indirecto en que la comunicación sexual de la mujer mediatiza la relación entre la ansiedad del varón y satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual de las mujeres (efecto pareja).

Por último, el cuarto modelo de mediación – Evitación X Comunicación Sexual X Satisfacción Sexual Centrada en la Pareja y en la Actividad Sexual – demostró tres efectos indirectos y dos efectos directos. Por lo tanto, es posible colocar la hipótesis de que los datos son indicadores de que la evitación del varón es un predictor de menor satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual, a través de la comunicación sexual del varón; mientras la evitación de la mujer predijo una relación estadísticamente negativa con su satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual, a través de su propia comunicación sexual. Del mismo modo, se puede comprobar que el modelo reveló un efecto pareja directo de la evitación de la mujer con la comunicación sexual de la pareja, y un efecto actor entre la evitación de las mujeres con su propia satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual, siendo posible confirmar la existencia del tercer efecto indirecto en que la comunicación sexual del varón mediatiza la relación entre la evitación de la mujer y la satisfacción sexual centrada en la pareja y la actividad sexual del varón, confirmando, una vez más, parcialmente la hipótesis 9.

Según un grupo de investigadores (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Ledermann et al., 2011) se puede decir que la comunicación sexual mediatiza plenamente el efecto de la ansiedad en la satisfacción sexual ego-centrada y en la satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual, en ambos los miembros de la díada, en que hay un efecto indirecto significativo, pero el efecto directo no es significativo, siendo nula la relación entre la variables exógena (ansiedad) y la variable endógena (satisfacción sexual ego-centrada, y satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual), y entre el efecto evitativo en la satisfacción sexual ego-centrada en ambos los miembros de la pareja.

Se comprobó, igualmente, que la comunicación sexual mediatiza parcialmente el efecto evitativo de la mujer en su propia satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual, pues existe un efecto indirecto significativo, sino también un efecto directo pareja significativo.

De igual forma fue posible analizar que la comunicación sexual reveló ser una variable mediadora parcial del efecto de la ansiedad de uno de los miembros de la díada en la satisfacción sexual ego-centrada, y en la satisfacción sexual centrada en la pareja y en la actividad sexual de su pareja, y entre el efecto evitativo de la mujer con la satisfacción sexual ego-centrada de su pareja.

En general, los datos obtenidos confirman la existencia de una relación entre los vínculos afectivos y la satisfacción sexual, pero también confirman la importancia de que el modelo APIM presenta en la investigación sobre las relaciones de pareja.

Es posible concluir, igualmente, que los resultados observados son indicadores de que la comunicación sexual tiene un efecto mediador en la relación entre la ansiedad e la evitación con la satisfacción sexual, en ambos los géneros.

A pesar de la presente disertación presentar un conjunto de limitaciones, existen pocos estudios que han adoptado un enfoque más interdependiente, y han analizado el vínculo y las variables sexuales, como la comunicación sexual y la satisfacción sexual en las relaciones románticas adultas, y nuestra investigación ha contribuido para llenar este vacío.

Parece que nuestro estudio puede tener implicaciones teóricas, con el fin de validar el papel mediador de la comunicación sexual en la relación entre los vínculos afectivos y la satisfacción sexual. Consecuentemente, esperamos que esta investigación pueda contribuir para un momento de reflexión sistemática y ser capaces de introducir nuevos conceptos y signos innovadores, contribuyendo así a la literatura existente en el área.

I – REVISÃO TEÓRICA

"Intimate attachments to other human beings are the hub around which a person's life revolves, not only when he is an infant or a toddler or a schoolchild but throughout his adolescence and his years of maturity as well, and on into old age".

Bowlby (1980, p. 442)

e

1 VINCULAÇÃO

“...a strong disposition to seek proximity to and contact with a specific figure and to do so in certain situations, notably when frightened, tired or ill.”

(Bowlby, 1969/1982, p. 371.)

A *Teoria da Vinculação* (TV) deriva do trabalho do psiquiatra e psicanalista John Bowlby (1958, 1969, 1973, 1980, 1989, 2006), tendo sido testada empiricamente por Ainsworth e colaboradores (1978), e baseia-se em conhecimentos provenientes da biologia evolutiva, da etologia, da psicologia do desenvolvimento, das ciências cognitivas e da psicanálise (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Feeney & Noller, 1996), através das quais Bowlby procurou compreender o desenvolvimento social, o comportamento interpessoal, o ajuste psicossocial e as perturbações clínicas (Rholes & Simpson, 2004; Cassidy, 2008).

A premissa da TV é a de que os seres humanos, tal como sucede com outras espécies primatas, têm uma orientação inata para a socialização, apresentando uma predisposição evolutiva, biologicamente suportada, para direccionar comportamentos de vinculação aos primeiros cuidadores (Rholes & Simpson, 2004).

Bowlby e Ainsworth defendem que a TV fundamentasse no desenvolvimento emocional onde o vínculo existente entre a figura materna e a criança poderá originar expectativas e suposições sobre si mesmo e sobre o Outro, podendo ter consequências na competência social e no desenvolvimento emocional ao longo da vida (Ferreira & Pinho,

2010), sendo que a vinculação tende a surgir nos primeiros anos de vida da criança, ao estabelecer vínculo afectivo com um dos progenitores, com o objectivo de satisfazer as suas necessidades, como a alimentar, vestir ou realização de outras tarefas (Soares & Mautoni, 2013).

De facto, Bowlby enfatiza a importância da necessidade de vínculo desde a infância até morte (Bowlby, 2006; Meissner, 2009; Ribeiro & Sousa, 2002), sendo que a separação temporária ou a perda da figura materna ou de outra predominante *Figura de Vinculação* (FV) – materna ou figura cuidadora preponderante para o sujeito –, poderá conduzir a consequências potencialmente nocivas, na medida em que a criança que é privada de atenção e cuidados continuados poderá sofrer ao longo da sua vida de efeitos que poderão persistir, como a ansiedade de separação, tristeza e dor, ajudando à compreensão das questões relacionadas com a psicopatologia. Esta relação privilegiada que a criança estabelece com a FV no primeiro ano de vida vai garantir a sua sobrevivência (Soares, 2007).

Bowlby defendia que por trás do abuso e da crueldade existe um conjunto de estilos parentais manipulativos e/ou insensíveis que contribuem para problemas de saúde mental no sujeito. Por este motivo, Bowlby conduziu os seus estudos à análise das consequências resultantes da separação precoce entre criança e FV (Mooney, 2010).

Montoro (2004) refere que a relação mãe-filho é o protótipo de todas as relações amorosas, sendo a relação complementar e não simétrica, defendendo que, na vida adulta, o vínculo surge nas relações românticas, mas de forma variada. Outros autores (Shaver & Hazan, 1988) procuraram aplicar o vínculo no amor romântico nos adultos.

As competências comunicacionais são inatas e manifestam-se através de expressões emocionais e comportamentos, muitas vezes, percebidas e compreendidas pelos cuidadores como sendo necessidades físicas, emocionais e/ou sociais, sendo que promovem, por parte da FV, a procura de uma resposta apropriada de forma a satisfazer adequadamente as necessidades da criança (Ainsworth et al. 1978; Trevarthen, 2005).

As relações humanas são motivadas por inerentes emoções de carinho, de insatisfação ou relativas a carências, e ao comunicá-las a criança maximiza a eficácia da resposta que irá satisfazer as suas necessidades, promovendo a formação de níveis de confiança (Trevarthen, 2004). Consequentemente, a criança tende a desenvolver um vínculo com a FV que está disponível, independentemente da qualidade dos cuidados (Trevarthen, 2005).

Somos seres que necessitamos de criar vínculos, contacto, de comunicar com o Outro. Contudo, se antigamente existia, por vezes, a obrigação, por parte do sujeito adulto, de se

vincular a pessoas do sexo oposto, com a qual poderiam casar e estabelecer um contrato, actualmente, em sociedades como a nossa, o indivíduo vincula-se com quem quer e desvincula-se caso seja necessário (López, 2009). O autor defende que na sociedade contemporânea as pessoas poderão passar por vários processos de vinculação e desvinculação ao longo da sua vida, questionando se as vivências, os vínculos durante a nossa infância têm algum papel central nestas alterações, e como é que a nossa essência emocional, social e afectiva adapta-se a estas mudanças.

Rholes e Simpson (2004) referem que a TV parece ser uma das teorias mais abrangentes e extensas da psicologia contemporânea, pois fornece informação biopsicossocial de como as relações íntimas se instituem, se preservam e terminam, e como as relações afectam, por vezes permanentemente, as pessoas envolvidas nessas relações (Bolwby, 2006). Através dos aspectos psicológicos, emocionais, comportamentais e cognitivos, a TV articula constructos e processos relevantes e essenciais para a compreensão dos elementos associados ao desenvolvimento social, ao comportamento interpessoal, ao funcionamento relacional, ao ajustamento psicológico e às disfunções clínicas (Rholes & Simpson, 2004).

Bowlby (1989) defende que a TV tem uma vertente evolutiva e estabelece um sistema de controlo como forma de manter a proximidade e atenção entre os cuidadores e a criança, mas como também se centra nos modelos e na forma interna de se perceber o Outro, pode-se afirmar que é, igualmente, uma teoria individual dinâmica (Holmes, 1996). O autor postula que o sujeito tem um impulso instintivo, evolutivamente definido, a formar vínculos afectivos, sendo que esta componente básica da natureza humana garante a sobrevivência infantil; ao longo do seu desenvolvimento a criança começa por explorar o ambiente, o contexto à sua volta, deslocando-se progressivamente para fora da “base segura” (*secure base*) da sua FV, sendo que disrupções nesta conexão precoce de cuidados poderá promover a vulnerabilidade do estilo de vínculo – Vínculo Inseguro. Neste tipo de vínculo a criança poderá não saber como pedir ajuda ao Outro, podendo ser incapaz de responder eficazmente, quando se confronta com situações de estresse ou quando sente a ausência ou insuficiência de apoio interpessoal, estando propensa a desenvolver sintomas psicopatológicos ou a apresentar dificuldades em estabelecer relações confortáveis na idade adulta (Meissner, 2009).

Ao longo de décadas tem-se escrito muito sobre este constructo, sendo vários os artigos, os livros que têm analisado e aprofundado várias temáticas como o vínculo, a separação, a ansiedade, os cuidados primários, a consequência dos mesmos na criança e o seu impacto no desenvolvimento infantil, podendo existir alguma confusão nos conceitos

(Mooney, 2010). Por conseguinte, é importante definir-se as variáveis e abordar e descrever as raízes desta teoria, ou seja, é essencial discutir os trabalhos pioneiros de alguns teóricos da vinculação, como John Bowlby e Mary Ainsworth, autores que defendem a importância do vínculo ao longo do desenvolvimento do indivíduo, apesar do seu foco ser, essencialmente, na infância e na vinculação à figura materna (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

Na medida em que o termo *Attachment* permite a tradução para “Apego” ou “Vinculação”, na presente dissertação optou-se pela utilização do segundo término, por forma a respeitar a harmonização do vocabulário utilizado na investigação portuguesa, sendo que o objecto de amor será considerado de “Figura Cuidadora”.

1.1 Raízes da Teoria da Vinculação

As ideias que actualmente são dirigidas à TV têm um vasto histórico de desenvolvimento. Bowlby e Ainsworth foram influenciados por Freud e outros autores, como o contributo das investigações de Harlow com os macacos *rhesus* (Bowlby, 1969), de forma directa no caso de Bowlby, e de forma indirecta no caso de Ainsworth (Bretherton, 1992).

A ideia central é a de que relações precoces com cuidadores desempenham um papel preponderante no desenvolvimento da criança, continuando, durante a idade adulta, a afectar o funcionamento e as relações (Bowlby, 1969).

Através de um conjunto de artigos, Bowlby (1956, 1958, 1960) formulou a “Teoria da Vinculação”, tendo, posteriormente, exposto e expressado as suas ideias através da trilogia *Attachment and Loss* (Vinculação e Perda: Bowlby, 1969, 1973, 1980), na qual procurou explicar o motivo e o procedimento nos quais a criança estabelecem relações de vínculo com os seus progenitores e cuidadores (van der Horst, 2008). O autor defende que quando a criança tem uma FV responsiva e disponível, irá estabelecer um sentimento de segurança, sabendo que os seus cuidadores são confiáveis. Consequentemente, as crianças que apresentam um estilo de vínculo seguro apresentam níveis de conforto significativos quando separadas dos seus cuidadores, demonstrando contentamento quando o cuidador retorna, sendo indicativo de um vínculo saudável, seguro (Bowlby 1956, 1958, 1960a, 1969, 1973, 1980), sendo que a perda do contacto materno ou do cuidador poderá promover danos na personalidade (Bowlby, 2006).

1.1.1. John Bowlby: O Fundador da Teoria da Vinculação

Possivelmente, devido às experiências que viveu na sua infância, Bowlby (1969, 1973, 1980) foi o primeiro autor a tentar definir este fenómeno, assinalando a ansiedade como o factor estimulador da vinculação. Bowlby foi educado por amas, tendo constituído, até aos quatro anos de idade, uma relação de vinculação com a sua ama, sendo que mais tarde, na idade adulta, descreveu a perda deste vínculo como similar à perda de uma mãe (Karen, 1998; Mooney, 2010; Sable, 2010).

Este acontecimento permitiua conclusão que quando a criança se encontra afastada da FV poderá apresentar níveis significativos de ansiedade, que tendem a diminuir quando é estabelecido contacto. Consequentemente, Bowlby defende que quando a criança não revela sinais de ansiedade ou demonstra comportamentos desajustados, na ausência ou afastamento da FV, estamos perante problemas associados à vinculação (Bowlby, 1969, 1973, 1980).

Durante o seu percurso académico, Bowlby sentiu-se atraído pela psicologia, mais precisamente pela educação progressiva, interessando-se nas conexões entre a vida familiar e a saúde mental e o comportamento da criança. Consequentemente trabalhou voluntariamente com crianças que apresentavam dificuldades emocionais e comportamentais (Karen, 1998; Mooney, 2010; Stable, 2010), tendo começado a elaborar e desenvolver apreciações e impressões que iriam transformar-se na origem da TV (Mikulincer & Shaver, 2007), e a delinear o que viria a ser o seu percurso profissional (Bretherton, 1992).

Após ter realizado treino psicanalítico com Melanie Klein (Bretherton, 1992; Karen, 1998; Mikulincer & Shaver, 2007), o seu percurso profissional permitiu-lhe ter acesso a crianças separadas dos seus pais, devido a internamento, a crianças rejeitadas e/ou isoladas, a crianças com FV, habitualmente a mãe, instáveis, entre outros, conduzindo-o a interessar-se pelo registo dos efeitos nefastos que estas realidades poderiam promover na criança (Bowlby, Robertson, & Rosenbluth, 1952; Karen, 1998; Soares, 2007; Van der Horst, 2008), reforçando a sua convicção de que os acontecimentos eram causas reais dos problemas e distúrbios apresentados pelas crianças (Ainsworth & Bowlby, 1991; Karen, 1998).

Bowlby acreditava que comportamentos desviantes durante a infância e adolescência tinham a sua origem no sistema familiar, defendendo que as relações precoces que ocorrem na infância definem o vínculo nas relações amorosas posteriores, e que a interrupção ou a qualidade precária das primeiras relações poderão promover o trauma e problemas comportamentais, quer na adolescência como na idade adulta (Mooney, 2010). De facto, a

“interrupção do vínculo” será o ponto de partida da sua obra (Soares, 2007), dirigindo o seu estudo à perda e à separação prolongadas e não planeadas que poderão abanar a confiança da criança relativamente à disponibilidade da FV (Kobak, Little, Race, & Acosta, 2001).

Nos seus estudos sobre o vínculo infantil e a separação, Bowlby refere que a vinculação constitui uma força motivacional central, e que o vínculo entre mãe-criança é um meio fundamental das interacções, promovendo consequências significativas para o desenvolvimento posterior e o funcionamento da personalidade (Meissner, 2009).

A ideia principal da TV é a de que as experiências precoces de vínculo com os primeiros cuidadores são internalizadas em representações mentais de si mesmo e do Outro (Dewitte, 2012). Durante o primeiro ano de vida ocorre um fenómeno crítico: a formação de um vínculo entre a criança e a figura materna – a criança confia na mãe para que esta responda ao seu “comportamento de vínculo”, através de sinais como o choro, com o objectivo de alcançar a proximidade. Se a FV responder rapidamente e sensivelmente, e a criança conseguir sentir proximidade, então a criança sentir-se-á segura e protegida. Contudo, caso a mãe não responda desta forma, a criança poderá recorrer a outras estratégias, menos directivas, mas que têm como intuito alcançar o mesmo resultado, sendo que em alguns casos a criança não consegue obter este sentimento de proximidade devido à incapacidade da FV em prestar cuidados, deixando a criança desamparada (McConnell & Moss, 2011). A procura e manutenção de contacto com o Outro significativo são motivações primárias, inatas do ser humano ao longo da sua vida (Johnson, 2003).

Em 1940, Bowlby apresenta os primeiros artigos e defende o papel preponderante dos factores ambientais nos primeiros anos de vida (Soares, 2007), definindo dois tipos: 1º) Separação ou morte da mãe que resultam em consequências nefastas que o sujeito terá de lidar ao longo da sua vida; 2º) Atitude emocional dos pais ou da FV e da criança tem efeitos que irão moldar a vida do indivíduo, defendendo que, frequentemente, a atitude de um progenitor face ao seu filho está verdadeiramente afectada por problemas não solucionados em sua própria infância (pai ou mãe) (Mooney, 2010). O autor é contundente com dois aspectos: a necessidade da criança hospitalizada ser visitada diariamente pela figura materna ou FV, e a necessidade da realização de trabalho psicoterapêutico com os pais das crianças perturbadas a fim de avaliar e analisar suas próprias dificuldades durante a infância (Soares, 2007).

Um dos artigos mais importantes publicados por Bowlby (1944) – *“Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life”* – permitiu-lhe utilizar a expressão

“psicopatia vazia de afecto”. De acordo com o autor, “vazio de afecto” envolve a frieza emocional e o despreendimento, falta de calor na relação com qualquer pessoa, comportamento social solitário, não responsivo e indiferente tanto à punição como ao elogio ou reconhecimento positivo. Foi através da análise destes 44 jovens ladrões, comparando-os com 44 jovens no grupo de controlo, que Bowlby associou os sintomas apresentados pelos jovens à história de privação e separação materna (Bretherton, 1992), tendo, igualmente, concluído que o estilo de vida adoptado pelos 44 jovens ladrões, que fizeram parte do grupo de “psicopatia vazia de afecto”, era consequência da separação prolongada da mãe vivenciada durante a infância (Bowlby, 1944).

Este artigo sobre os jovens delinquentes e desvinculados foi revisado, após ter desenvolvido trabalho como investigador, e ganho experiência em análise estatística, durante a II Grande Guerra. Consequentemente, na revisão do artigo Bowlby apresentou detalhadamente evidências através de análise estatística e tabelas (Bretherton, 1992, 2004), na medida em que o psicanalista defendia que não deveria existir terapia sem investigação e vice-versa (Van Dijken, 1998).

Após o seu trabalho ser reconhecido pela *World Health Organization* (WHO), que lhe solicitou que analisasse as consequências da privação na infância, Bowlby escreveu um relatório que ganhou uma importância significativa sobre as consequências psiquiátricas da privação dos cuidados parentais na criança (Karen, 1998; Soares, 2007; Stable, 2010; Van der Horst, Van der Veer & Van IJzendoorn, 2007), ou seja, de crianças órfãs como consequência da II Grande Guerra (Bretherton, 1992).

Através desta investigação clínica sobre o vínculo que a criança estabelece com a mãe ou com a FV, considerado como o modelo de todos os vínculos posteriores com outros objectos (Meissner, 2009), Bowlby apresentou a sua monografia, intitulada *Maternal Care and Mental Health* (Bowlby, 1952), na qual discutiu o estado de arte e os avanços mais recentes sobre a privação, sobre a perda, tendo sido publicada originalmente em 1951, através da WHO, e novamente em 1965 com a versão *Child Care and the Growth of Love* (Bowlby & Ainsworth, 1965 citado em Bretherton, 1992).

Neste relatório Bowlby concluiu que a separação precoce é promotora da angústia, da ansiedade e do desespero, podendo, igualmente, contribuir para o aparecimento e desenvolvimento, ao longo do tempo, de implicações psiquiátricas e sociais graves, dificultando que estas crianças adquiram a capacidade em estabelecer relações profundas e duradouras com outras pessoas (Bowlby, 1952; Karen, 1998). O autor verificou que estas

crianças, privadas da prestação de cuidados por parte da FV, tinham a probabilidade de desenvolver os mesmos sintomas que identificou no “vazio de afecto”, ou seja, na idade adulta, as crianças que estiveram institucionalizadas, eram emocionalmente frias, fúteis nos relacionamentos, com níveis significativos de hostilidade e predisposição para se tornarem anti-sociais (Soares, 2007).

Este relatório assumiu e potenciou a importância do vínculo entre a criança e a figura materna, alertando para os potenciais perigos consequentes da ruptura dessa relação (Soares, 2007), e permitiu-lhe procurar um novo quadro teórico para explicar a natureza da relação mãe-criança (Van der Horst & Van der Veer, 2008), possivelmente baseando-se na etologia, (Van der Horst et al. 2007), na medida em que postula que o sujeito tem um impulso instintivo, evolutivamente determinado, que conduziu à trilogia sobre a vinculação (Bowlby, 1969, 1973, 1980).

O primeiro artigo a sugerir a importância da etologia foi publicado em 1953, e três dos artigos que se seguiram, fundamentados no desenvolvimento da etologia e psicologia, são considerados a formulação teórica da “teoria de vinculação”: *The nature of the child’s tie to his mother*, publicado em 1958; e em 1960, publicou mais dois artigos – *Separation Anxiety and Grief and mourning in infancy and early childhood* – sendo que cada um destes artigos clássicos expandiram-se numa obra constituída por três volumes (Mikulincer & Shaver, 2007; Stable, 2010), e que formou uma trilogia que, actualmente, é reconhecida mundialmente como, possivelmente, a maior contribuição para as ciências sociais, psicologia e psiquiatria. O primeiro volume – *Attachment and Loss: Attachment* – foi publicado em 1969 e revisto em 1982; o segundo volume – *Attachment and Loss: Separation: Anxiety and Anger* – foi publicado em 1973, e o terceiro volume – *Attachment and Loss: Sadness and Depression* – foi publicado em 1980 (Mikulincer & Shaver, 2007).

No primeiro volume, e de um ponto de vista evolutivo, Bowlby utilizou a etologia e a Teoria do Controlo para descrever a natureza do vínculo mãe-bebé (Stable, 2010). No segundo volume – *Separation* – o autor introduziu duas ideias teóricas que estabeleceram as bases para a compreensão das relações de vinculação ao longo do percurso de vida do sujeito (Kobak & Madsen, 2008), deixando claro que é imprescindível que a FV permaneça para promover a segurança e reduzir o medo (Stable, 2010). Consequentemente, e com o objectivo de entender as diferenças individuais na sensação de segurança e na ansiedade (Kobak & Madsen, 2008), foram abordadas, numa fase inicial, a ansiedade de separação e os *Modelos Internos Dinâmicos* (MID) (*Internal Working Models*), que assentam nas experiências

precoces de vinculação, de separação, e de cuidado, permitindo a expansão da TV de forma a incluir uma compreensão das estruturas e processos cognitivos (Stable, 2010). De facto, o psiquiatra destacou que para que a criança tenha a sensação de segurança é crucial que vivencie experiências que permitam o desenvolvimento das expectativas de que a FV estará, caso seja chamada, emocionalmente disponível, responsiva e sensível, o que conduziu a um conjunto de consequências associadas à definição de Bowlby sobre a disponibilidade do prestador de cuidados como o objectivo da TV: (1) indiscutível manutenção do vínculo contribui para a sensação de segurança; (2) quando é percebida uma ameaça com relação à disponibilidade do cuidador, a criança sentirá ansiedade e irritação; (3) uma ruptura, perturbação persistente do vínculo resultará num sentimento de tristeza e de desespero (Kobak & Madsen, 2008). No terceiro e último volume da trilogia Bowlby (1980) aborda e explora a dor e o luto, assim como processos defensivos e implicações clínicas (Stable, 2010).

Baseando-se na etologia, Bowlby (1969) colocou a hipótese de que é biologicamente adaptativo ao ser humano, similarmente ao que ocorre nas outras espécies animais, manter o contacto físico e, mais tarde, a proximidade para com os cuidadores que, gradualmente, tornam-se confiáveis na prestação de cuidados, de segurança e de protecção (Stable, 2010). De facto, Bowlby interessou-se pela etologia pois pretendeu aplicar ao comportamento humano uma visão sobre o estudo do comportamento animal, tendo utilizado esta ciência como base teórica para o fenómeno que foi designado de “Teoria da Vinculação” (Van der Horst et al. 2007), sendo que, através da perspectiva etológica, Bowlby procurou descrever o *Sistema Comportamental de Vinculação (SCV – Attachment Behavioral System)*, que explica o quanto é essencial manter a conexão com a FV (Stable, 2010). O seu trabalho e apreensão sobre a separação precoce mãe-filho e o interesse em compreender como os factores ambientais influem na personalidade da criança, adquiriram consistência através desta ciência (Bowlby, 2006).

Com o aumento do conhecimento e das suas observações clínicas, e como forma de validar empiricamente as suas ideias, o interesse de Bowlby (1958) em explicar o que designou de “laço da criança à sua mãe” (the child’s tie to his mother) aumentou gradualmente (Mikulincer & Shaver, 2007), sendo influenciado pelo trabalho de Harlow (Mikulincer & Shaver, 2007; Van der Horst & Van der Veer, 2008), um psicólogo interessado em investigar os sistemas afectivos, essencialmente o amor (Vicedo, 2010). Para tal, Harlow teve como população de estudo macacos rhesus, tendo demonstrado os efeitos

nefastos da privação e separação, ou seja, provou a importância do amor da mãe para o desenvolvimento salutar na infância (Blum, 2002; Harlow, 1958; Harlow & Zimmerman, 1959).

Harlow comprovou, através dos seus estudos com estes macacos, que o amor é vital para o desenvolvimento normativo da infância (Harlow, 1958), e que o *Comportamento de Vinculação (Attachment Behavior)* entre mãe-filho era muito mais que a obtenção, por parte da criança, de alimento, alívio da sede, e evitamento da dor (Blum, 2002), confirmando o trabalho de Bowlby, ao demonstrar que o conforto, tal como a alimentação, é uma necessidade da criança (Karen, 1998; Mooney, 2010). As suas experiências demonstraram que a devastação causada pela privação do toque ou do conforto físico, a longo prazo e em idades precoces, conduz ao desenvolvimento de comportamentos agressivos, estresse ou problemas psicológicos e emocionais profundos (Meissner, 2009), e até mesmo à morte (Harlow, 1958).

As investigações de Harlow permitiram analisar a importância das experiências precoces no comportamento social subsequente (Suomi, 2008), tendo demonstrado que o vínculo a uma FV cumpre a função de protecção face a determinados perigos (Van IJzendoorn, 2005), e defendendo que o indivíduo, desde idade precoce, apresenta a capacidade de atrair atenção e cuidados por parte dos cuidadores. e avocar e manter contacto com a FV, ou seja, tem a capacidade de fomentar o investimento parental (Maestripieri & Roney, 2006).

Involuntariamente, o psicólogo reproduziu as circunstâncias que causaram danos nefastos em lactentes humanos, na medida em que, como forma de garantir a saúde dos pequenos rhesus, retirava-os à nascença da mãe, análogo ao que acontece com o bebé humano quando nasce. Percebeu, mais tarde, que, apesar de fisicamente saudáveis, os filhotes macaco apresentavam comportamentos estereotipados pouco normativos, como: chupar os dedos das mãos e pés, balançar para a frente e para trás (Van der Horst et al., 2008).

Com o objectivo de avaliar, analisar e compreender as respostas das crianças hospitalizadas e separadas temporariamente de seus pais, Bowlby e Robertson realizaram um projecto de investigação onde documentaram e filmaram, em contexto hospitalar e depois em casa de cada uma das crianças (após o regresso), os efeitos da separação, num período superior a uma semana (Soares, 2007).

Com a produção do filme – *A two-year-old goes to Hospital*– os autores comprovaram como a separação da FV, mesmo por momentos breves, causa angústia (Bowlby et al., 1952).

Na sua monografia Bowlby refere que a privação parcial promove a ansiedade aguda, excessiva necessidade de ser amado, sentimentos significativos de vingança, culpa e depressão, sendo que as consequências subseqüentes da desorganização psíquica conduzem a um conjunto distinto, comumente repetitivo e crescente, no qual o seu produto final são sintomas de neurose e instabilidade; os efeitos da privação completa produzem resultados mais profundos no desenvolvimento da personalidade, podendo condicionar totalmente a capacidade de estabelecer e manter relações (Bowlby, 1952). O autor defende (1969) que os padrões de resposta sucedidos nos primeiros anos da infância serão, ao longo do percurso de vida, reconhecidos na personalidade do sujeito, conduzindo-o a descrever fases precoces do funcionamento da personalidade.

Através dos seus estudos, Bowlby (1960, 1973) identificou comportamentos sequenciais, ou seja, respostas emocionais previsíveis comumente apresentados pelas crianças como resultado da separação da FV, divididas em três fases indiferenciadas: Protesto, Desespero, e Desvinculo (Soares, 2007).

O Protesto pode ocorrer imediatamente após a separação ou suceder mais tarde, podendo demorar de poucas horas a uma semana (Field, 1996). A criança, ao estar separada da mãe, demonstra desconforto e angústia, utilizando os seus próprios recursos (*e.g.* choro, gritos), manifestando preocupação e ansiedade, e tendo o impulso de procurar a mãe, com o objectivo de reestabelecer o contacto com a mesma (Bowlby, 1989), existindo grande probabilidade de rejeitar as figuras de vínculo alternativas (Cassidy, 2008; Kobak & Madsen, 2008). Caso esta fase inicial prolongue-se será progressivamente substituída pela segunda fase – Desespero (Bowlby, 1989; Karen, 1998; Soares, 2007).

Na fase de Desespero, um período de profunda tristeza, começa a aumentar, na criança, um sentimento de desesperança e de preocupação contínuas pela ausência da mãe, demonstrando-se retraída, inactiva e inibida, desinteressada e abatida, com choro intermitente, como se entrasse num estado de luto, sem comunicar e envolver-se no meio que a rodeia, perdendo o interesse até pela comida (Bowlby, 1989; Karen, 1998; Kobak & Madsen, 2008; Soares, 2007).

Ao observarem as crianças por períodos de tempo mais longos de separação, Bowlby e Robertson descobriram a existência de uma terceira fase: Desvinculo / Desapego, na qual a criança, de forma faseada, vai recuperando da sua apatia e começa a restaurar o seu interesse pelo meio que a envolve, nomeadamente pelas FV alternativas, aceitando alimentos e brinquedos, conseguindo sorrir e sociabilizar. Com o retorno da mãe, a criança parece não a

reconhecer, demonstrando-se indiferente e desinteressada relativamente à figura materna, apática e distante (Bowlby, 1989; Cassidy, 2008; Karen, 1998; Kobak & Madsen, 2008; Soares, 2007).

Matos e Costa (2006) referem que a fase do Protesto associa-se à ansiedade de separação, a fase do Desespero relaciona-se com o luto e dor, e a terceira fase, Desvinculo, refere-se aos processos defensivos. Bowlby (1969) alude que a reacção da criança à separação da figura materna perpetua-se com as mesmas características na idade adulta.

Foi confirmada a importância que uma relação estável apresenta nos primeiros anos de vida de uma criança, através do estabelecimento de um vínculo com um cuidador responsável, responsivo e presente. Contudo, o trabalho de Robertson e Bowlby não explicou o motivo da relevância dessa relação diádica (Karen, 1998). Em 1951, através de um artigo de Konrad Lorenz – *The companion in the bird's world* (Lorenz, 1937) –, no qual o etólogo descreve o processo de *imprinting*, Bowlby encontra uma possível justificação sobre como a relação com a mãe parece ser essencial e importante, permitindo-lhe concluir que, mais do que a satisfação das necessidades, parece que a presença consistente da FV é o elemento chave para garantir um vínculo adequado entre a díade mãe-criança (Gleitman, 1986; Karen, 1998).

Harlow e Lorenz demonstraram que os vínculos precoces dos animais às suas mães não se deviam unicamente ao condicionamento clássico com base na alimentação, o que permitiu a Bowlby analisar que a confiança e o vínculo emocional da criança à FV, para além de serem o resultado de um sistema comportamental essencialmente instintivo, relacionavam-se para além do vínculo sexual, indo contra ao conceito de líbido sexual de Sigmund Freud (Mikulincer & Shaver, 2007; Rholes & Simpson, 2004).

1.1.1.1. Sistema Comportamental de Vinculação e Sistema de Prestação de Cuidados

Na sua monografia, Bowlby (1958) definiu o vínculo da criança à FV como tendo por base um factor comportamental constituído por um conjunto de respostas de natureza instintiva que guiam a criança para a FV, tendo identificado cinco destas respostas: chupar, agarrar e seguir, definidos de comportamentos de aproximação, e chorar e sorrir, apontados como comportamentos de sinalização. Estas respostas comportamentais serão dirigidas à FV,

ao longo do primeiro ano de vida, dando origem ao que designou de comportamentos de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007; Tereno, Soares, Martins, Sampaio, & Carlson, 2005).

Em 1969 Bowlby verificou que estes comportamentos, e a sua inter-relação, encontram-se estruturados e internamente organizados num SCV (Cassidy, 2008; Soares, 1996), sendo este um dos três sistemas com base biológica discutido por Bowlby; os outros dois sistemas são o de prestação de cuidados e o de exploração (Rholes & Simpson, 2004).

O SCV caracteriza-se por um conjunto de comportamentos com uma particularidade fundamental análoga, já que servem o objectivo de aumentar a proximidade física e psicoemocional a um cuidador primário, principalmente em contextos e situações de ameaça ou necessidade (Rholes & Simpson, 2004), sendo extremamente importante nos primeiros anos de vida do indivíduo, apesar de ser activado ao longo de todo o tempo de vida do sujeito, manifestando-se de forma comportamental e cognitiva (Bowlby, 1989).

O seu conceito defende que a criança vincula-se à FV, independentemente de satisfazer, ou não, as suas necessidades (Bowlby, 1969, 1973, 1980), na medida em que o vínculo não é o produto de associações com a alimentação (Ainsworth, 1967; Feeney & Noller, 1996; Harlow & Zimmermann, 1959; Mikulincer & Shaver, 2007).

Este sistema, deverá ser analisado à luz de uma perspectiva evolutiva, pois é determinante para a continuidade e sobrevivência das espécies, através da selecção genética (Cassidy, 2008; Feeney & Noller, 1996), e pode ser definido como um inato sistema biopsicológico motivacional, tendo como função biológica, aumentar e assegurar protecção relativamente ao perigo/ameaça, sendo que a expressão comportamental do sistema de protecção é o de garantir e manter a proximidade face ao apoio e prestação de cuidados por parte da FV (Bowlby, 1969, 1973, 1980; Mikulincer & Shaver, 2007; Soares, 1996), assim como a promoção das sensação de conforto e de sobrevivência através da constituição de uma base segura resultante da relação diádica com a FV (Bowlby, 1969, 1973, 1980; Soares, 1996), estimulando a satisfação das necessidades básicas, como a alimentação, a segurança, o conforto e carinho, e a defesa face a potenciais ameaças (Pederson et al., 2005). O vínculo seguro providencia uma base segura através da qual o indivíduo explora o contexto onde está inserido e, adaptativamente, responde ao meio que o rodeia, sendo que a presença desta base propicia a exploração e a abertura cognitiva a nova informação (Mikulincer, 1997 citado em Johnson, 2003), e promove a confiança necessária para a aprendizagem, o risco, e a actualização constante do modelo de si mesmo, do Outro, e do mundo, facilitando a adaptação a novos contextos (Johnson, 2003).

Sroufe e Waters (1977) afirmam que mais importante que a proximidade física, o objectivo da relação de vinculação é a regulação da segurança, procurando alcançar uma dimensão emocional designada pelos autores de *Sentimento de Segurança (Felt Security)*.

De acordo com Bowlby (1969, 1973, 1980), o SCV pode ser compreendido através da relação com outros comportamentos de vinculação fundamentados biologicamente: (1) o *Sistema Comportamental Exploratório (SCE)* – a iniciação do estímulo diminui a activação do SCV – e acontece quando não existe ameaça, não existindo necessidade de activar a procura de proximidade e de cuidados. Ocorre quando a criança saudável sente-se integrada num contexto confortável, próxima da FV (Cassidy, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007), envolvendo três funções essenciais ao nível do contexto, das emoções, e da cognição. No que se refere à função do contexto, Bowlby (1958, 1969, 1973, 1980) refere que os estímulos que contribuem para a activação do SCV poderão estar associados às condições da criança (*e.g.* tem fome, frio, está cansada, com dores), às condições do meio que a rodeia (*e.g.* presença do estímulo ameaçador, presença de pessoas estranhas,), ou no comportamento da FV (*e.g.* sua ausência, sua indisponibilidade psicoemocional ou física, abandono ou rejeição). Ao nível das emoções, o autor refere que estão significativamente correlacionadas com o vínculo, representando um mecanismo essencial para a regulação das relações de vinculação, através, por exemplo, de níveis não excessivos e destrutivos de protesto ou de ira. Finalmente ao nível da cognição, o psicanalista alude que o SCV integra factores cognitivos, como a representação mental interna da FV, do *self* e do ambiente (Bowlby, 1958, 1969, 1973, 1980), ou de outras representações construídas através da organização em esquemas da reprodução de experiências de vinculação (Vaughn, Waters, Coppola, Cassidy, Bost, & Verissimo, 2006) designadas por Bowlby de “Modelos Internos Dinâmicos”.

Consequentemente, e ao longo do tempo, a criança desenvolverá um sistema comportamental, ou seja, um MID com base nas interacções que estabelece com os seus cuidadores, isto é, a criança estabelecerá um conjunto de regras utilizadas para antecipar o comportamento futuro e as interacções de vínculo e outras relações sociais (Bowlby, 1969; Bretherton & Mulholland, 2008). Os MID irão afectar o caminho do sujeito, desde a infância até à idade adulta, através da configuração das respostas cognitivas, comportamentais e emocionais nas relações íntimas (Dewitte, 2012).

O factor adaptativo do SCE é a promoção da aquisição de conhecimentos sobre o ambiente, de forma a encontrar comida, ultrapassar obstáculos físicos, e saber utilizar ferramentas na construção de elementos (Cassidy, 2008). Contudo, Bowlby (1969, 1973,

1980) alude que quando não existe perigo, ou seja, quando o objectivo do SCV é alcançado – sentimento de protecção e de segurança –, habitualmente ocorre a desactivação do SCE, podendo o indivíduo retomar a actividades de não-vínculo, como a exploração, o acasalamento, ou a procura de alimentos (Mikulincer & Shaver, 2007). Ao fornecerem à criança a protecção e a manutenção da proximidade com a FV, permitindo-lhe aprender sobre o meio que a rodeia, o SCV e o sistema exploratório suplementam-se (Frieman & Reilly, 2015); e (2) *Sistema Comportamental de Medo* (SCM) – os estímulos inibidores suscitam a necessidade de protecção, activando o SCV – que ocorre quando a criança percepçiona determinado estímulo como sendo ameaçador.

O SCV apresenta ligações estreitas com os dois sistemas, mas enquanto a activação do SCM (criança sente determinados estímulos como sinais de ameaça) conduz ao estímulo do SCV (criança procura proximidade com a FV), a activação do SCV é, frequentemente, acompanhada da diminuição ou desactivação do SCE, e vice-versa (Ainsworth & Bell, 1970). De acordo com Cassidy (2008) é a interdependência entre estes dois sistemas – SCE e SCM – que possibilita que a criança ao explorar o meio circundante recolha benefícios adaptativos (*e.g.* regulação emocional, aquisição de novos conhecimentos, desenvolvimento de competências cognitivas e sociais). Para tal, o SCV produz as condições necessárias que permitem a exploração, o que irá possibilitar à criança desenvolver-se e aprender, sem colocar-se em situações de risco. A interligação entre os dois sistemas pode ser verificada numa característica inerente ao vínculo, ou seja, através da exploração do meio utilizando a FV como Base Segura, ou como *Refúgio Seguro* (*Safe Haven*) quando a criança sente ameaça ao explorar o meio (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1989). A existência de FV providencia conforto e segurança, e a percepção de indisponibilidade por parte desta figura promove a ansiedade, angústia, pois a proximidade com o Outro significativo (pais, parceiros românticos, ou outras FV) tranquiliza o sistema nervoso, sendo um antídoto eficaz para a ansiedade e vulnerabilidade. Consequentemente, vínculos positivos promovem o Refúgio Seguro que oferece um amortecedor contra os efeitos do estresse (Johnson, 2003).

O ciclo associado ao SCV – sentir e experienciar ameaças e aflição, procura de protecção e conforto através da FV, vivenciar a diminuição de estresse e o aumento do sentimento de segurança, e regressar a outros interesses / actividades –, fornecem o protótipo do êxito da regulação emocional e da regulação da proximidade interpessoal (Mikulincer & Shaver, 2007).

A TV (Bowlby, 1969, 1973, 1980) defende que todo o ser humano nasce com a capacidade de desenvolver *Comportamentos de Prestação de Cuidados (Caregiving Behaviors)* que visam promover o sentimento de protecção e de apoio aos sujeitos que revelam necessidades temporárias ou dependência crónica (Mikulincer, Shaver, Gillath, & Nitzberg, 2005). Bowlby (1969, 1973, 1980) defende que a prestação recebida ou percebida destes cuidados durante a infância ocorrerão ao longo da vida do indivíduo, através da organização do SCV (afectos, comportamentos, representações mentais) que se instituem como a base emocional, cognitiva e comportamental para todas as experiências relacionais do indivíduo. Consequentemente, a presença da FV desempenha um papel preponderante na activação do sistema de ameaça, sendo importante que a FV demonstre disponibilidade e capacidade de resposta consistente e regular a esse estímulo, proporcionando um sentimento de segurança através de um outro sistema (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Cassidy, 2008), recíproco ao SCV (Branco, Monteiro, & Veríssimo, 2015) – *Sistema de Prestação de Cuidados (SPC – Caregiving System)*, igualmente designado de sistema motivacional de cuidados parentais (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Cassidy, 2008), e onde são organizados os comportamentos da FV (Branco et al., 2015).

O SPC pode ser definido como um inato sistema comportamental que procura satisfazer as necessidades do Outro dependente (criança, adolescente ou adulto), tendo evoluído fundamentalmente para complementar o SCV (Mikulincer et al., 2005). De facto, a evolução do SCV exige o progresso do SPC (Branco et al., 2015; Waters & Cummings, 2000), na medida em que a relação mãe-criança é bidireccional, pois o desenvolvimento de ambos os intervenientes é afectado para que a relação consiga originar-se e fortificar-se, e para que se mantenham as características de ambos (Belsky, 2005). Através do processamento de informação, este sistema avalia e abrange informações sobre o Outro, sobre o estado interno essencial para a relação de vinculação e sobre as condições do meio ambiente, o que irá permitir que, simultaneamente, apareça a proximidade física e sua manutenção, assim como a sensação de segurança (Bowlby, 1969).

Mikulincer e Shaver (2007) definiram este sistema como um conjunto de condutas parentais que têm o propósito de garantir a sensação de proximidade e de conforto, principalmente nas situações em que FV percebe que a criança está a viver um episódio de ameaça, de perigo, seja este real ou potencial. Por conseguinte, cabe à FV activar o sistema, colocando em acção um conjunto de comportamentos relacionados com a protecção (e.g. promover e manter a proximidade, sorrir, observar, chamar), ocorrendo a desactivação

do SPC quando sucede a aproximação física ou psicológica à criança, promovendo o sentimento de conforto. O conjunto diverso de comportamentos associados ao SPC, e que complementam os comportamentos de vinculação da criança ou do parceiro, ou o conjunto de sinais de necessidade, permitem minimizar o sofrimento do sujeito, activando o SCV e inibindo o SCE – Refúgio Seguro (*providing Safe Haven*) –, e aumentar a protecção face ao perigo e fomentar o seu desenvolvimento que, de acordo com Bowlby, proporciona uma Base Segura para a exploração (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2006; Mikulincer et al., 2005). Independentemente de sentir medo ou ameaça a criança poderá utilizar a FV como uma base segura para explorar, mas se sentir algum nível de inquietação, irá procurá-la como um refúgio, podendo examinar novamente o meio que a rodeia, caso volte a sentir-se segura (Bowlby, 1969; Soares, 1996).

Pode-se aludir que o comportamento de vinculação é gerado como a forma simples ou estruturada de conduta, sendo o resultado a manutenção da proximidade a uma FV, que deverá manter-se acessível e responsiva. Nestas situações, a criança poderá, unicamente, fazer uma inspecção visual ou auditiva, assim como a troca de olhares com a FV, podendo, igualmente, observar, seguir ou segurar a FV com o objectivo de obter a prestação de cuidados (Terenó et al., 2005). Equivalente ao comportamento de vinculação, surge o comportamento de prestação de cuidados que procura proteger o sujeito, sendo que na primeira infância é essencial a existência da proximidade física e da disponibilidade emocional do prestador de cuidados (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1980). Contudo, a ligação emocional que a criança desenvolve poderá ocorrer com mais do que um prestador de cuidados, obtendo segurança por parte das FV secundárias, quando a FV primária encontra-se ausente, ao desenvolver comportamentos de vínculo (*e.g.* chorar, gatinhar) (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Terenó e colaboradores (2005) referem que a criança sente segurança quando a FV está próxima, disponível e responsiva, enquanto a ausência, indisponibilidade ou percepção de que a disponibilidade da FV está ameaçada, promove na criança ansiedade e insegurança.

Ao ter como objectivo o conforto dos demais, o SPC centra-se no sofrimento do Outro, em detrimento da sua própria condição emocional, dirigindo-se, igualmente, a alcançar metas similares ao do SCV: proximidade FV-criança, com a função biológica adjacente à protecção, estabelecer uma base segura, redução da ansiedade e da aflição, e aumento do sentimento de segurança (George & Solomon, 2008; Mikulincer et al., 2005). Bowlby (1969, 1973, 1980) menciona que a eficácia do SPC interliga-se com o vínculo

seguro, pois uma pessoa com este estilo de vinculação tem maior probabilidade de identificar-se emocionalmente com as necessidades do Outro, procurando satisfazê-las, possivelmente porque ela própria experienciou e presenciou comportamentos adequados de prestação de cuidados por parte da FV, que potenciou o aumento da sensação de segurança e proporcionou modelos positivos de cuidados (Collins & Feeney, 2000), sendo que o sentimento de vínculo seguro minimiza a necessidade de procurar apoio e protecção (Mikulincer & Shaver, 2005).

A evolução do SPC, que ocorre paralelamente com SCV, associa-se a uma intrincada transacção entre as variáveis biológicas e as vivências do sujeito (Branco et al., 2015), tendo como objectivo primordial a proximidade entre cuidador e criança, englobando uma função adaptativa (protecção e conforto da criança e garantir o aumento da sua capacidade reprodutiva) e outra comportamental (providenciar protecção) (George & Solomon, 2008).

Bowlby (1969, 1973, 1980) defende que o SCV desenvolve-se ao longo de quatro fases sequenciais, em que as primeiras três ocorrem no primeiro ano de vida da criança (Dias, Soares, & Freire, 2004), e em que nas duas fases iniciais o principal objectivo da criança é o de garantir a manutenção de níveis significativos de proximidade com a FV, através da utilização de um conjunto de comportamentos inatos de vinculação (Bretherton, 1992).

A primeira fase – *orientação e sinais com discriminação limitada de figuras* – ocorre até aos 3 meses de idade (Soares, 1996, 2007) e associa-se a estímulos visuais e auditivos, ou seja, a criança nasce com um conjunto de comportamentos operacionais – chorar, agarrar, sorrir, mamar, olhar – que ainda não são considerados como comportamentos de vinculação, mas como precedentes do seu princípio (Ainsworth et al., 1958; Stern, 1974), na medida em que ainda não consegue discriminar os humanos que lhe prestam cuidados, impossibilitando que o comportamento seja dirigido a uma FV específica, e porque o que promove e finaliza esses comportamentos é um conjunto diverso de estímulos que a criança não diferencia, sendo automatizado o seu funcionamento. Nesta fase os progenitores tendem a aprender e interpretar os vários sinais reflexivos do bebé, como o choro, de forma a responder-lhes e satisfazê-los adequadamente (Soares, 2007).

A segunda fase – *orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais) figura(s) discriminadas* (Soares, 1996, 2007) – que ocorre entre os três e os seis meses de idade – caracteriza-se pelo surgimento progressivo dos comportamentos de vinculação. O bebé aproxima-se do que lhe é familiar, revelando preferência pelo contacto com a FV preponderante, involucrando numa interacção orientada pela FV e que irá promover o

aumento da variedade comportamental e a troca de carinhos (Soares, 1996, 2001, 2007), ou seja, a criança dirige comportamentos de vínculo à FV, como chorar para a mãe, mas igualmente de sociabilização, através do estabelecimento de um repertório de vocalizações e de expressões faciais (Stern, 1974).

Na terceira fase – *manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais* – ocorre dos seis aos 24 meses – verifica-se mudanças organizacionais significativas na criança, como o desenvolvimento da locomoção e das competências cognitivas (e.g. imagens mentais internas), o que promove, no bebé, eficácia na procura e manutenção da proximidade com a FV, consolidando a relação de vinculação. De facto, o desenvolvimento motor da criança permite-lhe utilizar determinados meios, como o gatinhar, para mover-se em direcção da FV, de forma a promover a proximidade, ou para afastar-se da FV para explorar o meio que a rodeia. Consequentemente, o prestador de cuidados tem a função de proporcionar uma base segura durante o período de exploração, e de ser um refúgio seguro para a regulação emocional da criança (Soares, 1996, 2007).

Nestes primeiros anos de vida os comportamentos de vinculação são, frequentemente, dirigidos à FV, com o objectivo de promover e manter a proximidade e de formar uma base segura (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Contudo, ao longo do seu desenvolvimento, a dependência materna ou relativamente a uma FV diminui, surgindo outros relacionamentos, facilitando o percurso do desvinculo de forma lenta, evitando grande sofrimento (Soares & Mautoni, 2013). O indivíduo irá procurar e tentar manter relações de proximidade com outras pessoas, como amigos ou parceiros românticos. Contudo, continuam a procurar e/ou a manter uma base segura junto da FV (Crittenden, 2002; Freeman & Bradford, 2001; Nickerson & Nagle, 2005).

A quarta e última fase – *formação de uma relação recíproca corrigida por objectivos* (Soares, 1996, 2007) – a partir 24/30 meses – caracteriza-se pela capacidade que a criança demonstra em aceitar a separação por períodos de tempo mais prolongados, revelando aptidão em manter a organização comportamental na ausência da FV. Contudo, a sensação de segurança demonstrado pela criança continua objectivamente relacionado à disponibilidade da FV (Soares, 2007).

O comportamento de vinculação, que integra estas quatro fases, vai sofrendo mudanças, reveladas através de manifestações diversas e distintas, sendo um processo flexível e maleável pois é dependente das alterações que os factores cognitivos, comportamental, emocional, social e motor sofrem (Bowlby, 1958, 1969, 1973, 1980;

Cassidy, 2008; Dias et al., 2004), e das aquisições de desenvolvimento, quer ao nível da procura da proximidade, quer ao nível da representação mental interna da relação de vinculação (Modelos Internos Dinâmicos) (Dias et al., 2004).

1.1.1.2. Modelos Internos Dinâmicos

De acordo com a TV, as crianças, ao longo do tempo, vão internalizando as experiências ocorridas com os prestadores de cuidados, para que as relações precoces de vinculação sejam o protótipo das relações posteriores fora do seio familiar (Bartholomew & Horowitz, 1991). Durante a infância as representações mentais estão propensas à mudança, dependendo das alterações significativas na qualidade de resposta dos cuidadores (Bretherton & Munholland, 2008), e essas transformações irão modificar o funcionamento do SCV numa interacção particular ou num conjunto de interacções a curto-prazo, mas progressivamente, e com o desenvolvimento da criança, produzem mudanças mais estáveis e profundas no funcionamento deste sistema (Bowlby, 1969), através de experiências repetidas no tempo (Branco et al., 2015).

O psicanalista acrescenta que, a longo-prazo, os efeitos subsequentes são explicáveis relativamente à acumulação na rede de memória associativa a longo-prazo de representações mentais de interacções significativas com uma FV (Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que o armazenamento do conhecimento e informação apresenta-se como modelo dinâmico, permitindo ao sujeito prognosticar interacções futuras e ajustar as tentativas de procura de proximidade (Bowlby, 1969, 1973). Interacções repetidas de vinculação produzem representações mentais estáveis de si mesmo, do Outro e das relações (Mikulincer & Shaver, 2007).

As estratégias de vinculação reflectem formas de processar e gerir as emoções (Johnson, 2003). Os MID orientam comportamentos, cognições e emoções, podendo afectar a forma em que o indivíduo codifica, interpreta e arquiva cognitivamente memórias de interacções posteriores com as FV (Mikulincer & Shaver, 2007). Envolvem processos que analisam e controlam qual a informação que se deve transmitir, como a pessoa interpreta os acontecimentos ocorridos no seu mundo e o que e como os recordam, sendo, hipoteticamente, métodos que, numa fase inicial, operam fora da consciência (Bowlby, 1980; Bretherton, 1985; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Collins e Read (1994) argumentam que diferentes padrões de relacionamento promovem comportamentos desiguais, na medida em que os

indivíduos pensam e sentem de forma distinta, sendo que este mapa dinâmico cognitivo-afectivo (Bowlby, 1969) permite que o sujeito integre uma realidade de cooperação, onde cada um dos seus intervenientes tem cognições, desejos, necessidades individuais que necessitam de ser deduzidas ou conhecidas para que possa relacionar-se com os demais (Silva & Alvarez, 2007).

A TV (Bowlby, 1969, 1973) conceptualiza que a criança internaliza, gradualmente, representações mentais sobre o *self*, enquanto receptora dos cuidados, sobre a relação com a FV, sobre o meio que o rodeia, e sobre o prestador de cuidados (Branco et al., 2015), permitindo-lhe ter a capacidade de avaliar e antecipar acontecimentos futuros, e construir seus próprios planos de vinculação (Bowlby, 1969). Estas representações mentais serão responsáveis por conduzir os comportamentos de cuidados parentais, influenciando nas suas expectativas, sentimentos, comportamentos enquanto progenitor ou FV (George & Solomon, 2008).

O vínculo seguro caracteriza-se por um MID do *self* que é merecedor de cuidados, carinho e amor, sendo íntimo e competente. Por conseguinte o indivíduo com vínculo seguro acredita que o Outro será responsivo quando necessário, apresentando, igualmente, um modelo do Outro como sendo seguro e digno de confiança. Estes dois modelos convertem-se em expectativas e preconceitos que são transportados para novas relações, não sendo esquemas cognitivo-dimensionais, mas sim guiões sequenciais de processos para a forma de gerar uma relação (Johnson, 2003).

Bowlby (2006) afirma que desde o nosso nascimento até à nossa morte, a saúde mental apresenta-se intrinsecamente associada às relações que vamos construindo com as várias figuras que nos proporcionam apoio emocional, sensação de segurança, conforto e protecção física (1969, 1973). Consequentemente, a ideia central da TV é a de que o indivíduo forma estreitos laços afectivo-emocionais com o Outro, habitualmente a FV, desenvolvendo e mantendo as representações mentais internas que tem de si e do Outro – MID – e que o ajudam a prever e compreender o ambiente, permitindo ao sujeito ter comportamentos de sobrevivência, como a manutenção da proximidade (Bretherton & Munholland, 2008; Pietromonaco & Barrett, 2000), devendo ter reflexões precisas sobre as experiências e vivências que o sujeito tem com as FV (Bowlby, 1980). Outro princípio principal da TV é a de que estes modelos mentais abrangem conteúdos específicos sobre a FV e sobre os conhecimentos e informação que são armazenados numa estrutura bem organizada de representação, sendo que o sujeito desenvolve-os através das expectativas

sobre o *self*, a FV e a relação entre ambos (Bowlby, 1969, 1973; Collins & Read, 1994), acreditando-se que integram conhecimentos sobre as particularidades das experiências interpessoais (Bretherton, 1985).

Nos primeiros anos de vida o comportamento de vinculação é conduzido de forma singular, tornando-se, gradativamente, menos intenso e frequente, sendo desactivado por um número significativo de situações. O desenvolvimento cognitivo irá promover a ocorrência de capacidades novas que serão mediadoras da forma como o indivíduo compreende e estrutura as suas experiências, como interage com o Outro, como vive, sente, e expõe emoções, e sentimentos (Soares, 1996, 2001, 2007).

Ao contactar e comunicar com o mundo que a rodeia, aliada à disponibilidade e proximidade constante e responsiva da FV, a criança vai construindo as representações internas de si, do Outro e do mundo, e, à medida que vai crescendo, essas representações tornar-se-ão mais complexas (Bowlby, 1969, 1973); Bretherton, 1985; Bretherton & Munholland, 2008; Maine t al., 1985).

Através do desenvolvimento dos processos simbólicos e da organização cognitiva, o SCV, que é contínuo ao longo da vida do indivíduo, transgeracional e susceptível a mudanças, vai aprofundando a sua organização e complexidade, mantendo a sua capacidade funcional de avaliar e adaptar novas informações sobre si e o Outro, conduzindo a criança à elaboração de um conjunto vasto de expectativas sobre si, o Outro e o mundo (Bowlby, 1989; Pacheco, Costa & Figueiredo, 2003; Soares, 2007). Por serem estáveis, a sua organização permite que os MID tornem-se automatizados, assimilando toda a informação nova retida pela criança (Yárnoz, Alonso-Arbiol, Plazaola, & Murieta, 2001), apesar da estabilidade apresentada por estes modelos, durante a vida do sujeito, poder sofrer alterações durante o seu desenvolvimento (Pinedo & Santelices, 2006).

Permitem ao sujeito formular e desenvolver hipóteses de expectativas, e explicar os resultados das relações, controlam a atenção e a memória associadas à informação sobre revelantes situações de vinculação, e regulam quando são encontrados estressores relevantes para a vinculação (Rholes & Simpson, 2004).

Os MID de si mesmo originam-se, provavelmente, através das interacções que o sujeito tem com pessoas próximas, supondo que resultam das crenças sobre como o indivíduo é aceite para as FV precoces. Consequentemente, as crianças que têm FV responsivas e de confiança apresentam maior probabilidade a desenvolver representação mental de si mesmo como um ser aceitável e com mais-valias, e as que têm uma FV inconsistente, indisponível

tendem a desenvolver uma imagem de si mesmos como inaceitáveis e indignos (Pietromonaco & Barrett, 2000). Em contrapartida, acredita-se que os MID do Outro incluem expectativas sobre quem tem as condições para servir como FV, ou seja, quem está disponível e como respondem às necessidades da criança (Main et al., 1985).

Os MID referem-se à forma como as relações de vinculação podem desempenhar as funções associadas ao refúgio seguro (Bretherton & Munholland, 2008), como fonte de protecção e conforto, apoio e alívio nas situações de necessidade (Hazan & Zeifman, 1994; Mikulincer, 2006), e à base segura que associa-se ao comportamento de vinculação da FV, e à interpretação das normas de interacção nas representações relacionais (Bretherton & Munholland, 2008). Como mediadores de experiências associadas ao vínculo, estes modelos mentais são a pedra basilar da TV (Pietromonaco & Barrett, 2000).

São estruturas psicológicas que fundamentam os diferentes estilos de vinculação (Collins & Read, 1994), englobando a componente consciente, assim como a inconsciente e, por conseguinte, poderão influenciar os processos mentais instintivos e os automatizados, ou seja, os inconscientes e os conscientes (Rholes & Simpson, 2004).

Bowlby argumenta que existe uma associação significativa entre as experiências e as vivências de vinculação, durante a infância e a adolescência, e a capacidade em construir laços afectivos na idade adulta, sendo isto possível pois a qualidade das experiências é essencial no desenvolvimento da sensação de segurança e confiança em si mesmo e no Outro (Soares, 1996). Por conseguinte, estas representações mentais podem ser reformuladas e desenvolvidas em função de importantes experiências relacionais, ocorridas ao longo da vida (Crowell, Treboux, & Waters, 2002), e direccionadas a modelos mentais mais complexos de formação da experiência e de orientação da acção (Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe, & Collins, 2001). Para tal, é necessário a contribuição das experiências relacionais do sujeito, ocorridas durante a sua infância, adolescência e idade adulta (Bowlby, 1988; Baldwin & Fehr, 1995; Bretherton & Munholland, 2008). De facto, a forma como os MID foram formados na infância dos cuidadores, irá regular as repostas afectivas e comportamentais que, agora em adulto, dirige às necessidades da criança, ou seja, a forma como as necessidades e desejos do adulto foram satisfeitas enquanto criança, pelos seus próprios prestadores de cuidados, estará na base das suas representações mentais (Pinedo & Santelices, 2006).

A TV propõe que os laços estabelecidos entre os parceiros românticos são distintos da vinculação entre pais e filho, na medida em que os casais românticos são mais independentes da presença física da FV e mais dependentes dos MID da FV (Feeney, 2008; Hazan, Campa,

& Gur-Yaish, 2006). No entanto, quando o sujeito tem modelos internos depreciativos sobre o relacionamento romântico porque, por exemplo, sente-se auto-suficiente e não precisa ou requer de cuidados e de protecção do parceiro, isso pode ter repercussões negativas na satisfação relacional e na própria relação (Lowyck, Luyten, Demyttenaere, & Corveleyn, 2007).

Quanto às relações românticas, baseando-nos no modelo bidimensional de vinculação romântica de Bartholomew e Horowitz (1991), os MID são definidos como dimensões autónomas que produzem quatro protótipos básicos de vinculação romântica na idade adulta (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), que se associam ao desenvolvimento da saúde-mental e do bem-estar psicológico (Melo & Mota, 2014). A autora (Bartholomew 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) descreve os MID do *self* e os MID dos outros de acordo com esses protótipos e a regulação emocional: Seguro [*Secure*], Preocupado [*Preoccupied*], Desinvestido [*Dismissing*], e Amedrontado [*Fearful*], sendo que o seu modelo defende que os comportamentos cognitivo-emocionais inconscientes, simbolizados internamente como modelos de si e do outro, são responsáveis pela criação de sentimentos e pensamentos.

O protótipo seguro refere-se ao sujeito que desenvolve representações mentais positivas de si e do Outro, o que lhe permite confiar, envolver-se e desenvolver laços afectivos com os indivíduos que lhe são próximos, e com os outros. É sociável e estabelece relações caracterizadas pela intimidade e o envolvimento emocional. Percepciona os acontecimentos passados e actuais como situações que estimulam a aprendizagem e o conhecimento, tem a capacidade de procurar proximidade e apoio no Outro em momentos de estresse. O protótipo preocupado diz respeito ao indivíduo que desenvolve modelos mentais negativos de si e positivos do outro. As suas relações são caracterizadas por uma excessiva procura de proximidade, elevada necessidade de atenção, falta de auto-estima e segurança; as separações geram uma ansiedade excessiva, não consegue tomar decisões, precisando dos outros para resolver os seus problemas e percepciona a vida amorosa como um aspecto principal na sua vida. O modelo desinvestido manifesta uma representação positiva de si e negativa do outro. Desvaloriza as relações pessoais, manifesta incapacidade de identificar e descrever as emoções, baixo envolvimento e proximidade emocional nas relações, não reagindo à separação, acreditando que o Outro tem uma imagem negativa sobre si, utilizando o evitamento e resistência como estratégias para a resolução de problemas. Por fim, o indivíduo amedrontado desenvolve representações negativas de si e do Outro, sendo inseguro

e vulnerável. Apesar de evitar as relações íntimas com receio de ser rejeitado, tem curiosidade e vontade face à proximidade, sendo que as suas relações de intimidade são estabelecidas por iniciativa do Outro, tornando-se dependentes na relação ao longo do tempo (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Melo & Mota, 2014).

De acordo com um conjunto de autores (Mikulincer & Shaver, 2003, 2007; Shaver & Mikulincer, 2002), o sujeito utiliza os esquemas cognitivos quando constrói novas relações, de forma a compreender os objectivos e intenções dos seus parceiros, agindo consistentemente com a forma como pretende ser tratado pelo Outro. A qualidade das interacções de vinculação irão determinar a valência das crenças relacionais, as quais parecem estar na base das diferenças individuais nos estilos de vinculação e, conseqüentemente, os MID do *self* e do Outro são construídos no contexto do SCV que se organiza em torno da procura de proximidade, com outras pessoas significativas, em momentos de necessidade.

Os MID permitem moldar a qualidade do relacionamento (Mikulincer, 2006), sendo que o casal romântico transforma-se em FV, e as necessidades associadas ao vínculo, os comportamentos e as expectativas são distintos, ou seja, diferentes tipos de relação (*e.g.* com amigos, pais, parceiro) exigem necessidades múltiplas e diferenciadas que manifestar-se-ão através de comportamentos e perspectivas igualmente desiguais (Overall, Fletcher, & Frieen, 2003). Nestas relações, os MID orquestram comportamentos, cognições, e emoções, direccionando o indivíduo sobre como se deve comportar, o que poderá esperar e antecipar, e como deverá interpretar situações ambíguas (Rholes & Simpson, 2004).

Bowlby refere que os MID permitem ao membros da díade (*e.g.* mãe-filho; casal romântico) antecipar, interpretar e conduzir as interacções (Bretherton & Munholland, 2008), sendo constituintes dos conhecimentos do sujeito sobre si e sobre a FV, pois a sua formação integra-se na relação de vinculação, que se baseiam na avaliação que o indivíduo realiza face ao seu próprio valor e aos níveis de confiança que tem com relação à FV, e a capacidade de resposta em satisfazer os desejos, as necessidades de apoio e protecção (Bowlby, 1973; Feeney & Noller, 1996; Soares, 1996).

Os modelos mentais podem ser seguros ou inseguros. Quando o sujeito consegue prever a disponibilidade física e psicológica do Outro e tem a percepção de si mesmo como sendo um ser digno e eficaz em situações que requerem conforto e apoio, estamos perante MID seguros. Quando o sujeito prognostica que a FV irá responder inconsistentemente ou com rejeição, e caracterizando-se por previsões de eficácia limitada e baixa auto-estima,

então estamos perante MID inseguros. Ao encontrarem-se estabelecidos, os MID irão servir a função heurística, ou seja, irão promover a procura de soluções, através da condução de operações e métodos sobre como se comportar nos momentos em que o SCV é activado (Bowlby, 1973).

Ao longo do tempo, a criança irá desenvolver um sistema comportamental, ou seja, MID com base nas interações que estabelece com os seus cuidadores, isto é, a criança irá estabelecer um conjunto de regras utilizadas para antecipar o comportamento futuro e as interações de vínculo e outras relações sociais (Bowlby, 1969; Bretherton & Mulholland, 2008). Os MID irão afectar o caminho do sujeito, desde a infância até à idade adulta, através da configuração das respostas cognitivas, comportamentais e emocionais nas relações íntimas (Dewitte, 2012).

Em síntese, os MID podem ser definidos como mecanismos que afectam o sujeito ao longo da sua vida, através das experiências de vinculação (Bowlby, 1988), actuando rapidamente no sujeito para que esta procure a proximidade com a FV, podendo ser activados ou desactivados consoante as necessidades disponíveis nos diferentes contextos (Pinedo & Santelices, 2006). Ao longo do percurso de vida do sujeito, as novas relações estabelecidas poderão promover mudanças nestes modelos internalizados, sendo que as novas interpretações dos acontecimentos passados, assim como as novas informações permitirão a integração e reorganização das experiências vividas e sentidas, contribuindo, igualmente, para alterações das representações mentais (Bowlby, 1989).

1.1.2. Mary Ainsworth e a Situação Estranha

Quando nos debruçamos sobre os trabalhos pioneiros na área da Vinculação, para além de John Bowlby, considerado o pai da TV, temos de nos referir, igualmente, à autora considerada a “mãe” desta teoria – Mary Ainsworth. Ao longo da sua obra ambos os autores aludem a relevância que a vinculação apresenta ao longo de todo o percurso de vida do indivíduo. Contudo, os autores focaram-se, essencialmente, na infância e, mais precisamente, na vinculação à figura materna (Canavarro et al., 2006).

Assim como Bowlby, parece que a relação de Mary Salter Ainsworth, psicóloga canadiana, com a vinculação é consequência das experiências vividas e sentidas na sua infância. (Mooney, 2010). Ainsworth afirmou que sentia que em casa, enquanto criança, e apesar de ter tido uma infância “ideal”, existiam algumas “correntes emocionalmente

perturbadoras” (Mooney, 2010, p. 25), que foram responsáveis pelas hesitações e dúvidas que tinha sobre si mesma (Karen, 1998; Mooney, 2010). Por conseguinte, é possível que a sua insegurança tenha-se reflectido na procura de uma carreira que lhe permitisse questionar, analisar e avaliar a forma como o vínculo seguro é formado (Mooney, 2010).

Consequentemente foi estudar psicologia para a Universidade de Toronto (Ainsworth, 1983; Ainsworth & Bowlby, 1991; Carrillo, 1999; Karen, 1998). Durante os anos em que esteve a estudar Psicologia, Ainsworth teve vários professores que influenciaram a sua forma de pensar, agir, afectando, igualmente, a sua vida profissional. Ainsworth teve, entre outras aprendizagens, de conhecer e perceber o método científico. Contudo, foi William Blatz que teve uma influência mais profunda, absorvendo a sua atenção ao introduzi-la numa teoria de desenvolvimento da personalidade – a *Teoria da Segurança (Security Theory)* (Ainsworth, 1983; Bretherton, 1992; Carrillo, 1999).

William Blatz, médico doutorado em Psicologia, foi um dos pioneiros a referir a importância da sensação de segurança, em todas as faixas etárias, e como sendo essencial nas relações sociais, possibilitando à psicóloga, em 1936, interligar os seus interesses pela vertente teórica e a empírica da investigação (Ainsworth, 2010).

No ano de 1966, Blatz publica o seu livro *Human Security: Some Reflections*, no qual apresenta a sua Teoria da Segurança onde defende que a criança deverá sentir confiança para adquirir capacidades e conhecimentos que permitirão, gradualmente, aumentar os níveis de confiança que tem sobre si mesma, promovendo a autonomização segura dos pais. Esta confiança surge através da base segura proporcionada pelos progenitores, sendo importante que nos primeiros anos de vida e durante toda a infância o indivíduo desenvolva uma dependência segura face aos mesmos, com o objectivo de obter capacidade para enfrentar e aprender a lidar com a insegurança implícita na exploração de ambientes desconhecidos (Ainsworth, 1983).

Etimologicamente o conceito de “Segurança” significa “sem preocupação” e tem a sua origem no latim (*sine+cura*), sugerindo “ocupar-se de si mesmo”, “sem ansiedade”, “sem medo” ou “livre de insegurança” (Ainsworth & Bowlby, 1991; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002).

O sujeito sente-se seguro através da sensação de segurança, o que implica que seja um sentimento, um estado de espírito que segue um caminho paralelo com a aprovação, face aos resultados de suas atitudes, sem que haja qualquer tentativa de evitá-las, e sendo acompanhada pela sensação de tranquilidade. A segurança é, por conseguinte, o objectivo de

todo ser humano, permitindo a aquisição da representação de uma mente saudável (Ainsworth, 1983, 1991, 2010; Bretherton, 1992).

A Teoria da Segurança de Blatz defende que, para que a criança seja introduzida em contextos estranhos, não familiares, necessita, primeiramente, de desenvolver uma dependência segura face aos progenitores ou à FV. Por conseguinte, a sua teoria tem o seu foco na importância que o conforto, o apoio emocional e os afectos que os pais proporcionam, permitindo que a criança sinta segurança. De igual forma, Blatz menciona a relevância da criança ter uma FV acessível, presente, alcançável e responsiva para que possa regressar à sua base segura, tendo, este conceito, sido desenvolvido por Ainsworth que alude que a criança utiliza um cuidador que a permita explorar o meio que a rodeia e para o qual sente que pode voltar para obter apoio emocional (Ainsworth, 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 2004).

Na medida em que se vive num mundo social, é impossível ser-se totalmente independente do Outro, existindo a necessidade de segurança dependente imatura em relação aos progenitores seja, progressivamente, ultrapassada e substituída por uma dependência madura face à rede social do indivíduo e ao parceiro romântico, acarretando a necessidade de um relacionamento em que cada um dos membros da díade consiga, na colaboração do seu parceiro, encontrar a sensação de segurança nas capacidades, conhecimentos e apoio emocional (Ainsworth, 1983).

A Teoria de Blatz distingue três tipos de segurança: (1) Segurança Dependente Imatura – a criança adquire sensação de segurança pois percebe que pode contar com a prestação de cuidados e protecção da FV. Caso a FV proporcione à criança conforto e segurança e uma base segura para investigar e aprender, permite que a mesma continue a sentir segurança, mesmo nas situações em que a exploração do mundo e a própria aprendizagem promovem-lhe a sensação de insegurança acompanhada de emoções de desânimo, receio, incómodo; (2) Segurança Independente – acompanhando o desenvolvimento da criança surge, gradualmente, a dependência de si mesmo, sendo que a transferência do primeiro tipo de segurança para o segundo, deverá estar completa no início da idade adulta; (3) Segurança Dependente Madura – a independência total não é desejável, pois o indivíduo necessita da relação com o Outro para sentir-se seguro (Ainsworth, 1983; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 2003).

O interesse demonstrado por Ainsworth face à Teoria de Segurança poderá ter sido responsável pela sua dissertação de Doutoramento (Ainsworth & Bowlby, 1991), tendo Blatz

a incentivado a aprofundar a sua teoria (Bretherton, 2004), intitulada - *An Evaluation of Adjustment Based on the Concept of Security* (Main, 1999) –, doutorando-se em 1939. A colaboração com Blatz teve um impacto profundo e essencial na sua contribuição futura na TV (Bretherton, 2004).

De igual forma, partilhou com Blatz o desejo em desenvolver medidas para avaliar o equilíbrio entre a segurança e a insegurança, e estratégias defensivas em todos os principais aspectos da vida do sujeito (Ainsworth, 1893; Bretherton, 2004). Na sua dissertação de doutoramento, a psicóloga tinha como objectivo a construção e desenvolvimento de escalas estandardizadas de auto-relato para avaliar a segurança e dependência (Ainsworth, 1893; Bretherton, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007). Consequentemente construiu dois instrumentos que estimavam o grau de segurança, em detrimento da insegurança, ou seja, o grau em que a segurança do sujeito tinha alicerces na dependência imatura, na dependência madura, ou em mecanismos defensivos (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 2004), tendo ignorado as concepções da Teoria de Blatz ao referir que a Teoria da Segurança não abordava adequadamente os processos defensivos, na medida em que rejeita a Teoria Freudiana sobre os processos inconscientes defendendo que unicamente os aspectos conscientes estavam envolvidos no desenvolvimento da personalidade (Ainsworth & Bowlby, 1991).

A sua extensa experiência no desenvolvimento de instrumentos de avaliação e diagnóstico, adquirida durante os anos em que se listou no Corpo de Exército das mulheres canadianas, no tempo em que foi voluntária no hospital de veteranos, e no trabalho desenvolvido, durante a II Grande Guerra, na avaliação clínica onde, através dos *workshops* de Bruno Klopfer, concentrou-se nas técnicas projectivas, principalmente no Rorschach (Ainsworth, 1983; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 2004; Main, 1999; Mikulincer & Shaver), foi importante quando, anos mais tarde, desenvolveu a classificação de vinculação (Bretherton, 2004).

Em 1950, acompanhou o seu marido para Londres tendo respondido a um anúncio de emprego da *Times Educational Supplement*, para investigar os efeitos que a separação materna, na primeira infância, tinha no desenvolvimento da personalidade (Ainsworth, 1967, 2010). Este anúncio tinha sido colocado por John Bowlby, referindo que era necessário o investigador ter conhecimentos e competências em técnicas projectivas, e acrescentava que o projecto de investigação iria realizar-se na *Tavistock Clinic* (Ainsworth & Bowlby, 1991; Mooney, 2010). Este evento veio alterar a sua vida e o seu percurso profissional, pois para

além de seu mentor, Bowlby tornou-se seu colega de investigação durante as décadas seguintes, já que ambos partilhavam o mesmo interesse: investigar quais as consequências que a separação precoce da FV revela no desenvolvimento da personalidade, principalmente na análise sobre o estudo das diferentes variáveis que afectam e ocorrem na separação entre criança-FV (Ainsworth & Bowlby, 1991; Carrillo, 1999).

Em vez de se concentrarem nas memórias de adultos inseguros, os autores acreditavam que observar a criança no seu meio familiar era a forma mais adequada de se avaliar a estabilidade emocional (Ainsworth, 1967). Através da observação directa, *in loco*, da criança no seu meio ambiente, os investigadores observaram e comprovaram que quando separada da mãe ou FV, a criança passa por uma angústia, um sofrimento inicial, depois pelo desespero e finalmente pela desvinculação, principalmente se a separação for superior a uma semana. Consequentemente, as observações permitiu-lhes concluir que o vínculo criança-FV não desaparece, aquando da separação, mas converte-se em ansiedade (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Em 1953 acompanhou o marido até ao Uganda, onde deu continuidade à investigação observacional, modelada nas pesquisas de Robertson (Bretherton, 2003), e iniciou um dos primeiros estudos sobre o desenvolvimento infantil do século XX (Mooney, 2010). Um dos seus principais objectivos foi o de registrar evidência empírica e investigar o comportamento de vinculação da resposta materna ao choro do bebé (Ainsworth & Bell, 1972).

Quando iniciou a sua investigação, Ainsworth acreditava que o comportamento de vinculação da criança associava-se à experiência de alimentação (Mooney, 2010). A investigadora recolheu uma amostra de 28 díades mãe-filho, bebés entre um e 24 meses de idade, e durante vários meses observou-os sistematicamente a cada duas semanas entre cada observação (Ainsworth & Bowlby, 1991; Mikulincer & Shaver, 2007). A psicóloga estava interessada em determinar a proximidade da díade e os sinais de comportamento. As suas observações permitiram-lhe perceber que a estrutura emergente de Bowlby, sobre as origens da vinculação, forneciam uma base teórica mais útil para se estudar o desenvolvimento do vínculo mãe-lactente, comparativamente com as propostas provenientes da teoria psicanalítica e da aprendizagem (Bretherton, 2003). Por conseguinte, Ainsworth ficou convencida quanto às consequências da orientação etológica do trabalho de Bowlby (Ainsworth & Bowlby, 1991), afirmando:

“The evolutionary-ethological orientation provided by even the earliest formulations of Bowlby's theory of attachment proved indeed to be helpful” (Ainsworth, 1983, p.212).

Ainsworth distanciou-se do conceito freudiano, tendo observado que os bebés, na fase oral, não eram um receptor de alimento, não eram passivos, pois procuravam activamente o contacto e a proximidade com a mãe nos momentos em que se sentiam em perigo, doentes, magoados ou assustados, ou quando a mãe se ausentava. A investigadora verificou, igualmente, a existência de uma prova excepcional referente à utilização da mãe como base segura para a exploração do mundo, e como refúgio de segurança. De igual forma, examinou os estádios primários da formação da vinculação, na cessação diferencial do choro (*e.g.* o bebé pode deixar de chorar quando a mãe o coloca ao colo, mas pode continuar a chorar caso seja outra pessoa a pegar nele), sorriso e vocalização diferencial, e num conjunto de novos comportamentos, como enterrar o rosto no colo da mãe, saudar a mãe quando esta regressa a casa (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991).

Quadro 1. Lista de comportamentos verificados por Ainsworth (1967) na sua investigação no Uganda com díades mãe-bebé

-
- Chorar quando a mãe se ausentava
 - Seguir a mãe (*e.g.* com o olhar)
 - Revelar inquietação sobre o paradeiro da mãe
 - Enterrar a cara no colo da mãe
 - Utilizar a mãe como um refúgio seguro nos momentos em que se depara com uma situação estranha
 - Correr para junto da mãe quando se assustava
 - Saudar a mãe sorrindo, cantando, aplaudindo, levantando os braços, revelando excitação geral
-

Adaptado de Mooney (2010)

Com a sua investigação longitudinal, baseada na TV de Bowlby e na Teoria da Segurança de Blatz, Ainsworth classificou os comportamentos de vinculação através da dicotomia: comportamentos activos ou comportamentos de sinalização (Ainsworth, 1967). Consequentemente agrupou os bebés ugandeses em três grupos distintos: seguramente vinculados; inseguramente vinculados; e desvinculados (Ainsworth & Bowlby, 1991). De acordo com a autora, os bebés com vínculo seguro choravam com baixa frequência, ou seja,

só choravam quando a mãe se ausentava ou proporcionava a sensação de que existia possibilidade de se ausentar; os bebés com vínculo inseguro choravam frequentemente mesmo quando a mãe estava presente, aparentavam vincular-se excessivamente e parecia que nunca perdiam a mãe de vista; e os bebés desvinculados eram deixados sozinhos, durante um espaço significativo de tempo, pela mãe não responsiva, indiferente, indisponível. Contudo, não choravam quando a mãe se ausentava e raramente procuravam o contacto com a mãe. Ainsworth defendeu que, como este terceiro grupo incluía os bebés com menos idade da amostra, existia a possibilidade dos mesmos ainda não terem desenvolvido uma relação de vinculação (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991).

Ainsworth confirmou que o choro funciona como um comportamento de vinculação, na medida em que quando a mãe se ausentava, e o bebé perdia, temporariamente, a proximidade e o contacto visual, auditivo e físico com a sua progenitora, o seu choro era activado, promovendo o contacto e proximidade entre mãe-bebé, pois a mãe respondia de imediato (Ainsworth, 1967).

A investigadora concluiu que a criança com vínculo seguro tem a capacidade de explorar e investigar o meio que a rodeia, sem sentir ansiedade, na medida em que sabe que poderá voltar para junto da mãe (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Mooney, 2010), enquanto a criança insegura parece ter uma mãe ansiosa, sendo que as próprias conjunturas familiares (*e.g.* mãe separada do pai; experiências de estresse) parecem que permitem a passagem da ansiedade, do estresse para o bebé, produzindo, possivelmente, o vínculo inseguro (Ainsworth, 1967). A autora teve em conta as diferenças transculturais ao afirmar que existe um complexo conjunto de circunstâncias que contribuem para a relação mãe-bebé e que a prestação de cuidados, para além de influir nessa relação, varia de cultura para cultura (Ainsworth, 1967).

Em 1956 foi trabalhar para a Universidade de John Hopkins, em Baltimore, e à medida que ia ganhando experiência clínica, Ainsworth continuou a analisar os resultados provenientes das observações realizadas no Uganda (Ainsworth & Bowlby, 1991; Mooney, 2010). Contudo, os resultados completos do estudo sobre o vínculo dos bebés ugandeses só foram publicados anos mais tarde, em 1967, através do livro *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love* (Ainsworth & Bowlby, 1991; Mikulincer & Shaver, 2007; Mooney, 2010).

1.1.2.1. A Situação Estranha

Após a publicação, em 1958, do livro escrito em parceria com o marido – *Measuring security in personal adjustment* – que abordava medidas de segurança (Ainsworth & Ainsworth, 1958 citado em Ainsworth & Bowlby, 1991), e de em 1962, ter publicado uma revisão de trabalhos sobre a privação e separação materna (Ainsworth, 1962 citado em Ainsworth & Bowlby, 1991), a motivação de Ainsworth para a realização de investigação foi reactivada por Bowlby, quando este a visitou em Baltimore (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Consequentemente em 1963, e baseando-se no estudo longitudinal e naturalista sobre a vinculação mãe-bebé, com os bebés ugandeses até ao primeiro ano de idade, a investigadora desenvolveu um novo estudo longitudinal, tendo como objectivo replicar o estudo do Uganda, mas com famílias americanas. Com tudo, a autora verificou que, enquanto no Uganda é frequente os bebés estarem, quase todo o tempo, junto de suas mães, os bebés americanos tinham mães que tanto estavam presentes, como se ausentavam, sendo que as reacções face à separação, assim como os efeitos da mesma, eram difíceis de ser observados (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Karen, 1998; Mooney, 2010), questionando se os comportamentos de vinculação eram universais (Mooney, 2010). Havia pouca oportunidade para se observar, num ambiente familiar (*e.g.* casa do bebé), o equilíbrio existente entre estes comportamentos e os de exploração sobre situações de alarme, de estresse (Ainsworth & Bell, 1970).

Com o objectivo de ultrapassar este obstáculo, Ainsworth desenvolveu um procedimento estandardizado, em contexto laboratorial e constituído por uma sequência fixa de oito episódios, onde incluiu um conjunto de elementos relevantes, de acordo com a TV, com o propósito de analisar a organização da vinculação num contexto relacional, promovendo uma situação de estresse (Ainsworth et al., 1978): (i) um ambiente estranho, desconhecido para a criança; (ii) interacções com estranhos; e (iii) separação e reencontro com a prestadora de cuidados (Bretherton, 1992; 2003).

Ainsworth colocou a hipótese de que a criança que não vivencia situações de separação prolongadas da mãe, e potencialmente traumáticas, não apresenta respostas desfavoráveis em episódios de reunião, ou seja, após episódios de separação. Consequentemente os oito episódios foram criados para se aproximarem o mais fidedignamente de situações que a maioria dos bebés experiencia no seu dia-a-dia, com o objectivo de activar e/ou intensificar o comportamento de vinculação. A psicóloga

investigadora avaliava se a criança utilizava a mãe como uma base segura e, através da qual, explorava o ambiente estranho, e observava em que medida o comportamento de vinculação se sobrepõe ao de exploração, nas situações de alarme introduzidas pela entrada de um estranho, e em condições de separação e de reencontro com a mãe (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth et al., 1978).

Conjuntamente com Barbara Witting designaram este procedimento de *Situação Estranha (Strange Situation)* (Ainsworth & Witting, 1969 citado em Ainsworth et al., 1978; Karen, 1998; Mooney, 2010; Soares, 2007), desenhado, originalmente, para uma exploração normativa, mas que acabou por fornecer um rápido método de avaliação da vinculação mãe-bebé (Ainsworth & Bowlby, 1991). Este procedimento providencia a oportunidade de se observar como o comportamento exploratório é afectado pela presença e ausência da mãe e por outras condições (Ainsworth & Bell, 1970). É um procedimento estruturado e laboratorial que se centra nas respostas da criança à separação e reencontro com a mãe em condições de estresse elevado e moderado, baseando-se nos conhecimentos de Bowlby sobre a perspectiva etológica que defende, para além da observação em contextos naturais, a existência de um conjunto natural de sinais para o perigo, individuais ou combinados (*e.g.* escuridão, contextos estranhos, isolamento, separação da FV que pode provocar medo, esforço da criança em manter proximidade com uma pessoa ou um contexto de protecção), que sinaliza um aumento de risco de ameaça, obrigando que ocorra algum tipo de acção para manter o indivíduo num ambiente seguro e familiar, rodeado por FV ou cuidadores de confiança. Contudo, o medo e o alarme podem intensificar-se caso exista mais do que um destes sinais (Main, Hesse, & Kaplan, 2008; Stable, 2010).

Após um período inicial de observações, a partir da terceira à 54 semana após o nascimento do bebé, em casa de cada uma das 15 díades, onde cada visita ocorria em cada três semanas, num período de quatro horas, num total de 72h (18 observações) de observação por diáde, com o objectivo de garantir que cada mãe sentia conforto suficiente para manter a sua rotina normal (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992), Ainsworth, conjuntamente com outros assistentes, Robert Marvin e George Allyn, acrescentou mais 11 díades mãe-bebé à amostra inicial. A observação directa do comportamento foi complementada por informação recolhida em conversas formais com cada uma das mães, e ao final do primeiro ano do bebé a diáde foi submetida a uma situação laboratorial de 20 minutos, aplicável em crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 18 meses, dando origem a um relatório preliminar (Ainsworth & Witting, 1969 citado em Ainsworth & Bowlby, 1991).

Cada uma das 26 díades era colocada numa sala equipada com chão rugoso, um espaço com jogos para a criança brincar, duas cadeiras e um espelho unidireccional, tendo a experiência sido dividida em oito episódios (envolvendo o bebé, a FV e a pessoa estranha), que compreendem duas separações breves e reuniões entre a FV e o bebé:

Quadro 2. Resumo dos oito episódios da Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978)

Episódio	Pessoas Presentes	Duração	Descrição da Acção
1	M, B, O	30seg	- O mostra a sala a M e B, e sai logo - M e B são deixados sozinhos na sala - M coloca B no local específico
2	M, B	3m	- M senta-se silenciosamente numa das cadeiras - B explora a sala sem interferência da M (M só participa se B chamar a sua atenção)
3	E, M, B	3m	- E entra: • 1º m: E sentado em frente da M, e calado • 2º m: E dialoga com M • 3º m: E aproxima-se gradualmente de B oferecendo-lhe um brinquedo • Depois do 3ºm, M deve sair discretamente
4	E, B	3m ou menos ^a	<i>Primeiro Episódio de Separação</i> - E brinca com B, tentando distrai-lo e, caso necessário, conforta-o
5	M, B	3m ou mais ^b	<i>Primeiro Episódio de Reunião</i> • M entra e E sai • M saúda e conforta B • M procura que B retorne a brincar • M sai mas agora diz Adeus
6	B	3m ou menos ^a	<i>Segundo Episódio de Separação</i> - B fica sozinho na sala
7	E, B	3m ou menos ^a	<i>Continuação do Segundo Episódio de Separação</i> - E entra na sala e interage com B
8	M, B	3m	<i>Sergundo Episódio de Reunião</i> • M reentra e saúda B • M saúda e conforta B • M procura que B retorne a brinca • E sai discretamente

Legenda. M: mãe; B: bebé; O: observador; E: estranho;

^a o episódio é encurtado se o bebé está indevidamente perturbado;

^b o episódio é prolongado caso haja necessidade de mais tempo para o bebé voltar novamente a envolver-se no jogo

Adaptado de Soares (2007)

Foi colocado por detrás do espelho unidireccional, um conjunto de observadores, que tirou fotos, mas não filmou qualquer experiência, e gravou num gravador de voz as narrativas

descritivas sobre cada uma das experiências com cada uma das díades, tendo sido utilizadas para análise quantitativa e qualitativa. Os comportamentos de interacção avaliados em cada um dos episódios foram: (i) proximidade e procura de contacto, que incluem comportamentos e gestos activos (*e.g.* locomoção, aproximar, agarrar, subir pelas pernas da mãe, inclinar-se), (ii) comportamentos de manutenção de contacto, referentes à situação posterior à da criança ter conseguido contacto (*e.g.* abraçar, apertar, segurar, orientação visual, protestar quando colocado no chão), (iii) comportamentos de evitamento da proximidade e interacção, ou seja, intensidade, persistência, duração e prontidão do evitamento da proximidade e da interacção à distância (*e.g.* ignorar o adulto, evitar contacto visual, olhar para longem afastar-se), e (iv) comportamentos de resistência face ao contacto e à proximidade, tentativas de bater, empurrar, irritar-se quando o adulto procura o contacto, contorce-se para ser colocada no chão, rejeita e atira os brinquedos. A descrição final dos dados só ficou disponível quase 10 anos depois (Ainsworth & Bowlby, 1991; Ainsworth, Bell, & Stayton, 1972; Ainsworth et al., 1978; Soares, 2007).

Ainsworth verificou que a criança explorava, vigorosamente, a sala e os brinquedos nas situações em que a mãe se encontrava presente, quando comparou com as outras situações: presença da pessoa estranha ou quando a mãe estava ausente (Ainsworth & Bell, 1970), tendo confirmado, igualmente, a existência de três condições essenciais, ideias centrais TV: (1) utilização da mãe como base segura para explorar o ambiente com confiança; (2) agitação nas separações transitórias; (3) medo na reunião com o estranho (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2007; Solomon & George, 2008).

1.1.2.1.1. Padrões de Vinculação

Para além de ter concluído que a separação activa o SCV e desactiva o de exploração, Ainsworth verificou diferenças individuais nas respostas das crianças às situações de separação e de reunião (Stable, 2010). A classificação do vínculo na infância baseia-se no comportamento da criança, que está a começar a caminhar, durante a Situação Estranha (Solomon & George, 2008), sendo que Ainsworth e colaboradores (1978) referiram a existência de três grupos de classificação provenientes da relação de vinculação da crianças e caracterizados por uma organização comportamental.

Na medida em que a avaliação do comportamento na Situação Estranha realiza-se de acordo com a variável bidimensional segurança – ansiedade, os grupos considerados

inseguros são, igualmente, designados de grupos ansiosos. Por conseguinte, as crianças foram divididas em três grupos que se caracterizam por distintos padrões de organização comportamental (Ainsworth et al., 1978): (B) Vínculo Seguro; (A) Vínculo inseguro-evitante; (C) Vínculo inseguro-resistente ou ambivalente (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2007; Solomon & George, 2008), que se associam ao comportamento da FV no quotidiano, particularmente quanto à sua acessibilidade, resposta e sensibilidade aos sinais e solicitações de protecção e conforto por parte da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bertherton, 1992).

Esta classificação sugere que as crianças que participaram nesta situação estandardizada apresentam diferentes expectativas cognitivas, ou MID, sobre como a FV irá responder-lhes nas situações de estresse (Kobak & Mdsen, 2008).

Quadro 3. Grupos de classificação de acordo com a Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978)

Grupo	Descrição
Seguro (B)	Caracteriza-se por comportamentos de procura activa de proximidade e de interacção com a mãe, principalmente nos episódios de reunião, ou seja, utilização da mãe como base segura para explorar o ambiente. Em momentos de separação procuram a FV; nas situações de reunião a criança cumprimenta activamente a mãe com sorrisos, vocalizações, gestos, procurando manter o contacto, não evitando a interacção com a FV
Inseguro-Evitante (A)	Caracteriza-se pela presença de comportamentos de evitamento na procura de proximidade, de interacção ou de contacto com a mãe após a separação, sendo comum ignorá-la ou isolar-se. As crianças deste grupo manifestavam pouca preocupação com a saída da mãe, com a separação. O comportamento de exploração, mantém-se constante ao longo de todos os episódios. Explora rapidamente demonstrando pouco afecto ou comportamentos seguros. A figura estranha é tratada similarmente que a FV. Durante o reencontro com a mãe, evita o contacto visual e quando a mãe a pega ao colo, quer ser colocada no chão, procurando distanciar-se da mãe, revelando mais interesse pelos brinquedos
Inseguro-Resistente ou Ambivalente (C)	Caracteriza-se pela manifestação ambivalente de comportamentos: criança balança-se entre a procura de contacto com a FV e a resistência activa a esse contacto, o que se observa principalmente durante os episódios de reunião, inibindo ou dificultando a exploração do meio. As crianças deste grupo apresentam, ao longo dos episódios, um comportamento de exploração pobre,

demonstrando comportamentos que manifestam irritação ou forte passividade. Nas situações de separação reagem com inquietação e angústia, e nos momentos de reunião têm dificuldade em serem confortadas, revelando pouco ou nenhum evitamento

Adaptado de Soares (2007) e Solomon e George (2008)

1.1.2.1.2. Desorganização da Vinculação – D

Main e Solomon (1986) verificaram que existia um conjunto de crianças que apresentava comportamentos heterogêneos e, como tal, inclassificáveis, não se integrando em nenhum critério original A-B-C (Ainsworth et al., 1978), o que os conduziu a desenvolver e classificar directrizes para categorizar as crianças inseguras num quarto grupo: Vínculo Desorganizado/Desorientado.

Estas crianças revelavam um conjunto diversificado de comportamentos contraditórios, incoerentes e sinais de extrema perturbação (*e.g.* medo da FV), que é caracterizado pela falta de objectivos observáveis, demonstrando que estas crianças não apresentavam estratégias coerentes de vínculo face à FV em situações de estresse, impossibilitando a sua classificação num padrão organizado (Main & Solomon, 1986).

A investigação de Ainsworth sobre a Situação Estranha foi essência para o desenvolvimento e aceitação da TV, devido a um conjunto de razões. Primeiro porque alterou a ênfase da teoria, das separações traumáticas para a qualidade da relação quotidiana; segundo porque providenciou uma base empírica para a TV, através de procedimentos replicáveis e controláveis em contexto laboratorial; terceiro porque desenvolveu um instrumento de avaliação que seria utilizado para o estudo da qualidade do vínculo; e quarto porque criou um sistema de três categorias de classificação (A-B-C), fáceis de se compreender, memorizar e utilizar por parte de outros investigadores (Moreira, 2006).

1.2. Vinculação na Idade Adulta

A trilogia de Bowlby, especialmente o segundo e o terceiro volumes (Bowlby, 1973, 1980), demonstram que as emoções são a inquietação central do seu estudo, tendo-se interessado nas causas e nas consequências da activação das emoções através da vinculação

para com uma FV (amor, ternura, alegria), separação da FV (ansiedade, raiva), e perda permanente da FV (sofrimento, tristeza, desespero) (Mikulincer & Shaver, 2008).

As observações de Bowlby centraram-se no comportamento infantil, tendo sido continuado pela investigação clássica da Situação Estranha de Ainsworth e colaboradores, que procuraram verificar até que ponto os cuidadores eram responsivos e demonstravam disponibilidade quando a criança manifestava sinais de necessitar de proximidade, conforto, com o desenvolvimento de três classificações de estilos de vínculo infantil: seguro, evitante, e ansioso-ambivalente (Ainsworth et al., 1978; Feeney, 2008; Feeney & Noller, 1990). A premissa principal da TV é a de que para o SCV seja activado ou desactivado de forma eficaz e eficiente, a criança deverá desenvolver modelos mentais da FV e de si mesmo na relação com a FV, sendo que os MID permitem que a criança se aperceba de que a FV se ausentou e reconhecê-la quando a mesma retorna (Berman & Sperling, 1994).

Após a fundação da TV, e durante as primeiras décadas, as investigações desenvolvidas centravam-se, essencialmente, na primeira infância, procurando estudar e analisar a relação diádica mãe-bebé (Arriaga, Veríssimo, Salvaterra, Maia & Santos, 2010). No entanto, ao longo das últimas décadas, as investigações têm-se focado na temática da continuidade da vinculação, tendo surgido um número significativo de estudos (Main et al., 1985) que fornecem resultados da continuidade do vínculo para outras fases do desenvolvimento, verificando a importância que esta variável apresenta nas relações de vinculação no adulto (Feeney & Noller, 1990).

A TV procura explicar como vínculo seguro se estabelece e desenvolve, e é importante em ajudar o sujeito a ultrapassar episódios temporários de dor, dúvida, aflição, tristeza, desconforto, e restabelecer a esperança, o optimismo e serenidade emocional, mas também explica como os vínculos inseguros desenvolvem-se e influem na regulação emocional, na adaptação social, e na saúde mental. Esta teoria refere, igualmente, que o sujeito, desde que nasce até à sua morte, tem tendência em confiar nas diversas FV para ganhar apoio com a regulação emocional, garantir uma base segura e um refúgio seguro (Mikulincer & Shaver, 2008). Parece que o SCV no adulto funciona similarmente que o SCV da criança, tendo ambos os sistemas o objectivo da sensação de segurança (Collins & Read, 1990).

Berman e Sperling (1994) definiram a vinculação no adulto como a propensão segura, regulada pelos MID, para efectuar esforços substanciais na procura e na manutenção da proximidade e de conforto, e de contacto com pelo menos uma figura singular que providencia capacidade subjectiva para a obtenção da segurança e protecção física e

psicoemocional. De acordo com as concepções explicadas por Ainsworth e Bowlby, a vinculação na idade adulta, similarmente ao vínculo na infância, define-se como um laço afectivo, mediado por conhecimentos e percepções construídos com base nas experiências de vínculo que o sujeito tem do *self* e do Outro, que tem como finalidade procurar e manter a proximidade com a figura que revela ter a capacidade para promover e proporcionar a sensação de segurança, conforto e protecção (Berman & Sperling, 1994; Bowlby, 1973).

A concepção da vinculação no adulto supõe duas ideias com conteúdos importantes para os métodos de avaliação, sendo que uma associa-se aos supostos aspectos normativos dos SCV e à sua pertinência ao longo do percurso de vida na idade adulta, e a outra refere-se à presença de diferenças individuais na formação da vinculação no contexto das relações interpessoais (Crowell, Fraley, & Shaver, 2008), sendo importante considerar os acontecimentos específicos da idade adulta para se entender as contribuições da TV no desenvolvimento do sujeito adulto (Faria, Fonseca Lima, Soares, & Klein, 2007).

Os estudos sobre o vínculo na idade adulta baseiam-se na TV de Bowlby (1969, 1973, 1980), procurando analisar e observar sobre prestação de cuidados, laços afectivos e processos de personalidade (Feeney & Noller, 1996; George, Kaplan, & Main, 1985; George & Solomon, 2008; Main et al., 1985; Simpson & Rholes, 1998), na medida em que a TV permite explicar as diferenças individuais nos diferentes estilos de vinculação, expondo e esclarecendo o porquê de alguns adultos apresentarem vínculo seguro e outros vínculo inseguro (Fraley, 2002).

Nas últimas décadas tem surgido um número significativo de investigações que procuram estudar a vinculação na idade adulta, sendo que, gradualmente, esta emergência tem vindo a aumentar, na psicologia do desenvolvimento, na psicologia social, pois os resultados alcançados têm demonstrado a importância das relações de vinculação no adulto para diversas áreas da sua vida. Alguns autores (Kiecolt-Glaser, Malarkey, Chee, Newton, Cacioppo, Mao, & Glaser, 1993; Kiecolt-Glaser, Newton, Cacioppo, MacCullum, Glaser & Malarkey, 1996; Kiecolt-Glaser, Bane, Glaser, & Marlakei, 2003; Robles & Kiecolt-Glaser, 2003) verificaram que estas relações – mãe-filho, de pares, e/ou românticas – são essenciais para a promoção de efeitos positivos no sistema imunológico do indivíduo, na medida em que os sujeitos que carecem de vínculos afectivos, apresentam maior probabilidade de doenças, perturbações mentais, sintomatologia depressiva, hábito de vida pouco salutareos, e morte (House, Landis, & Umberson, 1988; Kiecolt-Glaser & Newton, 2001). O vínculo inseguro ou a ausência de vínculos emocionais, e a desregulação emocional são comuns nos

comportamentos disfuncionais (Marganska, Gallagher, & Miranda, 2013), nas condições psicopatológicas e nas doenças psicossomáticas (Ciocca, Limoncin, Di Tommaso, Mollaioli, Gravina, Marcozzi, Tulli et al., 2015), e problemas de cariz sexual (Ciocca, Limoncin, Di Tommaso, Gravina, Di Sante, Carosa, Tullii et al., 2013; Ciocca et al., 2015).

A idade adulta pressupõe um conjunto de acontecimentos, como o fim da escolaridade, independência financeira, capacidade em viver e estabelecer-se no espaço próprio, casamento e maternidade / paternidade (Cavanaugh & Blanchard-Fields, 2006). No entanto, a presente investigação considera que o indivíduo encontra-se na idade adulta de acordo com os Art. 122º, e o Art. 130º do Código Civil Português, que afirma “é menor quem ainda não completou os 18 anos de idade” (p. 26) e “aquele que alcança os 18 anos de idade adquire plena capacidade para o exercício dos seus direitos (...)” (p. 27), respectivamente (Código Civil, 2010).

Investigadores na área da vinculação fundamentaram-se na concepção de Bowlby sobre os MID, por forma a definir com precisão como é que o desenvolvimento do sujeito é afectado pelas relações precoces de vinculação (Bowlby, 1973; Bretherton, 1985), sendo que os primeiros estudos sobre a vinculação no adulto utilizaram estas representações mentais ao abordarem o funcionamento do relacionamento, a experiência romântica e a continuidade do desenvolvimento da personalidade (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990, Hazan & Shaver, 1987). Collins e Read (1990) referem que a natureza e qualidade das relações amorosas na idade adulta são significativamente influenciadas pelas situações psicoemocionais que ocorreram durante a infância.

Ao longo dos anos um conjunto vasto de investigações definiu a TV como um alicerce essencial para a compreensão dos processos emocional e interpessoal que ocorrem na vida adulta (Shaver & Hazan, 1988), sendo essencial, quando se transporta o estudo da vinculação da infância para a idade adulta, perceber se a função de uma relação de vinculação é similar em ambas as fases de desenvolvimento. Berman e Sperling (1994) referem que a vinculação na idade adulta é a disposição estável que permite ao sujeito fazer esforços substanciais de forma a procurar e manter a proximidade e contacto com pelo menos uma pessoa específica que promove um potencial subjectivo de protecção e de segurança física e/ou psicológica, sendo essa disposição regulada pelos MID, ou seja, pelo esquema cognitivo-afectivo-motivacional construídos através das experiências e vivências do sujeito provenientes das relações interpessoais.

Weiss (1991) alude que existem três elementos de harmonia e congruência entre o vínculo na infância e na idade adulta: (1) uniformidade das particularidades emocionais e comportamentais, como o desejo de proximidade com a FV e a necessidade de conforto e segurança nas situações de estresse, e a ansiedade associadas à indisponibilidade da FV; (2) a generalização da experiência associada a componentes emocionais do vínculo durante a infância, que se irá manifestar nos relacionamentos vivenciados na idade adulta; e (3) a associação temporária dos fenómenos, pois a centralidade dos pares (amizade ou relação romântica) como FV, correlaciona-se com as FV primárias. O autor defende que a vinculação instituída na infância e a vinculação na idade adulta diferem entre si na medida em que o vínculo do adulto é tipicamente constituído entre pares, onde, como a maioria das situações de sobrevivência que não se encontram comprometidas, o SCV envolvido não se destaca significativamente de outros semelhantes e, frequentemente, as relações estabelecidas integram a dimensão da intimidade sexual. Porém, e de acordo com alguns autores (Crowell *et al.*, 2008; Weiss, 1991), a característica mais significativa na diferenciação do vínculo na infância e na idade adulta, é que nas relações de vinculação nos adultos, a prestação de cuidados é modificada com base no contexto e nas necessidades de cada um dos intervenientes na díade relacional.

A TV tem como premissa o estabelecimento de significativos vínculos emocionais com indivíduos específicos, sendo uma característica inata do ser humano, e, apesar da TV ter sido, originalmente, desenvolvida para explorar e explicar a natureza das relações estabelecidas entre o progenitor e a criança, Bowlby refere, de forma consistente, que o comportamento de vinculação não se limita à infância. O SCV presume funções que mantêm a segurança e a protecção do sujeito através do contacto com cuidadores, sendo que este sistema fica mais activo face a situações de adversidade, em que são comuns emoções como receio, cansaço, doença, angústia, sofrimento, insegurança, ansiedade, pois o indivíduo sente urgência em procurar protecção, conforto, segurança, apoio com os prestadores de cuidado, com o objectivo de os utilizar como um refúgio seguro e/ou base segura (Feeney & Collins, 2004).

As causas que provocam ansiedade e conduzem à activação do SCV vão sofrendo alterações ao longo dos estádios de desenvolvimento do indivíduo, acompanhadas pelo aumento da distância física, em detrimento da proximidade, com a FV. Estas modificações, associadas às necessidades do sujeito, ocorrem ao mesmo tempo que as competências sócio-

cognitivas desenvolvem-se, que o reforço da acção das representações mentais da FV e dos MID (Mikulincer & Shaver, 2007).

Quando a criança sente ameaça, activa o pré-inconsciente do SCV que permite a ampliação do acesso mecânico da cognição relacionada com o vínculo, assim como a probabilidade de acção, provocando a passagem para a activação consciente através de pensamentos conscientes na procura da proximidade. Contudo, no adulto esta passagem é mais intrincada, podendo não ocorrer a procura de proximidade, pois o indivíduo tem a capacidade de actuar intrapsiquicamente, ou seja, tem a capacidade de recorrer às representações mentais que tem da FV, sendo suficiente para promover a sensação de segurança (La Guardia, Ryan, Couchman, & Deci, 2000). De facto, a maturação da variável psicológica e social conduz à complexidade do processo de vinculação, esperando-se que o adulto preserve uma relação imparcial com a FV, activando outros sistemas como o da prestação de cuidados, alternando, sistematicamente, a função do sujeito vinculado e do elemento de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007).

Mikulincer e Shaver (2003 citado em Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Mikulincer, 2002) apresentaram um modelo acerca do sistema de controlo, como forma de determinar o funcionamento e activação do SCV na idade adulta. Este modelo, sensível à situação onde decorre a activação do sistema e aos aspectos associados com a personalidade, resume a dinâmica do SCV na fase adulta e as suas consequências interpessoais e intrapsíquicas considerando a acção de outros sistemas motivacionais, e considerando o propósito das estratégias, das crenças e das expectativas do *self* e do Outro, assim como as normas que geram a ansiedade e as relações interpessoais.

O modelo considera três módulos principais: (1) a procura da proximidade ocorre após a activação do SCV, sendo esta a primeira estratégia do SCV; (2) consequências positivas, pela utilização efectiva desta estratégia para obtenção do apoio e da segurança desejados; e (3) estratégias de vinculação secundárias (hiperactivação ansiosa ou desactivação evitante) enquanto resposta à indisponibilidade e não responsividade da FV. O primeiro módulo associa-se à activação do SCV, ou seja, à disponibilidade da FV que produz a sensação de segurança; o segundo módulo reforça a procura da proximidade e a vinculação segura, incluindo emoções positivas – conforto, orgulho, tranquilidade, segurança – promove percepções positivas de si mesmo e do Outro e estimula relações interpessoais confiantes e acções dirigidas ao desenvolvimento – exploração; e o terceiro módulo refere-se à viabilidade da procura da proximidade como uma estratégia de gestão do vínculo inseguro, conduzindo o

indivíduo a “escolher” usar estratégias de hiperactivação ou de desactivação face à sensação de insegurança. Nas primeiras estratégias – hiperactivação – o sujeito procura mais atenção da FV que é percebida como sendo insuficientemente disponível e responsiva, para prestar apoio e protecção, e associa-se ao estilo de vínculo ansioso, sendo o objectivo central o de obter um relacionamento de parceria (Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Mikulincer, 2002).

As estratégias utilizadas têm como objectivo a diminuição dos níveis de ansiedade, mas podem ter o efeito contrário, ou seja, podem induzir o aumento da frequência de emoções destrutivas e o surgimento de pensamentos e sentimentos negativos, promovendo mais ansiedade. As estratégias de desactivação têm como objectivo central manter a distância emocional do parceiro, inibindo a estratégia de vinculação primária, caracterizando o estilo evitante, pois o sujeito poderá negar as suas necessidades de vinculação e demonstrar ser auto-suficiente, apresentando pensamentos e sentimentos positivos e negativos face ao SCV (Mikulincer & Shaver, 2003 citado em Birnbaum et al., 2006; Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Mikulincer, 2002).

O SCV actua numa relação próxima com o SCE, sendo que a sua activação submete-se à sensação de segurança, disponibilidade, responsividade por parte da FV. No entanto, na idade adulta o *Sistema Comportamental Sexual* (SCS) apresenta uma função importante, sendo que nas relações duradouras este sistema tende a fortalecer a conexão emocional entre os parceiros e promover o desenvolvimento da RV (Fonseca, Soares, & Martins, 2006).

A TV defende que o comportamento sexual é governado por um SCS inato, activado através das diferenças individuais nas actividades e atitudes sexuais, tendo como função principal, na perspectiva evolutiva, a passagem dos genes de geração para geração, tendo como objectivo natural o envolvimento do sujeito em relações sexuais com um indivíduo do género oposto (Mikulincer, 2006; Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Mikulincer, 2006). Hazan e Zeifman (1994) referem que para além de a vinculação desempenhar um papel vital em modelar o funcionamento do SCS, o comportamento sexual pode influir no SCV ao promover o desenvolvimento de vínculos entre os parceiros sexuais, existindo evidência empírica de que ambos os sistemas integram uma relação recíproca (Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath, & Orpaz, 2006; Mikulincer, 2006). De facto, esta reciprocidade contribui para a qualidade de várias variáveis sexuais, como a satisfação sexual e a estabilidade da relação (Sprecher & Cate, 2004), as interacções sexuais (Feeney & Noller, 2004), entre outras.

Ao longo do seu desenvolvimento o sujeito tem a probabilidade e necessidade de estabelecer novas relações de vinculação, principalmente nos relacionamentos de intimidade, como amizade ou relações românticas, sendo que estes tornam-se em reais relações de vinculação porque promovem a proximidade, segurança, conforto, prestação de cuidados, protecção, perda e/ou separação (Fonseca et al., 2006). Bowlby (1969) relata que o facto da criança ou do adulto apresentar uma relação de vinculação com uma FV, não é sinónimo de que não possa estabelecer relações de vinculação com outras FV, ou de que as relações precedentes irão desaparecer.

Habitualmente as FV mais comuns na infância são os progenitores, mas à medida que o indivíduo vai evoluindo nas diferentes fases de desenvolvimento, a procura da base segura e do refúgio seguro é transferida para o grupo de pares, parceiros românticos, que irão assumir o papel de FV (Trinke & Bartholomew, 1997). Consequentemente, se na infância os progenitores encontram-se no topo da organização hierárquica, na idade adulta essa posição é, frequentemente, ocupada pelo parceiro romântico (Mikulincer & Shaver, 2007; Trinke & Bartholomew, 1997).

Realmente parece que as principais funções da vinculação, como a protecção, proximidade e segurança, mantêm-se nas relações íntimas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, mas, na idade adulta, existe a evidência de que FV principal é o parceiro romântico (Hazan & Zeifman, 1994; Zeifman & Hazan, 2008), apesar dos progenitores continuarem a ser utilizados como prestadores de cuidados, mas surgindo numa posição secundária, na hierarquia (Hazan et al., 2006), existindo a possibilidade de só cumprirem esse papel quando o parceiro romântico não tem capacidade para prestar cuidados, ou na ausência de um parceiro romântico. Algumas investigações (Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997) concluíram que o parceiro romântico ou o grupo de pares parecem ser utilizados, na idade adulta, como um refúgio seguro, em detrimento dos progenitores que continuam a desempenhar a função de base segura, sendo que a figura materna encontra-se num *status* especial. Contudo, à medida que o indivíduo vai envelhecendo esta função é transferida para os seus filhos adultos (Mikulincer & Shaver, 2007)

Frequentemente o sujeito adulto procura vincular-se com potenciais parceiros românticos (Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que quando a vinculação encontra-se ameaçada surgem estratégias de tentativa de recuperação do nível de proximidade desejado com a FV, e as representações mentais irão estabelecer-se através da experiência ganha na relação do indivíduo com o Outro significativo (Doumas, Pearson,

Elgin, & McKinley, 2008). As consequências da separação, como divórcio ou morte, são idênticas às verificadas por Bowlby (1973), tais como as reacções de protesto, desespero e desvinculação (Berman & Sperling, 1994), pois as relações de vinculação na idade adulta são similares às que ocorrem na infância, apresentando funções preponderantes no sentimento de segurança e, concomitantemente, na estabilidade emocional do indivíduo adulto (Weiss, 1991). No entanto, e apesar dessa similitude, no adulto as relações de vínculo são ordenadas numa grande heterogeneidade e singularidade (Zeifman & Hazan, 2008), e poderão servir a mesma função adaptativa que apresentam na fase da infância (Mohr, 2008).

O objectivo principal do desenvolvimento do estágio adulto é o estabelecimento da autonomia e da intimidade, sendo que o processo de diferenciação do *self* face ao Outro (*e.g.* pais), relaciona-se à construção da intimidade, da interdependência, e da partilha, no seio das relações íntimas (amizade ou românticas) (Faria et al., 2007). Da mesma forma, e paralelamente ao desenvolvimento de tarefas específicas surge a exigência da integração do SCS e o SPC com o SCV e o SCE, através da associação ao conjunto alargado de competências e conhecimentos comportamentais (Bowlby, 1969; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000).

Na idade adulta o desenvolvimento é complexo, exigindo que a avaliação do vínculo integre mais do que a observação dos padrões de comportamento, sendo que a transferência do foco no domínio comportamental para o campo representacional permitiu o surgimento de novas oportunidades para o desenvolvimento de métodos de avaliação que reflectem a complexidade do processo da vinculação neste estágio do desenvolvimento (Main et al., 1985). Enquanto na infância as FV são, habitualmente, os pais ou outro cuidador principal, na idade adulta existe uma variabilidade de FV que poderão ser mutáveis ao longo do percurso adulto (Mikulincer & Shaver, 2003).

Zeifman e Hazan (2008) referem que a vinculação no adulto é similar ao vínculo na infância, devido (i) ao contacto físico, no sentido da procura da proximidade e do contacto com a FV. López (1999) menciona que as semelhanças comunicacionais nas relações de intimidade na idade adulta e nas relações materno-filial são a interacção visual e comportamental, a interacção táctil, entre outras; (ii) os critérios de selecção, pois ambos os sujeitos – criança e adulto – vinculam-se ao cuidador que responde assertivamente às suas necessidades, sendo o perfil do cuidador habitualmente escolhido: responsivo, disponível, competente, agradável, e familiar; (iii) a reacção à separação, como o surgimento de níveis significativos de ansiedade e de estresse seguido de um estado depressivo e letárgico e, caso a

separação dure no tempo, a produção do despreendimento emocional ou sua reorganização (Bowlby, 1980); e (iv) os efeitos sobre a saúde biopsicoemocional, como a ruptura, a discórdia, e os ciúmes.

O SCV no adulto e o SCV na criança apresentam um conjunto de semelhanças, mas existem várias diferenças significativas que diferenciam estes dois sistemas: (i) na idade adulta a relação de vinculação operante é determinada pela prestação de cuidados (físicos, emocionais e/ou materiais) recíprocos e complementares, onde cada interveniente é emissor e receptor dos cuidados (Hazan & Diamond, 2000; Mikulincer, Florian, Cowan, & Cowan, 2002), promovendo um equilíbrio entre os três sistemas (SCV, SPC, e SCS); (ii) a relação de vinculação é activada por um conjunto de situações como o medo, que motiva a procura de refúgio seguro, os desafios, que originam a exploração de uma base segura, e os conflitos que promovem a procura da proximidade (Kobak & Duemmler, 1994); (iii) na idade adulta a procura e manutenção de proximidade não necessita, obrigatoriamente, do contacto físico ou da presença física da FV para que o adulto reestabeleça o seu equilíbrio emocional (West & Sheldon-Keller, 1994 citado em Zeifman & Hazan, 2008), na medida em que consegue agir intrapsiquicamente, recorrendo às representações mentais que tem da FV (La Guardia et al., 2000); e (iv) nas relações adultas o SCS encontra-se presente, sendo uma das motivações principais na indução do contacto, pelo menos nos primeiros meses de relacionamento (Zeifman & Hazan, 2008).

Foi na década de 80 do século XX que a psicologia do desenvolvimento debruçou-se no estudo da vinculação, como sendo um conceito que acompanha o indivíduo ao longo de todo o seu percurso de vida (Ainsworth, 1985; Bowlby, 2006; Kobak & Sceery, 1988; Kobak & Hazan, 1991; Main et al., 1985). Ainsworth (1985) defende que a maioria dos seres humanos estabelece laços afectivos com várias pessoas em diversas fases do seu desenvolvimento. Contudo, as investigações sobre este constructo só começaram a proliferar em 1980 (Simpson & Rholes, 1998), acompanhando o aumento do interesse sobre o vínculo e a personalidade ou psicopatologia nos adultos (Berman & Sperling, 1994). No entanto, a maioria destes estudos consistia na utilização de entrevistas (Kobak & Hazan, 1991; Main et al., 1985) e na metodologia Q das relações diádicas (*Q-sort*) (Kobak & Sceery, 1988; Vaughn & Waters, 1990; Waters & Deane, 1985). Através destes instrumentos standardizados procurava-se avaliar os mesmos padrões de vinculação do procedimento experimental original (Berman & Sperling, 1994).

1.2.1. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta

O principal interesse da TV (Ainsworth; 1967, 1985, 1991, 2010; Bowlby; 1969, 1973, 1980), assim como os conceitos actuais baseados no vínculo (Feeney & Noller, 1990; López, 1999; Simpson, Rholes, & Nelligan, 1992), promoveu o desenvolvimento de uma panóplia de medidas construídas para avaliar os padrões de vínculo adulto e explorar a relação entre estes padrões e os ajustes emocionais (Crowell et al., 2008; Garbarino, 1998).

A maioria das investigações sobre a vinculação baseou-se no sistema de classificação A-B-C da Situação Estranha de Ainsworth e colaboradores (1978), independentemente do tipo de amostra (Crowell et al., 2008). Contudo, alguns autores (Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira et al., 2006) referem a existência de duas correntes quando se estuda o vínculo no adulto. Moreira (2002; Moreira et al., 2006) defende a existência de duas tendências na abordagem da vinculação na idade adulta, sugerindo a designação de “abordagem implícita” e “abordagem explícita”. A primeira tem raízes directas no trabalho de Bowlby e Ainsworth e utilizam quase exclusivamente as técnicas de entrevista, pois os investigadores crêem que para se obter resultados válidos deve-se utilizar instrumentos implícitos, e fundamenta-se na ideia de que os MID subjacentes aos estilos de vínculo actuam inconscientemente (Hesse, 2008). A segunda abordagem é seguida por investigadores provenientes da psicologia social, sendo que as medidas de auto-relato são os instrumentos de mediação mais comumente utilizados, e baseia-se nas respostas do sujeito acerca dos comportamentos manifestados em cada um dos estilos de vinculação. No entanto, foi observado que ao associar-se as duas formas de avaliação, os dados alcançados remetem para uma correlação fraca, permitindo concluir que, possivelmente, entrevistas e instrumentos de auto-relato não avaliam os mesmos constructos (Crowell, Treboux, & Waters, 1999 citado em Moreira et al., 2006).

Actualmente o interesse e curiosidade sobre as questões relacionadas com avaliação da vinculação ocupam um espaço significativo de discussão, conduzindo à construção, desenvolvimento e validação de um conjunto vasto de instrumentos de avaliação com diferentes concepções, estimando domínios distintos (Canavarro et al., 2006). Contudo, se na infância a avaliação do vínculo procedeu-se, essencialmente, através da observação dos comportamentos na Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978), nas amostras com população adulta a estimativa deste constructo é desafiante para os investigadores, possivelmente porque este estágio de desenvolvimento é multifacetado e complexo, tornando mais difícil a

observação de comportamentos, devido às mudanças de maturação física, cognitiva e emocional inerentes ao processo de desenvolvimento (Sroufe & Waters 1977).

A avaliação da vinculação no adulto encontra-se associada a três enfoques: uma abordagem que se fundamenta em conceitos categóricos; as que assentam em conceitos dimensionais; e as abordagens prototípicas (Bartholomew & Shaver, 1998; Matos, 2002). O primeiro enfoque está enraizado nos trabalhos de Ainsworth e colaboradores (1978) e ocorre num contexto laboratorial, designando-se de Situação Estranha. Alguns autores (Hazan & Shaver, 1987) estudaram nas relações românticas adultas o sistema de classificação de três categorias de Ainsworth e colaboradores (1978), tendo construído e desenvolvido um instrumento de auto-relato, através do qual, o indivíduo tem de escolher, num conjunto de três parágrafos descritivos de cada um dos três padrões de vínculo A-B-C (evitantes, seguros, e ansioso/ambivalente), o estilo com que mais se identifica (Canavarro et al., 2006; Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990).

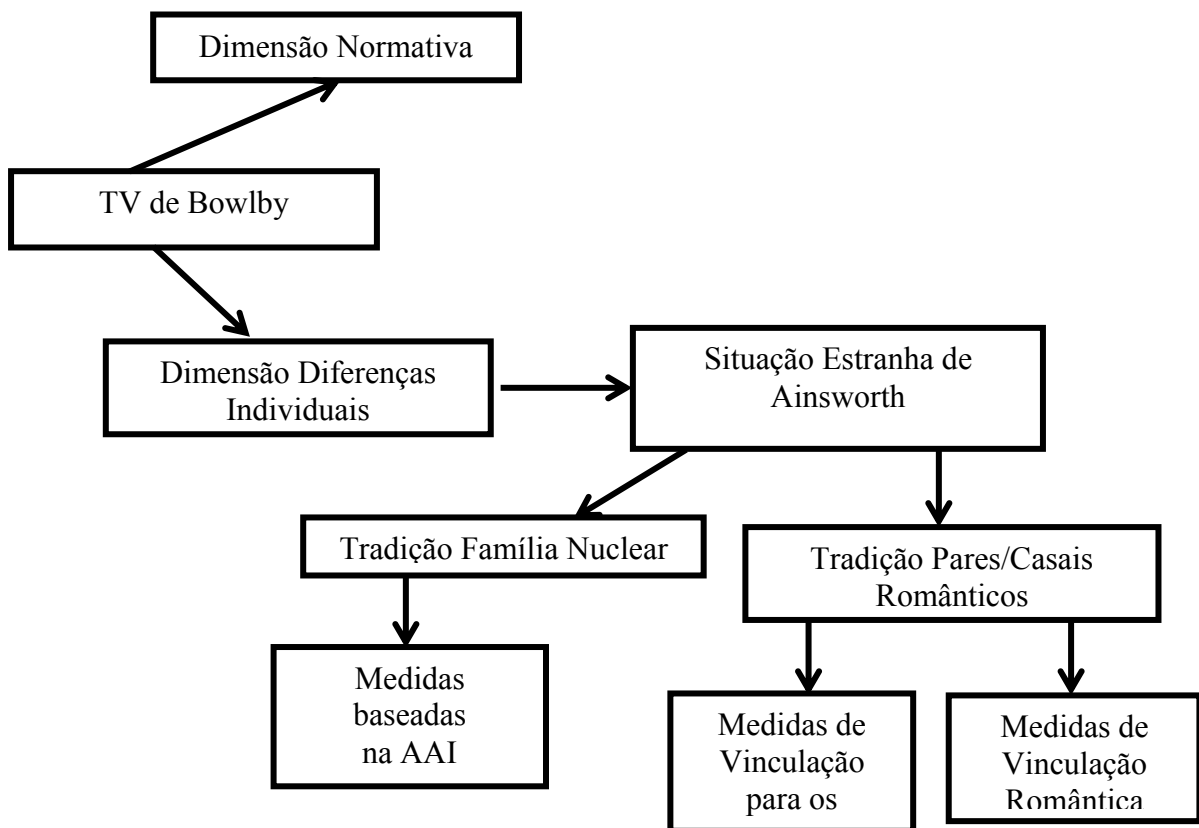
Na abordagem dimensional procurou-se ultrapassar os problemas metodológicos das medidas categóricas, o que conduziu à utilização de escalas contínuas, por parte de alguns investigadores (Collins & Read, 1990; Simpson, 1990) que, através dos três parágrafos descritos por Hazan e Shaver (1987), construíram um conjunto de itens numa escala tipo *Likert*, que convergiam em três dimensões: *Close*, *Depend* e *Anxiety* (Canavarro et al., 2006). Contudo, tal como a abordagem categorial, também a dimensional apresenta algumas limitações, como a perda de informação (Matos 2002), o que levou a que vários autores (Brennan & Shaver, 1995; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987) defendessem a utilização de ambas as abordagens, surgindo a abordagem prototípica que procura rectificar esta desvantagem, identificando as características de um determinado grupo de indivíduos e, paralelamente tem em conta as diferenças individuais (Canavarro et al., 2006). O modelo de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) baseia-se neste tipo de abordagem defendendo a existência de quatro categorias de vínculo (seguro, preocupado, desligado, e amedrontado) demarcados num espaço bidimensional determinado pela colocação positiva ou negativa face ao objecto dos MID, o *self* e o outro (Canavarro et al., 2006).

Na sua trilogia, Bowlby (1969, 1973, 1980) explica como é que o inato e transcultural SCV é activado em situações específicas, e estas particularidades fundamentais do SCV designam-se de "normativas", porque são a norma do desenvolvimento. As características normativas deste sistema requerem explicações evolutivas, na medida em que são evidentes,

começando da infância, e são partilhados pelos nossos parentes primatas mais próximos (Mikulincer & Shaver, 2007).

Simpson e Rholes (1998) defendem a existência de duas grandes tradições na investigação sobre a avaliação do vínculo na idade adulta: (1) pesquisas relacionadas com o vínculo na família nuclear. Utiliza-se as entrevistas para se avaliar a representação do vínculo nas relações precoces do sujeito; (2) estudos centrados na avaliação dos padrões de vinculação com os pais e/ou com os pares (românticos ou amizade). Os autores afirmam que estas tradições utilizam formas diferentes de estimar a vinculação, na medida em que têm as suas raízes na TV de Bowlby e na Situação Estranha de Ainsworth (Waters, Crowell, Elliott, Corcoran, & Treboux, 2002), sendo que a maior parte das investigações empíricas actuais centram-se no estudo das diferenças individuais em detrimento das funções e características normativas, independentemente do tipo de amostra (crianças, adolescentes ou adultos) (Simpson & Rholes, 1998).

Figura 1. Origem das duas tradições da investigação sobre a vinculação no adulto (Simpson & Rholes, 1998)



Fonte: Simpson e Rholes (1998).

Os diversos instrumentos de avaliação que têm surgido procuram investigar diversos domínios temáticos: (i) uns tentam examinar as memórias das experiências de vinculação, durante a infância e a adolescência – *Adult Attachment Interview* (AAI; George et al., 1985), (ii) outras medidas têm como objectivo estimar a qualidade relacional com as FV (pais ou pares românticos ou amigo); (iii) um conjunto de instrumentos que avalia o vínculo ao par romântico – *Adult Styles Measure* (ASM-1; Hazan & Shaver, 1987; 1990); *Attachment Style Questionnaire* (ASQ; Hazan & Shaver, 1990); *Adult Attachment Scale* (AAS; Collins & Read, 1990); *Relationship Questionnaire* (RQ; Bartholomew & Horowitz, 1991); *Relationship Style Questionnaire* (RSQ, Griffin & Bartholomew, 1994b); *Attachment Style Measure* (ASM-2; Simpson, 1990); *Marital Attachment Interview* (MAI; Dickstein, Seifer, St Andre, & Schiller, 2001); *Attachment Styles Prototypes* (ASP; Levy & Davis, 1988); *Current Relationship Interview* (CRI; Crowell, 1990 citado em Crowell & Treboux, 1995; Crowell & Owens, 1998); *Adult Attachment Questionnaire* (AAQ, Simpson, Rholes, & Nelligan, 1992; Simpson, Rholes, & Philips, 1996); *Experiences in Close Relationships Revisited* (ECR-R., Brennan, Clark, & Shaver, 1998a); *Experiences in Close Relationship Scale-Short Form* (ECR-S; Wei, Russel, Mallinckrodt & Vogel, 2007); e (iv) escalas que avaliam os padrões de vinculação ou outras variáveis associadas a este constructo – a *Measure of Attachment Qualities* (MAQ; Carver, 1997); e a *Attachment Style Scales* (ASS; Becker, Billings, Eveleth, & Gilbert, 1997) (Canavarro et al., 2006).

O método Q-Sort foi apresentado por Stephenson (1953 citado em Waters & Deane, 1985), e tem sido utilizado amplamente na avaliação da personalidade e na investigação do desenvolvimento (Waters, Garber, Gornal, & Vaughn, 1983), tendo, em 1985, sido desenvolvida o *Attachment Behavior Q-set*, que utiliza a metodologia Q-sort, sendo a versão mais recente do *Attachment Q-Set (Versão 3.0)* (AQS: Waters, 1995).

Numa segunda linha de investigação, psicólogos nas áreas da personalidade e social, como Shaver (Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988), Feeney e Noller (1990), e Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991) utilizaram as ideias e conceptualizações de Bowlby e Ainsworth, aplicando-as através de amostras de longa-escala, com o objectivo de estudar a vinculação adulta normativa. Aplicaram instrumentos de auto-relato desenvolvidos para estimar os estilos de vinculação (Berman & Sperling, 1994). De facto, a partir do momento em que Main e colaboradores (1985) descreveram uma medida de avaliação sobre o estado mental dos adultos com relação à vinculação, e que Hazan e Shaver (1987) aplicaram o conceito de vinculação nas relações românticas adultas, investigadores sobre esta variável na

idade adulta têm proliferado a um ritmo similar ao número de estudos sobre o vínculo infantil, nos anos imediatamente seguintes após a publicação dos resultados do estudo de Ainsworth e colaboradores (Zeifman & Hazan, 2008).

Resumindo, uma das linhas de investigação segue um enfoque de desenvolvimento baseado em entrevistas que, por ser um processo implícito, permite a compreensão e avaliação dos MID no momento actual do sujeito face às experiências de vínculo na infância (Hesse, 2008). A outra linha de investigação representada pela psicologia social e da personalidade, utiliza instrumentos de auto-relato sobre os pensamentos e sentimentos associados à vinculação no contexto das relações adultas (Cassidy, 2008).

1.2.1.1. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta em Portugal

Em Portugal tem sido elaborado um conjunto de estudos sobre a avaliação dos vínculos na adolescência e na idade adulta, permitindo contribuições como a validação e adaptação de alguns instrumentos estandardizados para amostras da população portuguesa. Na Universidade do Minho foi criado o *Grupo de Estudos de Vinculação* (GEV), constituído por um conjunto de investigadores (Inês Jongenelen, John Klein, Marina Carvalho, Vânia Lima, entre outros) sobre a coordenação de Isabel Soares, e que tem promovido o desenvolvimento e elaboração de variadas investigações na área da vinculação, contribuindo para a prática clínica, assim como para a literatura científica (Martins, Soares, & GEV, 2007). Isabel Soares, conjuntamente com os seus colaboradores, tem trabalhado na aplicação da AAI (Jongenelen, Soares, Grossmann, & Martins, 2006; Machado, Soares, & Silva, 1996; Soares, 1996a; Soares et al., 2002) existindo uma versão portuguesa (Soares, 1992) o que permitiu a sua utilização num conjunto de investigações empíricas realizadas em Portugal, sendo que algumas dessas pesquisas tiveram como objectivo a organização da vinculação em populações normativas de adolescentes e adultos (Machado, 1995), em amostras de risco (Jongenelen et al., 2006), e em amostras clínicas (Soares & Dias, 2007; Vilarinho & Nobre, 2006).

A AAI foi desenvolvida por George e colaboradores (1985) para a avaliação das diferenças individuais na representação do vínculo (Faria et al., 2007), permitindo, pela primeira vez, a estimação dessas diferenças na população adulta, na forma como o adulto conceptualiza as relações precoces com os seus progenitores e, posteriormente, testa a hipótese de que os MID da vinculação na idade adulta apresentam a sua base nos modelos da

infância (Hesse, 2008; Waters & Waters, 2006). Foi desenvolvida pois era necessário colocar em prática o conceito de MID proposto por Bowlby (1969-1980). Consequentemente, a AAI responde a esta necessidade ao avaliar a dimensão representacional do vínculo, assumindo que o processo mental diferencia-se do processo comportamental (Main et al., 1985).

A AAI baseia-se em duas premissas: 1) a memória autobiográfica é a reconstrução em curso do passado do indivíduo, à luz de novas experiências; e 2) a idealização do passado, principalmente das vivências negativas na infância, pode ser rastreado pelo estudo, separadamente, da forma e conteúdo da narrativa autobiográfica (Van IJzendoorn, 1995). É uma entrevista clínica semi-estruturada, de natureza biográfica, e que centra-se nas experiências precoces de vinculação e suas consequências. O seu foco é o *state of mind* (Main et al., 1985) do indivíduo face às experiências de vínculo precoces, dirigindo-se à avaliação da segurança do modelo interno de vinculação o da segurança do *self* relativamente ao apego, de forma geral, em detrimento de uma relação específica, actual ou pasada (Faria et al., 2007; Hesse, 2008; Main et al., 1985; Mikulincer & Shaver, 2007; Van IJzendoorn, 1995).

Neves, Soares, e Silva (1999) validaram o *Inventário de Vinculação aos Pais e Pares* (IPPA) que foi designado em Portugal de *Inventário da Vinculação na Adolescência* (IVA), enquanto Paula Matos desenvolveu o *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA, Matos, Barbosa & Costa, 2001). Em 1997, Canavarro validou a AAS (Collins & Read, 1990), tendo designado esta escala de *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA) (Canavarro et al., 2006); em 2000 Moreira e colaboradores (2006) validaram a versão portuguesa da ECR (Brennan et al., 1998a), tendo-a designado de *Experiências em Relações Próximas* (ERP); e em 2006 foi apresentada a versão portuguesa da *Reciprocal Attachment Questionnaire* (RAQ; West, Sheldon, & Reiffer, 1987) (Fonseca, Martins, Soares, Tereno, & Carvalho, 2006).

1.2.2. Medidas de Auto-Relato

Desde que Hazan e Shaver (1987) demonstraram a possibilidade de se utilizar medidas de auto-relato para se avaliar os padrões de vinculação (seguro, ansioso, e evitante) nos adolescentes e nos adultos em relações românticas, que têm surgido várias variantes e extensões à sua proposta (Brennan et al., 1998a).

Os instrumentos de auto-relato na avaliação do vínculo na idade adulta são distintos, tendo sido desenvolvidos por duas razões centrais: (1) avaliar os estilos de vinculação em

adolescentes e adultos; e (2) explorar a relação entre os estilos de vinculação e a qualidade dos percursos de desenvolvimento (Faria et al., 2007).

Bowlby afirmou que SCV era funcional na infância e durante todo o ciclo de vida do indivíduo, assumindo que o processo de vinculação deveria estar presente e visível nos adultos, principalmente na área sexual dos casais, tendo promovido o aparecimento de uma panóplia de investigações na área da vinculação na idade adulta (Brennan et al., 1998a; Faria et al., 2007).

1.2.2.1. Protótipo de três estilos de Vinculação de Hazan e Shaver

O primeiro estudo da segunda corrente, a abordagem explícita, foi desenvolvido por Hazan e Shaver, em 1987, tendo sido construída uma técnica de eleição forçada a um único item que estima os estilos de vinculação no adulto, a ASM-1 (Moreira et al., 2006). Parece que o propulsor da construção da ASM-1 teve associada às ideias de Weiss (1982 citado em Bartholomew & Shaver, 1998), no sentido de que Hazan e Shaver (1987) estudaram a solidão em adolescentes e adultos, de acordo com as doutrinas de Weiss de que a solidão crónica relaciona-se com o vínculo inseguro e, como tal, a maioria dos jovens adultos cronicamente solitários não teriam sucesso na procura de um vínculo romântico seguro (Bartholomew & Shaver, 1998).

Ao iniciarem as suas investigações sobre os estilos de vinculação romântica, Hazan e Shaver (1987) conceptualizaram o amor romântico como sendo um processo de vinculação. As suas investigações pioneiras são essenciais no estudo da vinculação, pois os autores concluíam que estes estilos nas relações românticas na idade adulta são afectados pelos estilos de vínculo da infância, através dos MID – do *self*, do outro, e da relação – que garantem o vínculo a longo do percurso de vida do sujeito (Hazan & Shaver, 1994).

Enquanto processo de vinculação (Fonseca et al., 2006), no estudo das relações íntimas, os investigadores (Hazan & Shaver, 1987; Shaver & Hazan, 1988; Shaver et al., 1988), extrapolando a partir da teoria e da literatura científica sobre o vínculo na infância, identificaram a versão adulta de três estilos de vinculação, adoptando a classificação de três categorias da tipologia de Ainsworth e colaboradores (1978) como a estrutura para conceptualizar as diferenças monográficas nas áreas de como os adultos pensam, sentem, e reagem quando inseridos numa relação romântica (Hazan & Shaver, 1987; Moreira et al., 2006)

De facto, nos seus estudos precoces, Hazan e Shaver (1987, 1990) desenvolveram uma breve descrição de três parágrafos, cada um correspondente a cada estilo de vínculo na infância, solicitando ao sujeito para escolher a afirmação que melhor correspondia à sua experiência, ou para qualificar o grau de similaridade entre cada parágrafo e a sua experiência. Os três parágrafos descreviam comportamentos, sentimentos, e ideias que os adultos, em cada um dos padrões de classificação de vinculação de Ainsworth e colaboradores (1978), deveriam demonstrar nas suas relações de vinculação na idade adulta (Moreira et al., 2006).

Hazan e Shaver (1987) criaram uma medida simples categorial, que foi designada de “estilo de vinculação” (*attachment style*), e que avalia três estilos relacionais – seguro, ansioso, e evitante – modelados a partir dos três padrões principais de vínculo mãe-criança descritos por Ainsworth e colaboradores (1978) (Schachner, Shaver, & Mikulincer, 2003).

Quadro 4. Três protótipos de vinculação propostos por Hazan e Shaver (1987, 1990), Shaver e Hazan (1988), e Shaver et al. (1988)

Estilo Vinculação	Descrição
Seguro	<p><i>“Considero ser relativamente fácil ficar próximo(a) de outras pessoas e sinto conforto quando dependo delas. Em geral, não me preocupo com a possibilidade de ser abandonado(a) ou de alguém se aproximar muito de mim”</i></p> <p>Este sujeito apresenta um juízo positivo de si e do Outro, caracterizando-se por estabelecer, sem qualquer dificuldade, relações de proximidade com outras pessoas, e por sentir conforto com e na intimidade. As suas relações referem-se à reciprocidade na prestação de cuidados. Ao considerar que é uma pessoa susceptível de ser amada, não demonstra preocupação em ser abandonada pela FV, sendo que esta constitui uma base segura nas situações adversas, sendo percebidas como sensíveis e responsivas face às necessidades. Tem maior probabilidade em descrever a relação romântica como feliz, confiável, e estável, referindo que os sentimentos românticos não desaparecem completamente</p>

“De alguma forma sinto-me incomodado(a) ao estar próximo(a) de outras pessoas; considero ser difícil confiar completamente nelas, difícil em permitir-me depender do Outro. Quando estou próximo(a) de alguém sinto-me nervoso(a) e, frequentemente, o parceiro romântico pretende que fique mais íntimo(a) do que o conforto que sinto em aproximar-me”

**Inseguro-
Evitativo**

Este estilo de vinculação caracteriza-se pelo desconforto face à potencial proximidade e intimidade na relação com a FV. Este sujeito acredita que o amor romântico raramente persiste, pois é improvável e impossível. As suas relações românticas são determinadas pelo medo da intimidade, ciúmes, e dificuldade de aceitação mútua e de confiar no Outro, na medida em que as FV não são responsivas em situações de adversidade. Tende a evitar a prestação de cuidados, pois percebe este factor como sendo uma dependência desagradável

“Acredito que o Outro revela-se relucante em aproximar-se de mim da forma de que gostaria. Frequentemente preocupo-me que o(a) meu(minha) parceiro(a) não goste de mim ou não queira estar comigo. Quero unir-me completamente com a outra pessoa, e este desejo, por vezes, assusta o Outro”

**Inseguro-Ansioso/
Ambivalente**

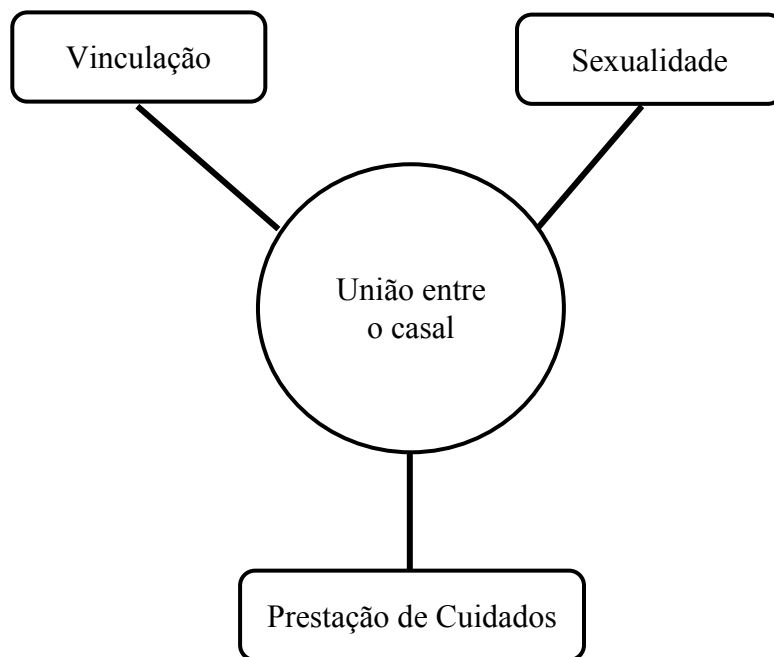
Este sujeito revela dificuldade em gerir a proximidade com as FV. Demonstra pouca confiança em si mesmo; apaixona-se com facilidade e rapidamente, mas acredita que não encontrou o “amor verdadeiro”, descrevendo-o como obsessivo. Frequentemente é ciumento(a), tem medo de ser abandonado na relação, e as relações íntimas são caracterizadas por um elevado desejo de reciprocidade, intenso desejo sexual, e variação emocional. Vincula-se com muita facilidade, muitas vezes mesmo antes de a relação estar estabelecida. Quanto à prestação de cuidados, estabelece, de forma repetida, relações assimétricas, ao cuidar ou ser cuidado de forma quase compulsiva, com baixa flexibilidade cognitivo-emocional para a mudança de papéis. Tem maior probabilidade em experimentar o “amor à primeira vista” e, como se apaixona muito

rapidamente, apresenta maior vulnerabilidade em relacionar-se com pessoas que o desiludem ou magoam. Demonstra níveis significativamente elevados de desespero, ira, e protesto

Os autores descobriram que o indivíduo com vínculo seguro, ansioso-ambivalente, e evitante utilizava três diferentes estilos de amor. Da mesma forma, Shaver e colaboradores (1988) verificaram a existência de características e dinâmicas similares entre a relação de vinculação entre a criança-FV, e o amor romântico na idade adulta, ou seja, as dinâmicas emocionais e comportamentais da relação criança-cuidador, e das relações românticas adultas são conduzidas pelo mesmo sistema biológico, pois os adultos sentem maior segurança quando o seu par romântico está próxima, acessível, e responsiva; as diferenças individuais observadas são consequência de expectativas e crenças que foram produzidas, por outras pessoas, sobre o *self* e as relações íntimas, de acordo com as histórias de vinculação.

Os laços desenvolvidos entre os pares românticos envolvem o SCV e o SPC e, muitas vezes, o sistema sexual/reprodutor (Ainsworth & Bowlby, 1991; Hazan & Shaver, 1994). Por conseguinte, os autores formularam a hipótese que estabelece que a experiência do vínculo na relação monogâmica, baseada na ideia do amor romântico, consiste na integração dos três sistemas de comportamento: o de vinculação, o de prestação de cuidados, e o sexual ou acasalamento sexual (Hazan & Shaver, 1994). De acordo com os autores, estes três sistemas seguem uma trajetória previsível de desenvolvimento, em que o SCV e o SPC aumentam em intensidade e importância, ao longo dos primeiros anos de relacionamento, enquanto o sistema sexual apresenta grande importância nos primeiros momentos da relação, com flutuações posteriores (Hazan & Shaver, 1994).

Figura 2. Os componentes de um protótipo da união entre casais românticos (Hazan & Shaver, 1994)



De entre os três sistemas comportamentais, o SCV é o primeiro a desenvolver-se, adaptando-se a qualquer cuidado com que se depara. O segundo sistema comportamental a emergir é o SPC, aprendido mediante a modelação do comportamento da principal FV, e no início da idade adulta o sistema sexual torna-se mais desenvolvido. Quando o SPC e o SCS se desenvolvem completamente, é possível que os MID do mundo social do indivíduo, construídos durante os primeiros da infância, activem-se (Shaver et al., 1988). O SCV parece apresentar um papel central, exercendo o grau de controlo sobre o SPC e, por surgir precocemente no processo de desenvolvimento do sujeito, funciona parcialmente de forma a oferecer um modelo cognitivo da vida social, em que o SPC poderá, mais tarde, ser utilizado para determinar as disposições mais desejadas. Consequentemente os autores (Shaver et al., 1988) assinalam que o SCV deverá ser considerado como a componente mais importante no amor romântico adulto (Moreira, 2002).

Nas suas investigações precoces Hazan e Shaver (1987, 1990) verificaram que os sujeitos relatavam padrões de vínculo romântico associados a variáveis teóricas relevantes, como crenças sobre o amor e os relacionamentos, memórias de experiências precoces com os progenitores, e experiências em ambiente laboral (Mikulincer & Shaver, 2007). Este primeiro instrumento de avaliação da vinculação no adulto foi utilizado em diversas e distintas

investigações, existindo, inclusive, uma versão de língua portuguesa (Moreira, Bernardes, Andrez, Aguiar, Moleiro, & Silva, 1988). A medida categorial de Hazan e Shaver foi usada em vários estudos, por ser um instrumento curto, com validade facial, e de fácil administração (Mikulincer & Shaver, 2007). No entanto, um grupo de pesquisadores (Collins & Read, 1990; Mikulincer, Florian, & Tolmacz, 1990; Simpson, 1990) reconheceu rapidamente que a medida de avaliação apresenta limitações diversas (Mikulincer & Shaver, 2007; Moreira et al., 2006).

Uma percentagem significativa de participantes lamentou a obrigação de eleger unicamente um parágrafo, referindo que mais do que um, ou nenhum, aplicava-se a si, ou considerava que apresentava características intermédias entre dois parágrafos; outros elementos da amostra relataram que se identificavam, unicamente, com algumas características descritas em pelo menos um dos parágrafos, mas não com todas (Moreira et al., 2006).

No que se refere às qualidades psicométricas, a medida de Hazan e Shaver apresentava, igualmente, limitações, na medida em que o resultado obtido de um único item deverá ter uma baixa exactidão (a fiabilidade) (Moreira et al., 2006); depois porque o nível de medição em que se situam os resultados obriga a restrições relativamente à análise estatística aceitável; e porque a eleição dos parágrafos, como um todo, impossibilitou a avaliação do axioma de que diferentes particularidades descritas em cada parágrafo seriam eleitas consistentemente pelas mesmas pessoas, assim como a suposição de que os três estilos propostos eram suficientes para a descrição do domínio das diferenças individuais na vinculação na idade adulta (Moreira et al., 2006).

Collins e Read (1990) referem que, apesar da investigação de Hazan e Shaver promover um passo essencial na exploração da relação entre o vínculo precoce e as experiências no amor romântico adulto, existem várias questões que ainda carecem de um exame mais pormenorizado, tendo os autores da medida (Hazan & Shaver, 1987, 1990, 1994) reconhecido a necessidade de surgir um conjunto de investigações adicionais, e de ser construído e desenvolvido um instrumento mais sensível para a estimação dos estilos de vinculação adulta. Se as representações mentais do *self* e do Outro são mecanismos análogos da continuidade entre idades, então é importante examinar detalhadamente o conteúdo dos MID e a sua relação com os estilos e a história de vinculação. Finalmente, se os estilos de vinculação apresentam implicações centrais para o comportamento no relacionamento, deverá ter um papel na escolha dos casais românticos, e na qualidade do relacionamento.

As limitações da medida de auto-relato de Hazan e Shaver (1987) propagaram, nos anos posteriores, o aparecimento de um número significativo de novos instrumentos com formatos mais adequados (Collins & Read, 1990; Moreira et al., 2006; Simpson, 1990), mas não impediram que as mesmas tenham sido utilizadas em diversas e variadas investigações. De acordo com Atkins (2008), existem vários estudos (Carver, 1997; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Kirkpatrick & Davis, 1994 citado em Moreira, 2002) que utilizaram uma ou outras das medidas de Hazan e Shaver (1987), sendo que os dados alcançados são muito similares, em cada um dos três estilos, e em cada uma das investigações.

Quadro 5: Distribuição dos sujeitos classificados em cada um dos três estilos de vinculação, de acordo com Hazan e Shaver (1987)

Investigação	Distribuição em cada estilo de vinculação (%)		
	Seguro	Evitante	Ansioso/ Ambivalente
Hazan & Shaver (1987)	56	25	19
Hazan & Shaver (1990)	55	30	19
Feeney & Noller (1990)	56	25	15
Collins & Read (1990)	63	27	19
Kirkpatrick & Davis (1994)	60	21	19
Carver (1997)	64	29	8
Situação Estranha ^a	67	20	13
AAI ^b	58	24	18
Parágrafos da Vinculação no adulto ^c	55	25	20

Nota. ^avan IJzendoorn e Sagi-Schwartz (2008). ^bBakermans-Kranenburg e van IJzendoorn (1993). ^cMoreira y colaboradores (1998).

Adaptado de Atkins, 2008, e Moreira, 2002

Estas limitações foram parcialmente suplantadas, através da avaliação do grau em que a experiência pessoal identificava-se com a descrição de cada um dos parágrafos, através de escalas de avaliação. No entanto, este método não fornece uma decisão eficiente porque evita apenas alguns problemas (Moreira, 2002), não originando muito entusiasmo entre os pesquisadores, e, conseqüentemente foi raramente utilizado (Brennan & Shaver, 1995; Hendrick & Hendrick, 1989).

Os três parágrafos foram segmentados em expressões, cada uma delas referente a um item, e respondida por uma escala de avaliação independente. Esta metodologia permite o cálculo dos coeficientes de consistência interna, e de precisão para a aplicação da *Análise Factorial Exploratória* (AFE), a fim de identificar as dimensões das diferenças individuais subjacentes às respostas (Moreira et al., 2006).

Vários autores começaram a apresentar os seus resultados, sendo que Simpson (1990) foi um dos primeiros investigadores a converter as afirmações referentes aos três padrões de Hazan e Shaver (1987), em itens independentes (Mikulincer & Shaver, 2007). O autor avaliou a vinculação através de um conjunto de 13 itens, cada um dos quais decompostos a partir das três descrições prototípicas da medida de Hazan e Shaver (1987), desenvolvendo a ASM-2 (Simpson, 1990). Cada um dos 13 itens é pontuado numa escala tipo Likert de sete pontos que vai desde “completamente em acordo” a “completamente em desacordo”, numa medida de auto-relato, sendo que os valores do *alfa de Cronbach* (α) foram de .51 para o estilo seguro, .59 para o estilo ansioso-ambivalente, e de .79 para o estilo evitante.

Em 1992, Simpson e colaboradores desenvolveram a AAQ que consiste, principalmente, nas frases originais de Hazan e Shaver (1987), sendo que duas dimensões ortogonais estão na sua base. A primeira dimensão mede os níveis elevados *versus* os níveis baixos níveis de evitação, isto é, a propensão em evitar ou afastar-se da proximidade e da intimidade nos relacionamentos, enquanto a segunda dimensão avalia os níveis altos *versus* níveis baixos de ambivalência, ou seja, a tendência a ter conflitos e pensamentos e sentimentos compensatórios sobre o que os outros podem contar nas relações. De acordo com este modelo bidimensional, o estilo de vínculo seguro é reflectido em pontuações mais baixas em ambas as dimensões (Simpson et al, 1992; Simpson et al., 1996).

O uso da AAQ e de outras medidas de auto-relato provou a robustez e a replicação das duas dimensões (Griffin & Bartholomew, 1994a). Além disso, estas dimensões prognosticam um conjunto de resultados comportamentais previstos pela TV (Simpson et al., 1996).

Em 1996, Simpson e colaboradores expandiram a AAQ de 13 para 17 itens, igualmente numa escala tipo Likert de sete pontos, com o objectivo de aumentar o valor da consistência interna da sub-dimensão “vínculo ansioso”. O indivíduo deverá indicar como se sente nas relações românticas, em geral. Posteriormente da análise factorial os autores observaram que a AAQ representa o estilo de vinculação adulta nas duas dimensões: estilo ansioso e estilo evitante, com valores de consistências interna de .70 e .74 para o estilo evitante, e de .72 a .76 para o vínculo ansioso.

Num procedimento mais heurístico da AFE, utilizado por Mikulincer e colaboradores (1990), realizada sobre conjuntos de itens derivados dos três parágrafos de Hazan e Shaver (1987) emergiram três factores, cada um deles com cinco itens, correspondentes aos três padrões originais de vinculação. Os autores mencionam ter obtido valores de consistência interna para as três dimensões entre .79 e .83.

Collins e Read (1990) seguiram uma abordagem similar e obtiveram, igualmente, 15 itens. Contudo, os autores adicionaram seis itens de sua autoria, três para cada um dos dois aspectos que não integraram a escala, tendo a medida ficado constituída por 18 itens, seis para cada um dos três estilos de vínculo. Em 1996, Collins revisou a AAS com o intuito de aumentar a consistência interna das sub-dimensões. Através da AFE os autores (Collins & Read, 1990) verificaram que o conjunto dos itens que emergiram da sua análise factorial formavam três factores, distintos dos observados por Mikulincer e colaboradores (1990), designando-os de *Dependência* – capacidade em confiar e depender do Outro e de ser responsivo quando é necessário –, *Ansiedade* – associado ao abandono, a não ser amado –, e *Proximidade* – conforto com a proximidade e intimidade. De facto, enquanto o factor estilo ansioso-ambivalente manteve-se equivalente, dois factores inter-relacionados pareciam centrar-se em aspectos dissimilares na distinção: seguro *versus* evitante (Moreira et al., 2006).

As dimensões Dependência e Proximidade apresentaram associações moderada ($r = .38$), sugerindo que pessoas que sentem que podem depender do Outro sentem mais conforto com a proximidade e a intimidade. A ansiedade correlacionou-se negativamente com a dependência ($r = -.24$), ou seja, quanto mais confia e depende do Outro menos sente que poderá ser abandonado ou não amado, não existindo quase relação com a proximidade ($r = -.08$). Os coeficientes de α variaram entre .69 e .75, sendo que a fiabilidade temporal, num intervalo de dois meses, apresentou valores de correlação entre .52 e .71 (Collins & Read, 1990). Porém, através da revisão de Collins (1996) os valores da consistência interna aumentaram, variando de .78 a .85.

A validade foi avaliada através da análise de função discriminantes, tendo demonstrado que a pessoa com estilo de vínculo seguro revela conforto com a proximidade e tem a capacidade em depender do Outro, não se preocupando com o abandono. Um sujeito com um estilo de vínculo evitante sente desconforto com a proximidade e a intimidade, não confia na disponibilidade do Outro, e não se preocupa, particularmente, com a possibilidade de ser abandonado, enquanto um indivíduo com um vínculo ansioso sente conforto com a proximidade, e revela confiar e depender, significativamente, do Outro, mas preocupa-se muito com a possibilidade de ser abandonado ou não amado (Collins & Read, 1990).

A análise de *Cluster* revelou que os sujeitos com resultados elevados nas dimensões Proximidade e Dependência, e valores baixos na Ansiedade, pareciam ter um estilo de vínculo seguro, enquanto os indivíduos com dados elevados na Ansiedade e moderados na

Proximidade e Dependência, pareciam ter um vínculo ansioso; resultados baixos nas três dimensões sugeriam um estilo evitante (Collins & Read, 1990).

Ao analisar-se os resultados alcançados nos estudos mencionados anteriormente é possível verificar que os mesmos relacionam-se com um modelo fundamentalmente bidimensional para o estilo de vinculação nos adultos (Moreira et al., 2006).

Os resultados alcançados nas investigações recentes que estimam os estilos de vínculo adulto (Feeney, Noller, Hanrahan, 1994a), a comunicação e satisfação relacional nos primeiros anos de casamento (Feeney, Noller, & Callan, 1994b), e a prestação de cuidados nas relações românticas (Kunze & Shaver, 1994), suportam o modelo bidimensional da vinculação adulta.

Feeney e colaboradores (1994a) também verificaram e referiram as limitações existentes na medida inicial de Hazan e Shaver (1987), o que os levou a investigar toda a literatura científica sobre a vinculação, de forma a perceber todas as contribuições dos autores clássicos, Bowlby e Ainsworth, tentando construir e desenvolver outra medida de avaliação (Mikulincer & Shaver, 2007). Os autores reformularam os itens de forma mais romântica, comparativamente com as medidas de Hazan e Shaver (1987, 1990), Simpson (1990), e Collins e Read (1990). Consequentemente, a ASQ é mais adequada para a população adolescente, que, subjectivamente, não tem tanta experiência nos relacionamentos românticos.

Inicialmente os autores construíram um instrumento – ASQ – constituído por 65 itens. Após a AFE a medida ficou constituída por 40 itens, num formato de resposta tipo Likert de seis pontos. Solicitava-se aos participantes que indicassem o grau em que cada um dos itens descreve os seus sentimentos e comportamentos nos relacionamentos íntimos, e não necessariamente românticos. Foi desenvolvida uma abordagem para as cinco dimensões de vínculo adulto, tendo sido utilizado um constructo que abrange as principais características descritas em três e quatro modelos de vinculação adulta (Feeney et al., 1994a).

As cinco dimensões foram designadas como: Falta de Confiança (em si mesmo e nos demais); Desconforto com a Proximidade; Necessidade de Aprovação e Confirmação pelo Outro; Preocupação com as relações; e Visualizar a relação como secundária (Feeney et al., 1994a). É evidente que as dimensões Desconforto com a Proximidade, e Visualizar a relação como secundária relacionam-se, conceptualmente, com o vínculo evitante, enquanto as dimensões Necessidade de Aprovação e Confirmação pelo Outro, e Preocupação com as relações estão conceptualmente associadas com o vínculo ansioso (Mikulincer & Shaver,

2007). O estudo de Brennan, Wu e Loev (1998b) demonstrou correlações das duas primeiras dimensões – Desconforto com a Proximidade, e Visualizar a relação como secundária – com o factor evitativo, tendo apresentado valores de .90 e .61, respectivamente, enquanto as outras duas variáveis, Necessidade de Aprovação e Confirmação pelo Outro, e Preocupação com as relações, revelaram associações de .86 e .62, respectivamente, com o factor ansioso. A dimensão Falta de Confiança apresentou uma relação forte ($r = .70$) com o vínculo evitante (Brennan et al., 1998b; Mikulincer & Shaver, 2007).

Quanto às qualidades psicométricas Feeney e colaboradores (1994a), observaram valores de α , nas cinco dimensões, de .76 a .84, senso que a fiabilidade temporal, com um intervalo de 10 semanas, revelou associações de .67 a .76.

A ASQ tem sido utilizada em diversas investigações com adolescentes e adultos, o que contribui com dados adicionais sobre a fiabilidade e validade do instrumento (Mikulincer & Shaver, 2007). Num estudo realizado por Fossati e colaboradores (2003), a estrutura de cinco factores foi confirmada numa versão italiana da ASQ, tanto com amostras clínicas como não clínicas. Os autores verificaram que estas cinco dimensões integravam dois factores: o vínculo ansioso, e o vínculo evitante.

Os numerosos ensaios científicos em construir instrumentos multi-itens (AAS, ASQ, AAQ) revelaram a existência de duas grandes dimensões subjacentes às medidas de auto-retrato dos estilos de vinculação: ansiedade, associada ao abandono, separação ou amor insuficiente, e a evitação da intimidade, dependência ou da expressão emocional (Mikulincer & Shaver, 2007). A hipótese de que existe um modelo bidimensional para os estilos de vinculação adulta foi fortalecida com o surgimento da proposta teórica de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) – o esquema bidimensional de quatro categorias conceptuais, no âmbito da vinculação adulta (Brennan et al., 1998a).

1.2.2.2. Modelo Bidimensional de Bartholomew

No seu artigo, em 1990, Bartholomew argumentou que os três parágrafos de Hazan e Shaver (1987) fracassaram no objectivo de distinguir entre sujeitos que, apesar de terem a capacidade de reconhecer as necessidades de vinculação, evitavam satisfazê-las devido ao medo da intimidade, e os sujeitos que negavam qualquer necessidade de vínculo e adoptavam uma abordagem independente (desvínculo) nas relações. A autora assinalou que a AAI e as medidas de Hazan e Shaver focavam-se, possivelmente, em diferentes pontos da evitação nos

adultos e que, apesar desta distinção, provavelmente, não ser protuberante na infância, promovia potenciais consequências, e seria importante na idade adulta. Consequentemente, a investigadora propôs o estabelecimento desta distinção, com o aumento dos estilos de vinculação principais, de três para quatro padrões de vínculo (Bartholomew, 1990).

No mesmo artigo, Bartholomew (1990) apresenta a sua segunda grande contribuição para a literatura científica sobre este constructo, ao postular a existência de uma teoria baseada na organização destes quatro estilos de vinculação, referindo que subjacentes a estes estilos estariam as proposições teóricas de Bowlby (1969, 1973, 1980), os MID.

Consequentemente, uma representação positiva do *self* e do par relacional associava-se ao estilo seguro, e uma representação negativa de si mesmo, mas positiva do Outro caracterizava ao estilo ansioso-ambivalente. Quanto ao estilo evitante, a autora propôs uma distinção entre dois grupos, consequentes da comprovação de que a AAI (George et al., 1985) e as respostas aos três parágrafos de Hazan e Shaver, revelam diferenças preponderantes na asserção do constructo de evitamento (Matos et al., 2001): amedrontado, ou seja, sujeitos que desejam a proximidade mas evitam-na porque, ao mesmo tempo, receiam as consequências, e desinvestido, que nega qualquer desejo de contacto íntimo com o Outro (Bartholomew, 1990; Moreira et al., 2006).

No estilo amedrontado o sujeito apresenta uma representação negativa de si e do outro, e no estilo de vinculação desinvestido, uma representação positiva de si mesmo e negativa do Outro (Bartholomew, 1990). A autora defende que estas dimensões representacionais deverão ser consideradas como independentes, podendo situar-se esquematicamente num simples domínio positivo *versus* domínio negativo, em que o sujeito poderia obter os quatro estilos de vínculo no seu modelo ao cruzar sistematicamente as hipotéticas variedades positiva e negativa da representação mental de si e do Outro (Bartholomew 1990; Moreira, 2002).

O seu modelo bidimensional (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) organiza-se em torno da positividade e da negatividade de duas dimensões latentes, retratadas por dois modelos – do *self* e do Outro –, tendo em conta os MID, e que apresentam expectativas gerais acerca do valor do de si mesmo, e da disponibilidade do Outro. Da intersecção entre estas duas dimensões resultam quatro padrões de vinculação prototípicas da regulação afectiva e do comportamento interpessoal em contextos de proximidade emocional (Matos et al., 2001).

Bartholomew demonstrou a possibilidade de se avaliar os quatro estilos de vinculação e/ou as duas dimensões, em amostras de adolescentes e adultos, através do uso de questionários ou entrevistas codificadas (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a; Scharfe & Bartholomew, 1994). A autora classificou as duas dimensões do modelo do *self* e do modelo do Outro, utilizando a designação “ansiedade” e “evitação” (Scharfe, 1996), propondo que o negativo modelo do *self* relaciona-se intimamente com a ansiedade de ser abandonado, e que o negativo modelo do Outro associa-se intrinsecamente com o comportamento evasivo (Brennan et al., 1998a). As dimensões são definidas em termos de ansiedade, no eixo horizontal, e de evitação da intimidade no eixo vertical (Bartholomew, 1990).

Figura 3. Modelo bidimensional de quatro categorias da vinculação adulta de Bartholomew (1990)

		Modelo do Self (Ansiedade)	
		Positivo (Alta)	Negativo (Baixa)
Modelo do Outro (Evitação)	Positivo (Alta)	<i>SEGURO</i> Conforto com a intimidade e autonomia	<i>PREOCUPADO</i> Preocupado com as relações
	Negativo (Baixa)	<i>DESINVESTIDO</i> Rejeitando a Intimidade Contra-dependente	<i>AMEDRONTADO</i> Medo da Intimidade Socialmente Evitante

Fonte: Bartholomew e Horowitz (1991)

Seguindo os trabalhos de Main e colaboradores (1985), Bartholomew e Horowitz (1991) desenvolveram uma entrevista de vinculação entre pares, para avaliar a localização do sujeito na tipologia de quatro categorias e, conseqüentemente, dar continuidade ao trabalho de Hazan e Shaver (1987). Os autores construíram e desenvolveram a RQ, uma medida de auto-relato (Bartholomew & Horowitz, 1991) baseada na classificação cruzada de modelos

positivos e negativos de si mesmo e do Outro (Lopez & Brennan, 2000), constituída por um modelo de afirmações múltiplas que contem as descrições dos quatro tipos teóricos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Mikulincer & Shaver, 2007; Moreira, 2002).

Quadro 6: Parágrafos de Bartholomew e Horowitz (1991)

Seguro	<i>Para mim é fácil estar emocionalmente próximo(a) do Outro. Sinto conforto em depender do Outro e deste depender de mim. Não me preocupo em ficar só ou de não ser aceite</i>
Amedrontado	<i>Sinto desconforto em aproximar-me emocionalmente do Outro. Quero ter relações emocionalmente próximas, mas é difícil confiar totalmente no Outro, ou depender dele. Preocupa-me a possibilidade de sentir desconforto e incómodo se ficar muito próximo(a) do Outro</i>
Preocupado	<i>Quero ser total e emocionalmente íntimo(a) com o Outro, mas parece-me que, muitas vezes, os outros estão relutantes em aproximarem-se de mim, da forma como eu gostaria. Sinto-me desconfortável em estar sem um relacionamento próximo, mas às vezes preocupo-me que os outros não me valorizam tanto quanto eu os valorizo</i>
Desinvestido	<i>Sinto-me confortável sem uma estreita relação emocional. É muito importante sentir-me independente e auto-suficiente, e prefiro não depender dos outros, ou o que os outros dependam de mim</i>

Três dos quatro parágrafos – seguro, preocupado, e amedrontado – são similares aos três protótipos de Hazan e Shaver (1987) – seguro, ansioso, e evitante. Porém, a auto-suficiência, auto-confiança e independência compulsivas enfatizadas no estilo de vinculação desinvestido de Bartholomew e Horowitz (1991), não foram bem representados na medida de Hazan e Shaver (1987) (Mikulincer & Shaver, 2007). Segundo Mikulincer e Shaver (2007), isso pode explicar o porquê dos estudos anteriores (Levy & Davis, 1988 citado em Mikulincer & Shaver, 2007), com base em protótipos de classificação, descobriram que a segurança e a evitação eram extremos opostos de uma única dimensão, ao passo que a ansiedade era uma dimensão separada e ortogonal ou seja, Hazan e Shaver (1987) definiram, fortuitamente, a evitação de forma mais semelhante ao medo.

Quanto às características psicométricas, Griffin e Bartholomew (1994a) sustentaram a validade de constructo desta tipologia em estudo utilizando, mediante a utilização de múltiplas estratégias de traços, conduzindo à observação de dados de amigos, casais íntimos.

Apesar da RQ apresentar associações significativas com a tipologia de classificação de Hazan e Shaver (1987), este instrumento apresenta algumas limitações. Canavarro (1999)

refere a existência de poucas investigações que demonstram a relação entre estes padrões de vinculação e as suas origens na infância, enquanto Lopez e Brennan (2000) mencionam que esta tipologia não permite a identificação de distorções cognitivas que constituem as crenças sobre si mesmo e sobre o Outro, como a maximização *versus* minimização do valor de si e do Outro.

Na pesquisa realizada por Brennan, Shaver, e Tobey (1991) foi comparada a classificação dos três estilos de Hazan e Shaver (1987) com a tipologia de quatro protótipos de Bartholomew e Horowitz (1991), tendo os autores verificado que as medidas ficaram reduzidas às mesmas duas dimensões: uma variando de estilo seguro a estilo amedrontado ou evitante, de acordo com Hazan e Shaver (1987), e outra variando de preocupado (ansioso ou ansioso/ambivalente) a desinvestido. Este estudo comparativo permitiu verificar e corroborar as afirmações de Mikulincer e Shaver (2007), quando aludiram que os primeiros três estilos da medida de quatro categorias de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) tinham boa conformidade com os protótipos de Hazan e Shaver (1987), e que os sujeitos classificados de desinvestidos foram avaliados através da utilização do modelo das três categorias, como seguro ou evitante.

É solicitado a cada participante para ler cada uma das descrições e referir o grau, numa escala de Likert de sete pontos, em que a descrição se assemelha a cada um dos seus “sentimentos sobre as relações íntimas”. Seguidamente, pede-se para indicar o grau em que cada afirmação é similar com o estilo relacional do seu par romântico (Scharfe & Bartholomew, 1994). No que se refere às qualidades psicométricas, o estilo seguro e o estilo amedrontado revelaram associações negativas entre si (-.65), sucedendo o mesmo na correlação entre o estilo preocupado e o estilo desinvestido (-.37). Quanto à consistência interna, foram valores baixos de fiabilidade (Scharfe & Bartholomew, 1994).

Adicionalmente à RQ, Bartholomew desenvolveu uma versão – a RSQ – na qual os parágrafos se dividiram em 30 itens e são avaliados individualmente, podendo ser utilizada para criar um resultado para o sujeito em cada um dos quatro estilos de vínculo, e poderá ser igualmente usada para colocar o indivíduo nos espaços bidimensionais (Griffin & Bartholomew, 1994b).

1.2.2.3. Brennan e colaboradores e as duas dimensões da Vinculação Adulta

Actualmente o principal estudo que está na base do modelo bidimensional é o de Brennan e colaboradores (1998a). Nos últimos anos o desenvolvimento de medidas estandardizadas sobre a vinculação adulta proliferou, o que conduziu a que os autores, como tentativa de acabar com essa propagação, realizaram uma recolha exaustiva dos itens associados com o vínculo, sendo que esta pesquisa começou 10 anos antes, aproximadamente (Brennan & Shaver, 1995). Por conseguinte, obtiveram um total de 323 itens, distribuídos em 60 escalas. Posteriormente, os autores realizaram uma análise factorial com os itens de todas as medidas de auto-relato sobre o vínculo adulto que foram desenvolvidas até ao fim da década de 90, tendo o estudo sido constituído por 1086 estudantes universitários (Brennan et al., 1998a; Mikulincer & Shaver, 2007; Moreira et al., 2006). O objectivo foi o de compilar todos os itens de todos os instrumentos existentes para a avaliação das principais dimensões de Ainsworth, maximizando a consistência interna (Brennan et al., 1998a). De facto, parece que actualmente existe o consenso de que a vinculação adulta consiste em duas dimensões: o vínculo ansioso, e o vínculo evitante (Mikulincer, Shaver, & Pereg, 2003).

Brennan e colaboradores (1998a) verificaram que da AFE emergiram dois factores com maior peso e associações significativas com todas as escalas. A interpretação realizada pelos autores para explicar estes dados alcançados foi o de que todos os constructos propostos pelos diferentes autores estariam integrados nestas duas dimensões – ansiedade e evitação (Brennan et al., 1998a; Mikulincer & Shaver, 2007; Moreira et al., 2006).

De entre o número inicial de itens, os autores seleccionaram os 36 que apresentavam associações mais elevadas com os factores, tendo proposto 18 itens para avaliar o vínculo ansioso, e outros 18 itens para a estimação do vínculo evitante, conduzindo à construção e desenvolvimento da medida ECR (Brennan et al., 1998a; Mikulincer & Shaver, 2007; Moreira et al., 2006). Cada uma das duas dimensões apresentou associações de .95 com o respectivo factor, e uma correlação baixa entre si (.11) consistente com princípio teórico de independência entre as duas dimensões (Moreira et al., 2006).

Actualmente as pesquisas realizadas na área da vinculação adulta têm chegado a um consenso na existência de duas dimensões contínuas – ansiedade, e evitação (Schachner et al., 2003).

Figura 4. Modelo Bidimensional da vinculação do adulto de Brennan e colaboradores (1998a)



Adaptado de Brennan e colaboradores (1998a)

No que se refere às características psicométricas, as mesmas não foram analisadas no estudo original (Brennan et al., 1998a; Moreira et al., 2006). Este instrumento tem sido utilizado em investigações variadas e recentes com temáticas distintas (Jerome & Liss, 2005; Marazzitti, Consoli, Albanese, Laquidara, Baroni, & Dell’Osso, 2010; Obegi, Morrison, & Shaver, 2004; Ravitz, Maunder, Hunter, Sthankiya, & Lancee, 2010; Riggs, Vosvick, & Stallings, 2007), tendo sido traduzido em diferentes idiomas: (i) hebraico (Mikulincer & Florian, 2000), (ii) francês (Lafontaine & Lussier, 2003), (iii) chinês (Mallinckrodt & Wang, 2004), (iv) holandês (Conradi, Gerlsma, van Dujin, & Jonge, 2006), (v) norueguês (Olsson, Sørø, & Dahl, 2010), (vi) castelhano (Alonso-Arbiol, Balluerka, & Shaver, 2007), e português (Moreira et al., 2006), entre outros.

As características psicométricas apresentam elevada fiabilidade, com valores de α próximo ou superior a .90, fiabilidade temporal variando entre .50 e .75, dependendo do intervalo de tempo, e da natureza da amostra (Mikulincer & Shaver, 2007).

É um instrumento considerado como um relatório de referência para a estimação das duas dimensões principais do estilo de vínculo na idade adulta (Moreira et al., 2006).

Fraley e colaboradores (2000) procuraram avaliar o grau em que as duas dimensões da ECR discriminavam equitativamente através dos seus resultados, confirmando que isso não se verificava e, como tal, sugeriram a eliminação de alguns dos itens originais da ECR, e substituir por diferentes itens, sendo que a revisão da ECR foi designada de ECR-R.

Assim como a ECR, várias investigações (Sibley, Fischer, & Liu, 2005; Stephenson & Meston, 2010b) utilizaram a revisão da escala de Brennan e colaboradores, sendo que na presente investigação iremos utilizar, igualmente a ECR-R, de forma a avaliar os estilos de vínculo inseguro nos casais heterossexuais portugueses.

Em 2007, Wei e colaboradores desenvolveram a ECR-S, um formato reduzido da ECR. Os autores defendem que, apesar da ECR parecer ser uma medida fiável e válida para a estimação do vínculo adulto, a amplitude da ECR pode ser problemática em algumas aplicações, podendo aumentar a probabilidade de abandono ou de respostas neutras. Consequentemente desenvolveram uma versão com 12 itens, através de uma investigação que incluiu seis estudos. Quando às qualidades psicométricas, os autores observaram que a ECR-S apresentou valores de consistência interna de .78 para a Ansiedade e de .85 para a Evitação, enquanto a correlação entre as duas dimensões apresentou um $r = .19$. De igual forma, ao longo dos seis estudos, a ECR-S revelou ter uma estrutura factorial estável, fiabilidade temporal, e validade de constructo (Wei et al., 2007).

Os modelos teóricos de Brennan e colaboradores (1998a), e de Bartholomew (1990) são os principais pilares do actual predominante modelo bidimensional dos padrões da vinculação adulta (Moreira, 2002). Griffin e Bartholomew (1994b) mencionam que as dimensões emergidas da análise factorial dos itens sobre o vínculo adulto referem-se às dimensões teóricas básicas do modelo de Bartholomew (1990), e das análises empíricas apresentadas por Brennan e colaboradores (1998a), que demonstraram que as duas dimensões encontradas relacionavam-se com os parágrafos de Bartholomew e Horowitz (1991).

As medidas existentes para a avaliação dos estilos de vínculo no adulto são coordenadas em dois grupos: um que permite classificar o sujeito de acordo com o seu estilo de vinculação, e outro que mede os aspectos relacionais da vinculação actual com as diferentes FV (Lyddon, Bradford, & Nelson, 1993).

Apesar das várias críticas dirigidas às medidas de auto-relato, a sua utilização permite investigar amostras de grande tamanho de uma forma rápida e económica, permitindo a

exploração de novas temáticas (Faria et al., 2007), demonstrando que são medidas válidas na avaliação dos estilos e das dimensões de vinculação na idade adulta (Fraley et al., 2000; Shaver, Belsky, & Brennan, 2000).

1.2.3. Vinculação e Relações Românticas Adultas

A fundação da autonomia e da intimidade são processos centrais do desenvolvimento do indivíduo, e que caracterizam a idade adulta, permitindo que o sujeito se torne independente, com uma identidade completa e sentido de diferenciação face à FV e a outros adultos, assim como do *self*. Paralelamente, a intimidade, a partilha, a interdependência no seio da relação íntima, como a romântica, iniciam um processo de construção (Soares, 2007).

O estabelecimento e a manutenção de laços afectivos são elementos primários do desenvolvimento do indivíduo, afectando a sua adaptação psicossocial (Bowlby, 1980). Contudo Ainsworth (1991) defende que os laços afectivos (*Affectional Bonds*) não são sinónimo de relacionamento, primeiro porque as relações são diádicas e os laços afectivos são características individuais e não da díade, pois apesar de se desenvolverem no contexto diádico, os laços afectivos implicam as representações internas individuais; segundo, as relações podem ser passageiras ou de longa-duração enquanto os laços afectivos são duradouros; e terceiro porque a natureza dos relacionamentos entre dois sujeitos evolui fora da história total das duas interacções, sendo que estas poderão ser distintas, envolvendo um número significativo de categorias de conteúdo e um conjunto de componentes que poderão ser irrelevantes para o que constitui a vinculação ou qualquer tipo de laço afectivo.

As relações afectivas, como as românticas, são extremamente importantes e essenciais durante as diferentes etapas do ciclo de vida do indivíduo, sendo que são uma categoria fundamental nas experiências amorosas. De acordo com Brown, Feiring, e Furman (1999), o romance envolve um relacionamento, um padrão contínuo de associação e interacção entre dois indivíduos que reconhecem conexões entre si. Por outro lado, as relações românticas são, na nossa cultura, voluntárias, uma escolha pessoal, e simétricas; uma forma de atracção, frequentemente, intensa e/ou apaixonada na sua natureza, incluindo uma componente sexual, sendo a atracção sexual manifestada, na maior parte das vezes, através de comportamentos sexuais. Habitualmente, nas relações românticas, existe a manifestação de companheirismo, intimidade e cuidado, sendo que muitas destas relações podem ser definidas como uma relação especial de amizade. A maioria dos adultos, em determinado momento da sua vida,

sente-se preparada para fazer um compromisso de longo prazo num relacionamento romântico, sendo que o compromisso é formalizado, através do matrimónio nos sujeitos heterossexuais, e através da coabitação nos indivíduos homossexuais (Prager, 1995).

Estas relações integram, igualmente, dependência recíproca, comparativamente com a dependência assimétrica da criança face ao cuidador, sendo demarcadas por uma amálgama de componentes como o amor, paixão, e actividade sexual (Collins & Sroufe, 1999; López, 2003). Os relacionamentos amorosos envolvem dois parceiros similares, que poderão sentir-se ameaçados, assustados, ou feridos e a necessitar de protecção e conforto, podendo ser compreensivos e prestadores de cuidados para o parceiro que demonstra necessidade, ou sexualmente excitados e a procurar gratificação sexual. Consequentemente, as qualidades e características de cada um dos membros da relação influenciam emoções, comportamentos, e resultados (Schachner, Shaver, & Mikulincer, 2003).

Nem todas as relações afectivas que o indivíduo estabelece, serão relações de vínculo, sendo que as relações de vinculação são laços afectivos (Ainsworth, 1991) de natureza social que se estabelecem entre pessoas (López, 2003). Os relacionamentos de vinculação caracterizam-se como duradouros e estáveis ao longo do tempo, implicando a formação de representações mentais de si mesmo, do Outro e das relações com o Outro, que é percebido e gerado como um ser único, importante e insubstituível. Estas relações proporcionam sentimento de segurança, conforto, intimidade e proximidade (Ainsworth, 1991).

A importância das relações íntimas, como as românticas, na gestão de situações de estresse é de que promovem a existência de motivações individuais que conduzem o sujeito a expressar os seus níveis de ansiedade, e a procurar proximidade e intimidade com o seu parceiro, com o intuito de diminuir esses níveis de estresse (Collins & Feeney, 2004).

À medida que as relações românticas tornam-se temporalmente longas, irão incluir exclusividade e compromisso, e os processos de vinculação e de prestação de cuidados tornam-se mais salientes (Collins & Sroufe, 1999). Durante a fase adulta é provável que as relações românticas se transformem nas primeiras relações de vinculação (Prager, 1995), substituindo a função dos progenitores ou FV nesse relacionamento (Ainsworth & Bowlby, 1991). López (2003) alude que nas relações românticas estáveis e adequadas, vivenciadas e experienciadas com satisfação e segurança, é frequente que o par romântico transforme-se na nova FV.

O autor defende a existência de três perspectivas comuns a todos os tipos de vinculação – vínculo criança-progenitor; vínculo nas relações de amizade; e vínculo nas relações amorosas. De acordo com a (i) perspectiva mental, constrói-se a representação de que a função da FV é a protecção, o apoio, e o amor incondicional; (ii) a perspectiva emocional promove um conjunto de elementos que acompanham o vínculo, como o sentimento de pertença (é a minha mãe, o meu amigo, o meu parceiro) e dependência, a intimidade, sentimento de segurança e de conforto e proximidade, que produz estabilidade e conforto emocional, sendo que a ausência da FV ou a insegurança demonstrada por esta face à prestação de cuidados, por exemplo, provocarão ansiedade, angústia, medo; e (iii) a perspectiva comportamental refere-se aos esforços expressados pelo vínculo em procurar e manter a proximidade, sendo que a FV desempenha a função de base segura, desde a exploração do ambiente, e de refúgio seguro, quando surge a sensação de ameaça, sendo a base da protecção, da prestação de cuidados e de manutenção da proximidade e conforto, assim como da promoção da organização na exploração do ambiente (López, 2003).

A existência de uma relação romântica, não é sinónimo, nem garante que o sujeito sinta segurança ou proximidade emocional, possivelmente dois factores essenciais para o funcionamento adequado do relacionamento. As relações românticas adultas distinguem-se no grau em que providenciam ao parceiro romântico um refúgio seguro, conforto e segurança, e uma base segura para a exploração do mundo. Nesse sentido, se a função básica do SCV mantiver a sua operacionalidade na idade adulta, e se a relação romântica é classificada como uma relação de vinculação, o sentimento de segurança na adultícia dependerá, em grande parte, na forma como o parceiro romântico é percebido como sendo cuidador, responsivo e disponível às necessidades do Outro (Collins & Feeney, 2000). Consequentemente, o sentimento de segurança terá efeitos recíprocos na intimidade relacional e na interdependência (Collins & Feeney, 2004).

A TV (Bowlby, 1969, 1973, 1980) é uma perspectiva integrativa, uma teoria sistemática que se centra no comportamento dentro de um contexto, e nos padrões comunicacionais. Esta teoria assume uma perspectiva evolutiva e estabelece um sistema de controlo traçado para a manutenção da proximidade e de cuidados entre os primeiros cuidadores e a criança (Bowlby, 1989). Bowlby define o vínculo como um sistema de controlo, um mecanismo que adapta o comportamento para alcançar efeitos determinados pelas necessidades do momento, sendo que, desta forma, o desejo de proximidade, de contacto entre o sujeito e a FV é inconstante, dependente de factores endógenos (*e.g.* medo) e

exógenos (*e.g.* situações potencialmente ameaçadores). Consequentemente, caso a criança sintá-se ameaçada irá procurar o contacto com a FV, sendo que o contrário promove a exploração do ambiente (Yarnóz et al., 2001).

A TV tem-se tornado numa perspectiva teórica essencial no estudo das relações íntimas. Bowlby, através do desenvolvimento desta teoria, procurou compreender o que causava a formação de laços emocionais entre lactentes e FV primárias, e porque é que a separação da mãe ou FV promove na criança angústia, ansiedade, depressão, entre outras emoções negativas (Simpson et al., 1996). As origens da TV centravam-se na relação criança-FV, não sendo de estranhar que a maioria das pesquisas desenvolvidas após o desenvolvimento desta teoria avaliou os processos de vinculação neste tipo de relacionamento. Contudo Bowlby reconheceu que estes processos acompanham o indivíduo durante todo o seu percurso de vida, “desde o nascimento até à sua morte” (Bowlby, 2006).

Hazan e Shaver (1987) partiram deste pressuposto da TV e apresentaram uma proposta de que os laços emocionais entre parceiros românticos são similares aos gerados entre os lactentes e os seus cuidadores. Os autores afirmam, igualmente, que as relações românticas na idade adulta cumprem funções da vinculação (Pietromonaco & Beck, 2015).

Os relacionamentos amorosos podem ser compreendidos à luz dos princípios de vinculação (Hazan & Shaver, 1987), sendo que as relações românticas podem ser classificadas como relações de vinculação, pois é possível considerar que o par romântico, a figura romântica é, igualmente, FV, na medida em que a sua função, no âmbito dos relacionamentos afectivos, é muito mais que a necessidade de protecção, pois integra a combinação de três sistemas comportamentais inatos descritos, anteriormente, por Bowlby (1969, 1973, 1980): o sexual, o de vinculação, e o de prestação de cuidados, sendo que os parceiros dão e recebem, mutuamente, segurança (Bowlby, 1979; Hazan & Shaver, 1990; Hazan & Zeifman, 1999).

Segundo Fonseca e colaboradores (2006), o SCS desempenha um papel crucial na idade adulta, ao fortificar o vínculo emocional entre os membros da díade. Ainsworth (1991) argumenta que os laços sexuais, de acordo com a perspectiva evolutiva de adaptação do ser humano, formam-se entre um homem e uma, ou mais mulheres, promovendo a sobrevivência da espécie humana, existindo três sistemas comportamentais básicos envolvidos: o reprodutivo; o de vinculação; e o de prestação de cuidados. Cada um dos três sistemas, apesar de distintos, afecta-se mutuamente, e têm as suas próprias funções evolutivas, e, neste sentido, o amor pode ser conceptualizado como um estado dinâmico que integra as

necessidades de ambos os parceiros envolvidos na relação, e as capacidades de vinculação, prestação de cuidados, e sexuais (Mikulincer, 2006).

Na esfera das relações românticas, Shaver e seus colaboradores (Hazan & Shaver, 1987; Shaver & Hazan, 1988; Shaver et al., 1988) argumentaram que o funcionamento ótimos destes três sistemas facilita a formação e manutenção de laços afectivos estáveis e mutuamente satisfatórios, enquanto o mau-funcionamento dos sistemas gera tensões e conflitos relacionais, insatisfação e instabilidade, conduzindo, frequentemente, ao término da relação.

Shaver e Hazan (1988) propuseram que os MID explicam as variações individuais nos objectivos relacionais – crenças, comportamentos, e emoções, e, para além desta perspectiva de diferenças individuais, Shaver e colaboradores (1988) sugerem que factores relacionais e interactivos contribuem, igualmente, para o funcionamento dos variados SCV, sendo importante para a compreensão dos processos e resultados relacionais a interacção dinâmica dos três sistemas comportamentais dentro de um relacionamento.

Estudos teóricos e empíricos (Collins & Read, 1994) têm demonstrado a influência da estrutura e do funcionamento dos MID nas relações românticas. Os autores sugeriram que estas representações mentais envolvem quatro componentes: memórias das experiências de vinculação; atitudes, crenças, e expectativas de si mesmo, e do Outro na RV; necessidades e objectivos do vínculo; e planos e estratégias para alcançar os objectivos, e que a sua função modela a resposta cognitiva, emocional e comportamental face ao Outro (Collins & Read, 1994; Mikulincer & Shaver, 2007).

Em termos cognitivos, os MID afectam estas respostas ao direccionar a atenção para determinados aspectos dos estímulos que promovem confronto, criando preconceitos na codificação e recuperação da memória, e afectando o processo de esclarecimento. Quanto aos padrões de resposta emocional, os MID afectam as avaliações primárias – reacção emocional imediata a determinada situação –, e secundárias – o processo cognitivo poderá manter, aumentar, ou diminuir a resposta emocional primária, dependendo da forma como o sujeito interpreta a experiência – dos eventos relacionais (Feeney, 2008).

A assunção principal da TV é a de que ameaças físicas ou psicológicas activam, automaticamente, o SCV., defendendo que o indivíduo nasce com um repertório de comportamentos, os CV, concebidos para garantir a proximidade à FV com o objectivo de se proteger do perigo físico e/ou psicológico (Schachner et al., 2003). Segundo Bowlby (1989), este sistema é activado ao longo da vida do sujeito, manifestando-se através de pensamentos,

e comportamentos relacionados com a procura da proximidade nos momentos de necessidade.

Durante décadas as investigações realizadas na área da vinculação centravam-se na conceptualização e avaliação individual de Hazan e Shaver (1987) sobre a vinculação romântica, sem ser dada grande importância à dinâmica subjacente no próprio SCV, ou nos outros sistemas, envolvido no relacionamento amoroso. Contudo, recentemente este desequilíbrio foi ultrapassado ao surgir a interligação de medidas de auto-relato sobre as orientações dos vínculos adultos com as técnicas laboratoriais (Mikulincer, 2006). Outros estudos surgiram (Collins & Feeney, 2000; Kuncz & Shaver, 1994; Schachner & Shaver, 2004) para analisar a relação existente entre a vinculação e o SPC, e entre a vinculação e o SCS.

Na idade adulta os parceiros românticos tornam-se as FV principais. Nesse sentido, manutenção da proximidade ao parceiro romântico torna-se numa fonte fundamental de apoio, conforto, podendo mesmo restabelecer a confiança (Hazan & Zeifman, 1999).

Para que o parceiro romântico se torne numa FV, é necessário a existência de três funções que, habitualmente, são encontradas nas relações românticas com grande compromisso, sendo que esse processo gradual depende da forma como a pessoa funciona como um alvo para a procura da proximidade, como uma fonte de protecção, conforto, apoio, e refúgio seguro, e como base segura, promovendo que o indivíduo atinja os seus objectivos num contexto relacional seguro (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999).

A sensação de segurança pode ser adquirida através da activação de representações mentais reconfortantes sobre a relação com o parceiro romântico que, habitualmente providencia cuidado e protecção, ou associadas com o parceiro (Mikulincer & Shaver, 2004). De facto, o funcionamento harmonioso do SCV é preponderante para a formação de relações próximas satisfatórias (Bowlby, 2006). O autor refere que toda a interacção, através da qual o parceiro é prestável em aliviar a angústia, a ansiedade, e em restaurar a sensação de segurança, reafirma a vantagem adaptativa dos vínculos próximos com um parceiro particular, o que promove a consolidação gradativa da sensação de vinculação segura numa determinada relação.

O SCV protege o indivíduo de danos físicos, mas permite, igualmente, que consiga gerir os sentimentos negativos, de forma a restaurar a sensação de segurança (Bowlby, 1973; Sroufe & Waters, 1977). Este sistema afecta a função da regulação, ou seja, quando o adulto sente angústia face a uma ameaça poderá procurar respostas na FV, habitualmente o seu

parceiro romântico, com o objectivo de restabelecer o seu bem-estar emocional. Para tal, o indivíduo procura responder às necessidades e sinais do parceiro através da prestação de cuidados, promovendo a tranquilidade, conforto, apoio e/ou segurança (Collins & Feeney, 2010; Simpson & Rholes, 1994). Poder-se-á afirmar que a RV é um sistema de regulação ao permitir que o indivíduo angustiado, devido à separação ou potencial ameaça, procure um parceiro relacional que, por sua vez, responde de uma forma facilitadora ou inibidora dos esforços do parceiro angustiado em gerir, lidar, e aliviar os sentimentos negativos (Bowlby, 1969; Mikulincer & Shaver, 2007).

As diferenças existentes no processo de vinculação podem, igualmente, ser analisadas nas relações românticas adultas, sendo que a disponibilidade e a capacidade do parceiro romântico responder de forma sensitiva e responsiva, às necessidades do seu parceiro relacional, são determinantes essenciais para a qualidade, estabilidade, e satisfação do relacionamento (Collins & Feeney, 2000). Consequentemente, as relações românticas adultas envolvem o SCV, que promove a manutenção da proximidade face ao parceiro romântico, mas também o SPC que leva o parceiro estar atento e a responder às necessidades e sinais do outro (Shaver & Hazan, 1988). Este sistema fomenta a sintonia entre o sujeito e os sinais de angústia / ansiedade do seu parceiro romântico, desencadeando comportamentos de protecção e apoio que têm como consequências o bem-estar do parceiro relacional (Davis, Shaver, & Vernon, 2003).

Nas relações românticas adultas o estabelecimento da intimidade é uma tarefa que promove o desenvolvimento do adulto, onde o sistema de vinculação, que é um aspecto primordial na infância, integra, unicamente, uma componente das relações íntimas (Faria, et al., 2007), conduzindo ao aumento do repertório comportamental que passa a integrar, igualmente, o sistema sexual (Butzer & Campbell, 2008; Cassidy, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000).

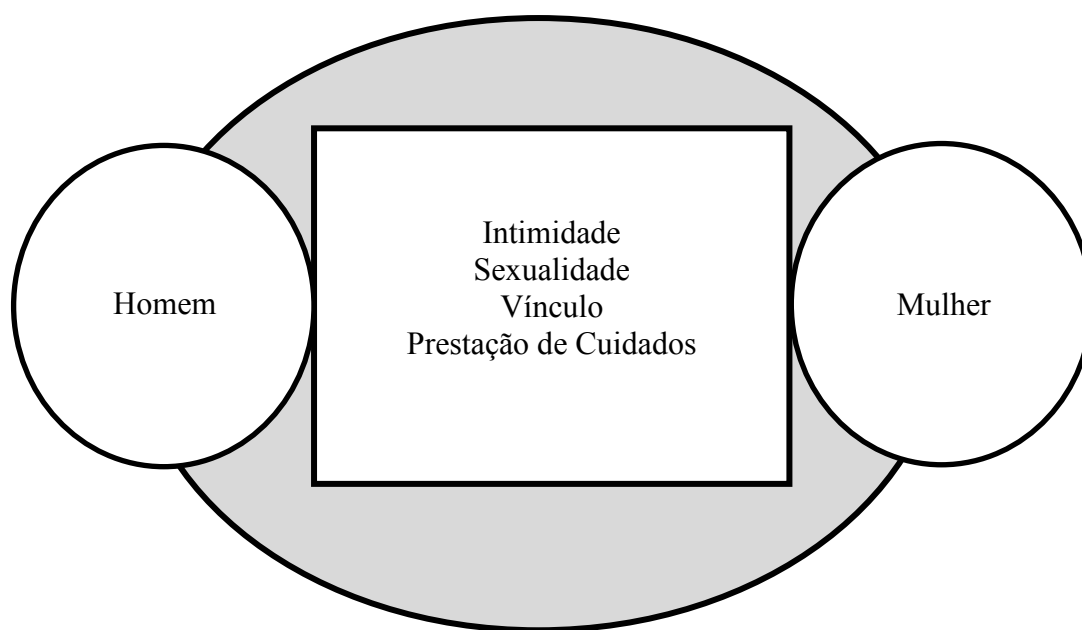
Butzer e Campbell (2008), e Hazan e Shaver (1994) argumentam que a ansiedade, a angústia, o desconforto, e a necessidade de restaurar a segurança parecem ser os agentes motivacionais para a procura e manutenção da proximidade e prestação de cuidados, mas na idade adulta a vontade de proteger e confortar o parceiro romântico do desejo de envolvimento sexual também são factores principais de motivação.

De facto, na idade adulta existe outro sistema, o SCS, que promove a reprodução, e que poderá interrelacionar-se com outros sistemas, como o SPC, podendo, de igual forma, reforçar a vinculação (Davis et al., 2003). No contexto destas relações, a crescente atracção e

envolvimento com o Outro associam-se à ideia subjectiva de que a proximidade física e psicoemocional poderão causar a satisfação das próprias necessidades de vinculação, de prestação de cuidados ou de relação sexual, na medida em que, nesta fase de desenvolvimento do sujeito, os três sistemas encontram-se e agem de forma integrada (Hazan & Shaver, 1994; Pietromonaco & Barrett, 2000).

López (2003) argumenta que quando a vinculação estabelece-se no seio de uma relação romântica, o SCV mistura-se com outros afectos, laços e sistemas, distintos entre si, como o sexual, que integra o desejo, a atracção, o namoro, a paixão, as fantasias, as necessidades e comportamentos sexuais. O autor alude que os estilos de vinculação tendem a conservar-se estáveis ao longo dos estágios de desenvolvimento do ser humano, regulando os relacionamentos interpessoais que exigem intimidade, como as relações românticas.

Figura 5. Sistemas envolvidos na relação romântica



Fonte: López, 2003

Shaver e colaboradores (1988) argumentam que a sexualidade e a prestação de cuidados são sistemas comportamentais independentes que integram o sistema de vinculação no protótipo do amor romântico, e como o SCV surge em estádios precoces do desenvolvimento do sujeito, modelando as expectativas, influencia a expressão da sexualidade e da prestação de cuidados. Na investigação de Feeney, Hohaus, Noller, e Alexander (2001 citado por Feeney, 2008) os resultados alcançados suportam a influência

que as dimensões da vinculação apresentam no SPC e no SCS, no sentido do vínculo seguro associar-se a um melhor funcionamento sexual, e a um SPC mais adaptativo.

Hazan e Shaver (1990) argumentam que o amor romântico na idade adulta poderá ser conceptualizado como um processo de vinculação pois envolve vínculos afectivos e socio-emocionais complexos. Desde os seus trabalhos (Hazan & Shaver, 1987) que tem surgido um vasto conjunto de investigações que procuram analisar a vinculação existente entre a segurança na vinculação e a qualidade relacional, nas relações românticas na idade adulta. Consequentemente, vários são os resultados que apontam para uma associação estatisticamente significativa e positiva entre o vínculo adulto e a satisfação relacional, independentemente do tipo de relação amorosa (casamento, coabitação, ou namoro) (Collins & Feeney, 2000; Collins & Read, 1990; Feeney, 2002; Kirkpatrick & Davis, 1994; Kobak & Hazan, 1991; Meyers & Landsberger, 2002).

Ainsworth (1989, 1991) refere que o vínculo seguro nas relações românticas providenciam a sensação de conforto, segurança, e bem-estar, sendo que os parceiros românticos poderão revelar desconforto em situações de separação, e de alegria quando o parceiro retorna. Hazan e Shaver (1990) verificaram que nas relações românticas, os adultos casados apresentam maior probabilidade de serem classificados como estando seguramente vinculados, comparativamente com os casais em relações de namoro. Por outro lado, os sujeitos que reportaram maiores níveis de intimidade relacional, tinham maior propensão para integrarem seguras relações de vinculação (Prager, 1995).

Os autores reportaram, igualmente, que as pessoas que revelavam maiores níveis de segurança descreviam as suas experiências românticas como mais felizes, amistosas e de confiança, tendo a probabilidade de involucrar em relações de longo prazo, e a sentir o amor como sendo um estado que pode apresentar alguma instabilidade, mas que, habitualmente, se mantém constante. Os indivíduos com estilo ansioso demonstraram mais propensão a experimentar ciúmes, obsessão ou atracção sexual extremas, sendo que as pessoas com evitação elevada descreveram que as suas relações românticas caracterizavam-se pelo receio face à proximidade e por instabilidade emocional, ou seja, os autores concluíram que os indivíduos com vínculo inseguro desfrutavam menos dos seus relacionamentos (Hazan & Shaver, 1987, 1990).

No estudo de Feeney e Noller (2001) verificou-se que os indivíduos com níveis elevados de vínculo ansioso reportaram mais preocupação obsessiva e dependência emocional do Outro, enquanto os evitantes tinham maior probabilidade em afirmar que nunca

se tinham apaixonado, a não se comprometer emocionalmente e a revelar níveis baixos no amor. Quanto às pessoas com vínculo seguro revelaram níveis elevados de satisfação, confiança, e níveis mais baixos de expectativas irrealistas e insatisfatórias face ao seu par romântico.

Outros estudos (Simpson, 1990) associaram o vínculo seguro com níveis elevados de confiança, compromisso, satisfação e interdependência, enquanto os vínculos inseguros – ansioso e evitante – relacionavam-se negativamente com essas variáveis. A investigação de Kirkpatrick e Davis (1994) sugeriram que as relações das mulheres ansiosas e dos homens evitantes são maioritariamente estáveis ao longo do tempo, a pesar de baixas em termos de qualidade, pois parece que a mulher ansiosa tende a emparelhar-se com o homem evitante, a quem o seu comportamento contagioso confirma as suas representações mentais. Por outro lado, as mulheres ansiosas parecem ter dificuldade em adoptar o papel de cuidadoras no relacionamento, enquanto as relações dos homens evitantes tendem a ser estáveis pois parecem envolver parceiros com vínculo seguro ou ansioso (Feeney, 2004).

A segurança emocional, intimidade, e confiança são particularidades do vínculo romântico adulto; causar dano, discutir, e adoptar uma atitude defensiva são características do vínculo inseguro. Consequentemente, as relações românticas seguras mantêm um grau particular de independência, ao mesmo tempo promovem espaço para surgir a intimidade emocional, a confiança, e a sensação de segurança, enquanto as relações inseguras fomentam o aparecimento de sentimentos como solidão, irritabilidade, e frustração (Clymer, Ray, Trepper, & Pierce, 2006).

Os vínculos ansioso e evitante são formados quando há uma ruptura em um ou mais ligações, laços com figuras de vinculação, sendo que o vínculo ansioso refere-se a uma necessidade contínua e incansável para a aproximação plena entre o indivíduo e o seu parceiro romântico ou outra figura de vínculo significativo, sendo que as relações caracterizam-se por interesse e preocupação insanas face ao amor que o parceiro sente por ele / ela, enquanto o sujeito evitante tem probabilidade em apresentar uma forte aversão com respeito à proximidade, intimidade com relação ao parceiro, exibindo dificuldades em confiar e depender do Outro, procurando ser emocionalmente autónomo, pois a proximidade emocional parece exigir-lhe algo extremamente desconcertante e desconfortável (Hazan & Shaver, 1987; Strachman & Impett, 2009).

2 SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade é uma área integrante da vida do sujeito (Coleman, 2006), na medida em que, tal como a vinculação, acompanha o indivíduo desde o nascimento até à sua morte.

Desde a infância que o indivíduo encontra-se condicionado sobre como será a sua vida sexual. O contacto, o vínculo, e os afectos, conjuntamente com o carinho, amor e boa orientação e suporte, preparam a criança para um desenvolvimento e maturação da sua saúde sexual (Coleman, 2006).

Na adolescência o sujeito aprende a conhecer e a amar, a si mesmo e ao Outro, e a tornar-se responsável nas relações. Neste estágio do desenvolvimento humano, os adolescentes desenvolvem relacionamentos (amizade ou amorosos) e afectos íntimos, aprendendo a disfrutar dos prazeres proporcionados pelas diferentes actividades sexuais. Paralelamente podem conhecer e identificar os riscos associados às práticas e comportamentos sexuais, como por exemplo o *Vírus da Imunodeficiência Humana* (VIH), preparando o terreno para o amadurecimento das relações sexuais adultas (Coleman, 2006).

Na idade adulta as normas do comportamento, a actividade e as práticas sexuais solidificam-se. Nesta fase a actividade sexual pode proporcionar prazer e satisfação, mas à medida que o sujeito envelhece emerge a possibilidade do surgimento e agravamento dos

problemas sexuais e seus efeitos adversos na sexualidade, e na potencial qualidade relacional (Coleman, 2006).

A sexualidade humana tem sido objecto de estudo em áreas diversas, como a medicina, sociologia, e psicologia, proporcionando uma contribuição importante e essencial, na medida em que este constructo abrange as características biológicas, psicológicas, emocionais, e as influências sociais e culturais (Rathus, Nevid, & Fichner-Rathus, 2005).

A sexualidade é percebida através de três linhas de orientação frequentes: a sexualidade tradicional, onde o objecto principal da relação sexual é a reprodução; a sexualidade relacional ou moderada, onde a relação sexual é utilizada como forma de expressão de amor e afectos, e de aumento da intimidade e proximidade emocionais; e a sexualidade recreativa ou liberal, em que o propósito primário é a obtenção do prazer, da satisfação, e diversão (Peplau, Rubin, & Hill, 1977; Sprecher & McKinney, 1993).

Durante o século XX a sexualidade humana sofreu uma grande interferência da medicina, através do desenvolvimento das tecnologias reprodutivas, contraceptivas, e de concepção, atribuindo, às sexualidades não baseadas no matrimónio, um novo estatuto (Loyola, 2003). Paralelamente à invenção da pílula, a revolução sexual da década de 1960, e o movimento feminino foram responsáveis por uma mudança das práticas sexuais, onde os padrões sexuais tornaram-se mais permissivos (Pedersen & Blekesaune, 2003; Sprecher & McKinney, 1993; Waite & Joyner, 2001). Antes de 1960 as actividades sexuais mais frequentes nos jovens adultos envolvidos numa relação romântica, eram a abstinência, e o que Reiss (1960,1967, citado por Sprecher & McKinney, 1993) identificou como “padrão duplo” constituído de duas formas: o tradicional em que a relação sexual pré-marital é aceitável unicamente para o homem, e o condicional que defende que os homens poderão manter relações sexuais pré-maritais independentemente da natureza da relação, enquanto as mulheres poderão involucrar em relações sexuais, mas unicamente no seio da relação romântica.

Os eventos sociais e políticos de 1960 foram promotores da diminuição das actividades negativas nas relações sexuais antes do matrimónio (Sprecher & McKinney, 1993), do aumento da actividade sexual fora do casamento, e do número de parceiros ao longo da vida, tendo impulsionado mudanças no comportamento sexual, como a inflação da proporção de jovens adultos que nunca se casaram, o matrimónio realizado em idades mais

avançadas, e maior tolerância face às actividades sexuais pré-matrimoniais, e ao divórcio (Pedersen & Blekesaune, 2003; Waite & Joyner, 2001).

Paralelamente, a actividade sexual é adoptada em diferentes tipos relacionais, onde por um lado ainda persiste o grupo de indivíduos que defende que estes comportamentos são implícitos no matrimónio; por outro lado um grupo significativo que prefere a coabitação; outro grupo apresenta uma vida sexual activa dentro da relação romântica de namoro; e, finalmente, o aumento do número de solteiros, desvinculados a qualquer compromisso amoroso, mas que mantêm um ou vários parceiros sexuais na sua vida (Pedersen & Blekesaune, 2003).

Da mesma forma aumenta a designada por Foucault (2003) “vontade de saber” sobre um conjunto vasto de disciplinas, como a medicina, a educação ou as ciências sociais, entre outras, e é esta vontade de conhecimento a responsável pela mudança no objecto das investigações empíricas, ou seja, a sexualidade ganha maior interesse (Loyola, 2003). Consequentemente, os estudos científicos centravam-se no comportamento sexual dos homens, mas igualmente das mulheres (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1970a, 1970b; Masters & Johnson, 1981), uma vez que os movimentos eram igualmente fundamentais para a forma como actualmente é conceptualizada a sexualidade feminina, nomeadamente porque lhes permitiu resgatar um novo modo de sentir, de expressar e viver a sexualidade.

O modelo clássico da resposta sexual humana foi proposto, em 1966, por Masters e Johnson (1981), através da observação sistemática da resposta comportamental e fisiológica como resultado de cópulas e masturbação em casais heterossexuais, permitindo a compreensão da resposta sexual do homem e da mulher, tendo sido desenvolvido, em 1974, por Helen Singer Kaplan, sendo que, em 1986, Barlow propôs, baseando-se no modelo clássico de Masters e Johnson, um modelo cognitivo explicativo das disfunções sexuais em que a ansiedade é percebida como sendo uma variável necessária para a resposta sexual, na medida em que se relaciona positiva e significativamente com a excitação sexual (Barlow, Sakheim, & Beck, 1983). O modelo de Barlow foi validado empiricamente (Weisberg, Brown, Wincze, & Barlow, 2001), tendo-se difundido para integrar a função de outras estruturas cognitivas, como as crenças e expectativas (Nobre, 2009, 2010; Nobre & Pinto-Gouveia, 2008).

Ao ser uma área integrante das relações românticas, as pesquisas sobre a sexualidade deverão integrar as variáveis sexuais, individuais, relacionais e contextuais (Harvey, Wenzel, & Sprecher, 2004).

Este novo interesse sobre o comportamento sexual humano provocou uma ruptura com as pesquisas realizadas no século XIX, e inícios do século XX, mais focalizadas para os “desvios sexuais” (Kraft-Ebing, 1965), ou na moral religiosa, ou na criminologia (Lantéri-Laura, 1994).

Após os estudos de Kinsey e colaboradores (Kinsey et al., 1970a; Kinsey, Pomeroy, Martin, & Gebhard, 1970b), surgiram outras pesquisas (Cruz et al., 1997; Fisher & Fisher, 1992; Gagnon & Simon, 1973; Montagnier, 1995, 2002; Nodin, 2001) que, desde 1981, começaram a proliferar significativamente, devido ao aumento do interesse sobre a temática do *Síndrome de Imunodeficiência Adquirida* (SIDA) e que, se por um lado contribuíram claramente para a explicação e compreensão de determinados aspectos da sexualidade contemporânea, por outro lado correram o risco de tornarem-se redutores, pois poderiam reduzir a sexualidade a uma dimensão puramente comportamental (Loyola, 2003).

Segundo a WHO (2002), nas últimas três décadas a compreensão da sexualidade humana e do comportamento sexual mudou drasticamente, onde a pandemia do VIH tem sido um dos contribuintes, assim como o número de pessoas infectadas com as *Infecções Sexualmente Transmissíveis* (IST), a gravidez não desejada, a infertilidade, a violência sexual, as disfunções sexuais, e a discriminação associada à orientação sexual têm sido bem documentados e destacados em diversos estudos nacionais e internacionais. Em consonância com o reconhecimento da magnitude destes problemas, tem-se procurado fazer grandes avanços na compreensão da função do comportamento sexual e da sua relação com outros problemas de saúde, tais como a saúde mental e saúde em geral, bem-estar, e maturação. Juntamente com as novas tecnologias anticoncepcionais e com a medicalização da sexualidade, a redefinição é necessária, através de investigações sobre a sexualidade humana.

Desde os tempos antigos, as pessoas têm receio de falar acerca da sexualidade, mesmo quando não existe nenhuma patologia associada. Ainda hoje, este conceito é raramente discutido, encontrando-se envolvido, simultaneamente, no desejo de conhecimento e na falta de informação, podendo conduzir a interpretações significativamente erróneas, e à ignorância (Bancroft, 2010).

Não é fácil definir-se objectivamente a sexualidade, na medida em que durante muito tempo foi negada, reprimida, e regularizada. De forma neutra é possível conceptualizar a sexualidade como uma realidade que está integrada na vida quotidiana do sujeito, envolvendo aspectos paralelos como os biológicos, e ambientais, marcando a sua condição originária, ou seja, é um comportamento onde se incluem factores fisiológicos, e psicossociais (Farré et. al., 1997; Lourenço, 2002).

A sexualidade é uma componente real e essencial para o sujeito, revelando-se pelo estilo de vida adoptado por cada um dos indivíduos através dos papéis de género, da forma em que expressa os afectos, e sente o erotismo dos estímulos sensoriais (Lourenço, 2002).

O conjunto de tabus e preconceitos que persistem na sociedade, são o resultado de vários anos de informações distorcidas e repressão sexual, resultando em uma dicotomia – sexualidade abordada como se não fosse parte da personalidade do sujeito (Farré et al, 1997).

De acordo com Fuertes e Lopez (1997), o comportamento sexual, as fantasias ou os pensamentos sexuais apresentam sempre um impacto emocional no sujeito, podendo conduzir a sentimentos de culpa, vergonha ou, por outro lado, produzir sensações de relaxamento, e prazer. Por conseguinte, a repercussão das atitudes em relação à sexualidade, que são adoptadas por cada indivíduo, depende de como cada sociedade forma, estrutura, e controla o desenvolvimento e expressão da sexualidade de todos os cidadãos.

Em 1975 a WHO definiu saúde sexual como "*a integração dos elementos somáticos, emocionais, intelectuais, e sociais do bem-estar sexual, de modo que são positivamente enriquecedores e melhoram a personalidade, a comunicação e o amor*". No entanto, como muitos conceitos não foram integrados na presente definição, tais como o sexo, a sexualidade e os direitos sexuais, em 1994 o programa de acção da *International Conference on Population and Development* (ICPD, 1994, citado por WHO, 2006) incluiu a saúde sexual como fazendo parte da saúde reprodutiva.

Em Janeiro de 2002, uma consulta técnica sobre a saúde sexual foi convocada pelo Departamento de Saúde Reprodutiva e Investigação da WHO, em colaboração com a *World Association Sexology* (WAS), tendo como objectivo a redefinição do conceito de saúde sexual, como um aspecto importante e integrante do desenvolvimento e maturação do ser humano ao longo da vida. Concomitantemente, a WHO propôs que a saúde sexual é "*um estado de bem-estar físico, emocional, mental, e social em relação à sexualidade; não é apenas a ausência de doença, de disfunção, ou de sofrimento. Exige um enfoque positivo e*

respeitoso face à sexualidade e às relações sexuais, assim como a possibilidade de ter experiências sexuais agradáveis, e seguras, livres de coerção, discriminação e violência (...) os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e cumpridos"(WHO, 2006, p. 5).

Pode ser definida como a amplitude para desfrutar da actividade sexual e reprodutiva, moldando-se aos critérios da ética social e pessoal. É importante que não existam medos, vergonha, culpa, falsas crenças, ou outros factores psicológicos que inibam a reactividade sexual ou dificultem as relações sexuais. Nem devem existir transtornos orgânicos, doenças e / ou deficiências que ameçam a actividade sexual e reprodutiva (Carrobbles & Sanz, 1991).

A saúde sexual e reprodutiva, assim como o bem – estar é essencial para que o sujeito consiga disfrutar de uma vida sexual responsável, segura, e satisfatória, exigindo uma abordagem positiva da sexualidade e uma compreensão das complexas componentes que moldam o comportamento sexual humano, sendo que esses componentes poderão promover a expressão de uma sexualidade que conduz à saúde sexual e ao bem-estar, ou causar comportamentos sexuais que colocam o indivíduo em situações de risco e vulnerabilidade face a problemas relativos com a saúde sexual e a saúde reprodutiva (WHO, 2006).

No que se refere à sexualidade, a WHO define este conceito como “*o aspecto central do ser humano que integra o sexo, a identidade e os papéis de género, a orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade, e reprodução. É vivenciada, experimentada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, mitos, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis, relações, e é influenciada pela interacção dos factores biológico, psicológico, social, económico, político, cultural, ético, legal, histórico, religioso, e espiritual*” (WHO, 2006, p. 5).

Félix López (2005) refere que a sexualidade inclui o indivíduo na sua globalidade, na medida em que através do seu corpo é possível experimentar algum tipo de actividade sexual agradável. Todo o sujeito pode apresentar a necessidade de intimidade sexual, sendo um direito, independentemente do estado civil.

A sexualidade é inerente ao ser humano, um aspecto permanente que propicia, em cada fase da vida do indivíduo, o desenvolvimento de diversos comportamentos e atitudes associadas a esta, evoluindo em conformidade com o crescimento do sujeito, para o qual é fundamental favorecer modos adequados de expressão, de forma a potenciar progressos

salutares da mesma (Barragán, 1999). De facto, o ser humano é, inevitavelmente, uma criatura sexual

O comportamento sexual e a sexualidade são temáticas centrais do entretenimento ocidental, através de livros, jogos para computador, filmes, ou televisão (Kauth, 2006). Consequentemente, o comportamento sexual e a sexualidade são temas comuns nas discussões que podem incluir a especulação sobre a possível actividade sexual, relações sexuais, preservativos, masturbação, orgasmo ou a gravidez, entre outros. Portanto, enquanto falamos muitas vezes sobre estas questões, muitas pessoas sentem-se sexualmente excitadas, e / ou envolvidas em diversas e distintas actividades sexuais, como a masturbação (Chivers, 2005).

Actualmente, já está claro que a sexualidade é uma parte importante do ser humano, sendo latente ou activa, desde o nascimento até a morte (Madueño, 2004), ajudando homens e mulheres a incorporar e fortalecer as relações significativas estabelecidas com o outro e o Mundo (Lourenço, 2002).

Na maioria das vezes, a consequência do comportamento sexual é o prazer sexual, uma componente inata da sexualidade humana (Garza-Mercer, 2006). Embora não seja fácil definir esta variável, e a sua definição precisar de variar inter-grupos e intra-grupos de indivíduos, culturas, géneros e contextos (Garza-Mercer de 2006), a explicação mais simples é que o prazer sexual consiste nos sentimentos positivos induzidos por estímulos sexuais (Abramson & Pikerton, 2002).

O prazer sexual pode incluir uma longa expansão de comportamentos e pensamentos sexuais, variando desde um beijo apaixonado e a indulgência de fantasias eróticas e filmes. No entanto, o prazer sexual refere-se principalmente às sensações físicas e subjectivas positivas, e às experiências emocionais decorrentes da estimulação dos genitais, seios, e outras zonas erógenas (Garza-Mercer, 2006).

O prazer sexual quando é percebido como libertação e agradabilidade, o sujeito pode sentir-se muito satisfeito, mas quando é percebido como algo pecaminoso e / ou aberração, o prazer sexual pode ser experimentado com sentimentos de culpa (Abramson & Pikerton, 2002).

Em suma, a sexualidade é um conceito complexo e subjectivo que muda temporalmente com a idade e a experiência do indivíduo, não se restringindo ao estado de ter o poder físico para a realização de um acto sexual, ou da concepção de uma bebé (Hordern,

2000). Actualmente, para além da função reprodutiva, apresenta, igualmente, a obtenção do prazer (Capellá, 2003). Além disso, a sexualidade pode incluir a imagem corpora, a resposta sexual, os papéis de género, e os relacionamentos, sendo a expressão pessoal se si mesmo e da relação com o Outro (Hordern, 2000). É considerada como instintiva e fundamental para a estimulação da vida do ser humano, incentivando a procura de prazer e satisfação, e o estabelecimento de relacionamentos românticos.

2.1. Satisfação Sexual

Com a expansão do conhecimento e da compreensão sobre a sexualidade, o estudo das relações íntimas e da satisfação sexual tem vindo a ganhar importância e terreno (Darling & Davidson, 1986) não se restringindo à investigação das dificuldades e disfunções sexual, uma vez que os sujeitos preocupam-se, com maior frequência, com a qualidade do seu relacionamento sexual, da sua satisfação sexual, e da satisfação sexual do parceiro romântico (Byers, 1999).

De uma forma global, a satisfação sexual e, em particular, o seu aumento, tem recebido pouca atenção na literatura clínica ou empírica. Além disso, a literatura científica tem sido desprovida de um quadro conceptual para a compreensão e estudo dessa variável (Byers, 1999; Perlman & Abramson, 1982), sendo que muitas vezes é comumente conceptualizada como a frequência de orgasmo ou relação sexual (Haavio-Manila & Kontula, 1997; Laumann, Gagnon, Michael, & Michaels, 1994; Perlman & Abramson, 1982; Wiegel, Meston, & Rosen, 2005). A conceituação da satisfação sexual é inadequada, levando a que muitas vezes seja avaliada através de um único item dicotómico (Lawrence & Byers, 1992), ou por dois itens indicadores da satisfação física, e emocional (Barrientos & Paez itens, 2006; Laumann et al., 1994).

No entanto, um conjunto de medidas multidimensionais tem vindo a ser construído e desenvolvido, e utilizado na avaliação da satisfação sexual: o *Whitley Inventory of Sexual Satisfaction* (WISS: Whitley & Poulsen, 1975); o *Index of Sexual Satisfaction* (ISS: Hudson, Harrison, & Croscup, 1981); e o *Pinney Sexual Satisfaction Inventory* (PSSI: Pinney, Gerrard, & Denney, 1987), desenvolvido para avaliar especificamente a sexualidade feminina. Pinney e colaboradores (1987) defenderam que este constructo tinha uma componente pessoal e outra interpessoal, tendo identificado duas dimensões constituintes

deste conceito: a satisfação sexual geral, associada à frequência e tipo de actividades sexuais; e a satisfação com o parceiro actual.

Com foco na saúde sexual, tais como a invenção de novos fármacos, foram construídas e desenvolvidas a *Young's Sexual Satisfaction Scale* (YSSS: Young & Luquis, 1998; Young, Denny, Young, & Luquis, 2000); e a *Global Measure of Sexual Satisfaction* (GMSEX: Byers & MacNeil, 2006; Lawrence & Byers, 1995) que avaliam subjectivamente a componente interpessoal da sexualidade; a *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction* (IEMSS; Byers, 2005; Byers & Demmons, 1999; Byers & MacNeil, 2006; Byers, Demmons, & Lawrence, 1998) que incidem sobre a satisfação sexual em relacionamentos comprometidos; o *The Golombok–Rust Inventory of Sexual Satisfaction* (GRISS: Rust & Golombok, 1985, 1986), que avalia a presença ou ausência de indicadores clínicos; o *Female Sexual Function Index* (FSFI: Wiegel et al., 2005) que tem como objectivo avaliar as dimensões relacionais, e mais recentemente foi desenvolvida a *Sexual Satisfaction Scale for Women* (SSS-W: Meston & Trapnell, 2005) que avalia a satisfação sexual e desconforto sexual (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010), e a *New Sexual Satisfaction Scale* (NSSS: Štulhofer et al., 2010) que analisa as dimensões relacionais individual e relacionais.

Embora exista um vasto conjunto de instrumentos padronizados para medir este constructo, são vários os autores (Byers & MacNeil, 2006; McClelland, 2010; Štulhofer et al., 2010) que defendem a necessidade de surgir um modelo teórico que suporte os instrumentos estandardizados existentes, promovendo a existência de alguns problemas na definição desta variável (Philippsohn & Hartmann, 2009), por ser um constructo amplo, e devido às fragilidades na conceptualização e avaliação da satisfação sexual (Byers, 1999; Lawrence & Byers, 1992, 1995; Meston & Trapnell, 2005). Além disso, existe um hiato na sua operacionalização, uma vez que não distingue entre a satisfação sexual em geral e a satisfação sexual actual associada à actividade sexual, sendo que a satisfação sexual em geral pode ser definida como a avaliação subjectiva da vida sexual independentemente da actividade sexual, permitindo que os indivíduos que não são sexualmente activos possam relatar níveis elevados em relação à sua vida sexual em geral (Philippsohn & Hartmann, 2009).

Não existe uma definição consistente utilizada na literatura empírica e clínica, sendo que muitos pesquisadores ainda utilizam esta variável, sem ter o cuidado de a conceituar (Perlman & Abramson, 1982). As debilidades na conceptualização e avaliação da satisfação

sexual revelam uma falta de compreensão e concordância em sua conceituação, dificultando a comparação entre os diferentes resultados em estudos diversos (Byers, 1999).

A satisfação sexual não equivale à insatisfação sexual, e é mais do que a frequência das relações sexuais e de orgasmo, é mais do que o prazer sexual (Byers, 1999; Lawrance & Byers, 1992). No entanto, vários estudos demonstraram que essas variáveis parecem ser importantes para a satisfação sexual (Darling, Davidson, & Cox, 1991a; Darling, Davidson, & Jennings, 1991b; Haavio-Manila & Kontula, 1997; Laumann et al, 1994).

De acordo com Mah e Binik (2001), existem mais de 25 definições de orgasmo, o que promove uma certa confusão em sua definição. No entanto, Kinsey e colaboradores (1970a, b) definem esta variável como uma descarga explosiva de tensão neuromuscular, enquanto Masters e Johnson (1981) conceptualizam-no como uma experiência subjectiva que é acompanhada por um conjunto de alterações fisiológicas, descrevendo as contracções dos músculos pubococígeos (músculos da pélvis). O orgasmo é um agradável e intensa resposta desencadeada pela estimulação genital: no caso das mulheres, estimulação física da vagina e, principalmente do clítoris, e nos homens, estimulação física do pénis (Komisaruk, Beyer-Flores, & Whipple, 2006).

Haning, O'Keefe, Randall, Kommor, Baker, e Wilson (2007) realizaram um estudo com 417 mulheres e 179 homens heterossexuais, e concluíram que ter um orgasmo é o melhor preditor da satisfação sexual. A investigação de Young e colaboradores (1998) verificou que a frequência de orgasmo do próprio, e a frequência do orgasmo do par sexual e/ou romântico são, também, preditores de satisfação sexual.

De acordo com Bancroft, Loftus, e Long (2003), apesar da frequência do orgasmo ser significativa para a satisfação sexual de ambos os géneros, parece que os orgasmos são mais importantes para a satisfação sexual dos homens. Da mesma forma, os indivíduos que involucram mais frequentemente em actividades sexuais relatam níveis médios mais elevados de satisfação sexual (Haavio-Manila & Kontula de 1997; Laumann et al., 1994), sendo que aqueles que praticam diversas actividades sexuais apresentam mais satisfação sexual, em comparação com os sujeitos menos aventureiros (Haavio-Manila & Kontula, 1997). Isto é verifica-se com maior constância nas mulheres, uma vez que a maioria necessita de estimulação manual, quer na masturbação, penetração vaginal e/ou penetração anal, ou oral do clítoris a fim de atingir o orgasmo (Carpenter, Nathanson, & Kim, 2009).

Num estudo realizado por Refoios, Esteves, e Lourenço (2005), com 326 mulheres portuguesas, verificou-se que as mulheres da amostra tinham aludido ter uma alta frequência de orgasmo no encontro sexual (atingindo-o em 81 a 100% das vezes na relação sexual), relataram estimular directamente o clitóris, quando comparadas com as mulheres da amostra que relataram ter uma frequência moderada (51-80%) ou baixa (5-50%). Os autores demonstraram, também, que as mulheres que referiram alcançar múltiplos orgasmos no encontro sexual revelaram masturbar através de estimulação directa da zona clitoriana, em comparação com as mulheres que mencionaram experienciar um único orgasmo. Da mesma forma, as mulheres que afirmaram estar informadas sobre o clitóris, apresentaram níveis médios superiores de orgasmo e de estimulação directa do clitóris, comparativamente com as mulheres que indicaram não estar informadas sobre este órgão.

De facto, são vários os investigadores (Hite, 1980, 2002; Kaplan, 1974; Kinsey et al., 1970b; Masters & Johnson, 1981; Refoios et al., 2005) que relataram a importância da estimulação directa do clitóris para o orgasmo feminino e para a satisfação sexual, sendo que na pesquisa de Refoios e colaboradores (2005), verificou-se que a satisfação sexual relacionava-se positivamente com o orgasmo através da estimulação directa do clitóris, sendo a forma mais comum de masturbação em mulheres (Baumeister, Catanese, & Vohs, 2001; Beliz & Pereira, 2009).

Os autores (Refoios et al., 2005) concluíram, igualmente, que quanto mais frequência de orgasmo e quanto mais estimulação directa do clitóris, através da masturbação ou como complemento da penetração, vaginal e/ou anal, mais satisfação sexual.

Noutra investigação (Refoios, Fuertes, & Lourenço, 2009), com 908 mulheres portuguesas, verificou-se que as mulheres da amostra que afirmaram não se masturbar, ou não estimular adicionalmente o clitóris durante a penetração, apresentaram menos frequência de orgasmo. No entanto, quando foi questionado sobre a frequência de orgasmo na penetração pénis-vagina (31,2% da amostra respondeu nunca), mas quando a estimulação do clitóris foi integrada, 44,7% das mulheres referiram alcançar frequentemente o orgasmo. Além disso, 30% das mulheres mencionou experienciar o orgasmo sempre ou muitas vezes na relação oral, e a maioria da amostra de mulheres que aludiu ter alcançado, pelo menos, um orgasmo (51,5%), relatou alcançar sempre o orgasmo na estimulação directa do clitóris através da actividade de masturbação.

A satisfação sexual é um conceito amplamente utilizado que se tornou um elemento fundamental para o bem-estar geral (Mulhall, King, Glina, & Hvidsten, 2008), para o bem-estar sexual e para o ajustamento (Pascoal, Vilarinho, Pereira, Nobre, & Narciso, 2009; Štulhofer et al, 2010), referindo-se à auto-avaliação dos termos positivos e negativos do relacionamento sexual actual (Pascoal et al, 2009).

Um conjunto significativo de evidências empíricas, expressa essa importância principalmente na literatura sobre a terapia sexual (Heiman & LoPiccolo, 2001), bem como em investigações sobre a qualidade e estabilidade da relação (Byers, 2005; Byers et al., 1998; Christopher & Sprecher, 2000; Sprecher, 2001; Young et al., 2000).

Lawrence e Byers (1992, 1995, p. 268) desenvolveram uma definição científica deste construção, tendo conceptualizado a satisfação sexual como uma resposta afectiva que surge através da avaliação subjectiva de um dos parceiros sobre as dimensões positivas e negativas associadas com a relação sexual do outro membro do casal. Pode ser, igualmente, definida como uma experiência multidimensional que envolve pensamentos, sentimentos, atitudes e crenças pessoais e socioculturais, em combinação com factores biológicos (Gil, 2007, p.238); ou simplesmente como o grau em que alguém se sente feliz ou satisfeito com a sua vida sexual (Sprecher & Cate, 2004, p. 236). De acordo com Nobre (2006), a satisfação sexual refere-se- unicamente, à procura e obtenção de satisfação na relação sexual.

Segundo Sprecher (2001), a satisfação sexual poderá representar um equilíbrio favorável entre custos e benefícios dos aspectos sexuais e não-sexuais na relação. No entanto, o modelo de troca interpessoal (*The Interpersonal Exchange Model*), na tentativa de explicar a importância que a satisfação sexual apresenta, e o motivo da satisfação demonstrada pelos indivíduos envolvidos em relacionamentos íntimos, propõe que a satisfação sexual é o resultado de benefícios, como a intimidade, a proximidade, e o prazer físico, e de custos, como o tempo despendido, sendo que a avaliação do equilíbrio entre os benefícios e os custos depende do que a pessoa sente que merece e a percepção do casal sobre este equilíbrio (Lawrence & Byers, 1995).

A sensação de satisfação com a vida sexual é variada e está intrinsecamente ligada com experiências e vivências sexuais anteriores, perspectivas actuais e futuras objectivos e expectativas (Davidson, Darling, & Norton, 1995).

Meston e Trapnell (2005) sugerem que a satisfação sexual é constituída por duas componentes, uma relacional, e outra pessoal. Os autores argumentam que o domínio

relacional da satisfação sexual inclui a comunicação, sexual e não-sexual, e a compatibilidade, sendo a comunicação sexual percebida, o contribuinte mais frequentemente referenciado na literatura.

No que diz respeito aos componentes pessoais da satisfação sexual, estes incluem os julgamentos globais da satisfação sexual, como os avaliados em instrumentos recentes (*e.g.* FSFI; Rosen et al., 2000), e os níveis subjectivos de desconforto sobre preocupações auto-sexuais (Meston & Trapnell, 2005).

Haavio-Manila e Kontula (1997) sugerem que a satisfação sexual é composta por outros componentes: a física, que se refere à satisfação sexual ou às relações sexuais prazerosas; e a componente afectivo-emocional, que remete para a felicidade de uma relação estável (Barrientos & Paez, 2006).

Parish, Luo, Stolzenberg, Laumann, Farrer, e Pan (2007) argumentam a existência de cinco determinantes gerais da satisfação sexual: (i) as práticas sexuais - uma variedade de técnicas sexuais, de frequência de coito e de orgasmo associada à satisfação sexual; (ii) aspectos socio-emocionais da relação com o par sexual – centra-se nas diferenças de género sugerindo que, do ponto de vista evolutivo, para os homens as características mais atraentes nas mulheres são a beleza, juventude, e exclusividade sexual, enquanto para as mulheres são os recursos e a estabilidade numa relação a longo prazo (Buss, 1989, 1998); (iii) conhecimentos, valores e atitudes em relação à sexualidade – a satisfação sexual relaciona-se com as normas e regras culturais (Baumeister, 2000), e com os valores religiosos (Davidson et al., 1995; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Young et al., 2000), escassos conhecimentos sobre a sexualidade correlaciona-se com a níveis baixos de satisfação sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Hurlbert, 1991); (iv) vitalidade e saúde física geral – a diabetes, a hipertensão arterial, medicamentos para a pressão arterial, depressão, excesso de consumo de tabaco e de álcool afectam a satisfação sexual (Bancroft et al., 2003; Frohlich & Meston, 2002; Nicolosi, Moreira, Villa, & Glasser, 2004); e (v) impedimentos ambientais para a satisfação sexual – falta de privacidade e de intimidade, e pressões sociais para evitarem o aborto (Pimentel, 2000, citado por Parish et al, 2007).

A satisfação sexual está intimamente associada com o funcionamento sexual (Heiman, Long, Smith, Fisher, Sand, & Rosen, 2011), com a satisfação relacional (Byers, 2005; Barrientos & Paez, 2006; Cupach & Comstock, 1990; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Hendrick, 1981; Hsiu-Chen, Lorenz, Wickrama, Conger, & Elder, 2006), sendo uma

componente da saúde sexual (Byers & MacNeil, 2006). Consequentemente, a qualidade relacional afecta a satisfação sexual (Lawrance & Byers, 1995), onde a satisfação com o relacionamento geral é um dos principais preditores da satisfação sexual (Byers et al., 1998; Sprecher, 2002), assim como o compromisso e a estabilidade (Perrone & Worthington, 2001; Sprecher, 2002), a qualidade conjugal (Young, Denny, Luquis, & Young, 1998; Young et al., 2000), e a comunicação em geral (Bridges, Lease, & Ellison 2004; Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Larson et al., 1998).

Young e colaboradores (2000) observaram que a frequência da actividade sexual, a participação e o prazer experimentado em actividades sexuais não-coitais (centradas na masturbação, sexo anal, e sexo oral) predizem a satisfação sexual. No entanto, algumas pesquisas têm demonstrado que a satisfação sexual, para além de correlacionar-se positivamente com a frequência e consistência do orgasmo (Darling et al., 1991a, 1991b; Hurlbert & Apt, 1994; Pinney et al., 1987), associou-se positivamente com a frequência da actividade sexual (Hurlbert & Apt, 1994; Sprecher & McKinney, 1993, Young et al., 1998), com a intimidade (Byers & Demmons, 1999; Haning et al., 2007; McCabe, 1999; Moret, Glaser, Page, & Bergeron, 1998), com a comunicação sexual (Byers & Demmons, 1999; Gossman, Juliene, Mathieu, & Chartrand, 2003; Philippsohn & Hartmann, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993), e negativamente com a duração da relação (Carpenter et al., 2009), porque possivelmente a familiaridade promove a rotina sexual (Laumann et al., 1994; Sprecher, 2002). Assim como a satisfação sexual, e a frequência da actividade sexual tendem a diminuir com o tempo da relação (Brassard, Shaver, & Lussier, 2007; Willets, Sprecher, & Beck, 2004), apesar de ocorrer com mais frequências nas relações conjugais ou de coabitação, e menos significativamente nas relações de namoro (Aubin & Heiman, 2004). Outros autores (Carpenter et al., 2009; Young et al., 2000) afirmaram que a idade é, igualmente, um predictor da satisfação sexual.

Pedersen e Blekesaune (2003) realizaram um estudo com 2101 participantes sobre as diferenças na satisfação sexual em função do tipo de relação sexual: casamento, coabitação, relação de namoro, solteiros com par sexual. Os autores demonstraram a existência de diferenças significativas em ambos os géneros, sendo que os homens casados tinham níveis médios mais elevados de satisfação sexual, seguidos pelos que alegaram viver em coabitação, depois os que estão envolvidos num relacionamento de namoro e, finalmente, os solteiros com par sexual. No entanto, os autores descobriram que as mulheres que vivem em

coabitação tinham níveis médios superiores de satisfação sexual, seguidas das casadas, depois as que se encontram numa relação de namoro, e por fim as solteiras com par sexual.

Os autores (Pedersen & Blekesaune, 2003) verificaram que em ambos os géneros, quanto mais precoce a primeira experiência coital, mais satisfação sexual. Da mesma forma confirmaram a existência de diferenças estatisticamente significativas na satisfação sexual em função do número de parceiros sexuais, somente nos homens, no sentido dos homens que aludiram ter mais de seis pares sexuais apresentavam valores médios mais elevados de satisfação sexual, em comparação com o grupo de homens que afirmou ter um par sexual, e o grupo que relatou ter dois a cinco parceiros sexuais. Os autores avaliaram igualmente, a associação entre a satisfação sexual e a frequência da actividade sexual, verificando que em ambos os géneros quanto mais frequência de beijos, abraços, carícias (pelo menos uma vez por dia), e quanto mais sexo oral e penetração vaginal (quatro vezes ou mais por semana), mais satisfação sexual.

Outro conjunto de estudos reportou associações entre a satisfação sexual e o género (Carpenter et al., 2009), os rendimentos (Christopher & Sprecher, 2000), a religiosidade (Davidson et al., 1995; Young et al, 2000), e vários outros aspectos sexuais e não-sexuais da relação (Bancroft et al., 2003; Byers, 2005; Young et al., 2000).

Byers (2005) relata que existem diferenças na satisfação sexual em função do género, no sentido das mulheres apresentarem maior probabilidade de se sentirem sexualmente satisfeitas no contexto das relações românticas, enquanto os homens são mais propensos a sentir satisfação sexual e a ter motivação sexual para se envolverem em actividades sexuais dentro e fora dos relacionamentos de longo prazo. Outra evidência empírica demonstrou que os homens têm níveis mais elevados de satisfação sexual (McCabe, 1999), e as mulheres relataram maior satisfação sexual (Sprecher, 2002; Trudel, 2002).

No que se refere à satisfação sexual face às práticas sexuais, parece que os homens preferem um conjunto mais amplo de actividades sexuais (Laumann et al., 1994). Neste estudo de dimensões longas o ênfase centrou-se na sexualidade genital, mas as mulheres homossexuais demonstraram sentir mais satisfação sexual em relação ao beijo, abraço ou acariciar a parceira, sendo que há uma probabilidade de, nestas actividades não coitais, as mulheres apresentarem níveis superiores de satisfação sexual (Holmberg & Blair, 2009). A sua investigação, com uma amostra constituída por 322 mulheres e 122 homens, recolhida *online*, revelou que as mulheres apresentaram níveis médios superiores de satisfação sexual

geral e de satisfação sexual com a relação, face a um conjunto de actividades sexuais não-coitas (*e.g.* beijar o par, observar o par a despir-se, estimular oral-genitalmente o par), comparativamente com os homens da amostra.

As subjectivas motivações sexuais, ou seja, as razões que conduzem o sujeito a se envolver em actividades sexuais são diversas (Impett & Tolman, 2006; Meston & Buss, 2007; Stephenson & Meston, 2011), podendo variar entre a procura do prazer, para diminuir a ansiedade (Toates, 2009), para a busca de conforto e proximidade (Birnbaum, 2007; Davis, Shaver, & Vernon, 2004; Feeney & Noller 2004; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2004). No entanto, apesar da existência de um conjunto de variáveis que predizem a satisfação sexual, a motivação que leva o sujeito a envolver-se no acto sexual pode determinar a satisfação sexual (Stephenson & Meston, 2007). De facto, a necessidade de sentir proximidade e amor durante o sexo pode ser menos importante para o indivíduo que procura ter relações sexuais com o objectivo ter prazer sexual, e mais importância para o indivíduo que se envolve em relações sexuais de forma a sentir intimidade emocional (Stephenson & Meston, 2007; Toates, 2009), como é o caso dos indivíduos com estilo de vinculação ansiosa (Birnbaum, 2007; Davis et al., 2004; Davis, Shaver, Widaman, Vernon, Follette, & Beitz, 2006; Feeney & Noller, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2004).

A satisfação sexual é, de facto, um constructo multidimensional que apresenta relação com um conjunto vasto de variáveis relacionais, sexuais, sociodemográficas, mas tende a diminuir com a idade, particularmente nas mulheres (Christopher & Sprecher, 2000; Štulhofer et al., 2009; Young et al., 2000), sendo que o seu declínio poderá associar-se com a probabilidade de divórcio (Sprecher, 2002). Os adultos mais velhos estão menos satisfeitos sexualmente, em comparação com os mais jovens, e as mulheres revelam níveis médios mais baixos de satisfação sexual, quando comparados com os homens (Carpenter et al., 2009).

É um constructo considerado pela WHO (2006) como sendo uma componente essencial e fundamental para a saúde sexual, um direito sexual. A importância da satisfação sexual no bem-estar global e sexual do indivíduo tem sido comprovada. Por conseguinte, uma melhor compreensão dos factores que aumentam ou diminuem a satisfação sexual pode pavimentar o caminho para uma maior eficácia nas respostas clínicas, e nos planos de acção face aos problemas de cariz sexual (Bancroft, 2002).

Ao ser um conceito multidimensional e multifacetado é essencial que seja compreendido através do funcionamento sexual, do ponto de vista fisiológico, mas também pela qualidade do relacionamento, do ponto de vista psicoemocional, tendo em consideração um conjunto de factores não sexuais, como os económicos, religiosos, demográficos, culturais, entre outros (Carvalheira & Leal, 2008).

2.1.1. Comunicação Sexual e o seu papel na Satisfação Sexual e na Sexualidade

Numa relação íntima e afectuosa a comunicação, entre os parceiros constituintes do casal, é uma condição indispensável para a existência do relacionamento adequado (Brehm, 1992). Através da palavra compartilhamos acontecimentos privados e os significados do mundo objectivo e social (Alferes, 2002), sendo que o acto de comunicar pode ser feito com a linguagem verbal ou escrita, gestos ou sinais.

Uma das funções da comunicação verbal é a *função auto-referencial*, ou seja, a troca de informações que se refere a si mesmo, incluindo disposições, preferências, eventos passados, projectos, e planos para o futuro (Derlega & Grzelak, 1979 citados em Alferes, 2002). Os psicólogos sociais designam este tipo de comunicação por *Auto-Revelação (self-disclosure)* (Alferes, 2002).

Investigações (Hill & Stull, 1982) argumentam que neste tipo de comunicação os conteúdos partilhados são promotores da intensificação do grau de intimidade, sendo responsável pela formação e manutenção de relações sociais (Fisher, 1984). A reciprocidade é considerada um dos principais aspectos do comportamento de auto-revelação, em que o indivíduo X informa o sujeito Y sobre os conteúdos do seu mundo privado e, geralmente, o sujeito Y responde através de divulgações idênticas (Hill & Stull, 1982).

A auto-regulação consiste em dizer e partilhar algumas coisas pessoais acerca de si próprio ao parceiro, como os pensamentos e sentimentos, designando-se de revelação verbal sentimentos (Hendrick, 1981; Sprecher & Hendrick, 2004), ou seja, é um comportamento comunicacional que apresenta um potencial duplo: poderá melhorar a qualidade do relacionamento interpessoal, ou provocar sérios problemas na relação (McCroskey & Richmond, 1977).

MacNeil e Byers (2005, 2009) argumentam a existência de duas vias que relacionam a auto-revelação e a satisfação sexual: 1) via instrumental, e 2) via expressiva. A primeira baseia-se no pressuposto de que o sujeito ao revelar os seus gostos e desgostos sexuais, ou seja, de comunicar sexualmente seus desejos, necessidades, preferências sexuais é uma maneira específica de informar e ter a probabilidade de obter mais do que lhe agrada e menos do que não gosta sexualmente.

Alguns autores (McCarthy & Bodnar, 2005) alegam que a via instrumental é importante, pois os casais podem e diferenciam-se entre si quanto às preferências sexuais. Por outro lado, os desejos e as fantasias do sujeito podem e mudam de minuto a minuto, dia a dia, semana a semana, mês após mês, ano após ano. É somente através da auto-revelação sexual, da comunicação sexual, que o sujeito pode negociar, com o seu par, um guião sexual (*Script Sexual*) – conceptualizações sobre a sexualidade que a maioria dos indivíduos, em uma cultura particular, reconhece (Greene & Faulkner, 2005), e mutuamente prazeroso (Byers, 2011; MacNeil & Byers, 2005, 2009).

A via instrumental postula que uma maior auto-revelação sexual promove uma maior compreensão do par sobre as nossas preferências e desgostos sexuais. Consequentemente, aumenta a probabilidade de formar uma lista sexual que inclui mais actividades agradáveis, e menos actividades desagradáveis e, por conseguinte, maiores níveis de satisfação sexual (Byers, 2011; MacNeil & Byers, 2005, 2009).

A via expressiva demanda que a auto-revelação sexual e não-sexual conduz a um maior bem-estar ao intensificar a intimidade que, por sua vez, melhora o conforto e bem-estar sexual (Byers, 2011; MacNeil & Byers, 2005, 2009).

De acordo com Guerrero, Andersen, e Afifi (2014a) os temas mais comumente comunicados são os problemas relacionais, de família, pares ou potenciais pares românticos, e sexo. Os autores argumentam que a comunicação é estabelecida através de factores contextuais e relacionais, que reflectem e influenciam a natureza de uma relação específica (p. 23).

Montesi, Fauber, Gordon, e Heimberg (2010) afirmam que a comunicação acerca da sexualidade é extremamente importante nas relações íntimas, e que o sujeito deve estar consciente de que deverá ter tolerância face à possibilidade de exposição à potencial vergonha, rejeição, e humilhação quando auto-revelar informações de cariz sexual.

A comunicação sexual pode ser definida como a satisfação em comunicar conteúdos sexuais (Timm & Keiley, 2011), referindo-se ao processo de discussão dos aspectos sexuais da vida de um membro do casal com o outro membro (Byers & Demmons, 1999; Greene & Faulkner, 2005), contribuindo significativamente para a satisfação relacional (Crooks & Baur, 2014). A capacidade em comunicar os aspectos sexuais aumenta a eficácia da comunicação sexual numa relação romântica (Greene & Faulkner, 2005). Falar sobre sexo com o parceiro permite a revelação dos conteúdos sexuais da sua sexualidade, sendo um elemento substancial nas relações íntimas, como desejos, preferências, necessidades, medos, e fantasias sexuais entre os membros da díade (Montesi et al., 2010; Widman, Welsh, McNulty, & Little, 2006).

As investigações sobre a comunicação sexual podem ser divididas em três formas diferentes: (i) de interacção simbólica – os pesquisadores (Gecas & Libby, 1976 citado em Brogan, Fiore, & Wrench, 2009, 2009) acreditam que o uso da linguagem e da interacção da mesma com o outro são a causa da percepção de que o sujeito tem do sexo; (ii) a comunicação sobre o sexo – é a forma mais comumente investigada sobre a comunicação sexual (Brogan et al., 2009), e analisa como as díades comunicam sobre a temática da sexualidade (*Dyadic Sexual Communication Scale*, DSCS: Catania, 1986, citado por Davis, Yarber, Bauserman, Schreer, & Davis, 1998; e Fisher, Davis, Yarber, & Davis, 2011); e (iii) comunicação sexual entre os parceiros sexuais durante a interacção sexual (Sprecher & Cate, 2004). No entanto, há poucos estudos empíricos que usam esta terceira forma de se pesquisar a comunicação sexual (Brogan et al., 2009).

De acordo com Sprecher e Cate (2004) pode ser difícil avaliar a comunicação sexual, uma vez que ocorre, geralmente, durante a actividade sexual e tende a ser não-verbal, apesar da conceptualização de sexo incluir o contexto para a comunicação verbal e não-verbal (Brogan et al., 2009). No entanto, vários e distintos estudos (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Grossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993) conseguiram medir esta variável e explorar a relação que apresenta com outras variáveis sexuais e relacionais. Existe um conjunto de pesquisas na literatura que teve como objectivo explorar ou confirmar a hipótese de que a comunicação sexual e a auto-revelação sexual associam-se positiva e significativamente com satisfação sexual (Byers, 2011; Demmons & Byers, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Grossman et al., 2003; Haavio-

Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993; Widman et al., 2006), assim como com o bem-estar sexual (Cupach & Comstock, 1990; MacNeil & Byers, 1997, 2009). De facto, os indivíduos que revelam ao seu parceiro o que apreciam e não gostam sexualmente, relataram níveis mais elevados de bem-estar sexual (Byers, 2011; MacNeil & Byers, 2005, 2009). Da mesma forma, Bridges e colaboradores (2004) afirmam que a comunicação sexual é um preditor de satisfação sexual, sendo essencial para a relação sexual e satisfação sexual salutar (Guerrero, Andersen, & Afifi, 2014b).

Existe uma associação positiva entre a satisfação sexual e a comunicação sexual, sendo que parece que as mulheres revelam valores correlacionais mais elevados entre estados duas variáveis, quando comparadas com os homens. Contudo, coloca-se a hipótese de que as mulheres apresentam maior probabilidade em comunicar sobre os seus desejos, fantasias, emoções, sentimentos, necessidades sexuais associadas com a componente relacional e emocional da satisfação sexual, comparativamente com os homens. De facto, no estudo de Beliz e Pereira (2009) foi possível analisar que para 83% da amostra de mulheres, num universo de 2527 mulheres, a parte emocional da relação apresentou um importância significativa na satisfação sexual e no relacionamento sexual, corroborando as investigações de Basson (2000, 2001a, 2001b, 2002a, 2002b) e Levine (1991) que argumentaram que, para as mulheres, a intimidade e as variáveis emocionais revelam uma associação estatisticamente significativa e positiva entre a satisfação sexual, a comunicação sexual, e a frequência de orgasmo.

Num estudo realizado com 74 casais em relacionamentos de namoro (MacNeil & Byers, 2005), e outro com 104 casais em relações de longo prazo (MacNeil & Byers, 2009), as autoras objectivam analisar a via instrumental e a via expressiva entre a auto-revelação sexual e a satisfação sexual. Os resultados alcançados revelam um claro apoio da via instrumental, em ambos os géneros, e em ambas as relações (de curto e longo prazo), e a via expressiva entre a auto-revelação e a satisfação sexual.

As autoras confirmaram os resultados obtidos em vários estudos (Byers, 2005; Byers et al., 1998; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Lawrence & Byers, 1995; Purnine & Carey, 1997), concluindo que a variedade de comportamentos que promovam aumento do bem-estar relacional, como a comunicação, sexual ou não sexual, também melhora o bem-estar sexual.

Por outro lado, a comunicação, a proximidade são duas condições que parecem promover o aumento da satisfação sexual (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004).

Greene e Faulkner (2005) defendem que os indivíduos usam a comunicação sexual como forma de negociação e discussão sobre o uso de preservativos, saúde sexual, satisfação sexual, e limites sexuais. Sua pesquisa, com 698 casais heterossexuais, concluiu que as díades heterossexuais que apresentaram um papel de género menos tradicional, revelaram mais comunicação sexual diádica, e mais satisfação sexual e relacional.

A comunicação sexual compreende um certo grau de risco, uma vez que quando o sujeito expressa seus sentimentos, emoções, necessidades, desejos, fantasias e / ou preferências sexuais coloca-se numa posição sensível, no que diz respeito às opiniões, juízos, críticas, e rejeição dos outros. Consequentemente, a capacidade de aceitar esses riscos depende do grau de confiança individual e no relacionamento, e da qualidade relacional, sendo que a ansiedade sobre a comunicação sexual poderá levar à falha de comunicação ou incapacidade comunicacional (Crooks & Baur, 2014).

A incapacidade em comunicar os seus desejos e necessidades sexuais parece relacionar-se com as disfunções ou dificuldades sexuais e, portanto, com a ausência ou baixo nível de satisfação sexual (Cupach & Comstock, 1990; Hurlbert, 1991; MacNeil & Byers, 1997), uma vez que os problemas sexuais parecem estar negativamente associados com a satisfação sexual (Stephenson & Meston, 2010b). A incapacidade de se comunicar desejos, necessidades e fantasias sexuais é uma característica comum em problemas de orgasmo, sendo que as mulheres sexualmente assertivas relataram altos níveis de desejo sexual, capacidade em atingir o orgasmo, e satisfação sexual (Hurlbert, 1991).

Com base em sua exaustiva experiência clínica, Masters e Johnson (1985; Masters, Johnson, & Kolodny, 1986) argumentaram que a manutenção da comunicação sexual entre os parceiros é fundamental para a existência de uma satisfação sexual no relacionamento, pois permite aos elementos da díade partilhar os seus desejos, preferências, fantasias, e necessidades sexuais (Cupach & Comstock, 1990). No entanto, a literatura científica ainda precisa de suporte empírico sobre a relação entre estas duas variáveis (Cupach & Comstock, 1990).

Na pesquisa de Trudel (2002) verificou-se que o item "boa comunicação sexual" é um dos melhores preditores da satisfação sexual em todos os indivíduos, excepto nos homens com idade igual ou superior a 60 anos. Parece que uma comunicação eficaz no casal pode

contribuir para a satisfação sexual, ao facilitar a proximidade e a intimidade, e ao informar os elementos da díade romântica sobre seus desejos, preferências, necessidades, e fantasias sexuais e, por sua vez, poderá levar a uma maior excitação e orgasmo (Meston & Trapnell, 2005).

O comportamento sexual seguro é diferente de outros comportamentos saudáveis, como exercício físico, alimentação saudável, entre outros, uma vez que é um comportamento diádico que ocorre no contexto relacional, envolvendo duas pessoas (Logan, Cole, & Leukefeld, 2002; Noar, Morokoff, & Harlow, 2002a). Evidências empíricas verificaram que os indivíduos que têm uma comunicação assertiva, estão mais propensos a se envolver em comportamentos sexuais seguros, incluindo o uso do preservativo (Noar, Morokoff, & Redding, 2002b), existindo associação positiva entre a comunicação sexual com a utilização do preservativo (Noar et al., 2002a, 2002b).

Quanto ao papel do género, as mulheres tendem a assumir um papel mais activo neste processo comunicacional, em comparação com os homens que adoptam uma função mais passiva (Noar et al., 2002a), possivelmente porque as preocupações de gravidez colocam a responsabilidade contraceptiva na mulher, levando-a a ser mais proactiva na comunicação sobre sexualidade segura (Troth & Peterson, 2000). No entanto, os estilos comunicacionais diferem entre os géneros, no sentido das mulheres utilizarem a comunicação, a fim de obter a intimidade, promover a proximidade e evitar o abandono, enquanto os homens tendem a usar a comunicação para alcançarem um estatuto significativo no grupo, com o intuito de conseguir mais poder e satisfação sexual (Tannen, de 1990 citado por Crooks & Baur, 2014).

A comunicação sexual é uma componente essencial nas relações íntimas e, apesar de ter o potencial de se tornar difícil e desconfortável, poderá ser fundamental para a saúde sexual dos indivíduos activos. Ao ser um processo diádico tem em consideração as características dos casais românticos, permitindo aos membros da díade a prestação de um serviço mais completo na compreensão da comunicação (Widman, 2006). A autora, sugere a existência de três factores associados com as díades românticas e que poderão ser preditores da comunicação sexual, promovendo uma maior abertura comunicacional: (i) duração do relacionamento, pois parece que na fase inicial da relação é improvável a existência de uma comunicação sexual, existindo maior probabilidade para o evitar temas sexuais, e a existência da ambiguidade comunicacional; (ii) satisfação relacional, na medida em que a comunicação sexual parece promover uma maior satisfação com o relacionamento; e (iii) compromisso,

sendo que quanto mais comprometido está o parceiro sexual no relacionamento romântico, maior a comunicação e auto-revelação sexual.

São vários os factores, como a cultura, comunicação social, progenitores, amigos, parceiros românticos e/ou sexuais, relações anteriores, que promovem o conhecimento e as atitudes sexuais, assim como o comportamento e a comunicação sexual (Guerrero et al., 2014b). A comunicação sexual é extremamente importante, na medida em que associa-se positivamente com a satisfação sexual e o funcionamento sexual (Cupach & Comstock, 1990), sendo que uma comunicação sexual inexistente ou debilitada parece estar relacionada com a presença de dificuldades sexuais que tendem a aumentar caso as competências comunicacionais se mantenham pobres (Frank, Anderson, & Rubinstein, 1979). Cupach e Comstock (1990) verificaram que uma comunicação assertiva e aberta sobre os aspectos sexuais, conduz a maior satisfação sexual, que, por sua vez, fomenta a satisfação relacional.

De facto, a comunicação sexual para além de ser proactiva, no sentido de proporcionar o aumento da probabilidade de adopção de comportamento sexuais seguros (*e.g.* uso do preservativo) (Noar et al., 2002a, 2002b), pois comunicar abertamente sobre questões de saúde sexual com um parceiro pode promover tomada de decisões sexuais mais seguras (Guzman, Schlehofer-Sutton, Villanueva, Dello Stritto, Casad, & Feria, 2003; Noar, Carlyle, & Cole, 2006), desempenha um papel importante e fundamental na promoção da satisfação sexual (Guerrero et al., 20014b).

3 VINCULAÇÃO E SEXUALIDADE

Essencialmente a TV é uma teoria da regulação emocional e da evolução de vínculos interpessoais (Cassidy, 2001). De acordo com Bowlby a evolução humana desenvolve-se através da interacção de um conjunto de sistemas motivacionais que permitem ao sujeito satisfazer as suas necessidades básicas: o sistema de vinculação, o sistema de cuidados, e o sistema sexual (Shaver et al. 1988; Zapiain, 2009), sendo que destes três componentes o menos investigado é o sistema sexual (Butzer e Campbell, 2008).

O sistema sexual é instituído através da atracção entre os géneros, tendo como objectivo a reprodução, e permite perceber que o ser humano herda o sistema de motivação sexual, que se expressa através do desejo sexual e a necessidade de satisfação sexual. Portanto, o indivíduo é motivado pelo sistema sexual na busca de prazer sexual (Zapiain, 2009).

De acordo com Shaver e Mikulincer (2006), o sistema sexual é activado pelo comportamento sexual e pelas diferenças individuais nas atitudes sexuais. Do ponto de vista evolutivo, a função principal do sistema sexual é a sobrevivência da espécie (Birnbaum & Gillath, 2006; Zapiain, 2009). No entanto, a invenção da pílula e outros métodos contraceptivos promoveram a vivência da sexualidade tendo como outro objectivo o prazer sexual. De facto, a função da relação sexual deixou de ser exclusivamente reprodutiva, envolvendo, igualmente, as funções recreativas (*e.g.* busca do prazer sexual), e relacionais (*e.g.* procura da intimidade emocional) (Hill & Preston, 1996; Mikulincer & Shaver, 2007).

Quando a relação sexual é destinada apenas ao prazer sexual, onde não existem vínculos afectivos entre as pessoas, como no caso do sexo casual, a componente envolvida é o sistema sexual. No entanto, quando o sujeito involucra em relações sexuais, com o objectivo de formar um vínculo afectivo com um parceiro específico, ou já tem esse laço afectivo, os outros elementos envolvidos são os SVC e o SPC (Fisher, 1998; Mikunlincer & Shaver, 2007). De acordo com Zapiain (2009), quando se fala sobre a vinculação pode-se afirmar que o ser humano nasce predisposto para o contacto, para o vínculo, para a intimidade, para o amor, mas nasce, também, para a procura do prazer sexual.

De acordo com a TV as experiências vivenciadas na infância irão desempenhar um papel nas estratégias de acasalamento (Belsky & Fearon, 2008). O sujeito que na infância é exposto a níveis elevados de estresse, tais como a ausência dos pais, situação de divórcio parental, insensibilidade e inconsistência parental, tendem a desenvolver um estilo de vínculo inseguro e, possivelmente, os vínculos da díade, na idade adulta, não serão duráveis. Por outro lado, têm que amadurecer fisicamente mais cedo, e demonstrar ter mais preferência por relações sócio-sexuais sem restrições, ou seja, relações sexuais sem qualquer necessidade de vínculo prévio, de afecto, de amor (Belsky, Steinberg, & Draper, 1991).

Indivíduos expostos a uma infância em que as suas necessidades foram, maioritariamente ou completamente, satisfeitas, com os pais presentes e expostos a baixos níveis de estresse, tendem a ser emocionalmente mais seguros e a amadurecer fisicamente em idades mais avançadas, ou seja, a adiar o início da sua actividade sexual e quando atingem a maturidade física e biológica procuram involucrar em relacionamentos duradouros e próximos, preferindo optar por uma sócio-sexualidade restrita, onde as relações sexuais são parte da relação de vínculo, do carinho, e do afecto (Belsky et al., 1991).

Com o trabalho de Hazan e Shaver (1987; Shaver e Hazan, 1988) foi possível colocar a importância da TV na abordagem das relações emocionais na vida adulta (Barón, Zapiain, & Apodaca, 2002). Suas pesquisas (Hazan & Shaver, 1987; Shaver & Hazan, 1988), sobre a conceituação do amor romântico como um processo de vinculação, permitiu verificar que o funcionamento do SCV, que surge no primeiro ano de vida, poderá influir no sistema sexual, que geralmente manifesta-se em estágios posteriores do desenvolvimento humano, ou seja, concluíram que os estilos de vinculação nos relacionamentos românticos na vida adulta são mediados pelos estilos de vinculação na primeira infância. As diferenças nos estilos de vinculação são susceptíveis de apresentar consequências a longo prazo no significado que o

sujeito coloca nas relações sexuais, e nas atitudes e comportamentos sexuais (Feeney & Raphael, 1992).

Os vários estudos empíricos permitiram supor que estilo de vínculo seguro promove a criação de bases estáveis e positivas para exploração sexual (Brassard et al., 2007). Hazan e Shaver (1987; Shaver & Hazan, 1988) colocaram a hipótese de que os indivíduos com estilo de vínculo seguro têm maior probabilidade, em comparação com indivíduos inseguros, de promover bases positivas para o envolvimento sexual, como estar atento e perceber as necessidades do seu parceiro, e vivenciar relações sexuais satisfatórias, devido ao seu conforto com a proximidade e a intimidade.

Por outro lado, o indivíduo seguro tem um modelo positivo de si mesmo e do outro, permitindo-lhe desfrutar do relacionamento sexual com grande satisfação e prazer sexual, na medida em que sente que é estimado e desejado durante a actividade sexual (Shaver & Mikulincer, 2006), e avaliar-se como fisicamente mais atraente (Bogaert & Sadava, 2002), e ter a percepção do parceiro sexual como sendo cuidador (Shaver & Mikulincer, 2006).

Estes sujeitos são mais propensos, em comparação com os inseguros, de terem sido educados em ambientes onde tenham estabelecido um vínculo seguro com as suas FV, sendo que essas experiências de vínculo afectivo transmitiram-lhes que a intimidade, o cuidado mútuo, o estar atento às necessidades um do outro, e a procurar satisfazê-los, são muito enriquecedores e benéficos para a relação (Mikulincer & Shaver, 2007).

Os sujeitos seguros relataram ter menos relações sexuais por noite (*one-night stand*) (Brennan & Shaver, 1995; Gentzler & Kerns, 2004; Schachner & Shaver, 2002; Schachner & Shaver, 2004) e menor número de encontros sexuais breves (*hookups*) com estranhos ou conhecidos (Paul, McManus, & Hayes, 2000), ou seja, os *hookup* são encontros sexuais, geralmente com duração de uma noite, entre dois estranhos ou conhecidos, onde a interacção sexual é habitual, mas poderá não envolver a penetração sexual. Estas pessoas poderão encontrar-se múltiplas vezes para ter encontros sexuais sem existir vontade de desenvolver compromissos emocionais de longo prazo (Paul et al., 2000). Estes sujeitos relataram ter emoções mais positivas durante o sexo, em comparação com os indivíduos com estilo de vínculo inseguro (Birnbaum et al., 2006; Gentzler & Kerns, 2004).

Os indivíduos com vínculo seguro parecem ter experiências sexuais mais positivas e uma maior satisfação sexual (Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Hazan, 1988), são mais propensos a revelar mais conforto com a sua sexualidade, mais abertura para a exploração sexual

e a desfrutar de uma variedade de actividades sexuais (Feeney & Noller, 2004), a revelar emoções pós-coitais mais positivas (Brennan et al., 1998b), e apresentam níveis superiores de satisfação e comunicação sexuais (Butzer & Campbell, 2008). Apresentam maior possibilidade de envolver-se sexualmente quando se encontram num relacionamento íntimo, e estão mais propensos a ter relações sexuais que são mutuamente iniciadas (Brennan & Shaver, 1995), e têm menor probabilidade a se envolver em relações sexuais casuais ou promíscuas, e infidelidade (Bogaert & Sadava, 2002; Feeney & Noller, 2004). Estes indivíduos têm maior eventualidade de procurar parceiros com quem possam desenvolver relações de longo prazo (Gillath & Schachner, 2006), relações estáveis caracterizadas por grande investimento, confiança e amizade (Collins & Read, 1990; Simpson, 1990).

Os sujeitos seguros têm, igualmente, menos propensão a ter crescido em ambientes onde havia violência doméstica, e a ter uma educação providenciada por pais divorciados, sendo que eles têm, também, menor probabilidade de divórcio (Gillath & Schachner, 2006).

Quanto ao estudo de Levy e Kelley (2010), os autores verificaram que os indivíduos com padrão de vinculação segura afirmaram ter mais ciúmes face à infidelidade emocional, em comparação com a infidelidade sexual, sendo que os indivíduos com estilo inseguro são mais ciumentos com relação à infidelidade sexual.

Indivíduos com um estilo de vínculo inseguro, ansioso ou evitante, têm maior probabilidade a ter problemas de cariz sexual, devido às representações mentais que têm de si mesmos e do outro (Mikulincer & Shaver, 2007), apresentando sentimentos e emoções menos positivas com relação à sexualidade (Birnbaum, 2007) e níveis elevados de ansiedade sexual (Davis et al., 2006), e baixos de intimidade (Levy & Davis, 1988), e de excitação e prazer sexual, dificuldades na comunicação sexual (Feeney, Peterson, Gallois, & Terry, 2000), associação negativa com a satisfação sexual (Butzer & Campbell, 2008), e taxa elevada de separação (Kirkpatrick & Davis, 1994), e de coerção física por parte do parceiro sexual e um maior envolvimento em relações sexuais não desejadas (Gentzler & Kerns, 2004). O medo de abandono e de rejeição por parte dos sujeitos ansiosos e o desconforto com a confiança, dependência, intimidade e proximidade (Brennan et al., 1998; Schachner & Shaver, 2002), poderá comprometer a vivência de uma sexualidade mais satisfatória e descontraída.

Os indivíduos evitantes tendem a minimizar os sinais emocionais com relação ao desejo de estar perto do outro (Cohen & Belsky, 2008), enquanto os sujeitos ansiosos tendem a

maximizar os sinais de perigo, de angústia, e dor com o objectivo de obter atenção e conforto (Cassidy & Berlin, 1994).

A sexualidade é multifuncional, apresentando uma função reprodutiva, uma função recreativa, e uma função relacional. De facto, a sexualidade é muitas vezes usada como uma forma de procura e manutenção de proximidade e, conseqüentemente, aumento da sensação de segurança subjectiva, sensação de conforto, tranquilidade e regulação da ansiedade, sendo que esta função tem um papel essencial porque permite reforçar os indivíduos que têm incertezas e / ou sentem inseguranças com relação à disponibilidade do parceiro (Davis, Shaver, & Vernon, 2004).

Devido às suas experiências precoces os indivíduos com estilo de vinculação insegura têm expectativas relativamente pessimistas sobre as respostas às necessidades expressas na relação com o parceiro, podendo ter efeitos adversos na comunicação e na satisfação sexual (Davis et al., 2006). De acordo com Collins e Feeney (2000), essa dificuldade em comunicar e negociar as suas necessidades e desejos sexuais poderá associar-se com expectativas negativas sobre a resposta e apoio do seu parceiro.

Na investigação de Brassard e colaboradores (2007), com 273 casais heterossexuais, os autores verificaram a existência de diferenças de género entre os estilos de vinculação e a sexualidade, no sentido das mulheres terem demonstrado um estilo mais ansioso, quando comparadas com os homens, sendo que estes tinham um padrão de vinculação mais evitante. De facto, nos estudos de Bartholomew e Horowitz (1991) e Schmidt e colaboradores (2003) relataram os mesmos resultados.

No entanto, ao contrário do que é específico no estilo de vínculo ansioso – a utilização da sexualidade como forma de obtenção de proximidade, carinho, afecto, e intimidade –, as mulheres aludiram evitar mais a sexualidade, quando comparadas com os homens, enquanto estes assinalaram insistir mais em ter relações sexuais. Os autores (Brassard et al., 2007) referem que enquanto as mulheres da amostra tinham mais problemas sexuais, conjuntamente com a presença de filhos, possivelmente são duas hipóteses que poderão explicar os dados observados.

Indivíduos com um estilo de vínculo ansioso são dependente do Outro e da procura de aprovação, revelando sinais de preocupação face ao abandono ou rejeição, devido à representação negativa de si mesmo (Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Hazan, 1988). Caracterizam-se como tendo a probabilidade de apresentarem hipersensibilidade com relação

à rejeição, e hiper-activação face aos perigos, e à ameaça de potencial perda ou abandono por parte do seu parceiro (Davis et al., 2006; Mikulincer & Shaver, 2003). Esta hiper-activação permite-lhes, também, ter reacções de protesto à potencial ou real separação, através de esforços para manter ou restabelecer a paz, a tranquilidade, para restabelecer o contacto e / ou recuperar o relacionamento (Mikulincer & Shaver, 2003). Consequentemente, têm mais dificuldade em vivenciar a sexualidade de forma intensa, uma vez que têm preocupações intrusivas durante o sexo (Birnbaum, 2007), por exemplo, sobre se são estimados, desejados, sexualmente atraentes, e se têm a capacidade em satisfazer o seu parceiro (Mikulincer & Shaver, 2007).

A sexualidade é um caminho para a procura de proximidade e intimidade, e como os sujeitos ansiosos apresentam mais ansiedade, incerteza e insegurança a respeito dos sentimentos que o seu parceiro tem por si e pelo compromisso, sua necessidade de se sentir proximidade emocional, conforto, tranquilidade é elevada, assim como o reforço dessas variáveis. Assim sendo, demonstram uma atitude positiva em relação à sexualidade, utilizá-la para as suas necessidades de sentir segurança, proximidade, e afecto (Davis et al., 2004; Mikulincer & Shaver, 2007), na medida em que exibem um estilo obsessivo e dependente face ao amor (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Shaver & Hazan, 1988). Diversos e distintos estudos verificaram que estes indivíduos têm mais probabilidade a se envolver sexualmente para reduzir seus sentimentos de insegurança, e estabelecer intimidade intensa e de proximidade (Birnbaum, 2007; Feeney & Noller, 2004; Schachner & Shaver, 2004), uma vez que utilizam a sexualidade para estabelecer a intimidade, isto é, como um barómetro do estado da relação (Davis et al., 2006), acreditando que o comportamento sexual irá garantir que o parceiro mantenha o interesse por si e pela relação, e o continue a amar, confundindo desejo sexual como um sinal de amor (Davis et al., 2004).

O vínculo ansioso modela as experiências sexuais, especialmente das mulheres (Birnbaum, 2007; Birnbaum et al., 2006; Butzer & Campbell, 2008), procurando satisfazer as necessidades de aquisição ou aumento da sensação de proximidade e intimidade, em detrimento do prazer sexual (Davis et al., 2004). Consequentemente, a mulher ansiosa que sente dificuldades em sua resposta sexual, tem, unicamente, a percepção e vive-a como sendo um problema quando está envolvida num relacionamento com pouca intimidade (Stephenson & Meston, 2010b).

Como para os sujeitos ansioso o comportamento sexual é sentido e vivenciado como a garantia de amor e da disponibilidade do parceiro, tendem a desejar envolver-se em relações sexuais quando sentem insegurança relacional (Davis et al., 2004; Impett & Peplau, 2002). Estes indivíduos apresentam menor capacidade de auto-eficácia na negociação sexual, revelando crenças negativas sobre a utilização do preservativo, mas aceita envolver-se em actividades que não desejam como forma de evitar discussões com o seu parceiro, na medida em que sentem medo de este o abandonar (Birnbaum, 2007; Feeney et al., 2000; Feeney & Noller, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2004). De acordo com Mikulincer e Shaver (2007), o seu desejo de proximidade e intimidade poderá conduzi-los a involucrar em relações sexuais desprotegidas.

Feeney e colaboradores (1999) verificaram a existência de uma forte correlação entre o vínculo ansioso e as relações sexuais desprotegidas. Os autores observaram que quanto maior elevado os níveis de vínculo ansioso menor utilização do preservativo com o parceiro actual ou parceiros anteriores, e no encontro sexual mais recente. Revelam, igualmente, níveis baixos de resposta orgástica (Birnbaum, 2007; Feeney & Noller, 2004; Schachner & Shaver, 2004), e de satisfação sexual (Birnbaum, 2007; Davis et al., 2006) e maior probabilidade de envolver-se em actos sexuais agressivos (Impett & Peplau, 2002). Os indivíduos ansiosos apresentam maior propensão em se tornar sexualmente mais coercivos, principalmente quando, subjectiva ou objectivamente, sofrem a ameaça do fim da relação ou da proximidade (Davis et al., 2006).

Os indivíduos com vínculo ansioso elevado exibem um estilo de amor dependente e obsessivo (Feeney & Noller, 1990), preferindo os aspectos mais afectivos da sexualidade, como abraços, beijos e carícias, em detrimento dos aspectos genitais, como a relação sexual (Hazan, Zeifman, e Middleton, 1994, citado por Birnbaum, 2007). Talvez por isso, e como estes comportamentos são sexuais, mas fazem parte dos comportamentos de cuidar, os indivíduos ansiosos são cuidadores intrusivos mas altamente motivados providenciar comodidade (Collins & Feeney, 2000; Feeney & Collins, 2001). No entanto, têm pouca capacidade de comunicar as suas necessidades e desejos sexuais (Feeney, Kelley, Gallois, Peterson, & Terry, 1999; Mikulincer & Shaver, 2007), apresentando dificuldades na assertividade sexual e têm mais propensão a idealizar seus parceiros (Feeney, 2008).

Várias investigações (Bogaert & Sadava, 2002; Cooper, Pioli, Levitt, Talley, Micheas, & Collins, 2006; Hazan et al., 1994 citado por Birnbaum, 2007) concluíram que, nas

mulheres, quanto mais estilo ansioso mais (i) o número de parceiros ao longo da vida; (ii) maior probabilidade de iniciarem a vida sexual em idade mais precoce; (iii) mais infidelidade; (iv) maior possibilidade de se considera como menos atraente; (v) mais uso do sexo para aumentar a sua auto-estima; (vi) e mais participação em práticas exibicionistas, voyeuristas, e práticas sadomasoquistas. Apresentam, igualmente, mais atitudes positivas face às relações casuais, tendo maior probabilidade em envolver nesse tipo de relacionamentos (Allen & Baucom, 2004; Bogaert & Sadava, 2002; Feeney et al., 2000).

Schachner e Shaver (2004) referem que as mulheres ansiosas procuram ter relações sexuais com o objectivo de estabelecer intimidade e proximidade intensas e, consequentemente reduzir as suas inseguranças associadas com o vínculo.

Nos homens o vínculo ansioso relaciona-se com comportamentos sexuais mais restritivos (Gentzler & Kerns, 2004; Hazan et al., 1994, citado por Birnbaum, 2007) e com menor probabilidade em utilizar a relação sexual para fazer frente às emoções negativas ou aumentar a auto-estima (Cooper et al., 2006).

Os sujeitos evitantes sentem desconforto com relação à intimidade e à proximidade, apresentando modelos mentais negativos do Outro, o que poderá ter consequências negativas na relação, na intimidade, e na sensibilidade interpessoal contextos sexuais (Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que há evidência empírica de que este estilo associa-se ao medo de intimidade (Bartholomew, 1990; Greenfield & Thelen, 1997). Por conseguinte, contrariamente do indivíduo ansioso, tem a probabilidade de anular as estratégias que podem eliminar a ameaça (Edelstein & Shaver, 2004). Não utilizam a busca de proximidade e de maior tranquilidade, nem se esforçam para recuperar ou restaurar o relacionamento, quando esta encontra-se ameaçada (Davis et al., 2004), sendo que, contrariamente aos sujeitos ansiosos, têm menor propensão a usar o sexo para minimizar as ameaças, nem para lidar com a angústia, o sofrimento, nem para estabelecer a proximidade emocional, e a intimidade (Davis et al, 2004; Mikulincer & Shaver, 2003).

Caracterizam-se pela dificuldade em estabelecer e manter laços afectivos (Eagle, 2007). Comparativamente com o indivíduo seguro ou ansioso, o sujeito evitante tem menos probabilidade em apaixonar-se (Hatfield, Brinton, & Cornelius, 1989). De facto estão pouco interessados em relações amorosas (Schachner & Shaver, 2002), e apresentam mais possibilidade em aceitar relações temporalmente limitadas, assim como de curto compromisso, e em utilizar a sexualidade como forma de diversão e não como expressão

emocional (Feeney & Noller, 1990; Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Brennan, 1992). Gentzler e Kerns (2004) argumentam que as experiências precoces de vinculação, com FV que promoviam a distância ou a rejeição, poderão ser responsáveis pelo sentimento de segurança e de conforto em relações sexuais limitadas, no que se refere à intimidade, proximidade e compromisso.

Consequentemente apresentam mais possibilidade em envolver-se em relações sexuais em contextos que promovem a ausência de intimidade, tendo mais probabilidade de apresentar um número elevado de parceiros sexuais casuais, assim como relações de uma noite, ou seja, numa relação singular onde, pelo menos um dos sujeitos, não tem intenções de se envolver numa relação romântica ou sexual de médio / longo prazo (Brennan & Shaver, 1995; Gentzler & Kerns, 2004; Schachner & Shaver, 2002; Schachner & Shaver, 2004), e de *hookups*, de corporação, de conexão (Paul et al., 2000), utilizando a relação sexual com o objectivo de aumentar o controlo sobre o parceiro, de ganhar prestígio social, redução de estresse e/ou proteger-se dos efeitos negativos do parceiro (Davis et al., 2004; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2004). Com tudo, fazem-no sem estar atentos ou sem se preocuparem com as necessidades e os sentimentos do Outro, na medida em que apresentam uma atitude egoísta, centrando-se nas suas próprias necessidades (Mikulincer & Shaver, 2007), tendo menor probabilidade de prestar cuidados ao seu parceiro (Feeney & Collins, 2001). Revelam, igualmente, maior probabilidade de coerção sexual quando influenciados por seus pares ou com o objectivo de os impressionar (Davis et al., 2006).

Ao contrário dos indivíduos ansiosos, as actividades pré-sexuais, como o abraço, carícia, beijo, não são prazerosas, agradáveis (Hazan et al., 1994, citado por Davis et al., 2004), assim como as posições íntimas de cópula (Brennan et al., 1998b), e devido ao desconforto face à intimidade e ao desejo de evitar a proximidade, para os sujeitos evitantes as relações sexuais são pouco satisfatórias, gratificantes, e confortáveis (Mikulincer & Shaver, 2007; Shaver & Hazan, 1988), reportando alienação e distanciamento emocional durante o acto sexual (Davis et al., 2004).

Como a actividade sexual envolve a intimidade física e psicológica (Birnbaum et al., 2006), poderá distanciar-se da maioria das actividades sexuais, envolvendo-se em comportamentos sexuais não coitais (e.g. masturbação) (Bogaert & Sadava, 2002; Gentzler & Kerns, 2004), porque elimina as preocupações sobre a intimidade, interdependência, e vulnerabilidade (Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que têm mais probabilidade de iniciar a sua

vida sexual mais tardiamente. De facto, apresentam correlações negativas com a frequência da penetração pénis-vagina (Bogaert & Sadava, 2002; Gentzler & Kerns, 2004), e uma associação positiva com a masturbação solitária (Bogaert & Sadava, 2002). Por outro lado, apresentam maior preocupação com as IST's e, por conseguinte, apresentam crenças mais fortes sobre os benefícios da utilização do preservativo (Bogaert & Sadava, 2002; Feeney et al., 2000; Gentzler & Kerns, 2004).

Os sujeitos altamente evitantes procuram relações menos estáveis que se caracterizam pelo receio da intimidade e por níveis baixos de envolvimento emocional, de confiança, interdependência, coesão, e satisfação (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer & Shaver, 2007), limitando a sua intimidade à actividade sexual ou chegando mesmo a evitá-la (Kalichman, Sarwer, Johnson, Ali, Early, & Tuten, 1993; Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que as mulheres altamente evitantes apresentam níveis baixos de frequência de resposta orgástica, consistente com a evidência de que estes sujeitos associam-se com menor prazer sexual, menor satisfação, e intimidade na relação (Cohen & Belsky, 2008).

Quanto à história de experiências sexuais traumáticas na infância / adolescência, como o abuso sexual ou a violação, os estudos demonstram que existe uma relação positiva entre estas variáveis e o estilo de vinculação insegura (Whiffen & MacIntosh, 2005). Na investigação de Limke, Showers, e Zeigler-Hill (2010), os autores concluíram que os indivíduos que relatam ter sofrido alguma forma de abuso sexual apresentaram valores médios mais elevados de vínculo inseguro, em comparação com os indivíduos que disseram ter sido vítimas deste tipo de abuso. Os autores verificaram, igualmente, que os sujeitos que relataram uma história de abuso sexual, apresentaram valores médios mais elevados de estilo de vínculo evitante.

O indivíduo com o estilo de vinculação evitante está mais propenso a experimentar a sensação de isolamento social, e de retirada em relação ao Outro (Harter, Alexander, & Niemeyer, 1988), sendo que o padrão de falta de confiança em sobreviventes de abuso sexual (Wolley & Vigilanti, 1984) são também observáveis os indivíduos com estilo de vínculo evitante (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Nos últimos anos tem surgido um conjunto de investigações sobre a relação entre o vínculo e a sexualidade, sendo que a perspectiva do vínculo integra-se no estudo da sexualidade no contexto relacional, permitindo a vantagem adicional em integrar as experiências precoces de vinculação com as experiências relacionais na adolescência e idade adulta (Feeney & Noller, 2004).

3.1. Vinculação, Satisfação Sexual, e Comunicação Sexual

Nos últimos anos, tem surgido um conjunto de estudos empíricos que avaliaram a relação entre os estilos de vinculação e a satisfação conjugal (Butzer & Campbell, 2008). No entanto, sobre a relação entre o vínculo em adultos e a satisfação sexual ainda existem poucos dados (Timm & Keiley, 2011).

A satisfação sexual parece ser visada por um conjunto de fenómenos de ansiedade e de evitação, ou seja, pode ser, igualmente, influenciada pelos estilos de vinculação (Štulhofer et al., 2009). Butzer e Campbell (2008) verificaram, no seu estudo com 116 casais heterossexuais, que os indivíduos com níveis elevados de vínculo ansioso e de vínculo evitante relataram níveis baixos de satisfação sexual.

Segundo Butzer e Campbell (2008), possivelmente os sujeitos inseguros têm mais dificuldade em sentir a satisfação sexual, devido a preocupações sobre a possibilidade de ser abandonado ou de não ser amado, e ao facto de se centrarem nas necessidades dos parceiros, no caso dos sujeitos ansiosos (Davis et al., 2006; Shaver & Hazan, 1988), sendo que nos indivíduos evitantes poderá associar-se ao incómodo com relação à proximidade e intimidade (Birnbaum et al, 2006; Feeney & Noller de 2004).

Os autores (Butzer & Campbell, 2008) concluíram também que os indivíduos com parceiros com estilo de vínculo evitante relataram menos satisfação sexual na sua relação, ou seja, o efeito parceiro sugere que a distância emocional e o desconforto com a intimidade sentida por um dos membros da díade associa-se a menos satisfação com a própria relação sexual do outro membro do casal. No entanto, os autores não encontraram nenhum efeito parceiro para o estilo ansioso, ou seja, indivíduos com parceiros com padrão de vínculo ansioso não demonstraram estar menos sexualmente satisfeitos.*

No estudo de Davis e colaboradores (2006) com 1989 participantes, onde 1.006 estavam envolvidos numa relação romântica, no momento da recolha dos dados, e 983 relataram não estar envolvidos numa relação amorosa, um dos objectivos foi o de analisar se os indivíduos com estilo inseguro tinham menos comunicação sexual e, portanto, menos satisfação sexual, sendo que Bretherton (1990) defende que a comunicação é o caminho principal e fundamental para a manutenção da relação de vinculação. Os autores (Davis et al., 2006) concluíram que o estilo de evitação correlacionou-se negativamente com os aspectos físicos da satisfação sexual, com satisfação sexual emocional (apenas os sujeitos envolvidos

num relacionamento), e com a satisfação com o controlo. Quanto ao estilo ansioso associou-se negativamente com os aspectos emocionais da satisfação sexual, com satisfação com o controlo, e com os aspectos físicos da satisfação sexual (embora estatisticamente significativa, o valor de correlação está próximo do zero total, ou seja, da ausência de relação).

A relação entre a satisfação sexual, os estilos de vínculo adulto, e a satisfação relacional foi estudada por Birnbaum (2007), numa amostra constituída por 96 mulheres israelitas. O autor verificou que o estilo de evitação não revelou associação estatisticamente significativa com a satisfação sexual. Por outro lado, o autor demonstrou que o estilo ansioso promovia consequências mais negativas sobre o funcionamento sexual, isto é, quanto mais ansiedade menos satisfação sexual, intimidade sexual, excitação, e resposta orgástica. Birnbaum (2007) aponta que, possivelmente, como estes indivíduos podem activar o sistema de vinculação, as mulheres com níveis altos de ansiedade poderão envolver-se em actividades sexuais com preocupações relacionais, e pensamentos intrusivos.

Se existe limitada literatura científica sobre a relação entre a satisfação sexual e os estilos de vinculação adulta, o mesmo acontece com a comunicação sexual (Timm & Keiley, 2011).

Os padrões de vinculação associam-se com a auto-revelação, no sentido dos indivíduos seguros e ansiosos terem reportado mais auto-revelação, comparativamente com os evitantes (Feeney, 2008). A comunicação é essencial para o desenvolvimento dos MID (Timm & Keiley, 2011), onde existem diferenças entre os padrões de comunicação em função do estilo de vínculo (Collins & Read, 1990; Cupach & Comstock, 1990; Feeney & Noller, 1994). Alguns pesquisadores (Roberts & Noller, 1998) relacionaram o vínculo inseguro com padrões disfuncionais de comunicação, enquanto Collins e Read (1990) verificaram uma associação positiva entre o estilo seguro e a auto-revelação, isto é, a comunicação dos desejos e necessidades sexuais ou não-sexuais.

De acordo com Davis e colaboradores (2006), os adultos inseguros têm expectativas negativas sobre as respostas dos seus parceiros para com as suas necessidades expressas, sexuais ou não, uma vez que aprenderam que a expressão de suas necessidades possivelmente tem efeitos ineficazes e, comparativamente com os indivíduos seguros, têm menos concorrência competência e menos vontade em comunicar as suas necessidades de forma clara e directa.

Na pesquisa de Timm e Keiley (2011) a comunicação sexual relacionou-se positivamente com a satisfação sexual, e revelou mediar a relação entre a diferenciação do *self* e o vínculo adulto, e entre a satisfação sexual e a satisfação conjugal.

Collins e Read (1990) verificaram a existência de uma associação positiva entre o conforto com intimidade e a proximidade e a comunicação, em ambos os géneros, e uma relação negativa com o estilo ansioso para as mulheres. No que se refere ao estilo de vinculação do parceiro, os autores concluíram que, quando a mulher apresenta um padrão seguro, o homem apresenta mais comunicação e vice-versa, mas quando o homem tem um estilo de vínculo ansioso, a mulher tem menos comunicação, ou seja, existe um efeito parceiro sobre o estilo seguro, para ambos os géneros, e no estilo ansioso só para as mulheres.

Na pesquisa de Davis e colaboradores (2006) a inibição da comunicação sexual revelou ser um forte preditor da insatisfação sexual física, e relacionou-se com a satisfação com o controlo. Da mesma forma, os autores concluíram que o vínculo inseguro demonstrou uma associação negativa com as três formas de satisfação sexual: emocional, física, e com o controlo.

II – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

4 PERTINÊNCIA DO ESTUDO

A sexualidade, principalmente a relacional, é amplamente estabelecida pelo afecto, a comunicação, e o ajustamento conjugal (Byers, 2005). Consequentemente é essencial investigar a sexualidade, os afectos, a comunicação, e a satisfação sexual (MacNeil & Byers, 2005) nas relações românticas.

A TV (Bowlby, 1969/1988) tem surgido, nas últimas décadas, como uma das principais estruturas para a compreensão dos relacionamentos amorosos e, apesar de ser comumente aplicada em pesquisas sobre diferenças individuais nos diferentes estilos de ligação (Heffernan, Fraley, Vicary, & Brumbaugh, 2012), a informação existente, actualmente, sobre como os estilos de vinculação se formam nas relações românticas, é escassa (Simpson & Rholes, 2010).

A pertinência da presente investigação fundamenta-se nas poucas pesquisas existentes na relação entre os vínculos afectivos e a satisfação sexual, principalmente em casais adultos. De facto, as investigações nesta área têm grande probabilidade em colocar o enfoque em amostras de adolescentes ou estudantes universitários, sendo que, possivelmente, a probabilidade de estar envolvido numa relação de compromisso a longo prazo, onde a vivência sexual encontra-se integrada, é reduzida (Brassard et al., 2007; Butzer & Campbell, 2008).

Outra relevância deste estudo centra-se em perceber as experiências sexuais dos indivíduos com vínculo inseguro, e que estão envolvidos num relacionamento romântico,

uma vez que existem poucos dados sobre as experiências sexuais destes indivíduos (Feeney & Noller, 2004), assim como explorar se a interação com o parceiro influencia a vivência da sua sexualidade (Aubin & Heiman, 2004).

A maioria das pesquisas sobre a vinculação na idade adulta conduz a análise ao nível individual, uma vez que, muitas vezes, apenas um dos parceiros é avaliado (Molero, Shaver, Ferrer, Square, & Alonso-Arbiol, 2011). No entanto, apesar de nos últimos anos os estudos sobre vínculos afectivos no adulto e sexualidade terem progredido, os investigadores centraram-se sobre as diferenças de género, colocando o foco no indivíduo, em detrimento da natureza diádica das experiências sexuais entre os membros da díade (Butzer & Campbell, 2008).

Frequentemente, a vivência da sexualidade e suas experiências ocorrem, pelo menos, num relacionamento diádico (Delamater & Hyde, 2004), embora actualmente, e com a existência de vários fenómenos, como o poliamor, a mesma poderá ser vivida e sentida nas relações com diversas pessoas. No entanto, independentemente de ser uma relação diádica ou com mais membros, a forma como cada um dos indivíduos percepção e experiencia a sexualidade poderá ser diferente do seu parceiro, possivelmente devido ao seu vínculo afectivo (Brassard et al., 2007). Consequentemente é importante avaliar as perspectivas de ambos os membros do casal, a forma como as duas partes poderão apresentar associações entre a sua vinculação afectiva e os seus comportamentos, atitudes, e experiências e práticas sexuais (efeito actor – *actor effect*), e a existência de correlações entre os seus laços emocionais e os comportamentos, atitudes, experiências e práticas sexuais do seu parceiro (efeito parceiro – *partner effect*) (Brassard et al, 2007; Cook & Kenny, 2005).

De acordo com Kenny y colaboradores (2006), os efeitos actor são regularmente avaliados, enquanto os efeitos parceiro são, comumente, ignorados e, portanto, as investigações centram-se no nível individual da análise. Os autores argumentam que, quando os efeitos parceiro são contemplados no modelo, é possível identificar-se fenómenos efectivamente relacionais, uma vez que estes efeitos envolvem a ocorrência de algum tipo de relação, uma vez que as respostas de um sujeito estão dependentes de algumas características do seu parceiro (p. 147). Consequentemente, este é outro propósito do presente estudo.

Finalmente outra relevância é a realização de uma investigação com sujeitos em que o seu idioma materno é o Português, em detrimento do inglês. Molero e colaboradores (2011) afirmam que a globalidade dos estudos sobre o vínculo é, maioritariamente, realizada em países de língua inglesa.

Os desafios que propusemos com a realização da presente investigação sobre os vínculos afectivos, a satisfação sexual e a comunicação sexual respondem, principalmente, ao estado actual da investigação sobre este tema em Portugal, com base na literatura existente. Assim sendo, estabelecemos uma série de objectivos gerais e específicos, os quais passamos a enumerar.

4.1. Objectivos Gerais

Dentro desta categoria, cremos ser oportuno trabalhar com os seguintes objectivos:

- a. Analisar a satisfação sexual, a vinculação afectiva e a comunicação sexual em uma amostra de casais heterossexuais portugueses;
- b. Analisar a relação entre os vínculos afectivos inseguros, a satisfação sexual e a comunicação sexual em uma amostra de casais heterossexuais portugueses.

4.2. Objectivos Específicos

Como realização dos objectivos gerais descritos anteriormente, em seguida, passamos a referir outros objectivos mais específicos e que irão dar lugar a hipóteses que figuram no capítulo seguinte:

1. Verificar a existência de diferenças na satisfação sexual, vinculação afectiva e comunicação sexual entre os membros da díade;
2. Analisar os efeitos actor-parceiro entre os vínculos afectivos e a comunicação sexual com a satisfação sexual.
3. Comprovar o papel mediador da comunicação sexual na relação entre a vinculação afectiva e a satisfação sexual.

5 HIPÓTESES

A formulação de hipóteses de investigação que vamos submeter a análise com a realização do presente estudo responde, por um lado, ao estado actual do objecto de estudo e, por outro lado, aos objectivos que estabelecemos.

1. Em relação ao primeiro objectivo de verificar se existem diferenças de género na satisfação sexual, na comunicação sexual, e nos vínculos afectivos:

Hipótese 1: Espera-se que os homens da amostra revelem valores médios superiores de vínculo afectivo evitante, comparativamente com as mulheres;

Hipótese 2: Espera-se que as mulheres apresentem valores médios mais elevados de vínculo afectivo ansioso, quando comparadas com os homens.

Hipótese 3: Espera-se que os homens, em comparação com as mulheres, apresentem valores médios mais elevados de satisfação sexual ego-centrada;

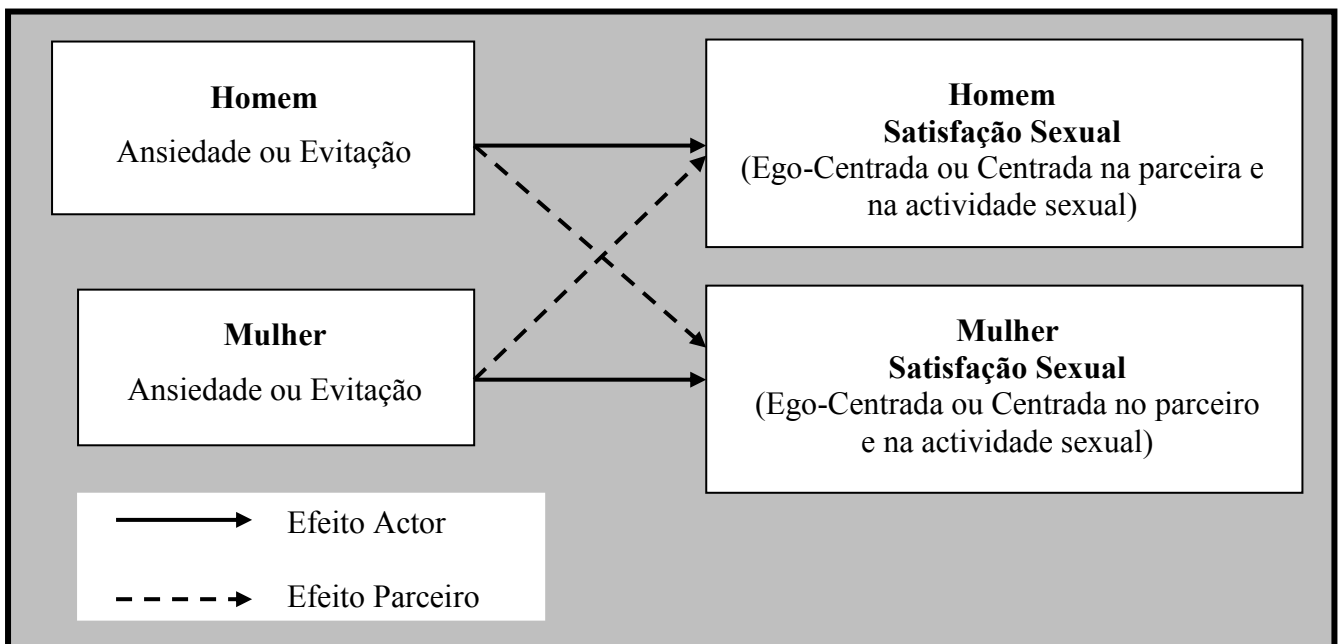
Hipótese 4: Espera-se que as mulheres, comparativamente com os homens, demonstrem valores médios superiores de satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual;

Hipótese 5: Espera-se que as mulheres exibam valores médios mais elevados de comunicação sexual, quando comparadas com os homens da amostra;

2. No que refere à relação entre o vínculo afectivo, a satisfação sexual e a comunicação sexual:

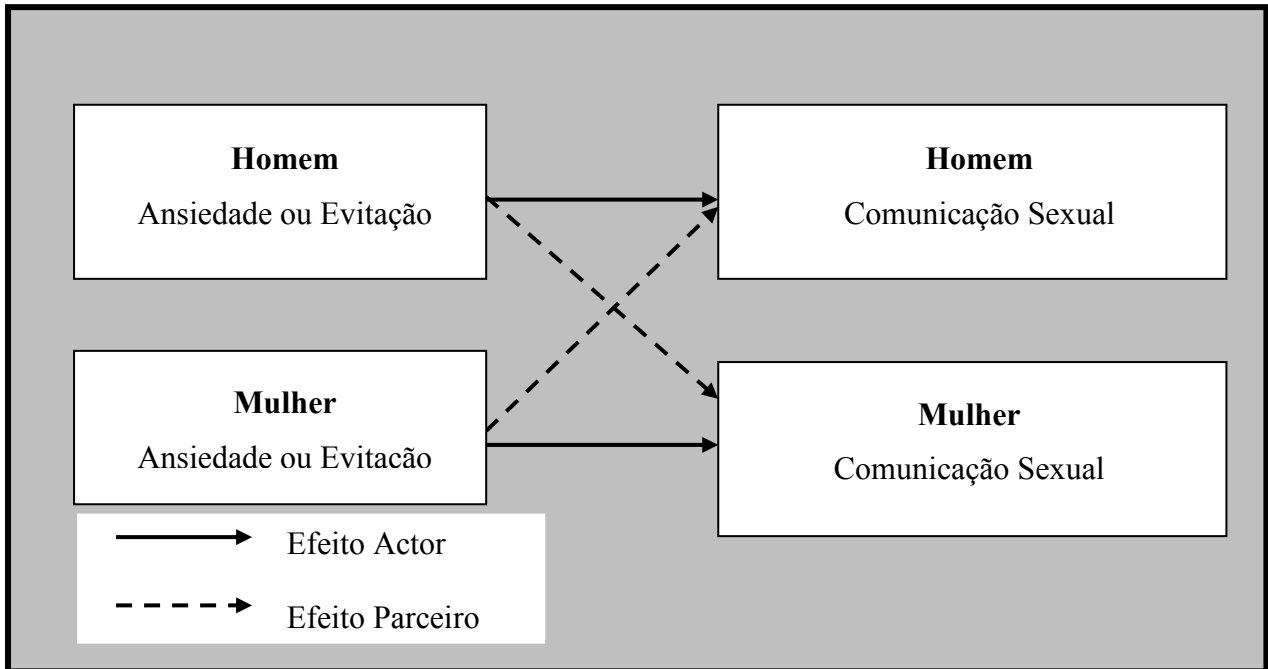
Hipótese 6: Espera-se que exista efeito actor e efeito parceiro negativo entre os dois vínculos afectivos inseguros (ansioso e evitante) e a satisfação sexual;

Figura 6. Modelo hipotético associando o vínculo afectivo com a satisfação sexual, do homem e da mulher



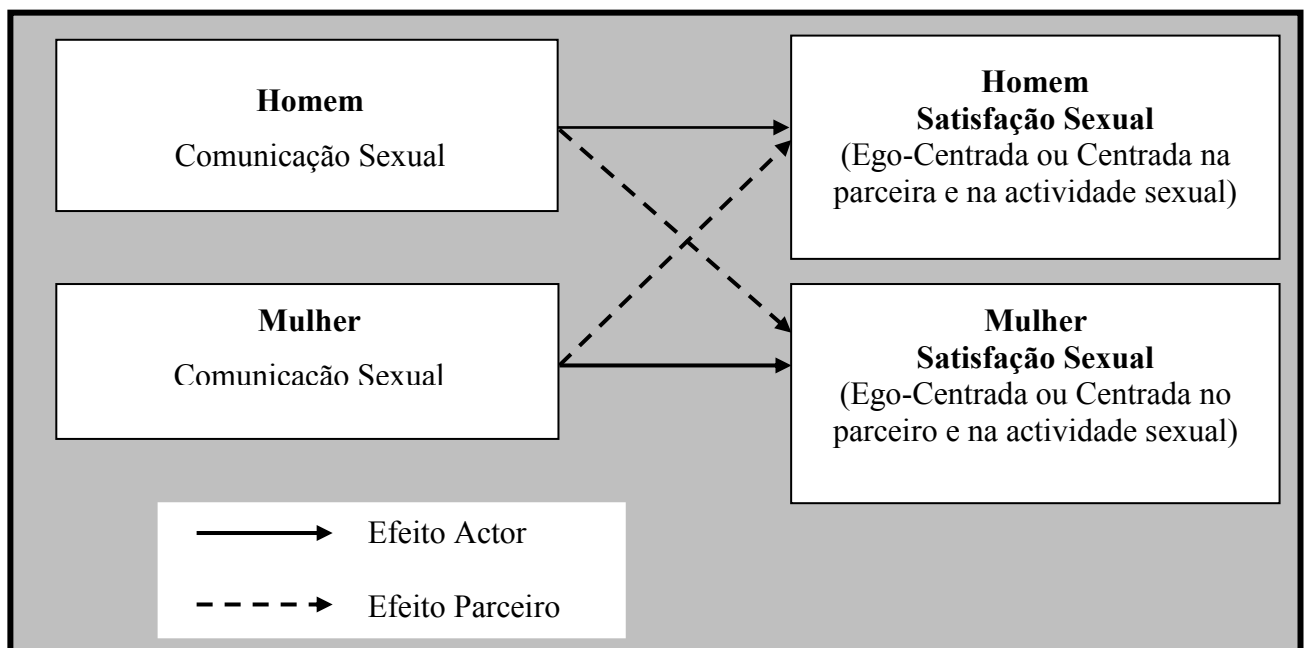
Hipótese 7: Espera-se que exista efeito actor e efeito parceiro negativo entre os dois vínculos afectivos inseguros (ansioso e evitante) e a comunicação sexual;

Figura 7. Modelo hipotético associando o vínculo afectivo com a comunicação sexual, do homem e da mulher



Hipótese 8: Espera-se que exista efeito actor e efeito parceiro positivo entre a comunicação sexual e a satisfação sexual

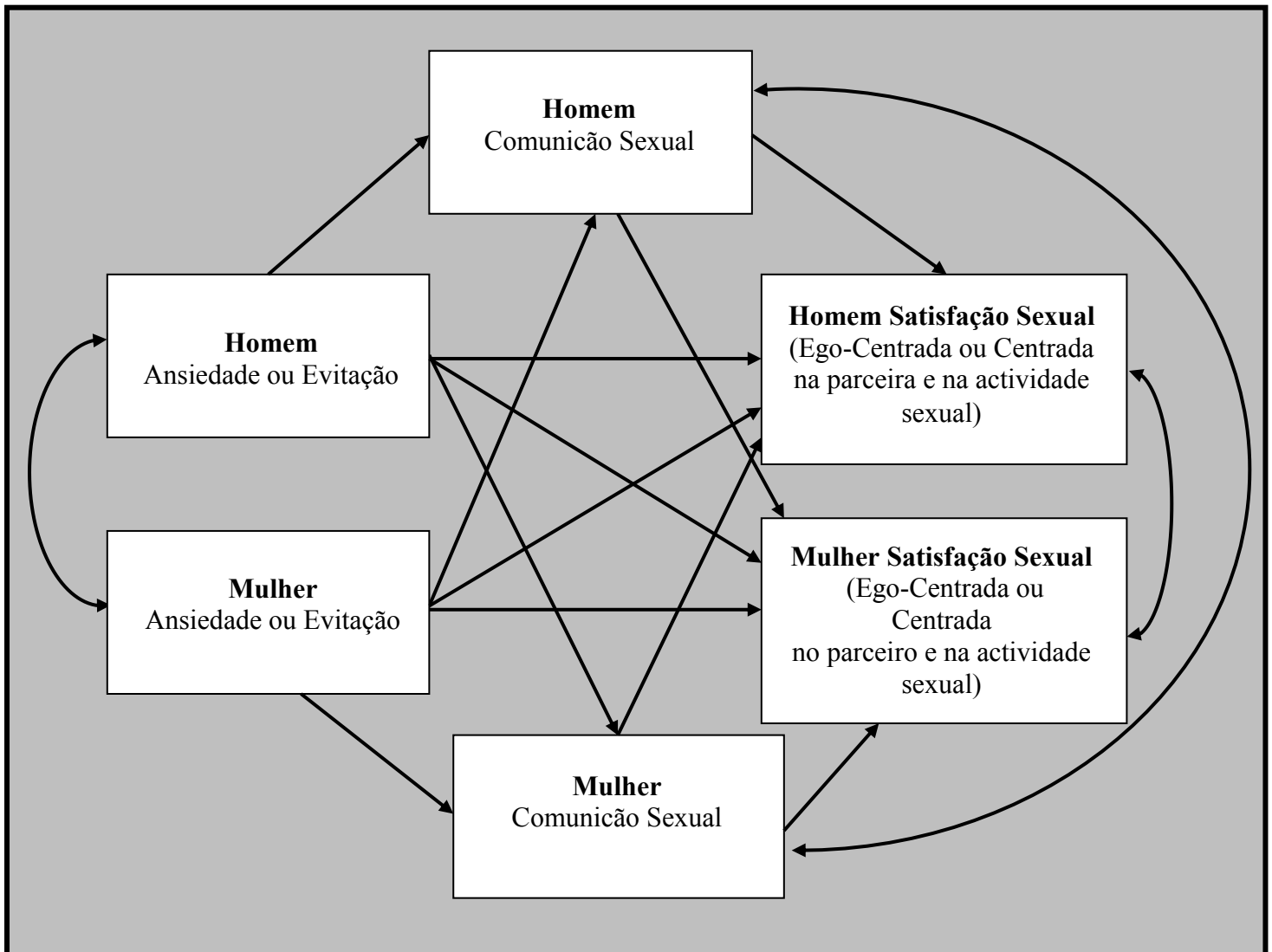
Figura 8. Modelo hipotético associando a comunicação sexual com a satisfação sexual, do homem e da mulher



3. Papel mediador da comunicação sexual na relação entre a vinculação afectiva e a satisfação sexual:

Hipótese 9: Espera-se que a relação entre a vinculação afectiva e a satisfação sexual seja medida pela comunicação sexual diádica

Figura 9. The Actor-Partner Interdependence Mediation Model (APIMeM) – Modelos hipotéticos associando os vínculos afectivos com a satisfação sexual ego-centrada e a satisfação sexual centrada no/a parceiro/a e na actividade sexual através de um cenário de um mediador – Modelo de Mediação Actor-Parceiro com a vinculação afectiva como variável exógena, a comunicação sexual como o mediador, e a satisfação sexual como a variável endógena



6 METODOLOGIA

Nesta secção vamos divulgar o tipo de desenho de estudo metodológico em que nos baseámos para a realização da nossa investigação.

6.1. Desenho Metodológico

A presente pesquisa é parte integrante dos estudos *ex post facto* (Montero & León, 2005), descritivos e, ao nível do tempo, transversal – actual e retrospectivo, uma vez que foram escolhidos participantes por possuírem uma característica (estar envolvido numa relação amorosa) (Montero & León, 2005) – porque pretende caracterizar, num momento específico e limitado no tempo, os vínculos afectivos inseguros, a satisfação sexual e a comunicação sexual de casais heterossexuais portugueses (Pais-Ribeiro, 2008). Só procuramos descrever o grau de concomitância entre as diferentes variáveis que são submetidos à análise, e não é possível falar de relações de causa e efeito (Coutinho, 2011; Marôco, 2010b).

É uma investigação de carácter quantitativo pois é por meio da análise estatística que chegamos à compreensão das variáveis em estudo, com o apoio da quantificação e categorização (Almeida & Freire, 2008; Gunther, 2006).

Uma limitação é que em investigações retrospectivas está presente o inconveniente da fiabilidade de memória dos participantes envolvidos neste estudo. No entanto, e de modo a manter a pesquisa adequada e ética, acreditamos que esta metodologia é a melhor, tendo em conta os objectivos da nossa investigação.

6.2. Participantes

A população de estudo, e à qual se pretende generalizar os dados, são casais heterossexuais portugueses, com idades entre os 19 e 65 anos de idade, e duração da relação amorosa de pelo menos 24 meses, que já iniciaram a sua vida sexual e já experienciaram o orgasmo, que não apresentam nenhuma doença, ou consumo excessivo de substâncias (*e.g.* álcool e drogas ilícitas), nem tomam antidepressivos ou ansiolíticos, ou outros medicamentos que possam interferir, directa ou indirectamente, com o ciclo da resposta sexual humana.

Os critérios para fazer parte da amostra foram **(critérios de inclusão)**:

- Ter pelo menos 18 anos de idade;
- Ter nacionalidade Portuguesa;
- Estar envolvido/a num relacionamento amoroso (namoro, casamento, ou coabitação);
- Duração da relação romântica de pelo menos 24 meses;
- Estar envolvido/a numa relação heterossexual;
- Ter iniciado a sua vida sexual;
- Ter experienciado orgasmos.

Foram excluídos os indivíduos que apresentavam as seguintes características **(critérios de exclusão)**:

- Unicamente um dos membros da díade ter entregado o protocolo;
- Não ter respondido a mais de 20% dos itens;
- Afirmar ter uma doença ou tomar medicação que possa influenciar em, pelo menos, uma das fases da resposta sexual humana e, portanto, devido às idiosincrasias interferir na satisfação sexual.

A amostra foi recolhida através de um método de conveniência, ou seja, os casos seleccionados são os casos mais facilmente disponíveis (amostra não probabilística e intencional) (Pais-Ribeiro, 2008; Tabachnick & Fidell, 2013), e pelo efeito “bola de neve” (*snowball sampling*). É uma amostra de conveniência porque foram escolhidos casais conhecidos dos pesquisadores, e dos mais de 40 colaboradores na recolha de dados; e é, também, uma amostra por efeito “bola de neve” porque ao casal contactado foi solicitado que indicasse outros casais, que conhecesse, e que poderiam participar, igualmente, no presente estudo (Coutinho, 2011; Marôco, 2010a; Pais-Ribeiro, 2008). No entanto, não sendo uma amostra probabilística não é possível especificar a probabilidade do sujeito pertencer à população (Coutinho, 2011).

A amostra foi recolhida na área da Grande Lisboa, na cidade do Porto, e na região do Algarve durante os meses de junho de 2010 até finais de março de 2011, tendo respondido os participantes a um questionário confidencial, desenvolvido a fim de investigar a relação entre a vinculação afectiva, a satisfação sexual, e a comunicação sexual em uma amostra de casais heterossexuais portugueses, sem terem auferido de qualquer remuneração, financeira ou outra.

Foram distribuídos 1004 protocolos (502 díades), sendo que 73 indivíduos (46 homens e 27 mulheres) recusaram-se a participar no estudo, e 353 sujeitos (161 casais e 31 indivíduos) não devolveram o protocolo. E, seguindo os critérios de exclusão, 42 casais foram eliminados porque um dos parceiros ou ambos responderam a menos de 20% dos itens (Cohen & Cohen, 1983); 31 indivíduos porque apenas um membro da díade devolveu o protocolo, e 26 sujeitos (11 homens e 15 mulheres) por terem afirmado ter problemas de doença, consumirem substâncias e/ou sofrerem de efeitos colaterais de um medicamento que poderiam afectar o desejo sexual ou o orgasmo.

Também foram eliminados da amostra seis casais, porque uma das díades não referiu a idade, e cinco outros membros de cinco outras díades informaram ter uma idade inferior a 18 anos. Além disso, nove pares não foram incluídos porque pelo menos um dos membros aludiu não ter nacionalidade Portuguesa.

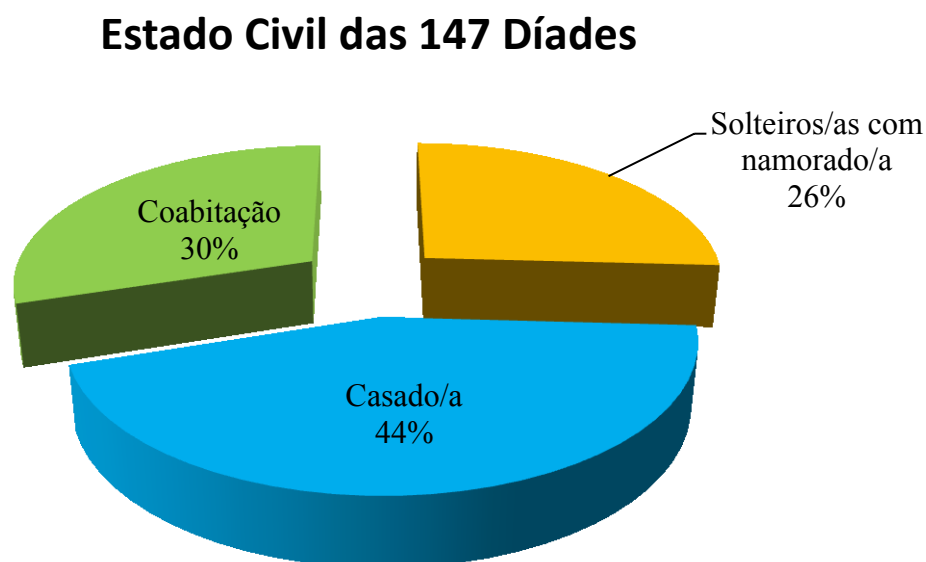
Quanto às variáveis relacionadas com a relação, nove pares foram eliminados porque não mencionaram a duração do relacionamento; três díades ($n = 6$), porque pelo menos um dos membros disse ainda não ter iniciado a sua vida sexual no dia em que a amostra foi recolhida; 14 casais por terem afirmado ter um relacionamento sem carácter amoroso; 16 casais relataram ter uma duração de relacionamento inferior a dois anos; e 27 casais por

serem díades homossexuais (16 casais homossexuais masculinos e 11 casais homossexuais femininos).

Finalmente foram detectadas e eliminadas as 13 díades com valores *outliers* multivariados ($p < .001$).

Consequentemente, a amostra ficou constituída por 147 díades heterossexuais. Na Figura 10 e na Tabela 1 apresentam-se as características sociodemográficas dos membros dos casais incluídos no presente estudo.

Figura 10. Estado civil das díades da amostra



Como é possível observar na Figura 10 quase 75% dos casais viviam juntos, ou casados ou em união de facto. A maioria das mulheres da amostra (66.1%) relatou ter um curso superior, enquanto 51% dos homens referiu não ter um curso universitário. A maioria das mulheres e dos homens (66.7% e 76.7%, respectivamente) aludiu estar empregada/o. Em relação à filiação religiosa, mais da metade dos homens (52.7%) e quase três quartos das mulheres da amostra (70.1%) firmou ser católica, e destes a maioria dos homens (67.1%) e das mulheres (68.9%) mencionou ser católico não praticante, isto é, eles são baptizados e autodeclararam-se como católicos, mas não praticam a sua religião de acordo com o que é exigido pelo Vaticano, por exemplo, os ritos, como a confissão ou a missa de domingo.

Tabela 1. *Frequência e percentagem das mulheres e dos homens nas variáveis demográficas*

	Mulheres		Homens	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Habilitações Académicas</i>				
Cursos não Universitários	50	34.0	75	51.0
Cursos Universitários	97	65.9	72	48.9
<i>Profissão</i>				
Estudante	11	7.5	5	3.4
Trabalhador(a) / Estudante	20	13.6	18	12.3
Empregado(a)	98	66.7	112	76.7
Desempregado(a)	11	7.5	9	6.2
Reformado(a)	1	0.7	2	1.
Doméstica	6	4.1	0	.0
<i>Religião</i>				
Não tem	44	29.9	69	47.3
Católica	103	70.1	77	52.7
<i>Praticante da Religião?</i>				
Não	71	68.9	51	67.1
Sim	32	31.1	25	32.9

No que se refere à variável idade, os homens da amostra apresentaram valores médios superiores de idade ($M = 36.54$; $DT = 9.87$, $Max=65$ $Min=19$), em comparação com as mulheres ($M = 34.49$; $DT = 9.43$, $Max=65$ $Min=19$). Quanto à duração da relação, revela um tem um valor médio de 122 meses ($DT=107.95$, $Max=660$, $Min=24$), ou seja, aproximadamente 10 anos. (Ver Tabela 2).

Tabela 2. *Médias e Desvio-Padrão da idade e da duração do relacionamento (em meses)*

	Mulheres			Homens		
	<i>M</i>	<i>DT</i>	<i>AMP.</i>	<i>M</i>	<i>DT</i>	<i>AMP.</i>
<i>Idade</i>	34.49	9.43	19 – 65	36.54	9.87	19 – 65
<i>Dur_Rel (em meses)</i>	$M = 122.48$; $DT = 107.95$; $AMP = 24 – 660$					

Nota. Dur_Rel = duração do relacionamento romântico: AMP. = amplitude.

6.3. Variáveis e Instrumentos de Medida

Neste desenho do estudo, incluímos os seguintes tipos de variáveis: variáveis sociodemográficas, variáveis sexuais e relacionais, vinculação afectiva, comunicação sexual, e satisfação sexual.

Tabela 3. *Variáveis e os instrumentos utilizados para as medir*

Variável	Instrumento para medir a Variável
<i>Vínculos Afectivos</i>	
Ansiedade	Experiences in Close Relationships Questionnaire-Revised <i>ECR-R (Fraley Waller, & Brennan, 2000)</i>
Evitação	Experiences in Close Relationships Questionnaire-Revised <i>ECR-R (Fraley et al., 2000)</i>
<i>Satisfação Sexual</i>	
Ego-Centrada	Escala de Satisfação Sexual <i>ESS (Refoios, Fuertes, & Báz, 2012)</i>
Centrada no parceiro e na Actividade Sexual	Escala de Satisfação Sexual <i>ESS (Refoios et al., 2012)</i>
<i>Comunicação Sexual</i>	
	Dyadic Sexual Communication Scale <i>DSCS (Catania, 1986)</i>

6.3.1. Variáveis Sociodemográficas

Foi desenvolvido um relatório sobre dados demográficos com a intenção de verificar as características da amostra. Recolheu-se informação sobre variáveis como a idade, a escolaridade, a profissão, o estado civil, a religião, e a saúde em geral. Também foram colectadas informações sobre doenças, intervenções cirúrgicas, toma de medicação ou consumo de substâncias que possam interferir com o ciclo da resposta sexual humana. Algumas destas variáveis influem directamente na função sexual, apresentando associadas complicações secundárias que vão promover dificuldades ou disfunções no ciclo de resposta sexual humana ou, pelo menos, em uma das suas fases.

A evolução de uma doença crónica, de natureza estática ou progressiva, poderá ter repercussões psicológicas e/ou físicas no funcionamento sexual, na medida que o progresso da doença poderá conduzir ao surgimento de outras incapacidades, como a disfunção cognitiva e/ou disfunções sexuais. Para muitas doenças crónicas é necessário recorrer ao uso de medicação, sendo que o ciclo da resposta sexual humana poderá ficar comprometido, directa ou indirectamente, através dos agentes farmacológicos e/ou das consequências derivadas da própria incapacidade, na medida que os múltiplos mecanismos fisiológicos (vascular, hormonal, neurológico, psicológico) são essenciais para o funcionamento normativo e saudável da sexualidade (Sipski & Alexander, 1997).

Recolheu-se informação nestas variáveis com o objectivo de eliminar da amostra os indivíduos que afirmaram: (i) ter diagnóstico de perturbação de humor, como depressão (Cyranowski, Bromberger, Youk, Matthews, Kravitz, & Powell, 2004; Kaplan, 1983; Nicolosi et al., 2004; Ramos, 2004; Segraves & Balon, 2003; Vallejo, 2011; Wincze & Carey, 2001); (ii) tomar antidepressivos e/ou ansiolíticos (Margolese & Assalian, 1996; Montgomery, Baldwin, & Riley, 2002; Segraves, 1995); (iii) consumir excessiva quantidade de álcool, ou seja, consumir diariamente mais de 5 bebidas (Malatesta, Polack, Crotty, & Peacock, 1982; Pasqualotto, Pasqualotto, Sobreiro, & Lucon, 2005; Phillips, 2000; Segraves & Balon, 2003); (iv) consumir diariamente cocaína e/ou heroína (Kresin, 1993; Segraves & Balon, 2003); (v) sofrer de uma doença crónica que promove várias disfunções na área orgânica, psicológica e sexual, como a *Diabetes Mellitus* (Bargiota, Dimitropoulos, Tzortzis, & Koukoulis, 2011; Erol, Tefekl, Ozbey, Salman, Dincag, Kadioglu, & Tellaloglu, 2002; Nowosielski, Drosdzol, Sipiński, Kowalczyk, & Skrzypulec, 2010; Owiredu, Amidu, Alidu, Sarpong, & Gyasi-Sarpong, 2011; Thomas & LoPiccolo, 1994; Webster, 1994), ou a doença de Parkinson (Balami & Robertson, 2007); (vi) ter uma doença cardiovascular e tomar medicação para essa doença (Kaplan, 1983; Rerkpattanapipat, Stanek, & Kotler, 2001; Segraves & Balon, 2003); (vii) no caso das mulheres, ter sido submetida a uma histerectomia (Cavalcanti, Bagnoli, Fonseca, Fegies, & Pinotti, 2002; Dragisic & Milad, 2004; Kaplan, 1974; Kim, Lee, & Lee, 2003; Lowenstein, Yarnitsky, Gruenwald, Deutsch, Sprecher, Gedalia, & Vardi, 2005; Munarriz, Talakoub, Kuohung, Gioia, Hoag, Flaherty, Min et al., 2002; Pauls, 2010; Roovers, van der Bom, van der Vaart, & Heintz, 2003), ou padecer de cancro da mama e/ou do útero (Sadovsky, Basson, Krychman, Morales, Schover, Wang, & Incrocci, 2010; Segraves & Balon, 2003; Wincze & Carey, 2001).

6.3.2. Vinculação Afectiva

Com o objectivo de avaliar os vínculos afectivos foi utilizado o questionário Experiences in Close Relationships-Revised Questionnaire (ECR-R; Fraley et al., 2000). Esta medida é composta de 36 itens num formato de resposta tipo *Likert* de sete pontos (1. Discordo Totalmente; 7. Concordo Totalmente), que avalia, em indivíduos adultos que estão ou estiveram envolvidos num relacionamento íntimo, a vinculação insegura através de duas dimensões: 18 itens avaliam a ansiedade face ao abandono, e 18 itens estimam a evitação da

proximidade e intimidade. Pontuações elevadas são indicativas de maiores níveis de ansiedade e de evitação.

Embora o mais adequado seria a utilização de entrevistas para se avaliar a vinculação afectiva, tem-se demonstrado que o ECR-R é um instrumento de auto-relato válido e fiável para a avaliação do vínculo afectivo, mostrando características psicométricas excelentes (Stephenson & Meston, 2010b). As duas dimensões apresentaram valores de α superiores a .90 -.91 para a ansiedade, e de .93 para a evitação, e uma fiabilidade temporária de $r = .93$ e de $r = .95$ para a ansiedade e evitação, respectivamente (Fraleley et al. , 2000).

Com o objectivo de se adaptar o ECR-R à amostra em estudo, assim como todas as outras medidas estandardizadas usadas na presente investigação, foi utilizado o Modelo de Rasch, isto é, a Teoria da Resposta ao Item (Draba, 1977; Masters & Right, 1984; Moreira, 2004; Wright, 1996; Wright & Mok, 2004), de acordo com os critérios propostos por Linacre (2002a, 2002b), ou seja, comprovar se as categorias de resposta originais das escalas estavam calibradas para cada uma das dimensões e até que ponto todos os itens estavam ajustados, já que se houvesse um ou mais itens desajustados, estes deveriam ser eliminados antes de se proceder à análise quantitativa.

Os resultados obtidos revelaram que o sistema original de sete categorias de resposta não funciona adequadamente para qualquer uma das dimensões da ECR-R, pois os passos de calibração não estão a funcionar correctamente, uma vez não estão dispostos monotonicamente por ordem crescente.

De facto, os passos estão desordenados e apresentam carência de funcionalidade de algumas curvas que se encontram planas, não sendo funcionais, e as eleições baixas são indicadores de que o sistema inicial com as sete categorias de resposta propostas por Fraley e colaboradores (2000) parece não funcionar para esta amostra. Além disso, os passos de transição desordenados são um importante indicador de que a medida não tem valor inferencial, sendo imprecisa e instável. Por conseguinte, uma possível solução para melhorar o funcionamento das dimensões é a agregação das categorias ECR_R adjacente. Consequentemente, e depois de se ter comprovado o desajuste das sete categorias originais de resposta (Anexos 1 e 2) foram agrupadas em quatro novas categorias de resposta: 1 =Discordo Totalmente; 2 =Discordo (2 + 3); 3 =Concordo (4 + 5); e 4 =Concordo Totalmente (6 + 7), que apresentaram um funcionamento e um ajuste adequados (Anexos 3 e 4).

Com este agrupamento das categorias de resposta observa-se que não existe nenhum item altamente desajustado, que exigia a sua eliminação, comprovando-se que os itens

constituintes das duas dimensões apresentam um ajuste perfeito. Consequentemente, não foram eliminados quaisquer itens, na medida em que nenhum dos 36 itens do ECR-R apresentou um desajuste elevado, ou seja, com valores de *infit* e *outfit* superiores a 2 *logits* (Linacre, 2002a, 2002b) (Anexo 5).

Quase todos os itens da ECR-R apresentam bom ajuste (*Infit* e *Outfit* <1.5), exibindo valores produtivos pertos da unidade, apesar de existirem quatro itens que mostram um desajuste moderado (*Infit* e *Outfit* > 1.5 e <2), e um item que apresenta um desajuste próximo do limite (*Infit* e *Outfit* > 2), mas como não revela um desajuste elevado não houve necessidade de ser removido. O item que apresenta maior nível de vínculo ansioso é o item 10 ("Meu/Minha parceiro/a faz-me duvidar de mim mesmo/a"), sendo que o item 6 ("Preocupo-me o suficiente sobre as minhas relações") apresenta o menor nível de ansiedade. Quando à dimensão evitação, o item 29 é o que apresenta maior nível de evitação ("Em tempos de necessidade ajuda-me saber que posso contar com o/a meu/minha parceiro/a"), sendo que o item 33 ("Sinto conforto em depender do/a meu/minha parceiro/a") é aquele que revela menor nível de vínculo afectivo evitante (Anexo 5). Após os ajustes, verificou-se que a fiabilidade das duas dimensões excedeu o valor recomendado para uma fiabilidade minimamente aceitável (.70), sendo adequada. (Ver Tabela 4).

Tabela 4. *Fiabilidade dos itens, dos sujeitos e do alfa de Cronbach de cada uma das duas dimensões do ECR-R para quatro categorias de resposta, depois da recodificação*

	Ansiedade	Evitação
<i>Modelo Rasch</i>		
Fiabilidade Itens	.98	.98
Fiabilidade Sujeitos	.91	.90
Alfa Cronbach	.94	.99
<i>S.P.S.S.</i>		
Alfa Cronbach	.91	.91
	Homens	.90
	Mulheres	.92
Alfa Tipificado	.90	.91
	Homens	.90
	Mulheres	.92
Correlações médias inter-itens	.34	.36
	Homens	.33
	Mulheres	.38
Amplitude da correlação item-total	.18 - .78	.20 - .73
	Homens	.15 - .81
	Mulheres	.18 - .78
<i>α Cronbach ECR-R (Fraley et al., 2000)</i>	.91	.93

6.3.3. Satisfação Sexual

A satisfação sexual foi avaliada através da adaptação portuguesa da *New Sexual Satisfaction Scale* (NSSS; Štulhofer et al., 2010), a *Escala de Satisfação Sexual* (ESS; Refoios et al., 2012).

A escala original – NSSS – baseou-se em cinco dimensões conceptuais, mas as análises estatísticas sugeriram uma estrutura bidimensional: uma dimensão ego-centrada, constituída por 10 itens – associada às experiências eróticas e sexuais, e às sensações pessoais –, e outra dimensão centrada no parceiro e na actividade sexual, constituída, igualmente, por 10 itens que se referem às reacções eróticas e sexuais do parceiro e à frequência e variedade das actividades sexuais (Štulhofer et al., 2010).

Após o estudo de validação da NSSS com 294 adultos heterossexuais portugueses, 147 homens e 147 mulheres, com uma média de idades de 35.52 ($DP = 9.59$), através da análise da funcionalidade das cinco categorias de resposta, de acordo com os critérios propostos por Linacre (2002a, 2002b), e da AFE com rotação varimax, emergiram dois factores, que explicaram cerca de 68% da variância total, similares ao estudo de Štulhofer e colaboradores (2010), em que todos os itens apresentaram peso superior a .40, à excepção dos itens 9 e 11 que, devido ao seu carácter ambíguo, foram eliminados (Refoios et al., 2012) (Anexo 6).

A solução revela uma estrutura simples com fortes saturações e valores de comunalidades (h^2) elevados, congruentes com o racional teórico associado à escala original (Paiva & Figueiredo, 2011).

A ESS é constituída por duas dimensões: a *Satisfação Sexual Ego-Centrada* (SS-EC), que mede a satisfação sexual gerada pelas sensações / experiências pessoais, e a dimensão *Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual* (SS-CPASx), que estima a satisfação sexual derivada das reacções / comportamentos sexuais do parceiro e da diversidade e/ou frequência das actividades sexuais. Cada uma das dimensões é constituída por nove itens num formato de resposta tipo Likert de cinco pontos (1. Nada Satisfeito/a; 2. Pouco Satisfeito/a; 3. Moderadamente Satisfeito/a; 4. Muito Satisfeito/a; 5. Extremamente Satisfeito/a). Segundo os critérios propostos por Prieto e Delgado (1996, 2003), verifica-se que os itens da ESS, de uma maneira geral, são curtos, de fácil compreensão, e não se constata nenhum termo que possa ser ofensivo.

Com o objectivo de se estudar a validade convergente da ESS, utilizou-se a versão portuguesa da *Global Measure of Sexual Satisfaction* (GMSEX; Pascoal et al., 2009), com sete categorias de resposta ajustadas de acordo com os pressupostos de Linacre (2002a, 2002b). A ESS revelou validade convergente com a GMSEX, demonstrando valores de $\rho = .45$, para a SS-EC, e de $.57$, para a SS-CPASx, e de $.58$, com $p = .000$ para as duas associações bivariadas de Spearman.

Os autores originais da NSSS têm, igualmente, em consideração o somatório dos 20 itens constituintes da escala. Contudo, defendemos que cada uma das dimensões mede o mesmo constructo, a satisfação sexual, mas em situações distintas e, conseqüentemente, não contemplámos o somatório dos 18 itens constituintes da ESS.

Os resultados variam de 9 a 45, para cada uma das dimensões, sendo que dados mais elevados são indicadores de mais satisfação sexual egofocada ou de satisfação sexual centrada no seu par romântico e na actividade sexual.

Através do Modelo de Rasch verificou-se que ambas as dimensões cumprem os critérios propostos por Linacre (2002a, 2002b), encontrando-se, as cinco categorias de resposta, calibradas e todos os valores estatísticos de ajuste (*infit* e *outfit*) estão dentro do limite produtivo (Anexos 7 e 8). Observou-se, igualmente, que todos os itens das duas dimensões apresentam valores produtivos e, conseqüentemente, não houve necessidade de se eliminar nenhum item (Anexo 9).

Com relação aos itens da ESS, todos os itens das duas dimensões apresentam valores produtivos (*Infit* e *Outfit* < 1.5). O item 1 apresenta o maior nível de satisfação sexual ego-centrada (“A intensidade da minha excitação sexual”), sendo que o item 8 é o que apresenta menor nível de satisfação sexual ego-centrada (“A minha disposição/humor após a actividade sexual”). Para a dimensão SS_CPASx, o item 18 revela o maior nível de satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual (“A frequência da minha actividade sexual”), enquanto o item 12 demonstra menor nível deste tipo de satisfação sexual (“A capacidade do/a meu/minha parceiro/a alcançar o orgasmo”). (Anexo 9).

Quanto às qualidades psicométricas, a ESS apresenta uma excelente consistência interna, assim como boa homogeneidade de variância, sendo a precisão das medidas dos itens e das pessoas apropriada (Ver Tabela 5), validade facial, validade de conteúdo, e validade convergente, com a versão portuguesa da GMSEX (Lawrence & Byers, 1995 – versão portuguesa de Pascoal et al., 2009). A ESS apresenta, igualmente, a validade nobre de qualquer medida que, comparativamente com as outras validades tem o seu foco nos aspectos mais abstractos, mais extensos, e mais persistentes do constructo (Pais-Ribeiro, 1999, 2008), ou seja, a validade de

constructo. É possível afirmar que é um modelo óptimo, pois o valor de *Kaiser-Meyer-Olkin* foi de .93 ($KMO > .90$; $p = .000$). A ESS revelou ser uma medida adequada para a interpretação da satisfação sexual numa amostra de adultos heterossexuais portugueses (Refoios et al., 2012).

De igual forma, os resultados resultantes de outros testes, como o determinante da matriz de correlações, a esfericidade de Bartlett ou o valor de KMO, resultaram significativos o que permite aludir que a análise factorial evidencia-se como uma técnica idónea para interpretar a informação contida nessa matriz (Brace, Kemp, & Snelgar, 2000), parecendo, a ESS, uma medida importante e útil na investigação da satisfação sexual em heterossexuais portugueses.

Tabela 5. *Análise da fiabilidade das dimensões da ESS e do somatório dos 18 itens*

	SS_EC	SS_CPASx
<i>Modelo Rasch</i>		
Fiabilidade Itens	.90	.96
Fiabilidade Sujeitos	.91	.91
Alfa Cronbach	.98	.97
<i>S.P.S.S.</i>		
Alfa Cronbach	.94	.93
	Homens	.94
	Mulheres	.92
Alfa Tipificado	.94	.93
	Homens	.94
	Mulheres	.92
Correlações médias inter-itens	.64	.63
	Homens	.63
	Mulheres	.56
Amplitude da correlação item-total	.66 - .84	.63 - .83
	Homens	.64 - .86
	Mulheres	.61 - .83
<i>α Cronbach NSSS (Stulhofer et al., 2010)</i>	.91 - .93	.90 - .94

Nota. SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual.

6.3.4. Comunicação Sexual

Para avaliar a comunicação sexual diádica foi utilizada a *Dyadic Sexual Communication Scale* (DSCS: Catania, 1986 citado por Davis et al., 1998 y Fisher et al., 2011), que tem como objectivo estimar a percepção que os indivíduos têm do processo

comunicacional na relação sexual e da comunicação usada pelo seu parceiro sobre a sua vida sexual. É composto por 13 itens num formato de resposta tipo Likert de seis pontos (1. Discordo totalmente; 6. Concordo Totalmente), sendo que as pontuações mais elevadas são indicativas de mais comunicação sexual.

Uma vez mais, e com o objectivo de adaptar a DSCS à amostra em estudo, foram analisados os critérios de Linacre (2002a, 2002b) através do modelo de Rasch. A DSCS revelou, com o sistema original de seis categorias de resposta, um funcionamento inadequado, na medida em que os passos de calibração não funcionam convenientemente; encontrando-se desordenados e apresentam escassez de funcionalidade de algumas curvas, sendo que os valores estatísticos de ajuste (*infit* e *outfit*) encontram-se dentro do limite produtivo à excepção da primeira categoria que revela um desajuste elevado, degradando a medida (Anexos 10 e 11). Portanto, agrupou-se as seis categorias em quatro categorias de resposta, realizadas da seguinte forma: 1 = Discordo Totalmente; 2 = Discordo (2 + 3); 3 = Concordo (4 + 5); e 4 = Concordo Totalmente. Com a agrupação das categorias de resposta da DCSC, observa-se um correcto funcionamento dos passos de calibração, com um incremento monotónico (Anexos 12 e 13).

No que se refere ao ajuste dos itens, todos os itens revelaram bom ajuste (*Infit* e *Outfit* < 1.5), não existindo necessidade de se eliminar nenhum, na medida em que os 13 itens demonstraram estar ajustados, revelando valores produtivos próximos da unidade (Anexo 14). O item 9 apresenta o maior nível de comunicação sexual (“Mesmo quando está aborrecido comigo, o/a meu/minha parceiro/a é capaz de apreciar o meu ponto de vista sobre a sexualidade”), sendo que o item 5 (“Quando eu e o/a meu/minha parceiro/a falamos acerca de sexo, sinto que ele/ela me repreende”) apresenta o menor nível de comunicação sexual.

No que se refere às características psicométricas verificou-se coeficientes de fiabilidade de consistência interna, avaliada pelo α de .81 (Catania, 1986, citado por Davis et al., 1998 e Fisher et al., 2011). No presente estudo, observou-se a adequação da precisão das medidas dos itens e dos sujeitos, excedendo o valor recomendável para uma fiabilidade minimamente aceitável (.70) (Tabela 6).

Tabela 6. *Fiabilidade dos itens, dos sujeitos e do alfa de Cronbach da DSCS, depois da recodificação das categorias de resposta*

		DSCS
<i>Modelo Rasch</i>		
	Fiabilidade Itens	.95
	Fiabilidade Sujeitos	.86
	Alfa Cronbach	.95
<i>S.P.S.S.</i>		
	Alfa Cronbach	.91
	Homens	.90
	Mulheres	.91
	Alfa Tipificado	.91
	Homens	.90
	Mulheres	.91
	Correlações médias inter-itens	.43
	Homens	.42
	Mulheres	.44
	Amplitude da correlação item-total	.46 - .74
	Homens	.42 - .75
	Mulheres	.48 - .78
<i>α Cronbach estudo original (Catania, 1986)</i>		.81

6.4. Procedimento

Antes da elaboração do protocolo de administração, e de procedermos a qualquer tratamento estatístico, foi solicitada autorização aos autores originais das medidas de avaliação utilizadas, para as usar, traduzir, e adaptar à amostra em estudo, e, no caso da NSSS, validar o instrumento para uma amostra de adultos portugueses. De acordo com Pais-Ribeiro (2001, 2014), a tradução da medida é o primeiro passo quando se pretende adaptar ou validar um instrumento de avaliação. Com relação à ECR-R (Fraley et al., 2000) não houve necessidade de executar este passo, na medida em que no site <http://internal.psychology.illinois.edu/~rcfraley/measures/ecrr.htm>, Chris Fraley refere que a escala encontra-se publicada numa revista científica e, consequentemente, é do domínio público. A tradução e validação da DSCS (Catania, 1986 citado por Davis et al., 1998 e Fisher et al., 2011) foram consentidas em 2003, quando a investigadora principal da presente dissertação necessitou de utilizar a mesma noutro projecto de investigação. Quanto à ESS, validação portuguesa da NSSS (Štulhofer et al., 2010), o autor original foi contactado, tendo-nos sido facultada autorização para a sua tradução e estudo de validação numa amostra de adultos heterossexuais portugueses.

Antes da tradução das três escalas estandardizadas, e de se proceder à validação da ESS, tentou-se verificar se as mesmas estavam traduzidas e validadas ou adaptadas para uma amostra portuguesa. Contudo, e depois de estabelecido contacto electrónico com alguns investigadores portugueses na área da vinculação e da sexualidade, não tivemos sucesso na obtenção de respostas.

De igual forma, foram enviados vários correios electrónicos a diversos investigadores principais de um conjunto vasto de artigos científicos, existentes na área, com o objectivo de solicitar o envio, por correio electrónico, do seu artigo por forma a incluir os seus dados, afirmações, estado de arte, sugestões, na presente dissertação.

As escalas foram traduzidas pelo primeiro autor da presente investigação, tendo sido, posteriormente, realizada a retroversão independente para o idioma inglês, não tendo-se verificado quaisquer distorções nos significados dos itens.

Na presente dissertação procedeu-se à análise facial e de conteúdo, ambas validades não quantificáveis, para todo o protocolo de administração, de forma a garantir uma linguagem adequada, clara, e simples, evitando-se ambiguidades e/ou perguntas/itens confusos, e irrelevantes (Pais-Ribeiro, 2008) para a investigação sobre os vínculos afectivos inseguros, a satisfação sexual e a comunicação sexual.

Após a realização de um estudo piloto optou-se por alterar algum do vocabulário constituinte do protocolo de avaliação. É importante referir que tomámos esta precaução com o objectivo de garantir que as palavras utilizadas eram conhecidas pelos indivíduos, em geral, com o objectivo: (a) de evitar que os participantes deixassem um item ou uma questão sem resposta, pois o tratamento de itens sem resposta cria algumas dificuldades. Para tal, procurou-se utilizar um vocabulário simples e claro, tendo como referência os indivíduos com menos nível de compreensão de leitura que pudessem participar no estudo (Moreira, 2004); e (b) de evitar que o sujeito desse outro significado às palavras, com sentido diferente daquele que pretendíamos, distorcendo o significado da expressão ou da questão, condicionando a resposta (Moreira, 2004). Consequentemente, após a construção do questionário de avaliação foi solicitado a um conjunto de “juízes”, com e sem conhecimento na área, que avaliassem o protocolo quanto à sua pertinência, forma, compreensão, clareza. Por conseguinte, realizou-se um pré-teste do protocolo com 16 sujeitos adultos, de forma a verificar, através dos olhos de pessoas não expertas na área, até que ponto as características mencionadas anteriormente seriam garantidas (Hill & Hill, 2002). Quando se recolheu a amostra do estudo teve-se a precaução de não incluir estes 16 indivíduos na investigação.

Uma vez elaborado o protocolo final de recolha de dados, em que se incluíram questões sociodemográficas, sexuais e relacionais, e as três escalas para avaliar a vinculação afectiva, a comunicação sexual e a satisfação sexual, iniciámos uma segunda fase, na qual entrámos em contacto telefónico com colegas de profissão, familiares, e amigos, solicitando a colaboração para a recolha da amostra. A terceira fase deste processo constituiu-se na recolha dos dados, realizada durante cerca de 32 semanas, graças à ajuda generosa e desinteressada de muitos colaboradores com os quais contámos. Mais de 40 pessoas contribuíram para a presente investigação, ajudando e apoiando na colecta da amostra.

A cada um dos colaboradores foram entregues, por diáde, dois protocolos, dois envelopes, e uma folha com quatro tipos de explicações / instruções: i) como administrar o protocolo e garantir a confidencialidade e o anonimato (*e.g.* informar o casal que a administração do questionário é individual, anónimo e confidencial; informar que não deverão preencher os questionários em conjunto e, se preferirem, podem preencher quando estão ausentes de casa ou quando não se encontram na companhia do par romântico); ii) a importância e porquê de entregar a cada um dos casais dois protocolos com o mesmo código; iii) para a devolução do protocolo (*e.g.* pedir a cada membro do casal que entregasse o protocolo dentro do envelope selado); e iv) informar a diáde do direito de desistir e de ser informada sobre os resultados.

Solicitava-se às diádes a colaboração voluntária para participar num estudo sobre os vínculos afectivos, a satisfação sexual e a comunicação sexual de casais heterossexuais portugueses. Foi realizada uma breve explicação sobre a administração do protocolo de avaliação. Da mesma forma, foi garantido e promovido ao máximo o anonimato e a confidencialidade em relação à informação e resultados obtidos (Moffitt, Caspi, Krueger, Magdol, Margolin, Silva, & Sydney, 1997), tendo-se informado os participantes do direito de o entregar, ou não, quando assim o entendessem (Anexo 15).

A cada diáde foi entregue dois protocolos e dois envelopes, Cada um dos protocolos estava codificado com um código que não se repetia, ou seja, que existia unicamente em dois questionários, de forma a garantir o emparelhamento do casal (*e.g.* 2C; 14S; 21Y; 7A).

Posteriormente foi solicitado aos participantes que preenchessem o protocolo de investigação formado por uma folha de rosto, duas folhas de dados demográficos e questões sobre a saúde sexual e saúde geral, e relacionais (Anexo 17), uma escala para avaliar os vínculos afectivos (ECR-R; Fraley et al., 2000) (Anexo 18), uma medida para estimar a satisfação sexual (ESS; Refoios et al., 2012) (Anexo 19), e um instrumento para avaliar a

comunicação sexual (DSCS: Catania, 1989, citado por Davis et al., 1998 y Fisher et al., 2011) (Anexo 20).

Foi-lhes igualmente solicitado que, à medida que fossem acabando de preencher o protocolo, através do *self-report*, ou em caso de optar por desistir, o colocassem num envelope individual e, depois de o terem selado, o entregassem a um dos investigadores ou a um dos colaboradores.

Noutros casos, as díades reenviaram as respostas à direcção do primeiro investigador da presente investigação, utilizando envelopes (modelo RSF) previamente dirigidos e sem qualquer custo para o participante, método conhecido por *mail type* (Pais-Ribeiro, 2008). Neste caso, os casais tinham, juntamente com o protocolo, uma carta de introdução ao questionário (Anexo 16).

A fim de esclarecer quaisquer dúvidas individualmente, foi facultado o correio electrónico de um dos investigadores. Noutras situações, as dúvidas foram esclarecidas individual e presencialmente. O protocolo de administração teve uma duração de, aproximadamente, 30 minutos.

A amostra foi recolhida durante os meses de junho 2010 até final de março de 2011, tendo a taxa de resposta sido de 54.84%.

Finalmente, e antes de despedirmos e expressarmos a nossa gratidão, manifestamos o compromisso de serem informados sobre os resultados alcançados. Para tal foi solicitado a cada participante que deixasse o seu correio electrónico no protocolo. Da mesma forma, foi proporcionada a cada um dos participantes a oportunidade de deixar algum comentário e/ou sugestão que considerasse relevante.

6.5. Análise Estatística

Os procedimentos estatísticos foram realizados através do programa *Winsteps* versão 3.71 (Linacre, 2011) e do programa *Predictive Analytics Software – PASW® Statistics 18*, e a análise diádica foi estimada no *Amos 18.0 (Analysis of Moment Structures*: Arbuckle, 2009; Norusis, 2010), tendo a base de dados sido efectuado no *Excel*.

Em relação ao questionário sociodemográfico foram utilizados, unicamente, análise estatística descritiva. Para as três medidas standardizadas foram tratados, antes de qualquer procedimento estatístico, os valores perdidos, ou seja, os "*missing values*". Por conseguinte, para o ECR-R, a ESS, e a DSCS foi utilizada o valor da mediana das pontuações por item. De

acordo com Downey e King (1998), quando o número de inquiridos com dados omissos, e o número de itens não respondidos apresentam menos de 20% dos dados, a utilização deste método, para substituir os valores em falta nas pontuações em escalas de Likert, é uma boa representação dos dados originais.

A mediana foi utilizada, em detrimento da média, porque, de acordo com Acuña e Rodriguez (2004), o valor médio é afectado pela presença de valores atípicos, ou *outliers*, enquanto a mediana não. Posteriormente procedeu-se à reversão de alguns itens do questionário e foram criadas as dimensões.

- Análise das diferenças nas variáveis em estudo em função do género

Em primeiro lugar, e com o objectivo de avaliar a existência de diferenças estatisticamente significativas nas variáveis em estudo em função do género, foi utilizada a prova *t* para amostras emparelhadas, e previamente comprovámos que a relação entre as pontuações dos dois membros da díade era estatisticamente significativa.

- Análise das associações entre as variáveis em estudo

Posteriormente foram obtidas as relações de coeficiente de correlação de Pearson entre as variáveis de estudo para homens e mulheres separadamente, e entre os parceiros, a fim de verificar se era apropriado usar o modelo diádico.

- Análise dos efeitos actor – parceiro: Modelo para a Investigação Diádica – O Modelo de Interdependência Actor-Parceiro (APIM)

Em seguida, e a fim de analisar os efeitos actor-parceiro entre os vínculos afectivos e a comunicação sexual com a satisfação sexual adoptámos o modelo APIM (Kashy & Kenny, 2000; Kenny et al., 2006). De acordo com este modelo, quando o sujeito está envolvido numa relação de interdependência, seus resultados, sucessos e / ou insucessos, dependem não só das suas características – benefícios e custos (efeito actor) –, mas também dos benefícios e custos do seu parceiro (efeito parceiro) (Butzer & Campbell, 2008).

Durante décadas foi realizado um conjunto indeterminado de investigações na área das ciências sociais e humanas sobre as relações familiares, de amizade ou de relacionamento

romântico, e onde os dados eram analisados como sendo independentes (Cook & Kenny, 2005; Kashy & Kenny, 2000; Kenny et al, 2006; Kline, 2011; Laursen, 2005). Até Kenny e colaboradores (2006; Baron & Kenny, 1986; Kenny, 1996) as pesquisas tinham como objectivo analisar os efeitos sobre o próprio comportamento (mais tarde designado de efeito actor), não considerando que as opiniões / comportamentos / atitudes de uma pessoa poderiam afectar o comportamento de outra pessoa (efeito parceiro) (Furman & Simon, 2006). Quando os estudos analisavam os efeitos parceiro (Simpson, Rholes, Oriña, & Grich, 2002), faziam-no separadamente.

Kenny e colaboradores (2006) argumentam que, quando fazemos a análise de dados diádicos, temos de ter em atenção que em algumas variáveis os resultados de cada um dos membros é interdependente e, portanto, não deve ser analisada como independente – premissa da não-independência. A não-independência, ou seja, a interdependência é o grau de semelhança entre as observações associadas e as observações não relacionadas, ou seja, é a correlação entre as observações conectadas (Cook & Kenny, 2005; Kenny, 1996). A consequência da interdependência é de que as observações de dois indivíduos estão associadas, ao ponto que os dados de um dos sujeitos fornecem informações sobre os resultados da outra pessoa, sendo que a presença da não-independência é avaliada medindo as correlações entre os resultados dos dois membros da díade (Cook & Kenny, 2005).

Alguns autores (Cook, 1998; Kenny, Manetti, Pierro, Livi, & Kashi, 2002) relatam que quando as variáveis (*e.g.* vínculos afectivos, variáveis sexuais) em estudo têm em conta os dois membros do casal, a análise dos dados deve ser diádica, ou seja, não se deve analisar o sujeito individualmente, mas sim a díade, o par de sujeitos que interagem um com o outro. Os dados de maridos e esposas têm sido reconhecidos como interdependentes (Sanford & Rowatt, 2004), na medida em que a investigação sobre relacionamentos íntimos é baseada na noção de que parceiros românticos são unidades relacionais interdependentes, contribuindo claramente para a literatura sobre o tema dos relacionamentos próximos (Laursen, 2005).

Devido a esta lacuna existente nos procedimentos estatísticos, Kenny e colaboradores (Cook & Kenny, 2005; Kenny, 1996; Kenny et al., 2006) propuseram um modelo de análise de dados diádico: o *Actor Partner Interdependence Model* – Modelo de Interdependência de Actor-Parceiro (*APIM*), que se baseia no *Modelo de Relações Sociais* (MRS) do comportamento diádico (*Social Relations Model of dyadic behavior* – SRM; Kenny, 1996), e que permite a interacção entre os géneros (Campbell & Kashy, 2002).

Este modelo defende que os sujeitos nas relações diádicas influenciam-se mutuamente, uma vez que são parte do mesmo sistema interpessoal, mas também assume que a medida da relação entre o marido e sua esposa é muito diferente que a medida da relação da esposa com o marido (Cook, 1998). Por conseguinte, o APIM trata da díade como a unidade de análise, em detrimento do indivíduo e, portanto, permite a avaliação de forma simultânea e independente, a estimação sincrónica e independente do efeito do auto-relato de cada participante no estudo, resultando em dois tipos de efeitos: (i) *o efeito actor* – o efeito de auto-relato sobre o seu próprio comportamento, em que os dados do sujeito numa variável afectam os resultados do mesmo sujeito noutra variável; e no comportamento do par romântico, isto é, (ii) *o efeito parceiro* – os dados do indivíduo numa variável influencia os resultados do seu parceiro noutra variável (Campbell & Kashy de 2002; Kenny et al, 2006; Kline. 2011).

Na análise diádica existem três tipos de variáveis preditoras ou variáveis independentes: (i) variáveis entre-díades (*between-dyads*), em que as variáveis são compartilhadas pelos membros do casal, mas podem variar através da díade (*e.g.* duração do relacionamento; género nas díades homossexuais), e os resultados são analisados em apenas um dos dois membros (*e.g.* o resultado é medido apenas no membro que sofre com a doença); (ii) variáveis dentro-díades (*within-dyads*) – as variáveis variam de pessoa para pessoa dentro da díade, mas a soma dos dois resultados é semelhante para todos os casais, ou seja, não há nenhuma variação na média diádica, de díade para díade (*e.g.* género em casais heterossexuais); e (iii) variáveis mistas-díade (*mixed-dyads*) – a variável varia tanto entre díades como dentro díades, sendo que na mesma díade os dois membros podem diferir em suas avaliações, e existe variação entre as díades no resultado médio (*e.g.* idade de casais) (Cook & Kenny, 2005; Kenny, 1996; Kenny & Kashy, 2000; Kenny et al, 2006).

O APIM é um modelo sobre as relações diádicas que, através da utilização de técnicas estatísticas adequadas, integra o conceito da interdependência (Cook & Kenny, 2005), considerando que nos últimos anos tem vindo a ganhar terreno na área das ciências sociais, em que a sua utilização tem crescido, independentemente do objecto de estudo, como é o caso da vinculação (Campbell, Simpson, Kashy, & Rholes, 2001). A utilização do conjunto de técnicas encontra-se dependente do tipo de díade, ou seja, de casais com membros distinguíveis (*e.g.* casais heterossexuais, progenitor-filho) ou com membros indistinguíveis (*e.g.* casais homossexuais, gémeos) (Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006), sendo que

nos membros de díades distinguíveis as pontuações são classificadas consistente e sistematicamente (Cook & Kenny, 2005; Kenny et al, 2006).

Para estimar o efeito actor e o efeito parceiro utilizou-se o *Structural Equation Modeling* (SEM) - *Modelo de Análise de Vias do Modelo de Equações Estruturais* (MEE), que respeita a natureza da dependência dos dados e que permite que sejam avaliadas várias equações simultaneamente e que sejam testadas conjuntamente (Kashy & Campbell, 2002; Cook & Kenny, 2006). Esta análise foi realizada com o pacote estatístico AMOS.

A presente pesquisa utilizou variáveis dentro-díade, tais como o género dos casais heterossexuais, e variáveis mistas-díade, como a vinculação afectiva, a comunicação e a satisfação sexuais. Da mesma forma, as díades analisadas são constituídas por membros distinguíveis (*e.g.* casais heterossexuais) e, portanto, os resultados são ordenados de forma consistente e sistemática (Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006).

Sugerimos três modelos APIM considerando como variável dependente a Satisfação Sexual Ego-Centrada, e como variáveis independentes os vínculos afectivos (ansioso e evitante), e a comunicação sexual. Da mesma forma, propomos mais três modelos semelhantes, mas considerando como variável dependente e Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual. Finalmente propõem-se dois modelos APIM, onde a variável dependente é a comunicação sexual e as variáveis independentes são os dois vínculos afectivos.

- *Comprovação do papel mediador da comunicação sexual*

Finalmente analisou-se o efeito mediador da comunicação sexual através de um MEE (Kenny, Kashy, & Bolger, 1998), usando o programa AMOS (Arbuckle, 2009).

A mediação pressupõe uma hipótese de relação entre as variáveis, onde a variável mediadora, quando é introduzida na equação de regressão, irá reduzir a dimensão da relação entre uma *variável independente* (VI) e uma *variável dependente* (VD) (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 2006; MacKinnon, Lockwood, Hoffman, West, & Sheets, 2002). A forma simples de mediação comporta uma terceira variável, M, na relação entre X e Y, onde X causa a *variável mediadora* (VM), M, e M causa Y, pelo que $X \rightarrow M \rightarrow Y$ (Fritz & MacKinnon, 2007; MacKinnon Fairchild & Fritz, 2007). De facto, a VM é responsável por todos ou por uma percentagem da relação entre um preditor e um resultado, uma vez que é um intermediário na via causal da VI para a VD (Baron & Kenny, 1986).

As ciências sociais, mais do que analisar os efeitos totais, procuram investigar como os processos funcionam com mais adequação, e inferir sobre os efeitos indirectos em modelos causais (Hayes, 2009). Existe um conjunto de técnicas simples para alcançar estes objectivos, como o modelo de passos causais de Baron e Kenny (1986), o teste de Sobel (1982), e as abordagens mais recentes, como o método de distribuição de produtos (MacKinnon, Lockwood, & Williams, 2004), e o método de *bootstrapping* (MacKinnon et al., 2004; Preacher & Hayes, 2004; Shrout & Bolger, 2002). No entanto, o teste de Sobel é o estimador de variância do efeito indirecto mais comumente utilizado (MacKinnon et al., 2004).

A prova de Sobel (1982) é estimada com o objectivo de comprovar se a relação entre a VI e a VD é significativamente reduzida depois da inclusão da VM, ou seja, avalia se o efeito de mediação é significativo. De acordo com MacKinnon e colaboradores (2002), esta prova é mais precisa que os quatro passos causais de Baron e Kenny (1986).

No presente estudo utilizaremos o teste de Sobel que proporciona informação sobre o tamanho e significância do efeito indirecto (Hayes, 2009; Sobel, 1982). Existe um *link online* que permite calcular a prova de Sobel, tendo sido utilizado na presente investigação:

<http://www.danielsoper.com/statcalc3/calc.aspx?id=31> (Soper, 2015).

Além disso, a fim de verificar se há diferenças significativas entre os efeitos dos dois parceiros e os efeitos actor e parceiro, realizou-se uma comparação entre os modelos para verificar se o peso de dois efeitos é estatisticamente diferente ($\Delta\chi^2$). Se a diferença apresentar um valor de $p < .05$, pode-se afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os efeitos (Kenny et al., 2006).

Existem duas formas de avaliar e analisar os efeitos da mediação em díades: 1) o modelo APIM, concebido para estimar associações de causalidade entre variáveis pessoais no âmbito dos membros do casal, e que tem sido projectado para avaliar o impacto da VI de uma pessoa em sua própria VD (efeito actor), e na VD do par (efeito parceiro); e 2) o *Common Fate Model* (CFM – Modelo Destino Comum) desenvolvido para investigar as relações de causalidade entre as variáveis diádicas comuns ao nível dos casais, sendo que as variáveis mensuradas em ambos os membros da díade, supostamente, são indicadores de variáveis diádicas (constructos) (Ledermann & Macho, 2009).

A amplificação da norma APIM por um terceiro par de variáveis conduz ao modelo API de mediação ou *APIMeM* (*Actor Partner Mediation Model*; Ledermann & Macho, 2009; Ledermann et al., 2011).

No presente estudo, para avaliar se a comunicação sexual tem um efeito de mediação sobre os efeitos da ansiedade e da evitação na satisfação sexual (ego-centrada ou centrada no parceiro e na actividade sexual) utilizámos os Modelos de Mediação Actor-Parceiro (APIMeM; Ledermann & Macho, 2009; Ledermann et al., 2011), com vínculo afectivo inseguro como preditor, a satisfação sexual como critério, e a comunicação sexual como um mediador.

Segundo Schröder-Abé e Schütz (2011) existem quatro tipos de efeitos indirectos:

- i. Mediação Actor-Actor-Actor – A relação entre a variável preditor do próprio sujeito com a sua própria variável critério é mediada pela sua VM.
- ii. Mediação Actor-Parceiro-Actor – A relação entre a variável preditor do próprio sujeito com a sua própria variável critério é mediada pela VM do seu parceiro.
- iii. Mediação Actor-Actor-Parceiro – A relação entre a variável preditor do próprio sujeito com a variável critério do seu parceiro é mediada pela sua VM.
- iv. Mediação Actor-Parceiro-Parceiro – O efeito da variável preditor de um parceiro para a variável critério do outro parceiro é mediada através da VM do outro parceiro.

O efeito mediador (indirecto) é o efeito da VI no resultado através do mediador, e o efeito da VI no resultado que não está a ser mediado, designa-se de efeito directo (Tofighi & Thoemmes, 2014). No entanto, na presente investigação realizámos, unicamente, os efeitos significativos que obtivemos nos modelos APIM. Consequentemente estimou-se os modelos com todos os possíveis efeitos directos e indirectos (Schröder-Abé & Schütz, 2011).

Antes de considerar os modelos APIM e modelos de mediação fomos observar a presença de *outliers* através da *Distância Quadrada de Mahalanobis* (DM^2), onde a sua existência é analisada por valores p_1 e $p_2 < .05$, e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (Sk) e curtose (Ku) univariada e multivariada (Marôco, 2010a), sendo que valores de $|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$ são indicadores de que não existe uma violação severa da distribuição normal (Kline, 2011; Marôco, 2010b).

Quando o modelo encontra-se especificado, os parâmetros identificados e os dados em condições para a análise, o passo seguinte é a estimação (Albright & Park, 2009; Kline, 2011; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Müller, 2003; Schumacker & Lomax, 2010).

Como não existe um único teste de significância estatística para avaliar um modelo adequado os dados (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008; Yuan, 2005) é essencial considerar um conjunto múltiplo de critérios, sendo que para cada tipo de estimativa associa-se um número de índices de bondade de ajuste que fornece informações sobre se o modelo é consistente com os dados empíricos (Schermelleh-Engel et al., 2003).

Para avaliar o ajuste dos diferentes modelos utilizou-se o estatístico do Qui-quadrado (χ^2), e vários índices de ajuste: (i) Índices de Ajuste Absoluto (*overall fit index*), como o *Root Mean Square Error of Aproximation (RMSEA*; Steiger, 1990 citado por Kline, 2011 – Erro Quadrado Médio de Aproximação), e a *Goodness of Fit Index (GFI*; Jöreskog & Sörbom 1993 citado por Kline, 2011 – Bondade de Ajuste Estatístico) (Hooper et al., 2008; McDonald & Ho, 2002); (ii) Índices de Ajuste Incremental (*incremental fit index*), como o *Normed Fit Index (NFI*; Bentler & Bonnet, 1980 citado por Kline, 2011 – Índice de Ajuste Normalizado), el *No Normed Fit Index (NNFI* – Índice de Ajuste Não Normalizado), o *Tucker-Lewis Index (TLI*; Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009; Hu & Bentler, 1998 – Índice Tucker-Lewis), o *Comparative Fit Index (CTI*; Bentler, 1990 citado por Henseler & Sarstedt, 2013 – Índice de Ajuste Comparativo), e o *Relative Fit Index (RFI*; Bollen, 1986 – Índice de Ajuste Relativo); e (iii) Índices de Ajuste Parcimoniosos (*parsimony fit index*) (Hair et al., 2009), como o *Parsimonious Normed Fit Index (PNFI*; James, Mulaik & Brett, 1982 citado por Kline, 2011 – Índice Parsimonioso Normalizado de Ajuste), e o *Akaike Information Criterion* (Akaike, 1974 – *Critério de Informação de Aikake*).

Figura 11. Índices de Ajuste do Modelo de Medição

Índice de Qualidade de Ajuste	Índices	Níveis Aceitáveis de Ajuste	Autores	
Ajuste Absoluto	Estatística Qui-quadrado da Razão de Verossimilhança	χ^2	$p > .05$	Albright & Park, 2009; Barret, 2007; Hair et al., 2009; Kline, 2011; Schermelleh-Engel et al., 2003; Schumacker & Lomax, 2010
	Erro Quadrado Médio de Aproximação	<i>RMSEA</i>	$< .08$	Hair et al., 2009; Hooper et al., 2008; Schermelleh-Engel et al., 2003
	Bondade de Ajuste Estatístico	<i>GFI</i>	$> .90$	Hooper et al., 2008
Ajuste Incremental	Índice de Ajuste Normalizado	<i>NFI</i>	$> .90$	Hair et al., 2009
	Índice Tucker-Lewis	<i>TLI</i> o <i>NNFI</i>	$> .95$	Hair et al., 2009; Hu & Bentler, 1998
	Índice de Ajuste Comparativo	<i>CFI</i>	$> .95$	Hu & Bentler, 1998; Kline, 2011
	Índice de Ajuste Relativo	<i>RFI</i>	$> .90$	Hair et al., 2009
Ajuste Parcimonioso	Índice Parcimonioso Normalizado de Ajuste	<i>PNFI</i>	Sem valor definido, mas valores mais elevados são indicadores de mis parcimónia; utilizado na comparação entre modelos alternativos	Hair et al., 2009
	Critério de Informação de Aikake	<i>AIC</i>	Valores positivos mais baixos são indicadores de parcimónia; é usado na comparação de modelos alternativos	Diamantopoulos & Siguaw, 2000 citado por Hooper et al., 2008

Fonte. Elaborado pelos autores.

Propusemos dois modelos: um, considerando como variável endógena a SS-EC e como VM a comunicação sexual, sendo que em um dos modelos a variável exógena é a ansiedade, e no outro modelo é a evitação. De igual forma, propusemos outros dois modelos considerando a variável endógena a SS-CPASx. Em todos os casos incluímos os efeitos que foram significativos nos modelos APIM.

7 RESULTADOS

7.1. Descritivo da distribuição dos diferentes itens nas diferentes categorias de resposta para cada uma das escalas

Em seguida, foram analisadas a distribuição dos diferentes itens nas diferentes opções de resposta para cada uma das escalas em ambos os géneros, assim como a média de cada item.

Os resultados descritivos apresentados referem-se a cada uma das categorias de resposta dos itens, para cada uma das escalas estandardizadas, após a recodificação. Assim sendo, e tendo como exemplo o item 28 da ECR-R, na escala este item apresenta-se como – “Discuto os meus problemas e preocupações com o meu parceiro” – mas, após a recodificação o item é analisado como: “Eu não discuto os meus problemas e preocupações com meu parceiro”.

7.1.1. ECR-R

Ao observar-se a tabela 7 é possível verificar que não existe nenhum item com uma proporção elevada (%> 95) numa categoria de resposta. Por conseguinte, não houve necessidade de se eliminar nenhum item. É possível comprovar que todas as categorias de resposta são utilizadas em todos os itens.

Para os homens da amostra a categoria de resposta com menor taxa de resposta, em geral, e para ambas as duas dimensões é a categoria de "Concordo Totalmente", e apresentam valores percentuais mais elevados na categoria de resposta "Discordo" da dimensão vínculo evitante, e "Concordo" na dimensão evitação. A generalidade da amostra masculina revelou discordar com os itens 22 ("Não sinto conforto em estar próximo e íntimo do meu par") ($N = 79$; $\% = 53.7$), 24 ("Prefiro estar próximo e íntimo do meu par") ($N = 77$; $\% = 52.4$), 26 ("Acho que é relativamente difícil ficar íntimo da minha parceira"), e 27 ("É difícil estar perto e íntimo da minha parceira") ($N = 76$; $\% = 51.7$), respectivamente; 28 ("Não discuto as minhas preocupações com a minha parceira") ($N = 83$; $\% = 56.5$), 29 ("Em tempos de necessidade ajuda-me saber que posso contar com a minha parceira") ($N = 88$; $\% = 59.9$), e 31 ("A minha parceira não me ajuda a reflectir sobre o que lhe conto") ($N = 84$; $\% = 57.1$).

É possível verificar, igualmente na Tabela 7, que para os homens da amostra a categoria de resposta que apresenta mais percentagem, na dimensão ansiedade, é a opção "Concordo" no item 6 ("Preocupo-me muito com as minhas relações românticas") ($N = 81$; $\% = 55.1$). Os itens que apresentaram menos valores percentuais são o item 13 ("Por vezes as parceiras românticas modificam os seus sentimentos por mim sem nenhuma razão aparente") ($N = 4$; $\% = 2.7$), e o 29 ("Em tempos de necessidade não me ajuda saber que posso contar com a minha parceira") ($N = 2$; $\% = 1.4$), na opção "Concordo Totalmente".

Através dos valores da média em cada um dos itens é possível constatar que a maioria dos itens apresenta uma média entre a categoria de resposta "Discordo" e a categoria "Concordo". Contudo, os itens 18 e 29 apresentam valores médios entre o "Discordo Totalmente" e "Discordo", e o item 6 entre o "Concordo" e "Concordo Totalmente".

Tabela 7. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ECR-R em cada uma das categorias de resposta depois da recodificação, para os homens da amostra*

ECR R	Item	M (DT)	DT		D		C		CT	
			N	%	N	%	N	%	N	%
Ansiedade	1. Receio perder o amor da minha parceira	2.70 (.93)	17	11.6	40	27.2	60	40.8	30	20.4
	2. Frequentemente preocupa-me que a minha parceira não queira estar comigo	2.44 (.95)	29	19.7	43	29.3	56	38.1	19	12.9
	3. Frequentemente receio que a minha parceira não me ame	2.27 (.96)	36	24.5	51	34.7	44	29.9	16	10.0
	4. Preocupa-me que a minha parceira não se preocupe tanto por mim como me preocupo por ela	2.40 (.92)	28	19.0	48	32.7	55	37.4	16	10.9
	5. Frequentemente desejo que os sentimentos da minha parceira sejam tão fortes como os sentimentos que tenho por ela	2.73 (.94)	19	12.9	32	21.8	65	44.2	31	21.1
	6. Preocupo-me bastante com os meus relacionamentos românticos	3.03 (.80)	9	6.1	17	11.6	81	55.1	40	27.2
	7. Quando a minha parceira está longe, preocupa-me que possa interessar-se por outra pessoa	2.63 (.89)	19	12.9	28	25.9	68	46.3	22	15.0
	8. Quando revelos os meus sentimentos à minha parceira receio que não sinta o mesmo por mim	2.44 (.86)	24	16.3	47	32.0	64	43.5	12	8.2
	9. Raramente preocupa-me a possibilidade da minha parceira me deixar	2.74 (.86)	10	6.8	48	32.7	59	40.1	30	20.4
	10. A minha parceira romântica faz-me duvidar de mim mesmo	2.04 (.89)	47	32.0	55	37.4	37	25.2	8	5.4
	11. Frequentemente não me preocupa ser abandonado	2.84 (.86)	8	5.4	43	29.3	60	40.8	36	24.5
	12. Apercebo-me que a minha parceira não quer estar tão próxima como gostaria	2.26 (.96)	40	27.2	42	28.6	52	35.4	13	8.8
	13. Por vezes a minha parceira modifica os sentimentos por mim sem razão aparente	2.07 (.83)	41	27.9	58	39.5	44	29.9	4	2.7
	14. O meu desejo de estar muito próximo por vezes afugenta as pessoas	2.05 (.88)	45	30.6	57	38.8	37	25.2	8	5.4
	15. Tenho receio de que uma vez que a minha parceira romântica me conheça, não goste de mim como so	2.23 (.94)	38	25.9	50	34.0	46	31.3	13	8.8
	16. Fico furioso quando não tenho o afecto e apoio que necessito, por parte da minha parceira	2.64 (.93)	18	12.2	45	30.6	56	38.1	28	19.0
17. Preocupo-me não estar à altura de outras pessoas	2.40 (.94)	30	20.4	45	30.6	55	37.4	17	11.6	

	18. Parece que a minha parceira só repara em mim quando estou zangado	1.97 (.86)	49	33.3	60	40.8	31	21.1	7	4.8
		M = 43.91; DT = 10.16								
Evitação	19. Prefiro não revelar à minha parceira como me sinto	2.12 (.89)	40	27.2	60	40.8	37	25.2	10	6.8
	20. Sinto-me confortável em partilhar com a minha parceira os meus pensamentos e sentimentos mais privados	2.09 (.87)	38	25.9	69	46.9	29	19.7	11	7.5
	21. Acho difícil permitir-me depender da minha parceira romântica	2.73 (.88)	11	7.5	48	32.7	57	38.8	31	21.1
	22. Sinto conforto em estar próximo e íntimo da parceira romântica	2.11 (.81)	31	21.1	79	53.7	27	18.4	10	6.8
	23. Não me sinto confortável em partilhar o meu íntimo com a parceira	2.15 (.89)	35	23.8	68	46.3	31	21.1	13	8.8
	24. Prefiro não estar muito íntimo e próximo da parceira	2.02 (.82)	38	25.9	77	52.4	23	15.6	9	6.1
	25. Sinto-me desconfortável quando a minha parceira quer ficar muito próxima	2.05 (.81)	38	25.9	71	48.3	31	21.1	7	4.8
	26. Acho que é relativamente fácil ficar íntimo da minha parceira	2.20 (.84)	27	18.4	76	51.7	31	21.1	13	8.8
	27. Não é difícil para mim ficar íntimo da minha parceira	2.22 (.82)	25	17.0	76	51.7	35	23.8	11	7.5
	28. Costumo discutir os meus problemas e preocupações com a minha parceira	2.00 (.80)	37	25.2	83	56.5	17	11.6	10	6.8
	29. Em tempos de necessidade ajuda-me saber que posso contar com a minha parceira	1.79 (.63)	46	31.3	88	59.9	11	7.5	2	1.4
	30. Conto tudo à minha parceira	2.26 (.86)	28	19.0	65	44.2	42	28.6	12	8.2
	31. A minha parceira ajuda-me a reflectir sobre o que lhe conto	2.07 (.78)	31	21.1	84	57.1	23	15.6	9	6.1
	32. Fico nervoso quando a minha parceira se aproxima demasiado de mim	2.05 (.83)	40	27.2	66	44.9	34	23.1	7	4.8
	33. Sinto conforto em depender da parceira	2.84 (.87)	8	5.4	44	29.9	58	39.5	37	25.2
	34. Acho que é fácil depender da parceira	2.81 (.83)	7	4.8	46	31.3	62	42.2	32	21.8
	35. É fácil para mim ser carinhoso com a minha parceira	2.04 (.92)	45	30.6	65	44.2	23	15.6	14	9.5
36. A minha parceira realmente entende-me e às minhas necessidades	2.12 (.82)	31	21.1	78	53.1	28	19.0	10	6.8	
		M = 41.71; DT = 9.73								

Nota. ECR-R = experiences in close relationships-revised; DT = discordo totalmente; D = discordo; C = concordo; CT = concordo totalmente.

Através da observação da Tabela 8 é possível verificar que não há nenhum item com uma elevada proporção ($\% > 95$) em uma categoria de resposta. Portanto, não houve necessidade de remover qualquer item, sendo possível verificar que todas as categorias de resposta são usadas em todos os itens.

Para as mulheres da amostra a categoria de resposta com menos percentagem de resposta, em geral e para as duas dimensões, é a categoria de "Concordo Totalmente"; as mulheres apresentam valores percentuais mais elevados na categoria de resposta "Discordo" nas duas dimensões. De facto, a generalidade da amostra feminina demonstrou discordar com os itens 26 ("Acho que é relativamente difícil estar íntima do meu parceiro"), e 31 ("O meu parceiro não me ajuda a reflectir sobre o que lhe conto") ($N = 74$; $\% = 50.3$), respectivamente.

É possível analisar, igualmente através da Tabela 8, que para as mulheres da amostra a categoria de resposta que apresenta mais percentagem, na dimensão ansiedade, é o item 6 ("Preocupo-me bastante com os meus relacionamentos românticos"), na opção "Concordo", e o item 10 ("O meu parceiro romântico faz-me duvidar de mim mesma"), na opção "Discordo Totalmente" ($N = 65$; $\% = 44.2$), respectivamente. Os itens que revelaram menos valor percentual são o item 18 ("Parece que o meu parceiro só repara em mim quando estou zangada") ($N = 4$; $\% = 2.7$), e o item 29 ("Em tempos de necessidade não me ajuda saber que posso contar com o meu parceiro") ($N = 2$; $\% = 1.4$), na opção "Concordo Totalmente".

Através dos valores da média de cada um dos itens é possível testar que a maioria dos itens apresenta uma média entre as categorias de resposta "Discordo" e "Concordo". No entanto, os itens 10, 12, 13, 14, 15, 18, 24, 29, e 35 revelam valor médio entre "Discordo Totalmente" e "Discordo", e os itens 6 e 33 entre o "Concordo" e "Concordo Totalmente".

Tabela 8. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ECR-R em cada uma das categorias de resposta depois da recodificação, para as mulheres da amostra*

ECR R	Item	M (DT)	DT		D		C		CT	
			N	%	N	%	N	%	N	%
Ansiedade	1. Receio perder o amor do meu parceiro	2.79 (.99)	16	10.9	42	28.6	46	31.3	43	29.3
	2. Frequentemente preocupa-me que o meu parceiro não queira estar comigo	2.36 (1.00)	34	23.1	48	32.7	43	29.3	22	15.0
	3. Frequentemente receio que o meu parceiro não me ame	2.24 (.97)	37	25.2	55	37.4	37	25.2	18	12.2
	4. Preocupa-me que o meu parceiro não se preocupe tanto por mim como me preocupo por ele	2.30 (.95)	34	23.1	51	34.7	46	31.3	16	10.9
	5. Frequentemente desejo que os sentimentos do meu parceiro sejam tão fortes como os sentimentos que tenho por ele	2.76 (.93)	16	10.9	38	25.9	59	40.1	34	23.1
	6. Preocupo-me bastante com os meus relacionamentos românticos	3.10 (.81)	5	3.4	26	17.7	65	44.2	51	34.7
	7. Quando o meu parceiro está longe, preocupa-me que possa interessar-se por outra pessoa	2.63 (.91)	16	10.9	50	34.0	54	36.7	27	18.4
	8. Quando revelo os meus sentimentos ao meu parceiro receio que não sinta o mesmo por mim	2.50 (.91)	21	14.3	53	36.1	52	35.4	21	14.3
	9. Raramente preocupa-me a possibilidade do meu parceiro me deixar	2.73 (.91)	12	8.2	51	34.7	48	32.7	36	24.5
	10. O meu parceiro romântico faz-me duvidar de mim mesma	1.81 (.86)	65	44.2	51	34.7	25	17.0	6	4.1
	11. Frequentemente não me preocupa ser abandonada	2.85 (.85)	6	4.1	47	32.0	57	38.8	37	25.2
	12. Apercebo-me que o meu parceiro não queira estar tão próximo como gostaria	1.93 (.90)	56	38.1	55	37.4	27	18.4	9	6.1
	13. Por vezes o meu parceiro modifica os sentimentos por mim sem razão aparente	1.93 (.86)	54	36.7	56	38.1	31	21.1	6	4.1
	14. O meu desejo de estar muito próxima por vezes afugenta as pessoas	1.86 (.87)	61	41.5	52	35.4	28	19.0	6	4.1
	15. Tenho receio de que uma vez que o meu parceiro romântico me conheça, não goste de mim como sou	1.99 (.89)	49	33.3	61	41.5	27	18.4	10	6.8
	16. Fico furiosa quando não tenho o afecto e apoio que necessito, por parte do meu parceiro	2.79 (.92)	14	9.5	38	25.9	60	40.8	35	23.8
	17. Preocupo-me não estar à altura de outras pessoas	2.50 (.93)	24	16.3	46	31.3	56	38.1	21	14.3

	18. Parece que o meu parceiro só repara em mim quando estou zangada	1.90 (.81)	51	34.7	63	42.9	29	19.7	4	2.7
	M = 42.96; DT = 9.76									
Evitação	19. Prefiro não revelar ao meu parceiro como me sinto	2.07 (.95)	45	30.6	62	42.2	24	16.3	16	10.9
	20. Sinto-me confortável em partilhar com o meu parceiro os meus pensamentos e sentimentos mais privados	2.23 (1.03)	40	27.2	58	39.5	24	16.3	25	17.0
	21. Acho difícil permitir-me depender do meu parceiro romântico	2.88 (.91)	10	6.8	40	27.2	55	37.4	42	28.6
	22. Sinto conforto em estar próxima e íntima do parceiro romântico	2.09 (.89)	39	26.5	69	46.9	26	17.7	13	8.8
	23. Não me sinto confortável em partilhar o meu íntimo com o meu parceiro	2.06 (.95)	44	29.9	67	45.6	19	12.9	17	11.6
	24. Prefiro não estar muito íntima e próxima do meu parceiro	1.96 (.88)	49	33.3	66	44.9	21	14.3	11	7.5
	25. Sinto-me desconfortável quando o meu parceiro quer ficar muito próximo	2.07 (.90)	43	29.3	62	42.2	31	21.1	11	7.5
	26. Acho que é relativamente fácil ficar íntima do meu parceiro	2.23 (.92)	29	19.7	74	50.3	25	17.0	19	12.9
	27. Não é difícil para mim ficar íntima do meu parceiro	2.24 (.89)	29	19.7	70	47.4	32	21.8	16	10.9
	28. Costumo discutir os meus problemas e preocupações com o meu parceiro	2.05 (.89)	41	27.9	72	49.0	20	13.6	14	9.5
	29. Em tempos de necessidade ajuda-me saber que posso contar com o meu parceiro	1.66 (.70)	67	45.6	65	44.2	13	8.8	2	1.4
	30. Conto tudo ao meu parceiro	2.33 (.94)	28	19.0	63	42.9	36	24.5	20	13.6
	31. A minha parceira ajuda-me a reflectir sobre o que lhe conto	2.07 (.87)	38	25.9	74	50.3	22	15.0	13	8.8
	32. Fico nervosa quando o meu parceiro se aproxima demasiado de mim	2.07 (.93)	45	30.6	60	40.8	29	19.7	13	8.8
	33. Sinto conforto em depender do parceiro	3.03 (.84)	7	4.8	29	19.7	64	43.5	47	32.0
	34. Acho que é fácil depender do parceiro	2.99 (.84)	5	3.4	38	25.9	58	39.5	46	31.3
	35. É fácil para mim ser carinhosa com o meu parceiro	1.98 (.92)	50	34.0	63	42.9	21	14.3	13	8.8
36. O meu parceiro realmente entende-me e às minhas necessidades	2.13 (.86)	34	23.1	72	49.0	29	19.7	12	8.2	
	M = 42.10; DT = 11.07									

Nota. ECR-R = experiences in close relationships-revised; DT = discordo totalmente; D = discordo; C = concordo; CT = concordo totalmente.

7.1.2. ESS

Observando a Tabela 9 é possível verificar que não há nenhum item com uma elevada proporção ($\% > 95$) em uma categoria de resposta. Portanto, não existiu necessidade de se eliminar qualquer item. É possível comprovar que todas as categorias de resposta são utilizadas em todos os itens.

A Tabela 9 demonstra que na ESS os homens apresentam maiores valores percentuais na categoria de resposta "Muito Satisfeito", em ambas as dimensões. No entanto, na dimensão satisfação sexual ego-centrada a generalidade da amostra masculina revelou que a categoria de resposta que apresenta mais percentagem é a opção "Muito Satisfeito" no item 9 ("O prazer que proporciono à minha parceira") ($N = 79$; $53,7\% =$), sendo que a opção "Nada Satisfeito" no item 2 ("A qualidade dos meus orgasmos"), foi a que apresentou menor taxa de resposta ($N = 1$; $\% = .7$).

Quanto à dimensão satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual o item 12 ("A capacidade da parceira em alcançar o orgasmo") apresentou, na categoria de resposta "Muito Satisfeito", mais percentagem de resposta ($N = 73$; $\% = 49.7$), e a opção de resposta – "Nada Satisfeito" – com menos valor percentual ($N = 3$; $\% = 2.0$).

Quanto aos valores médios de cada item pode ser confirmado na Tabela 9, para a amostra de homens, que a resposta aos itens encontra-se entre as opções "Moderadamente Satisfeito" e "Muito Satisfeito", ou entre as categorias "Muito Satisfeito" e "Extremamente Satisfeito".

Tabela 9. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ESS em cada uma das categorias de resposta para os homens da amostra*

ESS	Item	M (DT)	NS		PS		MS		MtS		ES	
			N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Satisfação Sexual Ego-Centrada	1. A intensidade da minha excitação sexual	3.78 (1.02)	3	2.0	17	11.6	26	17.7	64	43.5	37	25.2
	2. A qualidade dos meus orgasmos	3.94 (.95)	1	.7	16	10.9	17	11.6	70	47.6	43	29.3
	3. O meu “à vontade” e entrega ao prazer sexual durante o sexo	4.06 (.96)	2	1.4	11	7.5	18	12.2	61	41.5	55	37.4
	4. A minha concentração durante a actividade sexual	4.02 (.95)	2	1.4	11	7.5	19	12.9	65	44.2	50	34.0
	5. A forma como reajo sexualmente à minha parceira	4.12 (.86)	2	1.4	6	4.1	16	10.9	71	48.3	52	35.4
	6. O funcionamento sexual do meu corpo	3.93 (1.01)	3	2.0	11	7.5	28	19.0	56	38.1	49	33.3
	7. A minha predisposição emocional face ao sexo	4.01 (.95)	2	1.4	12	8.2	18	12.2	66	44.9	49	33.3
	8. A minha disposição/humor após a actividade sexual	4.14 (.94)	3	2.0	9	6.1	10	6.8	67	45.6	58	39.5
	9. O prazer que proporciono à minha parceira	3.84 (.86)	2	1.4	9	6.1	28	19.0	79	53.7	29	19.7
M = 35.85; DT = 7.12												
Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual	10. A predisposição emocional da minha parceira durante o sexo	3.68 (1.06)	5	3.4	17	11.6	32	21.8	59	40.1	34	23.1
	11. Ser a parceira a iniciar a actividade sexual	3.52 (1.03)	5	3.4	23	15.6	31	21.1	69	45.6	21	14.3
	12. A capacidade da minha parceira alcançar o orgasmo	3.80 (.93)	3	2.0	11	7.5	29	19.7	73	49.7	31	21.1
	13. A entrega da minha parceira ao prazer sexual	3.76 (1.04)	4	2.7	17	11.6	26	17.7	63	42.9	37	25.2
	14. A forma como a minha parceira cuida das minhas necessidades sexuais	3.56 (1.01)	5	3.4	18	12.2	36	24.5	65	44.2	23	15.6
	15. A criatividade sexual da minha parceira	3.46 (1.01)	8	5.4	20	13.6	39	26.5	56	38.1	24	16.3
	16. A disponibilidade sexual da minha parceira	3.37 (1.19)	12	8.2	24	16.3	34	23.1	51	34.7	26	17.7
	17. A variedade das minhas actividades sexuais	3.46 (1.01)	6	4.1	17	11.6	49	33.3	54	36.7	21	14.3
	18. A frequência das minhas actividades sexuais	3.18 (1.09)	10	6.8	30	20.4	45	30.6	47	32.0	15	10.2
M = 31.80; DT = 7.66												

Nota. ESS = escala de satisfação sexual; NS = nada satisfeito; PS = pouco satisfeito; MS = moderadamente satisfeito; MtS = muito satisfeito; ES = extremamente satisfeito.

Na Tabela 10 pode-se observar que na ESS as mulheres da amostra revelam valores percentuais mais elevados na categoria de resposta “Muito Satisfeita”, em ambas as dimensões. Contudo, na dimensão satisfação sexual ego-centrada a generalidade do género feminino demonstrou que a categoria de resposta que apresenta mais percentagem é a opção “Muito Satisfeita” no item 9 (“O prazer que proporciono ao meu parceiro”) ($N = 65$; $\% = 44.2$), sendo que a opção “Nada Satisfeita”, no item 8 (“A minha disposição/humor após a actividade sexual”), foi a que divulgou menor percentagem ($N = 1$; $\% = .7$).

Com relação à dimensão satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, o item 12 (“A capacidade do meu parceiro em alcançar orgasmos”) apresentou a categoria de resposta “Muito Satisfeita” com mais percentagem de resposta ($N = 76$; $\% = 51.7$), e a opção “Nada Satisfeita” com menos valor percentual ($N = 3$; $\% = 2.0$), conjuntamente com o item 13 (“Ser o meu parceiro a iniciar a actividade sexual”).

No que se refere à média de cada item é possível analisar na Tabela 10 que, para a amostra de mulheres, a resposta à maioria dos itens encontra-se entre as opções “Moderadamente Satisfeita” e “Muito Satisfeita”. Contudo, nos itens 12 e 13 a média surge entre as categorias “Muito Satisfeita” e “Extremamente Satisfeita”.

Tabela 10. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da ESS em cada uma das categorias de resposta para as mulheres da amostra*

ESS	Item	M (DT)	NS		PS		MS		MtS		ES	
			N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Satisfação Sexual Ego-Centrada	1. A intensidade da minha excitação sexual	3.49 (.91)	3	2.0	14	9.5	57	38.8	54	36.7	19	12.9
	2. A qualidade dos meus orgasmos	3.66 (.94)	2	1.4	13	8.8	47	32.0	56	38.1	29	19.7
	3. O meu “à vontade” e entrega ao prazer sexual durante o sexo	3.65 (.94)	3	2.0	13	8.8	43	29.3	62	42.2	26	17.7
	4. A minha concentração durante a actividade sexual	3.48 (.97)	3	2.0	22	15.0	43	29.3	60	40.8	19	12.9
	5. A forma como reajo sexualmente ao meu parceiro	3.56 (1.00)	5	3.4	15	10.2	44	29.9	58	39.5	25	17.0
	6. O funcionamento sexual do meu corpo	3.54 (.99)	5	3.4	15	10.2	46	31.3	58	39.5	23	15.6
	7. A minha predisposição emocional face ao sexo	3.39 (1.03)	4	2.7	28	19.0	41	27.9	54	36.7	20	13.6
	8. A minha disposição/humor após a actividade sexual	3.89 (.96)	1	.7	13	8.8	31	21.1	58	39.5	44	29.9
	9. O prazer que proporciono ao meu parceiro	3.64 (.96)	4	2.7	13	8.8	40	27.2	65	44.2	25	17.0
M = 32.30; DT = 6.93												
Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual	10. A predisposição emocional do meu parceiro durante o sexo	3.79 (.97)	7	4.8	5	3.4	31	21.1	73	49.7	31	21.1
	11. Ser o parceiro a iniciar a actividade sexual	3.76 (.90)	4	2.7	4	2.7	45	30.6	65	44.2	29	19.7
	12. A capacidade do meu parceiro alcançar o orgasmo	4.04 (.84)	2	1.4	5	3.4	21	14.3	76	51.7	43	29.3
	13. A entrega do meu parceiro ao prazer sexual	4.03 (.96)	2	1.4	12	8.2	18	12.2	63	42.9	52	35.4
	14. A forma como o meu parceiro cuida das minhas necessidades sexuais	3.89 (1.04)	4	2.7	12	8.2	27	18.4	57	38.8	47	32.0
	15. A criatividade sexual do meu parceiro	3.72 (1.01)	3	2.0	16	10.9	35	23.8	58	39.5	35	23.8
	16. A disponibilidade sexual do meu parceiro	3.82 (1.00)	4	2.7	10	6.8	35	23.8	58	39.5	40	27.2
	17. A variedade das minhas actividades sexuais	3.61 (.93)	3	2.0	13	8.8	46	31.3	62	42.2	23	15.6
	18. A frequência das minhas actividades sexuais	3.41 (.98)	6	4.1	16	10.9	54	36.7	53	36.1	18	12.2
M = 34.06; DT = 6.74												

Nota. ESS = escala de satisfação sexual; NS = nada satisfeita; PS = pouco satisfeita; MS = moderadamente satisfeita; MtS = muito satisfeita; ES = extremamente satisfeita.

7.1.3. DSCS

Através da observação da Tabela 11 é possível verificar que não há nenhum item com uma proporção elevada ($\% > 95$) em uma categoria de resposta. Consequentemente não existiu necessidade de remover qualquer item, sendo possível comprovar que todas as categorias de resposta são usadas em todos os itens.

Na Tabela 11 verifica-se que na DSCS os homens da amostra apresentam valores percentuais mais elevados na categoria de resposta “Concordo”. O item 10 (“Falar sobre sexo é uma experiência satisfatória para ambos”) revelou ter a percentagem mais elevada em pelo menos uma das quatro categorias de resposta ($N = 76$; $\% = 51.7$), sendo que os itens 1 (“Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, a minha parceira raramente responde.”), 5 (“Quando eu e a minha parceira falamos sobre sexo, sinto que ela me repreende.”), e 6 (“Habitualmente, a minha parceira queixa-se que não sou suficientemente claro sobre o que quero sexualmente.”) apresentaram o valor percentual mais baixo ($N = 5$; $\% = 3.4$), respectivamente, na categoria “Discordo Totalmente”.

Ao observar-se a Tabela 11 é possível verificar que a maioria dos itens da DSCS teve a média das repostas entre a opção “Concordo” e “Concordo Totalmente”, mas os itens 8, 9, e 12 obtiveram valores médios entre a categoria “Discordo” e “Concordo”.

Tabela 11. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da DSCS em cada uma das categorias de resposta para os homens da amostra*

Item	<i>M (DT)</i>	DT		D		C		CT		
		<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	
1. Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, a minha parceira raramente responde	3.18 (.84)	5	3.4	25	17.0	55	37.4	62	42.2	
2. Alguns assuntos sexuais são incômodos para discutir com a minha parceira	3.01 (.90)	7	4.8	37	25.2	50	34.0	53	36.1	
3. No nosso relacionamento sexual existem alguns assuntos ou problemas que nunca foram discutidos	3.08 (.92)	8	5.4	32	21.8	47	32.0	60	40.8	
4. Eu e a minha parceira nunca resolvemos os nossos desacordos acerca dos assuntos sexuais.	3.18 (.84)	8	5.4	17	11.6	62	42.2	60	40.8	
5. Quando eu e a minha parceira falamos acerca de sexo, sinto que ela me repreende	3.28 (.82)	5	3.4	19	12.9	53	36.1	70	47.6	
6. Habitualmente, a minha parceira queixa-se que não sou suficientemente claro sobre o que quero sexualmente	3.26 (.79)	5	3.4	16	10.9	62	42.2	64	43.5	
7. Eu e a minha parceira nunca tivemos uma conversa séria acerca da nossa vida sexual	3.24 (.90)	10	6.8	16	10.9	50	34.0	71	48.3	
8. A minha parceira não tem dificuldade em falar comigo sobre os seus sentimentos e desejos sexuais	2.71 (.92)	15	10.2	45	30.6	55	37.4	32	21.8	
9. Mesmo quando está aborrecida comigo, a minha parceira está apta a apreciar a minha visão sobre a sexualidade	2.68 (.81)	11	7.5	46	31.3	69	46.9	21	14.3	
10. Falar sobre sexo é uma experiência satisfatória para ambos	2.86 (.82)	10	6.8	31	21.1	76	51.7	30	20.4	
11. Eu e a minha parceira conseguimos falar calmamente sobre a nossa vida sexual	3.01 (.85)	8	5.4	28	19.0	66	44.9	45	30.6	
12. Tenho pouca dificuldade em dizer à minha parceira o que faço ou não sexualmente	2.89 (.91)	11	7.5	36	24.5	58	39.5	42	28.6	
13. Raramente sinto-me envergonhado quando discuto com a minha parceira os detalhes da nossa vida sexual	3.00 (.91)	11	7.5	28	19.0	58	39.5	50	34.0	
M = 39.38; DT = 7.65										

Nota. DSCS = dyadic sexual communication scale; DT = discordo totalmente; D = discordo; C = concordo; CT = concordo totalmente.

Ao analisar-se a Tabela 12 é possível verificar que não existe nenhum item com uma proporção elevada ($\% > 95$) em uma categoria de resposta, não tendo existido necessidade de se eliminar nenhum item. É possível comprovar que todas as categorias de resposta são utilizadas em todos os 13 itens da DSCS.

Na mesma tabela é possível observar que na DSCS as mulheres da amostra revelaram valores percentuais mais elevados na categoria de resposta “Concordo Totalmente”. Os itens 1 (“Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, o meu parceiro raramente responde”), 7 (“Eu e o meu parceiro nunca tivemos uma conversa séria acerca da nossa vida sexual”) ($N = 75$; $\% = 51.0$), respectivamente, e 5 (“Quando eu e o meu parceiro falamos acerca de sexo, sinto que ele me repreende”) ($N = 83$; $\% = 56.5$) apresentaram a percentagem mais elevada em pelo menos uma das quatro categorias de resposta – a “Concordo Totalmente” –, sendo que os itens 1 (“Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, o meu parceiro raramente responde”), 4 (“Eu e o meu parceiro nunca resolvemos os nossos desacordos acerca dos assuntos sexuais”), 5 (“Quando eu e o meu parceiro falamos acerca de sexo, sinto que ele me repreende”), 10 (“Falar sobre sexo é uma experiência satisfatória para ambos”), e 11 (“Eu e o meu parceiro conseguimos falar calmamente sobre a nossa vida sexual”), revelaram o valor percentual mais baixo ($N = 4$; $\% = 2.7$), respectivamente, na categoria “Discordo Totalmente”.

É igualmente possível verificar, na Tabela 12, que a maioria dos itens da DSCS apresentou a média das respostas entre a opção “Concordo” e “Concordo Totalmente”, e entre a categoria “Discordo” e “Concordo”.

Tabela 12. *Análise Descritiva: Média, Desvio-Padrão, Frequência, e Percentagem dos itens da DSCS em cada uma das categorias de resposta para as mulheres da amostra*

Item	M (DT)	DT		D		C		CT		
		N	%	N	%	N	%	N	%	
1. Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, o meu parceiro raramente responde	3.28 (.85)	4	2.7	26	17.7	42	28.6	75	51.0	
2. Alguns assuntos sexuais são incômodos para discutir com o meu parceiro	2.99 (.99)	13	8.8	34	23.1	42	28.6	58	39.5	
3. No nosso relacionamento sexual existem alguns assuntos ou problemas que nunca foram discutidos	2.92 (1.04)	16	10.9	37	25.2	37	25.2	57	38.8	
4. Eu e o meu parceiro nunca resolvemos os nossos desacordos acerca dos assuntos sexuais.	3.24 (.84)	4	2.7	26	17.7	47	32.0	70	47.6	
5. Quando eu e o meu parceiro falamos acerca de sexo, sinto que ele me repreende	3.32 (.88)	4	2.7	28	19.0	32	21.8	83	56.5	
6. Habitualmente, o meu parceiro queixa-se que não sou suficientemente clara sobre o que quero sexualmente	3.15 (.87)	5	3.4	31	21.1	48	32.7	63	42.9	
7. Eu e o meu parceiro nunca tivemos uma conversa séria acerca da nossa vida sexual	3.27 (.88)	6	4.1	24	16.3	42	28.6	75	51.0	
8. O meu parceiro não tem dificuldade em falar comigo sobre os seus sentimentos e desejos sexuais	2.92 (1.02)	15	10.2	37	25.2	40	27.2	55	37.4	
9. Mesmo quando está aborrecido comigo, o meu parceiro está apto a apreciar a minha visão sobre a sexualidade	2.86 (.82)	8	5.4	37	25.2	70	47.6	32	21.8	
10. Falar sobre sexo é uma experiência satisfatória para ambos	3.01 (.80)	4	2.7	34	23.1	65	44.2	44	29.9	
11. Eu e o meu parceiro conseguimos falar calmamente sobre a nossa vida sexual	3.14 (.80)	4	2.7	26	12.7	63	42.9	54	36.7	
12. Tenho pouca dificuldade em dizer ao meu parceiro o que faço ou não sexualmente	2.89 (.85)	7	4.8	40	27.2	62	42.2	38	25.9	
13. Raramente sinto-me envergonhada quando discuto com o meu parceiro os detalhes da nossa vida sexual	2.97 (.89)	6	4.1	42	28.6	49	33.3	50	34.0	
M = 39.95; DT = 7.99										

Nota. DSCS = dyadic sexual communication scale; DT = discordo totalmente; D = discordo; C = concordo; CT = concordo totalmente.

7.2. Descrição das variáveis para cada um dos membros da díade

A Tabela 13 demonstra que se pode inferir, com 95% de confiança, que a amostra de homens, em média, revela ansiedade entre 42.25 e 45.57, com uma amplitude de 3.02 pontos, e demonstra evitação entre 40.12 e 43.29, com amplitude de 3.12 pontos, sendo que em ambos os casos, a mediana apresenta um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança 95%. Consequentemente é possível concluir que a mesma está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro de enviesamento e aumentando a exactidão do estudo.

Na Tabela 13 pode-se observar, também, que se pode determinar, com 95% de confiança, que a amostra de homens, em média, divulga satisfação sexual ego-centrada entre 34.69 e 37.01, com uma amplitude de 2.32 pontos, e satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual entre 30.55 e 33.05, com uma amplitude de 2.50 pontos. Em ambas as situações, a mediana apresenta um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança de 95%. Por conseguinte, pode-se deduzir que está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro viés e melhorando a precisão do estudo.

É possível deduzir, igualmente, com 95% de confiança de que a amostra de homens, em média, revela comunicação sexual diádica entre 38.13 e 40.63, com uma amplitude de 2.50 pontos. A mediana apresenta um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança de 95%. Por conseguinte, pode-se concluir que está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro viés e aperfeiçoando a precisão do estudo.

Tabela 13. Médias, Desvio-Padrão, Coeficiente de Assimetria, Intervalos de Confiança 95% das variáveis intercalares em estudo para os homens da amostra

	N	M	DP	Mediana	Amplitude	Coeficiente Assimetria			Intervalo Confiança 95%	
						Sk	SE	Z	Limite Inferior	Limite Superior
<i>ECR-R</i>										
Ansiedade	147	43.92	10.16	44.00	20.00 – 66.00	-.13	.20	-.65	42.25	45.57
Evitação	147	41.71	9.73	41.00	20.00 – 66.00	.10	.20	.50	40.12	43.29
<i>ESS</i>										
SS_EC	147	35.85	7.12	36.00	9.00 – 45.00	-.12	.20	.60	34.69	37.01
SS_CPASx	147	31.80	7.66	33.00	9.00 – 45.00	-.62	.20	-3.10	30.55	33.05
<i>DSCS</i>	147	39.38	7.64	40.00	20.00 – 52.00	-.26	.20	-1.30	38.13	40.63

Nota. Sk = assimetria; ECR-R = The Experiences in Close Relationships-Revised Questionnaire; ESS = Escala de Satisfação Sexual; SS_EC satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual; DSCS = dyadic sexual communication scale.

A Tabela 14 manifesta que se pode deduzir, com 95% de confiança, que a amostra de mulheres, em média, revela ansiedade entre 41.37 e 44.55, com uma amplitude de 3.18 pontos, e evitação entre 40.30 e 43.91, com amplitude de 3.61 pontos, sendo que a mediana apresenta um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança 95%. Consequentemente é possível concluir que a mesma está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro de viés e elevando a exactidão do estudo.

Na Tabela 14 pode-se observar, também, que é possível deduzir, com 95% de confiança, que a amostra de mulheres, em média, demonstra satisfação sexual ego-centrada entre 38.65 e 41.26, com uma amplitude de 2.61 pontos, e revela satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual entre 32.96 e 35.16, com uma amplitude de 2.20 pontos. A mediana apresenta, em ambas as situações, um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança de 95%. Por conseguinte, pode-se deduzir que está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro viés e melhorando a precisão do estudo.

É possível deduzir, igualmente, com 95% de confiança que a amostra de mulheres, em média, revela comunicação sexual diádica entre 38.65 e 41.26, com uma amplitude de 2.61 pontos. A mediana apresenta um valor que se encontra dentro do intervalo de confiança de 95%. Por conseguinte, pode-se concluir que está próxima do valor médio da amostra, minimizando o erro viés e aperfeiçoando a precisão do estudo.

Tabela 14. Médias, Desvio-Padrão, Coeficiente de Assimetria, Intervalos de Confiança 95% das variáveis intercalares em estudo para as mulheres da amostra

	N	M	DP	Mediana	Amplitude	Coeficiente Assimetria			Intervalo Confiança 95%	
						Sk	SE	Z	Limite Inferior	Limite Superior
<i>ECR-R</i>										
Ansiedade	147	42.96	9.76	42.00	20.00 – 65.00	.06	.20	.30	41.37	44.55
Evitação	147	42.10	11.07	41.00	21.00 – 76.00	.68	.20	3.40	40.30	43.91
<i>ESS</i>										
SS_EC	147	32.30	6.94	33.00	9.00 – 45.00	-.56	.20	-2.80	38.65	41.26
SS_CPASx	147	34.06	6.74	35.00	9.00 – 45.00	-.72	.20	-3.60	32.96	35.16
<i>DSCS</i>	147	39.95	7.99	41.00	24.00 – 52.00	-.20	.20	-1.00	38.65	41.26

Nota. Sk = assimetria; ECR-R = The Experiences in Close Relationships-Revised Questionnaire; ESS = Escala de Satisfação Sexual; SS_EC satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual; DSCS = dyadic sexual communication scale.

7.3. Descrição das variáveis e análise de diferenças entre os membros da díade

Obtivemos os descritivos nas diferentes variáveis por separado para homens e para mulheres do casal (Ver Tabela 15). Posteriormente comprovámos a existência de diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 15. *Descritivos nas variáveis e resultados dos contrastes de diferença de médias*

Variáveis	Homens		Mulheres		t
	M	DP	M	DP	
<i>ESS</i>					
SS_EC	35.85	7.12	32.30	6.94	5.06***
SS_CPASx	31.80	7.66	34.06	6.74	-3.18**
<i>ECR-R</i>					
Ansiedade	43.92	10.16	42.96	9.76	1.02
Evitação	41.71	9.73	42.10	11.07	-.46
<i>DSCS</i>					
	39.38	7.64	39.95	7.99	-1.00

Nota. ECR-R = Experiences in Close Relationships Questionnaire-Revised; ESS = Escala de Satisfação Sexual; SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual; DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale. *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável SS-EC, no sentido dos homens da amostra terem revelado valores médios significativamente mais elevados de satisfação sexual ego-centrada, comparativamente com as mulheres. Foram verificadas diferenças estatisticamente significativas na variável SS_CPASx, no sentido das mulheres da amostra apresentarem médias significativamente superiores de satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, quando comparadas com os homens da amostra. Quanto à amplitude, ambos os géneros, em ambas as duas dimensões, apresentaram um intervalo entre 9.00 e 45.00.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões do instrumento ECR-R: ansiedade ($p = .568$), e evitação ($p = .797$), nem na comunicação sexual diádica ($p = .319$). (Ver Tabela 15).

Com relação à amplitude, os homens demonstraram valores mínimos de 20.00 e máximos de 66.00 em ambos os vínculos inseguros, e 20.00 – 52.00 na DSCS, enquanto as mulheres apresentaram amplitude de 20.00 – 65.00 na ansiedade, de 21.00 – 76.00 na evitação, e de 24.00 – 52.00 na comunicação sexual.

7.4. Relações entre as variáveis de casal

Em primeiro lugar, obteve-se a relação entre as variáveis consideradas no presente estudo, separadamente para homens e mulheres. (Ver Tabela 16).

Tabela 16. *Correlação de Pearson entre as escalas de vínculos afectivos, de satisfação sexual, e de comunicação sexual por separado para homens e mulheres*

	1	2	3	4	5
1- SS_EC	.27***	.60***	-.32***	-.28***	.49***
2- SS_CPASx	.62***	.29***	-.30***	-.54***	.62***
3- ECR-R Ansiedade	-.34***	-.23***	.35***	.31***	-.56***
4- ECR-R Evitação	-.40***	-.32***	.46***	.50***	-.62***
5- DSCS	.62***	.58***	-.47***	-.58***	.61***

Nota. Correlações sobre a diagonal referem-se às mulheres da amostra. Correlações por debaixo da diagonal incluem os homens da amostra. Correlações na diagonal referem-se à associação entre o homem e a mulher; SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual; DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

*** $p \leq .001$.

A análise de correlação foi realizada para examinar as correlações bivariadas entre as variáveis em estudo, o que nos permite verificar se alguma das variáveis encontrava-se altamente associada (r acima de .80 ou de .90) (Field, 2005) causando o problema de multicolinearidade. As variáveis que têm colinearidade perfeita (uma correlação de 1) podem ser redundantes ou medir o mesmo (Kenny, 2014).

A nossa matriz de correlação indica que todas as variáveis em estudo relacionaram-se, mas como não são associações altas não existe a preocupação sobre a multicolinearidade.

Quando analisamos as relações entre as variáveis verifica-se que em ambos os géneros existem correlações negativas entre a vinculação afectiva e a satisfação sexual: a ansiedade e a evitação correlacionam-se significativamente com a satisfação sexual, ego-centrada e centrada no par e na actividade sexual, e todas as correlações são negativas, ou seja, para os níveis mais elevados de ansiedade e de evitação, menos SS-EC e menos SS-CPASx. A relação mais elevada é observada com a evitação: nos homens com satisfação sexual ego-centrada, e nas mulheres com satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual.

Quanto às associações entre a comunicação sexual e a satisfação sexual verificou-se que, em ambos os géneros, as relações foram significativas e com sinal positivo, sendo que quanto maior a comunicação sexual maior a SS-EC e mais SS-CPASx. Nos homens a comunicação sexual diádica revela uma associação mais elevada com a satisfação sexual ego-

centrada, e nas mulheres mostram um resultado relacional superior com satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual.

Finalmente, em ambos os géneros, há uma correlação negativa e significativa entre a vinculação afectiva e a comunicação sexual, sendo que maiores níveis de ansiedade e de evitação, menores níveis de comunicação sexual, obtendo-se relações mais elevadas nas mulheres da amostra.

Por último, verificaram-se associações significativas entre as pontuações na mesma variável para homens e mulheres e, conseqüentemente é possível realizar a análise diádica.

7.5. Análise dos efeitos actor-parceiro: Modelos APIM

Nos primeiros três modelos, em que a VD era a SS-EC, os efeitos actor demonstraram ser estatisticamente significativos em ambos os géneros. Com relação ao sinal, no caso dos vínculos afectivos é negativo, ou seja, a níveis mais elevados de ansiedade ou de evitação menos SS-EC, e no caso da comunicação sexual, o sinal foi positivo – níveis mais elevados de comunicação sexual associavam-se com mais SS-EC, em ambos os géneros. Existe, igualmente, no modelo, um efeito parceiro de sinal negativo que inclui a evitação, no sentido de níveis mais elevados de vínculo evitante da mulher estariam relacionados com menos SS-EC do seu parceiro (Ver Tabela 17).

Tabela 17. *Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos e da comunicação sexual, predizendo a satisfação sexual ego-centrada*

Variáveis Preditores	Homens				Mulheres			
	<i>b</i>	<i>SE</i>	β	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>SE</i>	β	<i>p</i>
<i>Ansiedade</i>								
Efeito Actor	-.24	.06	-.35***	.000	-.21	.06	-.30***	.000
Efeito Parceiro	.01	.06	.01	.934	-.04	.06	-.06	.483
			R ² = .12				R ² = .10	
<i>Evitação</i>								
Efeito Actor	-.18	.06	-.25**	.003	-.17	.06	-.26**	.004
Efeito Parceiro	-.19	.05	-.30***	.000	-.03	.07	-.04	.640
			R ² = .08				R ² = .22	
<i>Comunicação Sexual</i>								
Efeito Actor	.51	.08	.55***	.000	.41	.08	.47***	.000
Efeito Parceiro	.11	.07	.12	.133	.02	.08	.03	.776
			R ² = .40				R ² = .24	

Nota. Apresenta-se todos os efeitos dos coeficientes estandardizados de regressão.

*** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$.

Nos três modelos seguintes, onde a VD foi a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, verificou-se a existência de efeitos actor estatisticamente significativos, tanto para os homens como para as mulheres. Só se encontrou um efeito parceiro da ansiedade do homem com a SS-CPASx da sua parceira.

Quanto ao sinal, e como observado anteriormente, no caso dos vínculos afectivos o mesmo foi negativo, revelando que quanto mais ansiedade ou evitação menos SS-CPASx. Com relação à comunicação sexual o sinal revelou ser positivo, indicando que quanto maior o nível de comunicação sexual, mais SS-CPASx, em ambos os géneros. Por último, obtivemos um efeito negativo parceiro, em que quanto maiores os níveis de ansiedade do homem menos SS-CPASx da sua parceira (Ver Tabela 18).

Tabela 18. *Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos e da comunicação sexual, predizendo a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual*

Variáveis Preditores	Homens				Mulheres			
	<i>b</i>	<i>SE</i>	β	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>B</i>	<i>p</i>
<i>Ansiedade</i>								
Efeito Actor	-.18	.07	-.24**	.005	-.17	.06	-.24**	.004
Efeito Parceiro	.02	.07	.02	.800	-.12	.06	-.18*	.030
			R ² = .06				R ² = .12	
<i>Evitação</i>								
Efeito Actor	-.26	.07	-.33***	.000	-.31	.05	-.50***	.000
Efeito Parceiro	.01	.06	.02	.825	-.05	.06	-.07	.354
			R ² = .10				R ² = .30	
<i>Comunicação Sexual</i>								
Efeito Actor	.64	.09	.64***	.000	.48	.07	.56***	.000
Efeito Parceiro	-.10	.08	-.11	.202	.07	.07	.08	.332
			R ² = .34				R ² = .38	

Nota. Apresenta-se todos os efeitos dos coeficientes estandardizados de regressão.
 *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$.

Nos últimos dois modelos, onde a VD é a comunicação sexual e como preditores os vínculos afectivos, foi confirmada a existência de efeitos actor e efeitos parceiro estatisticamente significativos e de sinal negativo, em ambos os géneros (Ver Tabela 19).

A comunicação sexual das mulheres é explicada pelos efeitos actor e parceiro, tanto para a ansiedade como para a evitação, indicando que níveis elevados de ansiedade e de evitação da mulher e do seu parceiro relacionam-se com menores níveis de comunicação sexual diádica. Nos homens da amostra, a comunicação explica-se unicamente por efeitos actor, no caso da ansiedade, e por efeitos actor e de parceiro no caso da evitação, sendo que

níveis elevados de ansiedade no homem associam-se a uma menor comunicação sexual, e níveis elevados de evitação do homem e da sua parceira relacionam-se com uma menor comunicação sexual do homem.

Tabela 19. *Efeitos Actor e Efeitos Parceiro dos vínculos afectivos predizendo a comunicação sexual*

Variáveis Preditores	Homens				Mulheres			
	DSCS				DSCS			
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>B</i>	<i>p</i>	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>B</i>	<i>p</i>
<i>Ansiedade</i>								
Efeito Actor								
Efeito Parceiro	-.33	.06	-.44***	.000	-.39	.06	-.47***	.000
	-.07	.06	-.09	.256	-.19	.06	-.24***	.000
<i>Evitação</i>								
Efeito Actor								
Efeito Parceiro	-.38	.06	-.48**	.000	-.39	.05	-.54***	.000
	-.13	.05	-.19*	.014	-.13	.06	-.16*	.034
			$R^2 = .23$				$R^2 = .36$	
			$R^2 = .36$				$R^2 = .40$	

Nota. Apresenta-se todos os efeitos dos coeficientes estandardizados de regressão.

DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

*** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$.

Foram comparados todos os efeitos actor e de parceiro entre os membros da díade, não se tendo encontrado diferenças estatisticamente significativas (Ver Tabela 20).

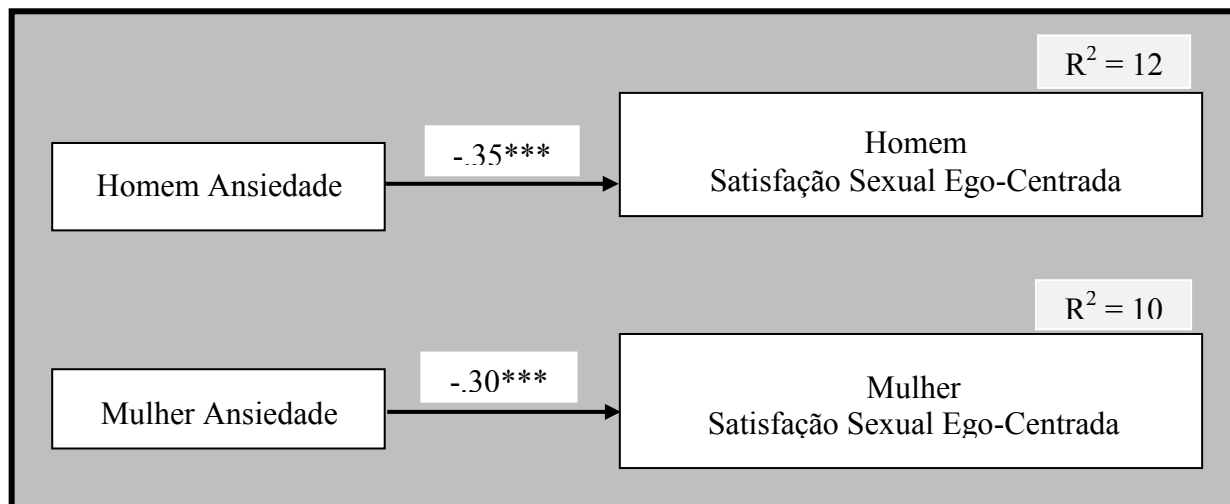
Tabela 20. *Contraste dos Efeitos Actor e Parceiro para homens e mulheres*

	$\Delta\chi^2$	<i>p</i>
<i>Efeitos Actor</i>		
Ansiedade – DSCS	.45	.505
Ansiedade – SS_EC	.13	.720
Ansiedade – SS_CPASx	.03	.861
Evitação – DSCS	.02	.890
Evitação – SS_EC	.04	.841
Evitação – SS_CPASx	.32	.574
DSCS – SS_EC	.88	.350
DSCS – SS_CPASx	2.15	.143
<i>Efeitos Parceiro</i>		
Ansiedade – DSCS	1.69	.194
Ansiedade – SS_EC	.27	.603
Ansiedade – SS_CPASx	2.24	.134
Evitação – DSCS	.00	.991
Evitação – SS_EC	3.26	.071
Evitação – SS_CPASx	.54	.462
DSCS – SS_EC	.58	.447
DSCS – SS_CPASx	2.35	.125

Nota. Todos os χ^2 apresentam o mesmo grau de liberdade, que é igual à unidade. SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; SS_CPASx = satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual; DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

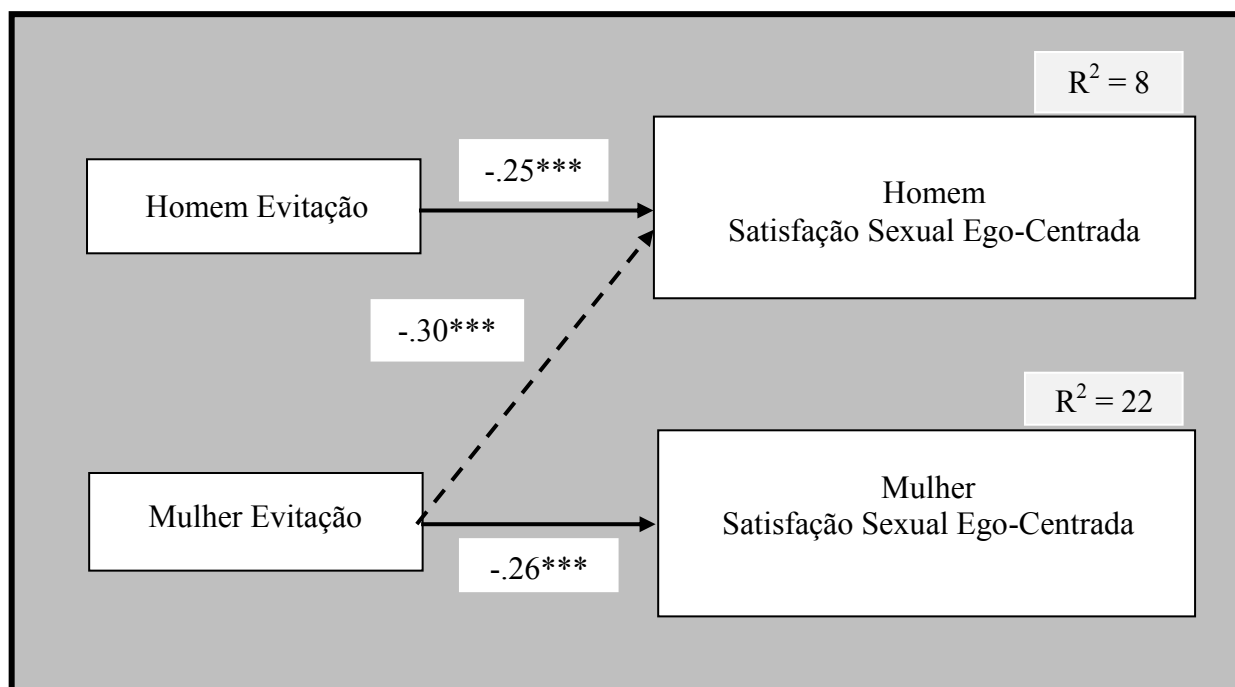
Quando consideramos a ansiedade verifica-se que a SS-EC é explicada, unicamente, por efeitos actor, tanto nos homens como nas mulheres. Nível mais alto de ansiedade de cada membro da díade relaciona-se com uma menor satisfação sexual ego-centrada (Ver Figura 12), e a percentagem de variância explicada é de 12% no caso dos homens, e de 10% no caso das mulheres.

Figura 12. Efeitos Actor entre o vínculo afectivo ansioso e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros



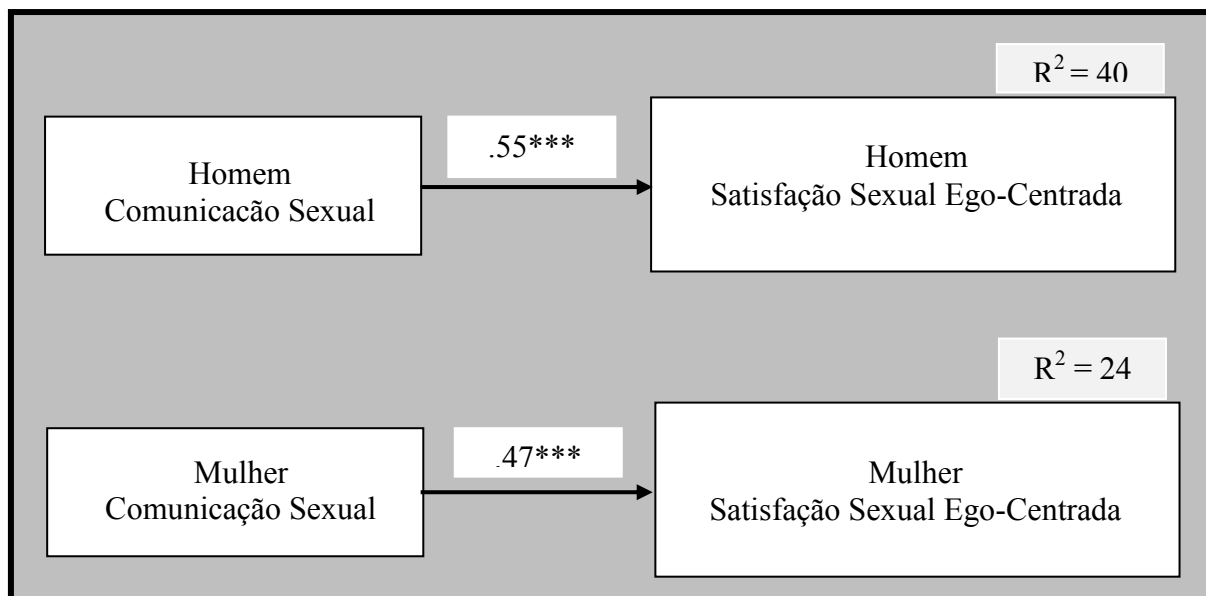
Quanto à evitação, verifica-se que a SS-EC dos homens é explicada por efeitos actor e parceiro, onde níveis mais altos de evitação do homem da sua parceira explicariam uma menor satisfação sexual ego-centrada do homem; enquanto a satisfação da mulher é explicada, unicamente, por efeitos actor, os níveis elevados de evitação da mulher associam-se co uma menor SS-EC. De facto, a percentagem de variância explicada é de 22%, no caso das mulheres, e de 8% no caso dos homens (Ver Figura 13).

Figura 13. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros



No que se refere à comunicação sexual, a satisfação sexual ego-centrada, em homens e mulheres, é explicada por efeitos actor (Ver Tabela 14), sendo que níveis mais elevados de comunicação sexual em homens e mulheres, relaciona-se com uma maior SS-EC. A percentagem de variância explicada é importante: 40% nos homens e 24% nas mulheres (Ver Figura 14).

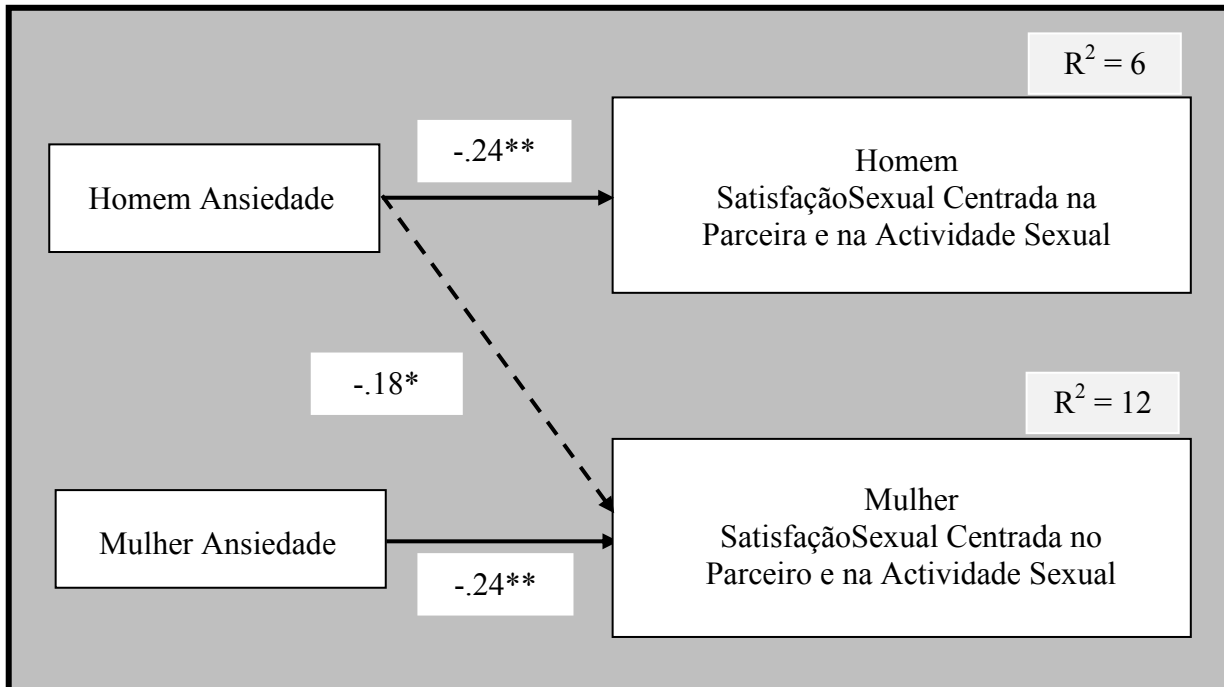
Figura 14. Efeitos Actor entre a comunicação sexual e a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros



Quando consideramos a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, é possível verificar na Figura 15 que, em ambos os géneros, quanto mais este tipo de satisfação sexual menos ansiedade. Além disso, a percentagem de variância explicada é de 6%, no caso dos homens, e de 12%, no caso das mulheres. (Ver Figura 15).

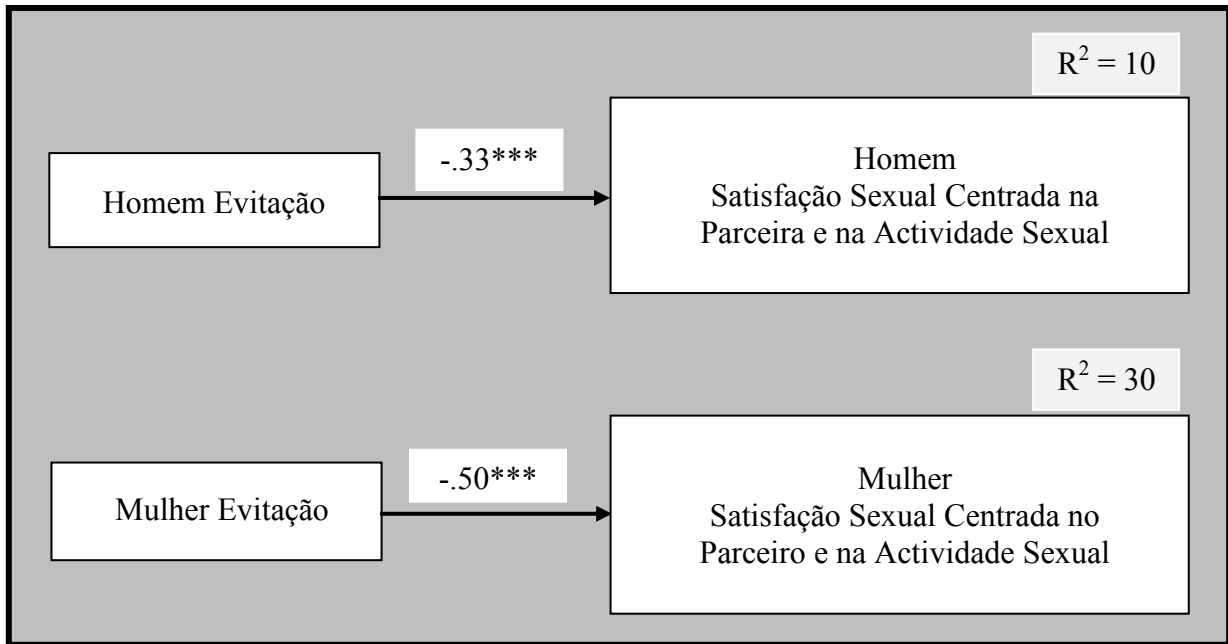
Existe, igualmente, um efeito parceiro entre a ansiedade do homem e a SS-CPASx da sua parceira, no sentido de quanto maior o nível de ansiedade do homem, menor satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual da sua parceira. (Ver Figura 15).

Figura 15. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a ansiedade e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros



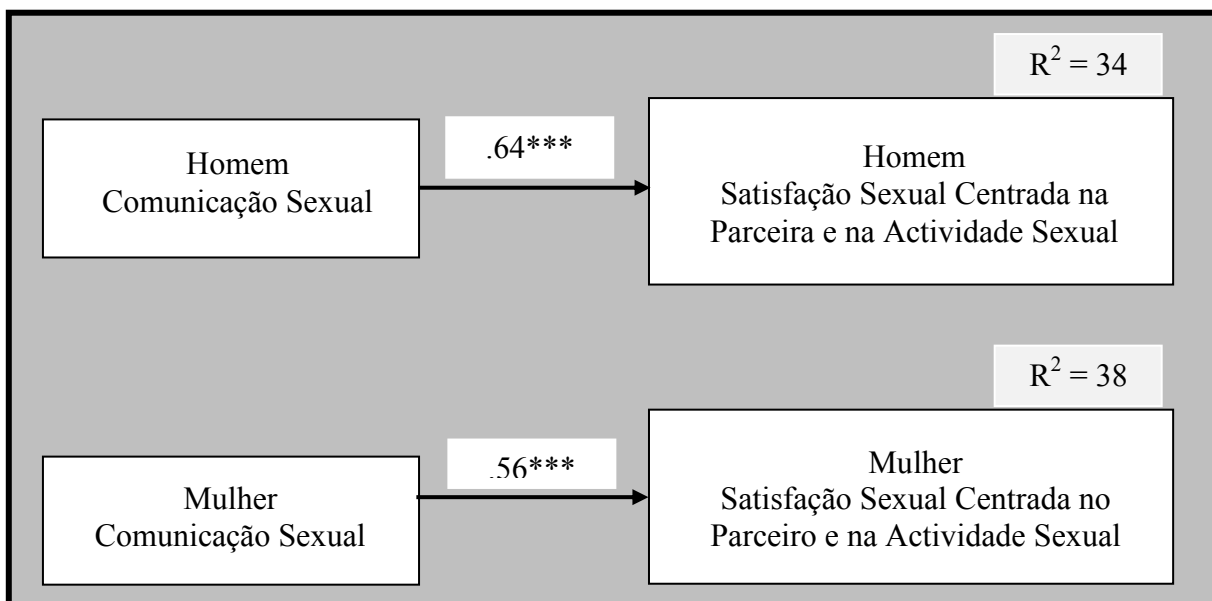
Contudo, e ao contrário do que sucedeu com a satisfação sexual ego-centrada, os sujeitos evitantes, homens e mulheres, apresentam valores de associação mais fortes com a SS-CPASx, comparativamente com os sujeitos ansiosos, apesar de quanto mais evitação mais SS-CPASx (Ver Figura 16). No que se refere à variância explicada, as mulheres apresentam um 30%, enquanto os homens um 10%. (Ver Figura 16).

Figura 16. Efeitos Actor entre a evitação e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros



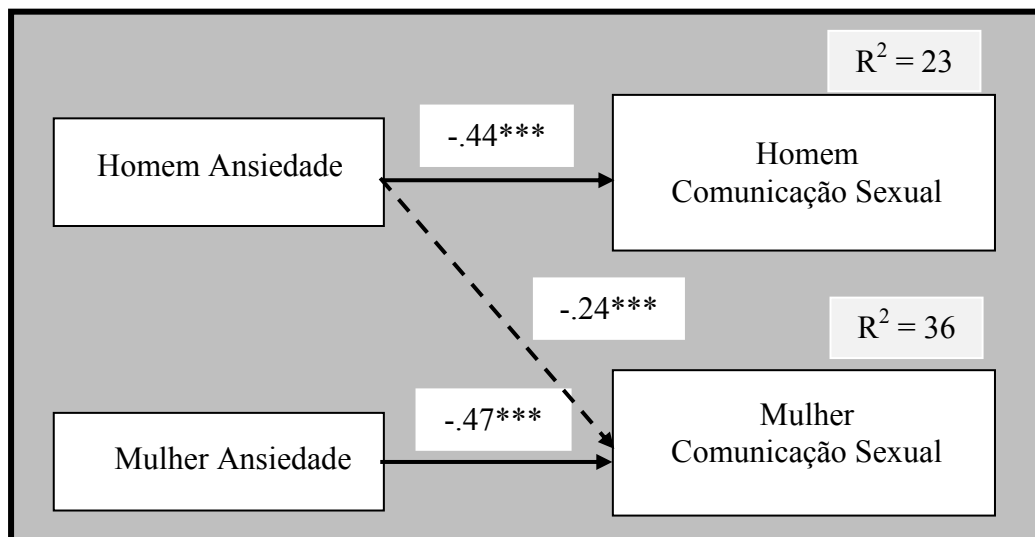
Da mesma forma, e na Figura 17, pode-se observar que a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual é explicada por efeitos actor, sendo que níveis maiores de comunicação sexual do homem e da mulher, mais SS-CPASx, emergindo importantes percentagens de variância: 34% nos homens, e 38% nas mulheres (Ver Figura 17).

Figura 17. Efeitos Actor entre a comunicação sexual e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual em ambos os géneros



Na Figura 18 pode-se observar a existência de efeitos actor entre o vínculo afectivo ansiedade, em ambos os géneros, e a sua própria comunicação sexual, ou seja, quanto mais homens e mulheres ansiosos/as, menos comunicação sexual. Pode-se comprovar, igualmente, a existência de um efeito parceiro entre a ansiedade do homem e a comunicação sexual da mulher, sendo que quanto mais ansiedade do homem menos comunicação sexual diádica da sua parceira. No que se refere à variância explicada, os homens apresentam um 23%, enquanto as mulheres exibem um 36%. (Ver Figura 18).

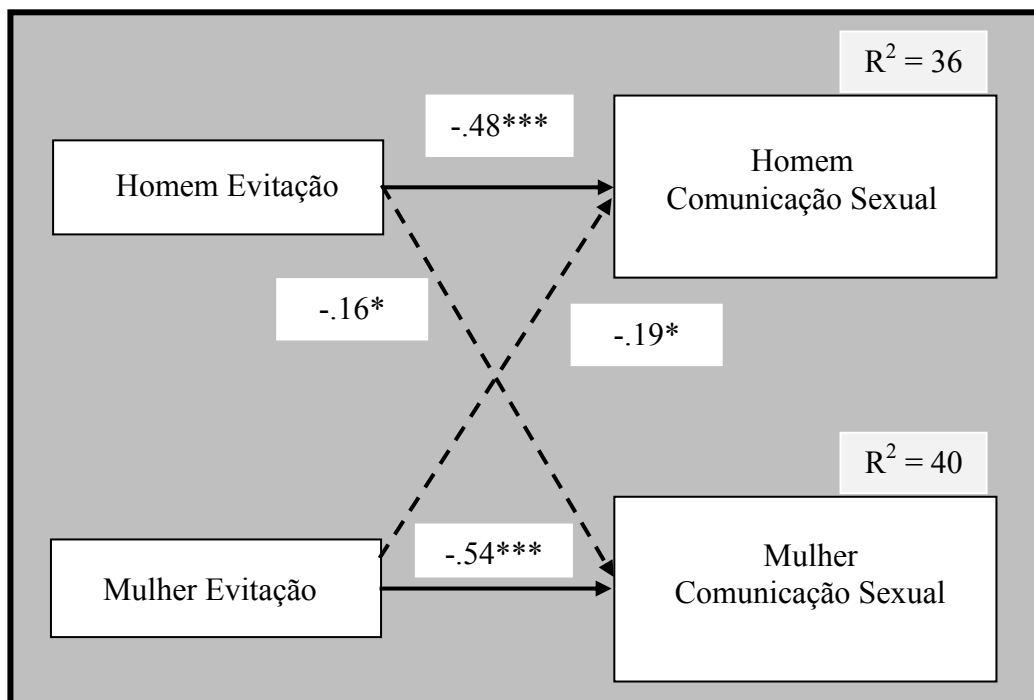
Figura 18. Efeitos Actor e Efeito Parceiro entre a ansiedade e a comunicação sexual em ambos os géneros



Na Figura 19 pode-se comprovar a existência de efeitos actor entre a evitação, em ambos os géneros, e a própria comunicação sexual, no sentido de quanto mais evitação, menos comunicação sexual. Pode-se verificar, igualmente, a existência de efeitos parceiro entre a evitação do homem e da mulher com a comunicação sexual do seu par, ou seja, quando mais evitação do homem ou da mulher, menos comunicação sexual do seu par romântico. (Ver Figura 19).

No que se refere à variância explicada, a comunicação sexual diádica dos homens explica um 36% da sua evitação, enquanto as mulheres exibem um 40%. (Ver Figura 19).

Figura 19. Efeitos Actor e Efeitos Parceiro entre a evitação e a comunicação sexual em ambos os géneros



7.6. Análise da relação entre os vínculos afectivos e a satisfação sexual, mediada pela comunicação sexual

Seguidamente são apresentados os modelos de mediação para explicar, em primeiro lugar, a satisfação sexual ego-centrada e depois a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, a partir dos vínculos afectivos – ansiedade e evitação –, mediada a relação através da comunicação sexual.

a) Modelo para a satisfação sexual ego-centrada explicada pela ansiedade

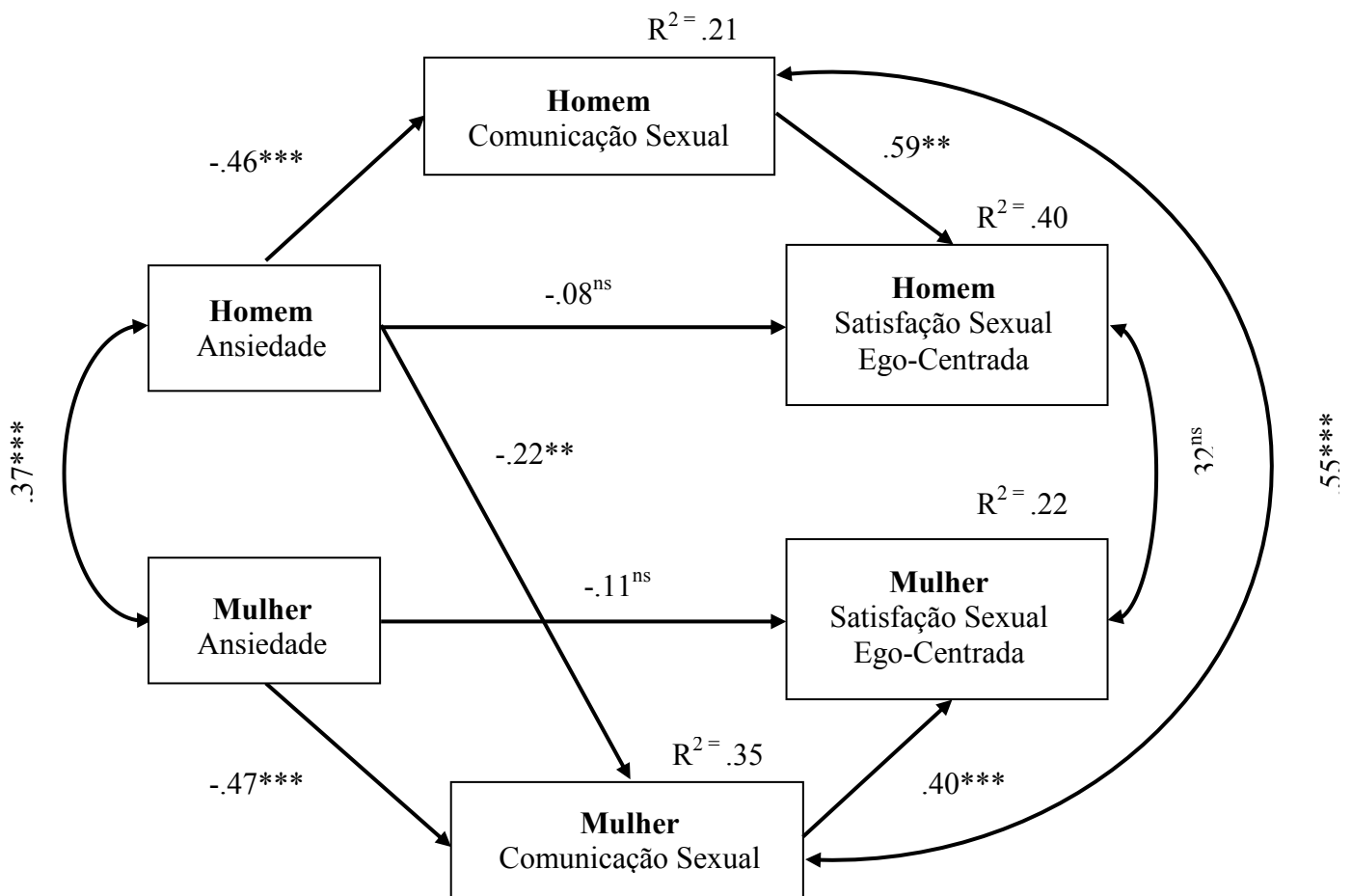
No primeiro modelo considerámos como variável endógena a satisfação sexual ego-centrada, como variável exógena a ansiedade, e como VM a comunicação sexual. Foram incluídos no modelo unicamente os efeitos directos e indirectos que nos modelos APIM prévios revelaram ser significativos. (ver Figura 20).

De acordo com a nossa hipótese foi estimado um modelo causal da ansiedade sobre a satisfação sexual ego-centrada mediado pela comunicação sexual. A significância dos

coeficientes de regressão foi avaliada após termos estimado os parâmetros pelo método da máxima verossimilhança implementado no *software* AMOS. A existência de *outliers* foi calculada pela D^2 , onde a existência de *outliers* é analisada por valores p_1 e $p_2 < .05$, e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de Sk e Ku univariada e multivariada (Marôco, 2010a).

Nenhuma das variáveis – VI, VD, e VM – apresentou valores de Sk e de Ku indicadores de violação severa à distribuição normal ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$) (Marôco, 2010b). Uma observação apresentou valores de D^2 que sugerem que poderá ser um *outlier* e, por conseguinte, a análise foi realizada sem essa observação, ou seja, para este modelo a análise foi efectuada com 146 díades heterossexuais portuguesas. (Ver Figura 20).

Figura 20. Modelo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade, tendo em conta os possíveis efeitos directos e indirectos



Obtivemos um modelo ajustado aos dados ($\chi^2_{(5)} = 10.01$; $p = .075$; $RMSEA = .083$) (Ver Tabela 21).

Ao analisar os efeitos directos e indirectos da ansiedade sobre a satisfação sexual ego-centrada, descobrimos que, no caso dos homens, existe um efeito total da ansiedade sobre a SS-EC de $-.352$, que se decompõe em um efeito directo ($-.080$) que, como podemos ver na figura 20 não é significativo, e um efeito indirecto de $-.272$. Para as mulheres o efeito total da ansiedade sobre a satisfação sexual foi $-.298$, encontrando um efeito directo não significativo ($-.111$), e um efeito indirecto estatisticamente significativo de $-.189$.

De facto, quando analisamos as relações individuais comprovamos que os efeitos directos actor não eram significativos, pelo que decidimos eliminá-los e calcular um novo modelo. O novo modelo ajustava-se aos dados ($\chi^2_{(4)} = 12.60$, $p = .082$; $.074$ $RMSEA =$) (ver Tabela 21).

Tabela 21. *Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão da bondade de ajuste (AIC) dos modelos de medição da comunicação sexual sobre a ansiedade e a satisfação sexual ego-centrada, até ao modelo com bom ajuste*

	Primeiro modelo de mediação	
	1º Ajuste	Ajuste Definitivo
χ^2	10.01 p = .075	12.60 p =.082
GFI	.978	.972
RMSEA	.083	.074
TLI	.947	.958
NFI	.966	.958
CTI	.982	.980
RFI	.899	.910
PNFI	.322	.447
AIC	42.01	40.60

De acordo com a prova de Sobel, as mediações são estatisticamente significativas. (Ver Tabela 22).

Tabela 22. *Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual ego-centrada*

Efeitos Mediação	Efeitos Indirectos			
	<i>Não Estandarizados</i>	<i>Estandarizados</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
<i>Actor</i>				
H_Ansiedade - H_DSCS - H_SS_EC	-0.205	-0.289	-5.26***	.000
M_Ansiedade - M_DSCS - M_SS_EC	-0.152	-0.218	-4.92***	.000
<i>Parceiro</i>				
H_Ansiedade - M_DSCS - M_SS_EC	-0.070	-0.103	-2.85**	.004

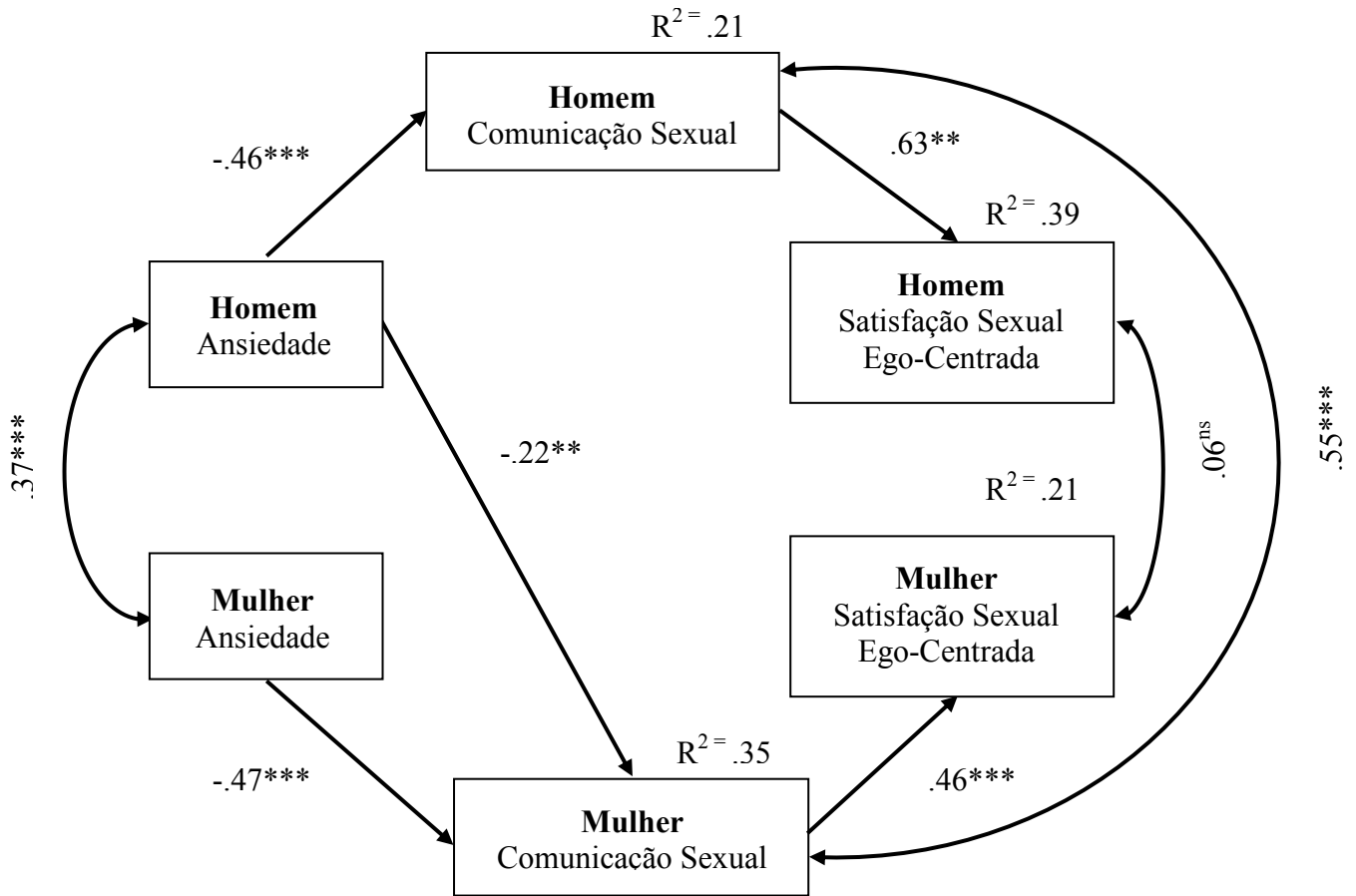
Nota. H = homem; M = mulher; SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; DSCS = = Dyadic Sexual Communication Scale.

*** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$.

No que se refere à comparação entre os efeitos não encontrou-se diferenças estatisticamente significativas entre o efeito actor da ansiedade sobre a satisfação sexual ego-centrada nos homens e nas mulheres ($\Delta\chi^2 = .11$; $p = .742$), mas verificou-diferenças significativas entre o efeito da comunicação sexual sobre a satisfação sexual entre homens e mulheres ($\Delta\chi^2 = 4.21$; $p = .040$), sendo o efeito mais importante no caso dos homens.

Quanto à comparação entre o efeito parceiro – ansiedade homem X comunicação sexual mulher –, e o efeito actor da mulher com a sua própria comunicação sexual, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($\Delta\chi^2 = 5.78$; $p = .016$).

Figura 21. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade



O novo modelo ajustado explica 39% da variabilidade da satisfação sexual ego-centrada do homem, e um 21% da satisfação sexual ego-centrada da mulher. O vínculo afectivo ansiedade, em ambos os géneros, tem um efeito indirecto sobre a própria satisfação sexual ego-centrada mediado pela própria comunicação sexual. Por outro lado, existe um efeito directo igualmente mediado pela comunicação sexual, no caso das mulheres.

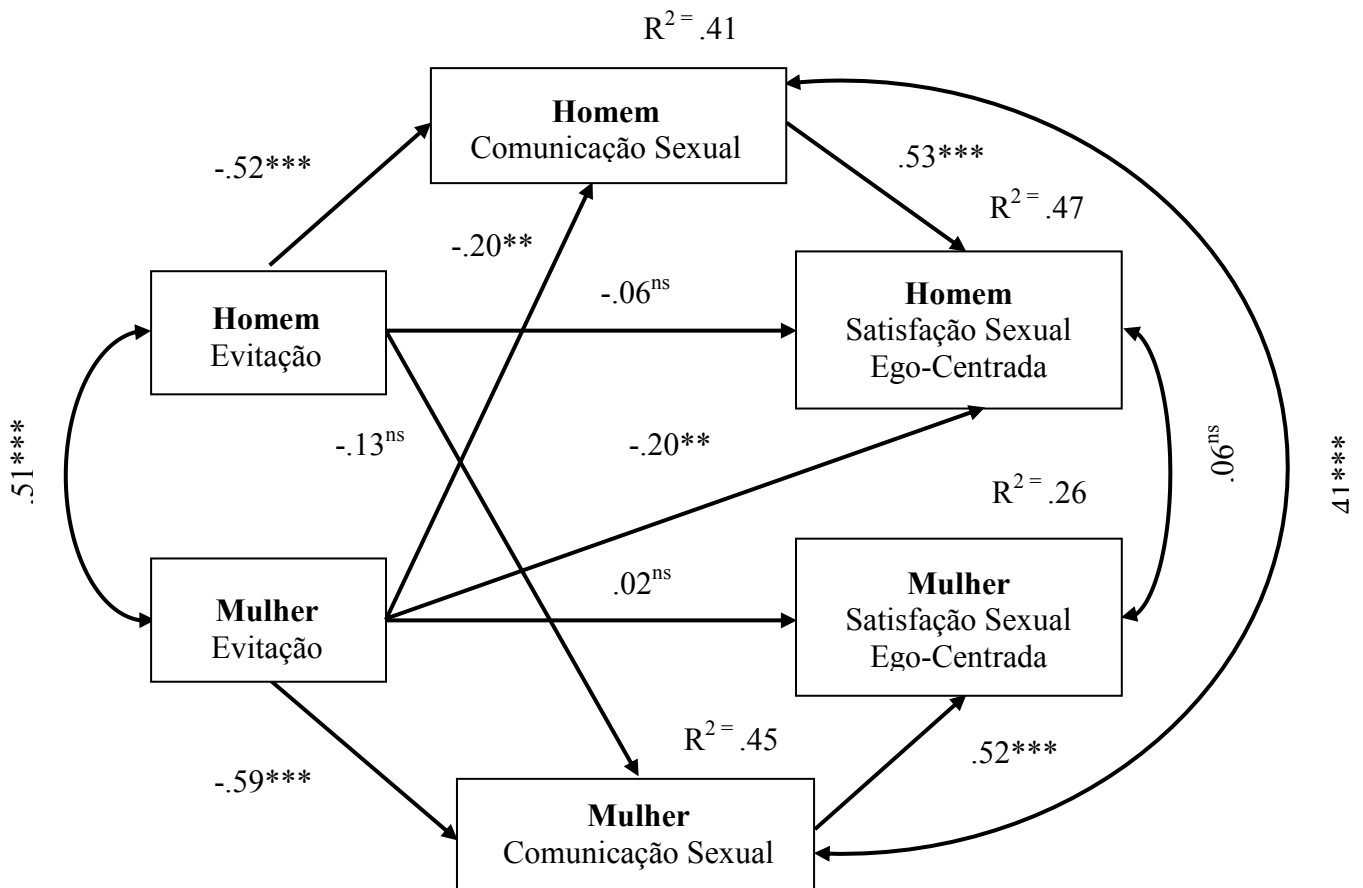
b) Modelo para a satisfação sexual ego-centrada explicada pela evitação

Seguidamente analisou-se a mediação da comunicação sexual na relação entre a variável exógena evitação e a variável endógena satisfação sexual ego-centrada, incluindo os efeitos directos como os efeitos indirectos, significativos, que se tinha obtido nos modelos APIM. (Ver Figura 22).

De acordo com a nossa hipótese foi estimado um modelo causal da evitação sobre a satisfação sexual ego-centrada mediada pela comunicação sexual. A significância dos coeficientes de regressão foi avaliada após a estimação dos parâmetros pelo método de máxima verossimilhança aplicado pelo *software* AMOS. A presença de *outliers* foi calculada pela D^2 , onde a existência de *outliers* é analisada por valores de p_1 y $p_2 < .05$, e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de Sk e de ku univariada e multivariada (Marôco, 2010a).

Nenhuma variável apresentou valores de Sk e Ku indicadores de violação grave à distribuição normal ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$) (Marôco, 2010b). Cinco observações apresentaram valores de D^2 que sugerem a possibilidade de *outliers* e, por conseguinte, a análise foi realizada sem essas cinco observações, ou seja, a análise deste modelo foi efectuada com 142 casais heterossexuais portugueses. (Ver Figura 22).

Figura 22. Modelo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação, tendo em conta os efeitos directos e indirectos



Verificou-se que o modelo se ajustava aos dados ($\chi^2_{(3)} = 1.41$; $p = .704$; RMSEA = .000). (Ver Tabela 23). Uma vez analisadas as relações individuais comprovamos que os efeitos actor directos do homem e da mulher sobre a satisfação sexual ego-centrada, e os efeitos parceiro sobre a comunicação sexual da mulher não era significativos, pelo que decidimos eliminá-los e, conseqüentemente, calcular um novo modelo.

Ao analisar-se os efeitos directos e indirectos da evitação sobre a SS-EC, encontramos que, no caso dos homens, temos um efeito total da evitação sobre a satisfação sexual ego-centrada de -.333, que se descompõe num efeito directos (-.061) que não é significativo, e um efeito indirecto de -.272. Quanto às mulheres da amostra o efeito total da evitação sobre a satisfação sexual ego-centrada foi de -.289, não existindo nenhum efeito directo significativo (.018), mas sim um efeito indirecto de -.308, estatisticamente significativo.

O novo modelo ajustou-se aos dados ($\chi^2_{(6)} = 5.16$; $p = .524$; RMSEA = .000). (Ver Tabela 23).

Tabela 23. *Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de qualidade de ajuste (AIC) dos modelos de mediação da comunicação sexual sobre o estilo evitante e a satisfação sexual ego-centrada, até ao modelo com bom ajuste*

	Segundo Modelo de Mediação	
	1º Ajuste	Ajuste Definitivo
χ^2	1.41 p = .704	5.16 p = .524
GFI	.988	.997
RMSEA	.000	.000
TLI	1.023	1.006
NFI	.986	.996
CTI	1.000	1.000
RFI	.980	.964
PNFI	.199	.394
AIC	37.41	35.16

De acordo com a prova de Sobel, as mediações são estatisticamente significativas. (Ver Tabela 24).

Tabela 24. *Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada*

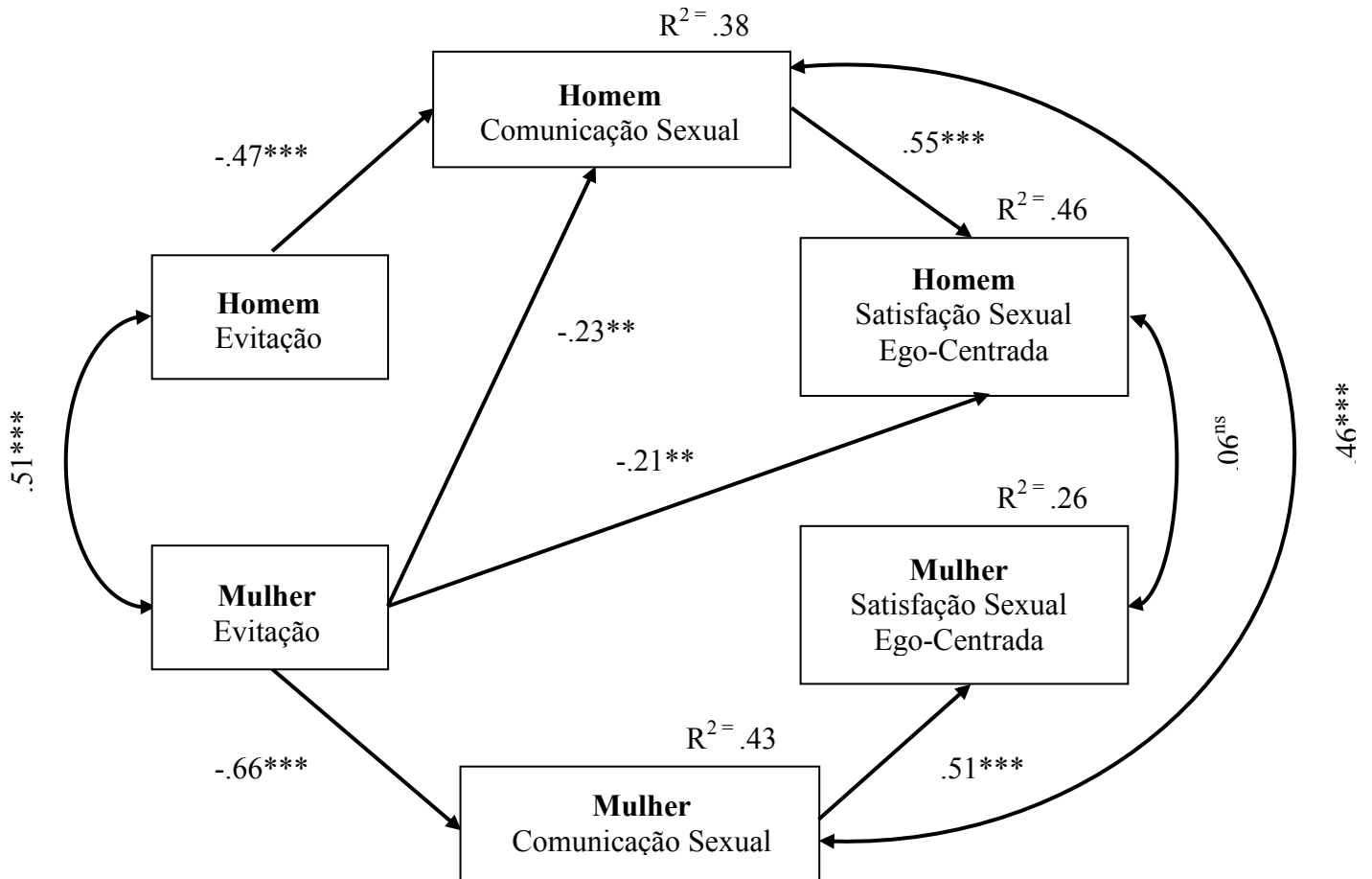
Efeitos Mediação	Efeitos Indirectos			
	<i>Não Estandarizados</i>	<i>Estandarizados</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
<i>Actor</i>				
H_Evitação - H_DSCS - H_SS_EC	-0.193	-0.258	-5.09***	.000
M_Evitação - M_DSCS - M_SS_EC	-0.199	-0.334	-5.80***	.000
<i>Parceiro</i>				
M_Evitación - H_DSCS - H_SS_EC	-0.080	-0.126	-2.83**	.004

Nota. H = homem; M = mulher; SS_EC = satisfação sexual ego-centrada; DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

*** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$.

No que se refere aos contrastes não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os efeitos directos da evitação sobre a comunicação sexual dos homens e das mulheres ($\Delta\chi^2 = 1.85$; $p = .174$), nem entre o efeito directo da comunicação sexual sobre a satisfação sexual ego-centrada dos homens e das mulheres ($\Delta\chi^2 = 1.19$; $p = .275$). Ao comparar-se o efeito actor e o efeito parceiro da evitação sobre a comunicação sexual dos homens foi possível verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas ($\Delta\chi^2 = 5.61$; $p = .018$).

Figura 23. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual ego-centrada considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação



O modelo explica 46% da variabilidade da satisfação sexual ego-centrada do homem e um 26% da variância da satisfação sexual ego-centrada da mulher. A evitação, em ambos os géneros, apresenta um efeito indirecto sobre a própria satisfação sexual ego-centrada mediado pela comunicação sexual própria. Por outro lado, existe um efeito parceiro directo e mediado, da evitação da mulher sobre a satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro.

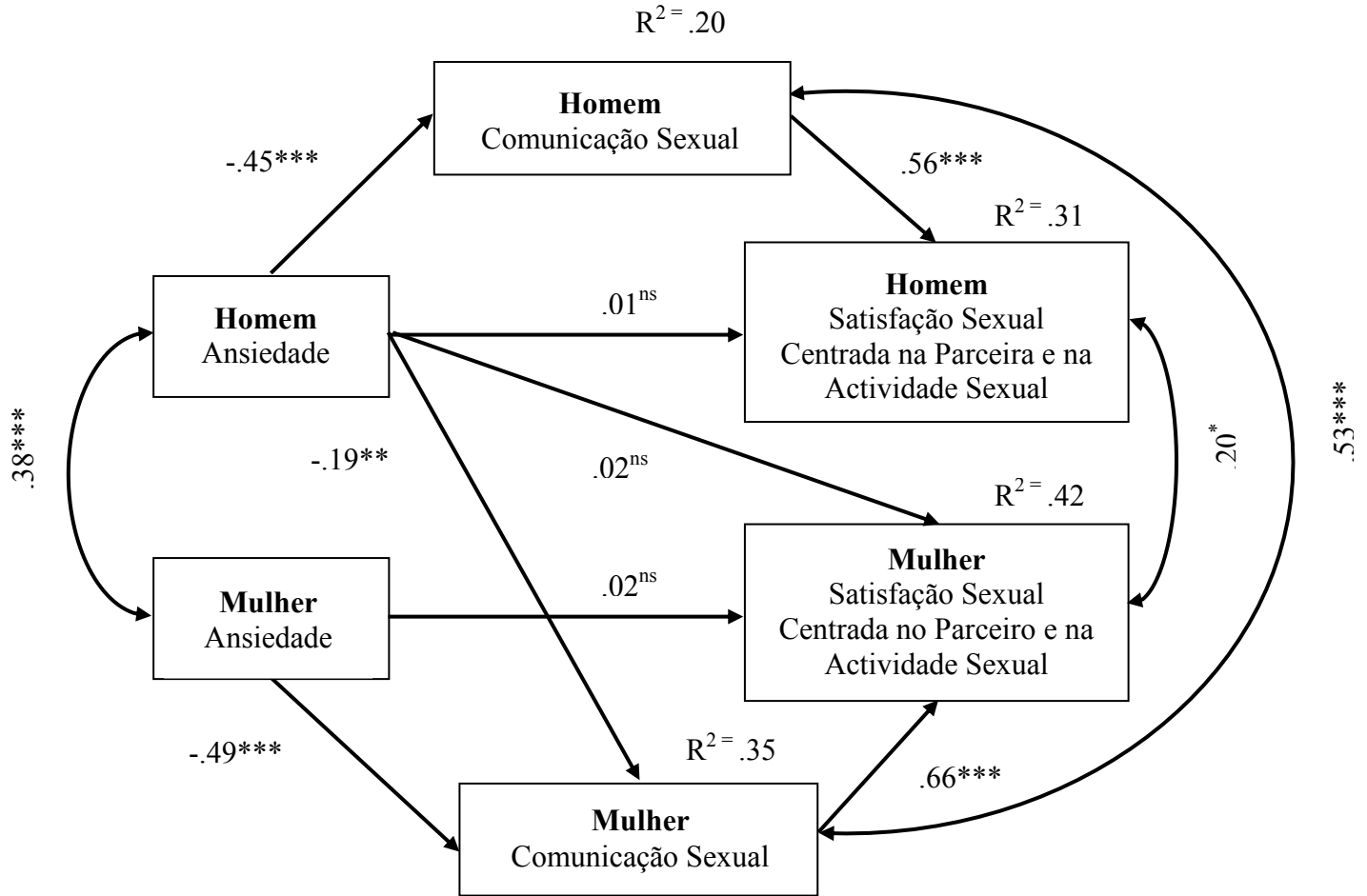
c) Modelo para a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual explicada pela ansiedade

No terceiro modelo considerámos como variável endógena a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, como variável exógena a ansiedade, e como VM a comunicação sexual variável mediadora, tendo em conta os efeitos directos e indirectos da ansiedade sobre a SS-CPASx, que demonstraram ser significativos no modelo APIM. (Ver Figura 24). De acordo com a nossa hipótese foi estimado um modelo causal da ansiedade sobre a SS-CPASx mediada pela comunicação sexual.

A significância dos coeficientes de regressão foi avaliada após a estimação dos parâmetros pelo método da verossimilhança aplicado no *software* AMOS. A existência de *outliers* foi calculada pela D^2 , onde a existência de *outliers* foi analisada pelos valores de p_1 y $p_2 < .05$, e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de (Sk) e de curtose (Ku) univariada e multivariada (Marôco, 2010a).

Nenhuma das variáveis apresentou valores de Sk e Ku indicadores de violação severa à distribuição normal ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 10$) (Marôco, 2010b). Contudo, cinco observações observações apresentaram valores de D^2 que sugerem que poderão ser *outliers* e, por conseguinte, a análise foi realizada sem essas cinco observações, ou seja, foi efectuada com 142 casais heterossexuais portugueses. (Ver Figura 24).

Figura 24. Modelo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade, tendo em conta os possíveis efeitos directos e indirectos



O modelo proposto ajustava-se aos dados ($\chi^2_{(4)} = 2.94; p = .568; RMSEA = .000$). (Ver Tabela 25); após a análise das relações individuais foi possível comprovar que os efeitos directos actor não eram significativos, nem o efeito directo parceiro sobre a SS-CPASx da mulher, e, conseqüentemente, foram eliminados.

Ao analisar-se os efeitos directos e indirectos da ansiedade sobre a SS-CPASx verifica-se que, no caso dos homens, existe um efeito total da ansiedade sobre a satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual de $-.237$, que se descompõe num efeito directo ($.013$) não significativo, e num efeito indirecto de $-.127$. No caso das mulheres o efeito total da ansiedade sobre a SS-CPASx era de $-.310$, encontrando um efeito directo não significativo ($.016$) e um efeito indirecto de $-.325$

O novo modelo também se ajustava aos dados ($\chi^2_{(8)} = 3.74$; $p = .879$; RMSEA = .000). (Ver Tabela 25).

Tabela 25. Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de bondade de ajuste (AIC) dos modelos de mediação da comunicação sexual sobre o estilo ansioso e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, até ao modelo com bom ajuste

	Terceiro Modelo de Mediação	
	1º Ajuste	Ajuste Definitivo
χ^2	2.94 p = .568	3.74 p = .879
GFI	.993	.991
RMSEA	.000	.000
TLI	1.014	1.027
NFI	.990	.988
CTI	1.000	1.000
RFI	.964	.977
PNFI	.264	.527
AIC	36.94	29.74

Posteriormente comprovou-se que os efeitos indirectos eram estatisticamente significativos, através da prova de Sobel. (Ver Tabela 26).

Tabela 26. Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual

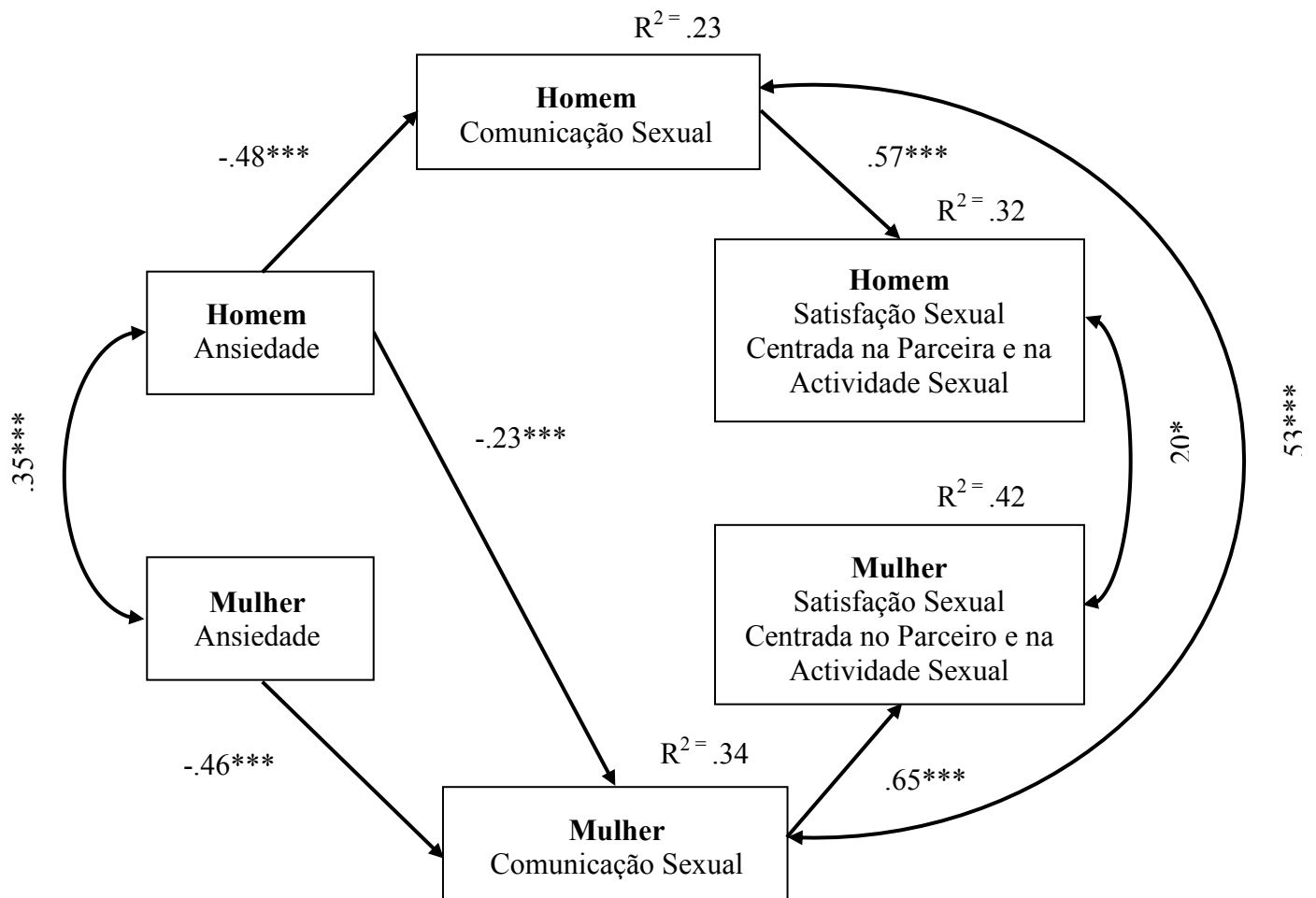
Efeitos Mediação	Efeitos Indirectos			
	<i>Não Estandarizados</i>	<i>Estandarizados</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
<i>Actor</i>				
H_Ansiedade - H_DSCS - H_SS_CPASx	-0.195	-0.271	-6.35***	.000
M_Ansiedade - M_DSCS - M_SS_CPASx	-0.184	-0.296	-7.09***	.000
<i>Parceiro</i>				
H_Ansiedade - M_DSCS - M_SS_CPASx	-0.088	-0.146	-3.61***	.000

Nota. H = homem; M = mulher; SS_CPASx = satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual; DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

*** $p \leq .001$.

No que se refere às comparações entre os efeitos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o efeito da ansiedade sobre a comunicação sexual nos homens e nas mulheres ($\Delta\chi^2 = .63$; $p = .426$), nem entre o efeito da comunicação sexual sobre a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual de ambos os géneros ($\Delta\chi^2 = .14$; $p = .711$). Ao comparar o efeito actor e parceiro da ansiedade do homem sobre a comunicação sexual da mulher, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($\Delta\chi^2 = 7.74$; $p = .005$).

Figura 25. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da ansiedade



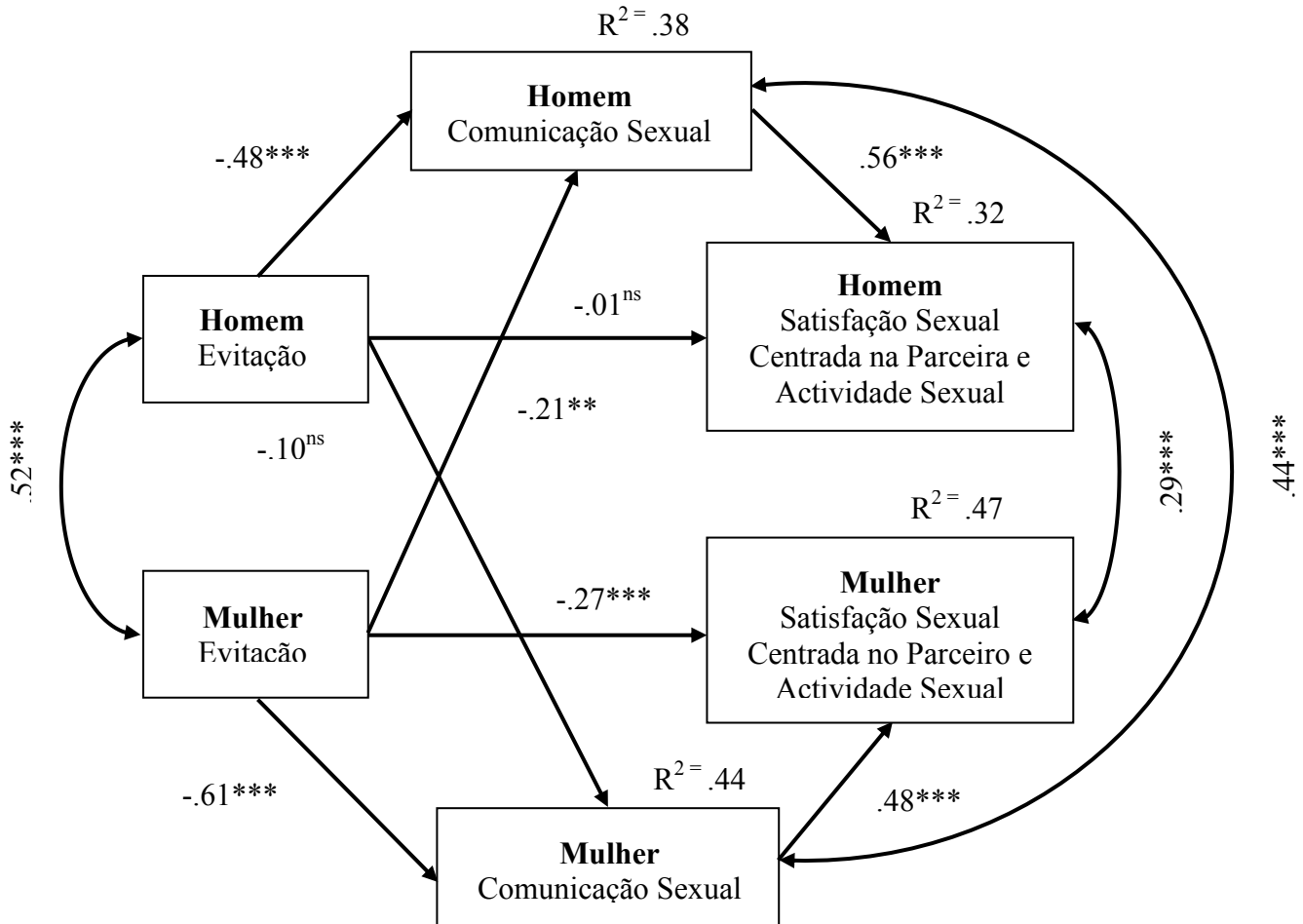
O modelo ajustado explica 32% da variabilidade da satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual do homem, e um 42% de variância da SS-CPASx da mulher. A ansiedade, em ambos os géneros, tem um efeito indirecto sobre a própria SS-CPASx mediado

pela comunicação sexual própria. Por outro lado, existe um efeito indirecto parceiro sobre a satisfação sexual da mulher.

d) Modelo para a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual explicada pela evitação

No último modelo considerou-se como variável endógena a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, como variável exógena a evitação, e como VM a comunicação sexual, tendo em conta os efeitos directos e indirectos, significativos no modelo APIM, do vínculo afectivo evitante sobre a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual. (Ver Figura 26). De acordo com a nossa hipótese, estimou-se um modelo causal da evitação sobre a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual mediado pela comunicação sexual. A significância dos coeficientes de regressão foi avaliada depois dos parâmetros terem sido estimados através do método de máxima verossimilhança implementado no *software* AMOS. A existência de *outliers* foi calculada pelo D^2 , em que a existência de *outliers* é analisada por valores de p_1 y $p_2 < .05$, e a normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria (SK) e curtose (Ku) univariada e multivariada (Maroco, 2010a). Nenhuma das variáveis apresentou valores Sk e Ku indicadores de violação grave para a distribuição normal ($| Sk | < 3$ e $| Ku | < 10$) (Maroco, 2010b). Três observações apresentaram valores D^2 que sugerem que podem ser discrepantes e, conseqüentemente, a análise foi efectuada sem essas observações, ou seja, a análise realizou-se para 144 díades heterossexuais portuguesas (ver Figura 26).

Figura 26. Modelo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora da evitação, tendo em conta os efeitos directos e indirectos



O modelo inicial ajustar os dados ($\chi^2_{(4)} = 5.00$; $p = .287$; RMSEA = .042). (Ver Tabela 28). Uma vez analisadas as relações individuais descobriu-se que o efeito directo, no caso de o homem, não foi significativo, e, portanto, decidimos removê-lo, assim como o efeito directo parceiro sobre a comunicação sexual do homem.

Quando se analisa os efeitos directos e indirectos da evitação sobre a SS-CPASx, encontramos que, no caso dos homens, temos um efeito total da evitação sobre la satisfação sexual de $-.283$, que se descompõe num efeito directo ($-.011$) não significativo, e num efeito indirecto de $-.272$. No caso das mulheres o efeito total da evitação sobre a SS-CPASx foi de $-.557$, encontrando um efeito directo significativo ($-.265$) e um efeito indirecto de $-.293$.

O novo modelo ajusta-se aos dados ($\chi^2_{(6)} = 6.81$; $p = .339$; RMSEA = .031). (Ver Tabela 27).

Tabela 27. *Valores de bondade de ajuste (χ^2 , NFI, CTI, RMSEA), da modificação do padrão de bondade de ajuste (AIC) dos modelos de medição da comunicação sexual sobre o estilo evitante e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, até ao modelo com bom ajuste*

	Quarto Modelo de Medição	
	1º Ajuste	Ajuste Definitivo
χ^2	5.00 p = .287	6.81 p = .339
GFI	.989	.985
RMSEA	.042	.031
TLI	.990	.995
NFI	.987	.982
CTI	.997	.998
RFI	.952	.956
PNFI	.263	.393
AIC	39.00	36.81

Em seguida, verificou-se se os efeitos indirectos eram estatisticamente significativos. Usando o teste de Sobel foi possível confirmar que o efeito indirecto actor masculino foi estatisticamente significativo, assim como o modelo de mediação actor feminino. O efeito indirecto parceiro sobre a satisfação sexual do homem também foi significativo. (Ver Tabela 28).

Tabela 28. *Efeitos Indirectos dos efeitos de mediação da comunicação sexual sobre a relação entre a evitação e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual*

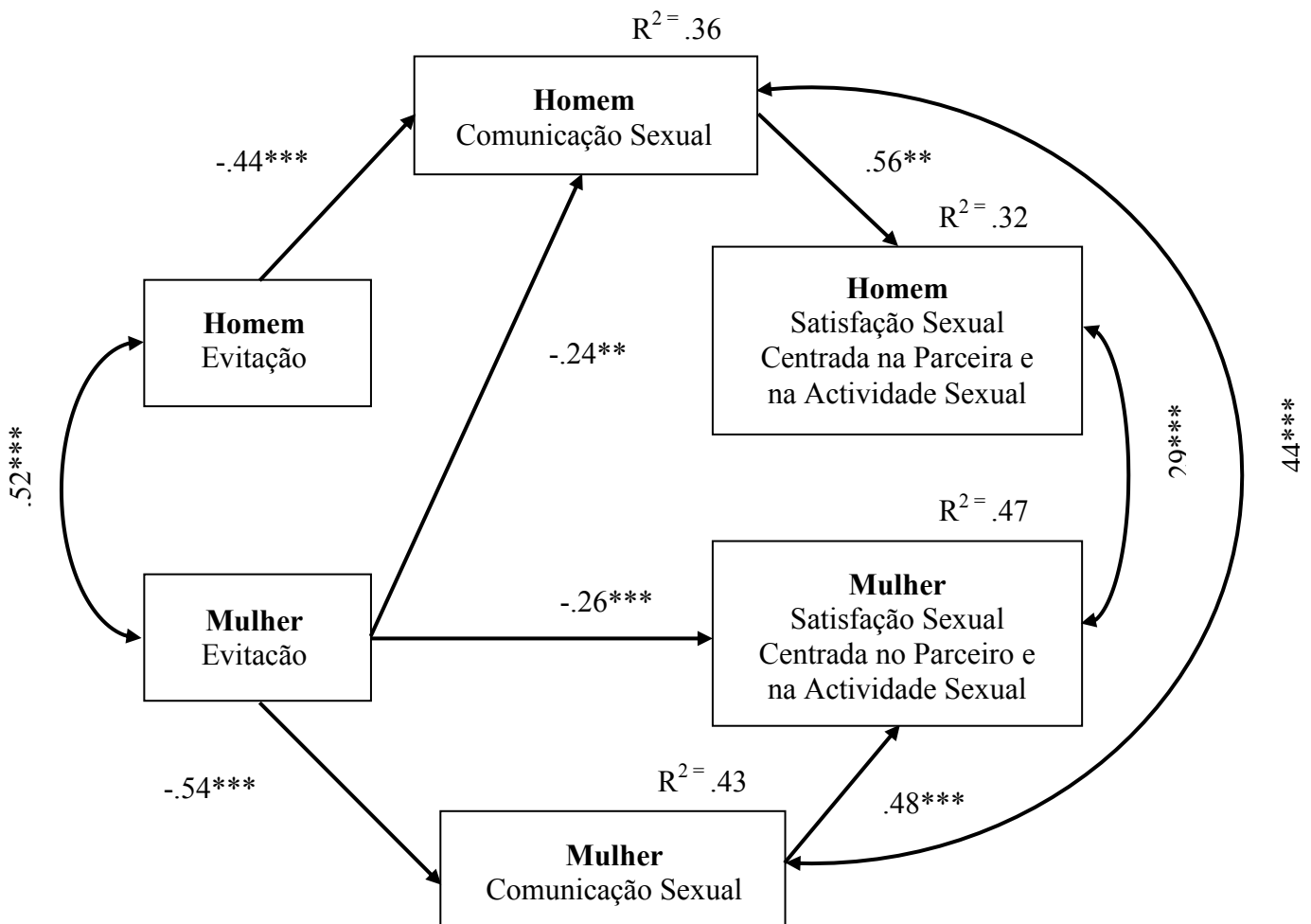
Efeitos Mediação	Efeitos Indirectos			
	<i>Não Estandarizados</i>	<i>Estandarizados</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
<i>Actor</i>				
H_Evitação x H_DSCS x H_SS_CPASx	-0.196	-0.251	-5.05***	.000
M_Evitação x M_DSCS x M_SS_CPASx	-0.185	-0.318	-5.33***	.000
<i>Parceiro</i>				
M_Evitação x H_DSCS x H_SS_CPASx	-0.091	-0.135	-2.97**	.003

Nota. H= homem; M = mulher SS_CPASx = satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual; DSCS = = Dyadic Sexual Communication Scale.

***p ≤ .001; *p ≤ .05.

Quanto às comparações entre os efeitos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o efeito da evitação sobre a comunicação sexual dos homens e mulheres ($\Delta\chi^2= 3.00$; $p = .083$), mas sim entre o efeito da comunicação sobre a SS-CPASx ($\Delta\chi^2= 3.88$; $p = .049$), sendo que este efeito revelou se mais importante no caso dos homens. Ao comparar el efeito actor e parceiro da evitação sobre a comunicação sexual do homem, verificou-se a existência de diferenças significativas ($\Delta\chi^2= 4.12$; $p = .042$).

Figura 27. Modelo definitivo para explicar a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual considerando a variável comunicação sexual como mediadora do vínculo afectivo evitante



III – DISCUSSÃO

8 DISCUSSÃO

O principal objectivo da presente investigação foi estudar a relação entre os vínculos afectivos inseguros, a comunicação sexual e satisfação sexual em casais heterossexuais portugueses.

Apesar de investigações prévias terem estudado a associação entre estas variáveis, a maioria limitou-se a amostras de adolescentes ou estudantes universitários, e incluem a análise estatística de um único membro do casal. De forma a ultrapassar estas limitações, para além de termos utilizado análise diádica, a presente dissertação usou um instrumento bem suportado sobre o vínculo adulto – a ECR-R – numa amostra de díades adultas heterossexuais.

Esta pesquisa apresenta algumas diferenças em comparação com a maioria das investigações sobre o vínculo afectivo adulto nas relações românticas e com relação a variáveis de cariz sexual: a análise foi realizada tanto ao nível individual como ao nível diádico, e o estudo foi conduzido num país onde a língua materna não é o Inglês.

Como sugerido por Cook e Kenny (2005), os dados foram estruturados para que fossem avaliados dois resultados: 1) o resultado individual dos participantes (efeito actor), e 2) os resultados do seu par romântico (efeito parceiro), pois quando temos dados provenientes de casais são considerados como sendo não-independentes (Cook & Kenny, 2005; Kashy & Kenny, 2000; Kenny, 1996, 2014; Kenny et al., 1998, 2006; Sanford & Rowatt, 2004)

De facto, o presente estudo foi desenvolvido com a intenção de integrar a literatura empírica sobre a relação entre o vínculo afectivo, a satisfação sexual, e a comunicação sexual, através da análise diádica, na medida em que dois objectivos principais foram: (i) analisar o poder preditivo do vínculo afectivo inseguro, do actor e do seu parceiro, ou seja, efeito actor e efeito parceiro, na predição da satisfação sexual; e (ii) investigar o poder mediador da comunicação sexual no relacionamento entre vínculo inseguro (ansioso e evitante) com a satisfação sexual.

No geral, os dados alcançados confirmam: (i) a relação entre os vínculos afectivos dos membros da díade e satisfação sexual, e a comunicação sexual, (ii) o valor do modelo APIM nas pesquisas sobre relacionamentos românticos e íntimos no adulto, e (iii) o papel moderador de comunicação sexual na relação entre os vínculos inseguros (ansiosos e evitantes) e a satisfação sexual.

Embora nas últimas décadas ter surgido um corpo significativo de investigações empíricas sobre a sexualidade humana e /ou sobre os vínculos afectivos, existem poucos estudos que associaram a vinculação com a satisfação sexual em casais adultos (Brassard et al., 2007; Butzer & Campbell, 2008), e que exploraram se a interacção com o par romântico influencia a vivência da sua sexualidade (Aubin & Heiman, 2004). De acordo com Tracy, Shaver, Albino, e Cooper (2003, citado em Brassard et al., 2007) a maioria das pesquisas sobre a sexualidade e os estilos de vinculação, avaliam estas variáveis apenas em amostras com estudantes universitários que apresentam maior probabilidade de involucrar, com menos frequência, em relacionamentos de compromisso que não podem ser classificadas de relações de vinculação.

Após a adaptação das escalas padronizadas utilizadas nesta pesquisa, foram analisadas a existência de diferenças estatisticamente significativas nas variáveis estudadas em função do género.

Del Giudice (2011) relata que os homens, em todas as culturas, têm maior probabilidade de demonstrar evitação, quando comparados com as mulheres. Estes argumentos foram verificados por vários estudos (Schmitt, 2008; Schmitt et al., 2003), em que os homens foram classificados como sendo mais evitantes e menos ansiosos do que as mulheres, em todas as áreas geográficas analisadas, ou seja, os homens tendem a evitar a intimidade interpessoal, a apresentar desconforto com a comunicação, com a divulgação ou a demonstração dos seus afectos, emoções, sentimentos, menor disponibilidade de conexão

com os outros, são menos carinhosos, e procuram garantir a sua independência relacional (Bartholomew, 1990). Parece que utilizam a evitação como uma estratégia tendenciosa de promoção da redução do compromisso, e do investimento parental (Jackson & Kirkpatrick, 2007). Noutras investigações (Bartholomew & Horowitz 1991; Brassard et al., 2007; Brennan et al., 1998a; Kirkpatrick 1998; Scharfe & Bartholomew, 1994), quando os questionários multidimensionais surgiram, verificou-se, igualmente, que os homens revelavam ser mais evitantes e as mulheres mais ansiosas nas relações românticas.

A existência de vínculos afectivos nos relacionamentos românticos não implica, necessariamente, que os parceiros experienciem o vínculo de forma similar, pois apesar de puderem partilhar as suas opiniões e se assemelharem nos seus sentimentos e emoções relativos ao vínculo, poderão diferir, ao mesmo tempo, na forma como sentem segurança face ao seu parceiro, e quanto e como organizam a sua vida independentemente do outro. Consequentemente, as diferenças individuais e as diferenças diádicas necessitam de se complementar, com o objectivo de separar a componente individual da diádica na relação (Neyer, 2002).

Na presente amostra não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no vínculo inseguro em função do género, infirmo as Hipóteses 1 e 2. Os resultados alcançados nas investigações de Ainsworth e colaboradores (1978) associam-se com a falta de diferenças na vinculação entre as crianças e, possivelmente, os dados observados na presente dissertação estão de acordo com os estudos pioneiros de vinculação nas relações românticas, que alegavam não haver diferenças de género entre os estilos de vinculação (Collins & Read, 1990; Del Giudice, 2009; Feeney & Noller 1990; Hazan e Shaver, 1987), sendo que várias investigações (Gentzler & Kerns 2004; Jang, Smith, & Levine 2002) aludem que não existem diferenças de género no vínculo inseguro.

Outra possível justificação poderá estar associada com os traços de personalidade (Costa, Terracciano, & McCrae, 2001), ou seja, é possível que não existam diferenças estatisticamente significativas nas características de personalidade em função do género nesta amostra de casais heterossexuais portugueses? Será que os homens e mulheres da amostra revelam semelhança nos traços de personalidade? Costa e colaboradores (2001) referem que há certos traços que relacionam-se mais com um vínculo inseguro, em detrimento do outro vínculo afectivo inseguro. Os autores defendem que, por exemplo, a introversão, demonstra valores correlacionais mais fortes com a evitação do que com a ansiedade.

A psicologia evolutiva argumenta que o vínculo evitante nas relações românticas é semelhante ao relacionamento de curta duração, ou seja, o acasalamento de curto prazo (Jackson & Kirkpatrick, 2007; Kirkpatrick, 1998). No entanto, as perspectivas da psicologia evolutiva assinalam que não é expectável que todas as culturas apresentem os mesmos níveis de diferenças de género no vínculo inseguro, especialmente no evitante (Schimtt et al., 2003). Consequentemente coloca-se a questão: será que a evolução da diferenciação sexual em Portugal está a promover esta falta de diferenças estatisticamente significativas nos estilos de vínculo inseguro? De facto, Low (2000) menciona que poderão existir razões adaptativas que revelam falhas em expor a mesma quantidade de diferenças de género em todas as culturas, mesmo que os homens e as mulheres sejam biologicamente projectados com a propensão de diferirem em alguns aspectos.

Outra hipotética justificação para este resultado poderá estar associada com a função de cada um dos membros do casal no relacionamento de vinculação. Considera-se que na vinculação bebé-cuidador, a pessoa adulta poderá servir, exclusivamente, o papel de cuidador sendo utilizado pela criança como base segura e porto seguro. Contudo, parece que nas relações de vinculação adulta esses papéis são recíprocos e, ao longo do tempo do relacionamento, os mesmos poderão tornar-se frequentemente intercambiadas (Fraley & Shaver, 1998).

No que diz respeito às Hipóteses 3 e 4, é possível afirmar que as mesmas se confirmaram, ou seja, os homens da amostra apresentaram valores médios mais elevados de satisfação sexual ego-centrada comparativamente com as suas parceiras, e as mulheres revelaram valores médios superiores de satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, quando comparadas com os homens. Estes resultados são confirmados pelos obtidos no estudo de Štulhofer e colaboradores (2010), e no estudo de Carvalho, Pereira, e Tapadinhas (2012), e parecem estar de acordo com o que é esperado culturalmente, isto é, os comportamentos e os interesses que a cultura e a sociedade determinaram a cada um dos géneros - papéis sexuais (Matud & Aguilera, 2009), sendo que se espera que as mulheres sejam sexualmente menos expressivas.

A satisfação sexual é frequentemente avaliada como sendo uma variável individual, um sentimento íntimo de si mesmo (Simpson & Gangestad, 1991), como sendo pessoal (Meston & Trapnell, 2005), um estado emocional que se produz com o cumprimento dos desejos sexuais individuais (Ziherl & Masten, 2010). Consequentemente, devido aos papéis

sexuais, são os homens que tendem a apresentar mais satisfação sexual quando comparados com as mulheres. A investigação de McNulty e Fisher (2008) demonstrou que a satisfação sexual é afectada por diferentes factores, como a frequência sexual, para os homens, e o contexto ou variáveis emocionais, para mulheres, e o presente estudo corrobora-o.

De facto, os homens da amostra apresentaram valores médios superiores de satisfação sexual de si mesmo, alcançada através de experiências, sensações, e sentimentos pessoais, enquanto as mulheres revelaram valores médios mais elevados de satisfação sexual obtida com os comportamentos sexuais do parceiro, e com a frequência e diversidade das actividades sexuais (Štulhofer et al., 2010), o que parece confirmar as afirmações de Meston e Trapnell (2005), de que para a satisfação sexual das mulheres as componentes relacionais e pessoais deverão estar bem definidas.

A satisfação sexual ego-centrada é o grau de satisfação com a sua relação sexual (Sprecher & Cate, 2004), e avalia a actividade sexual, a frequência de orgasmo, a excitação sexual, sendo que estas variáveis parecem ser mais importantes para a satisfação dos homens, comparativamente com as mulheres (Bancroft et al., 2003; Haavio-Manila & Kontula, 1997; Laumann et al., 1994). A satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, apesar de integrar dois itens que analisam a satisfação sexual pessoal, parece estar mais associada com a satisfação sexual relacional. Enquanto os homens apresentam mais probabilidade de colocar a ênfase na relação sexual, como sendo a componente principal para a sua satisfação sexual, para as mulheres parece que a qualidade das variáveis emocionais e relacionais maximizam a possibilidade a sentir satisfação sexual (Basson, 2000, 2001a, 2001b, 2002a, 2002b, 2003; Hurlbert, Apt, & Rabehl, 1993). Carvalheira e Leal (2008) verificaram, numa amostra com 1148 mulheres, que a maioria gostaria de melhorar a sua vida sexual, sendo que os factores precipitantes, para a maximização da satisfação sexual, eram o aumento da frequência da actividade sexual, o fortalecimento do vínculo emocional com o seu par, ter mais orgasmos e mais fantasias sexuais, ter a capacidade de falar sobre sexo com o seu parceiro, assim como revelar as suas necessidades e interesses sexuais. As autoras defendem que a sexualidade feminina, e a sua satisfação sexual, fundamentam-se na relação interpessoal, sendo que os factores físicos, associados ao funcionamento sexual são remetidos para segundo plano.

No que se refere à quinta hipótese, a mesma infirmou-se, ou seja, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na comunicação sexual em função do género. Este resultado poderá estar relacionado com a duração da relação, isto é, parece que os homens

têm maior probabilidade em comunicar sobre os aspectos sexuais da relação nos primeiros anos do relacionamento, mas à medida que a relação progride, temporalmente, é possível que os homens descubram a existência de outros aspectos subjectivamente mais importantes. Contudo, para as mulheres parece que falar sobre estes aspectos sexuais é significativamente menos importantes que discutir e/ou divulgar outros aspectos relacionais, como a intimidade, o sentimento de proximidade (MacNeil & Byers; 2005 Montesi et al., 2010). Na presente dissertação a média de duração da relação é de 122 meses, aproximadamente 10 anos, o que poderá justificar a hipótese formulada.

Outra possível justificação poderá estar associada a algum efeito de desejabilidade social, na medida em que ao existir uma medida de auto-relato podem ocorrer distorções e falseamento das respostas porque os indivíduos podem sentir a pressão da avaliação (Barefoot, citado por Ferreira, 2000). De facto, na pesquisa de Refoios e colegas (2005), foi verificada uma associação positiva entre a desejabilidade social e a comunicação sexual. Os autores mencionam que esta relação poderá ser inculcada através de pressão dos *mass media* e/ou através da opinião generalizada de que os membros do casal têm de demonstrar satisfação sexual e, possivelmente, manipular a comunicação com o objectivo de não causar danos ao seu parceiro.

Em seguida, analisou-se as relações interdependentes, com o objectivo de verificar se existiam condições de prosseguir com a análise diádica. De acordo com Kenny (1996; Kenny et al., 2006), na investigação diádica espera-se que as respostas dos casais sejam interdependentes, ou seja, a interdependência de uma variável refere-se ao grau de similitude entre os dois membros constituintes da díade nessa mesma variável, sendo que se existir não independência a díade necessita de ser explicitamente tida em conta na análise (Kenny, 1996; Kenny et al., 2006; Kenny, 2014).

Foi possível comprovar a existência de associações estatisticamente significativas entre os resultados dos homens e das mulheres na satisfação sexual, nos vínculos afectivos inseguros, e na comunicação sexual, sendo um indicador de que os dados dos membros do casal são interdependentes, o que demonstra o valor de análise de nível diádico (Kenny et al., 2006, p. 28). Como o grau da relação foi positivo, pode-se afirmar que os dois membros da díade são semelhantes (Kenny, 2014).

Na medida em que se verificou a existência de relações significativas entre as pontuações na mesma variável para homens e mulheres, propusemos a análise diádica. Por

consequente, utilizou-se o modelo APIM (Cook & Kenny, 2005; Kenny, 1996; Kenny et al., 2006), isto é, o tamanho da amostra analisada foi o número de casais, em detrimento do número de sujeitos (Cook & Kenny, 2005). De facto, foi formulada a hipótese de que os sujeitos da amostra, envolvidos num relacionamento diádico, influenciam-se mutuamente pois são parte activa do mesmo sistema interpessoal, mas também que a medida da relação entre o homem e a sua parceira não é igual à medida da relação da mulher com o seu parceiro (Cook, 1998). Portanto, avaliou-se dois tipos de efeitos: efeito actor, e efeito parceiro (Campbell & Kashy, 2002; Furman & Simon, 2006; Laursen, 2005).

No primeiro modelo, que avalia os efeitos actor e de parceiro da ansiedade na satisfação sexual ego-centrada, os dados alcançados estão de acordo com o que era esperado – relação negativa entre estas duas variáveis. A variável preditora, ou exógena (variável observada) foi a dimensão ansiedade, tendo sido analisados os resultados do efeito actor e do efeito parceiro nesta dimensão. De facto, para esta amostra de homens e mulheres, quanto mais preocupação com o abandono nas relações íntimas (Mikulincer et al., 2002) menos satisfação sexual, e vice-versa, confirmando os resultados alcançados em diversas investigações (Butzer & Campbell, 2008; Feeney et al., 2000). Possivelmente o receio do abandono (Brennan et al., 1998; Schachner & Shaver, 2002) promove a vivência de uma sexualidade menos satisfatória.

Foi possível comprovar a existência de efeitos actor negativos e estatisticamente significativos, para homens e mulheres, ou seja, o efeito da ansiedade do homem prediz a sua própria satisfação sexual ego-centrada, enquanto o efeito da ansiedade das mulheres é um preditor da sua satisfação sexual egofocada, no sentido de níveis mais elevados de ansiedade (dos homens ou das mulheres) menos satisfação sexual ego-centrada, em ambos os membros do casal; sujeitos ansiosos estão mais propensos a experimentar e vivenciar menos satisfação sexual gerada pelas sensações/experiências pessoais. No entanto, não foram observados quaisquer efeitos parceiro, sugerindo que a satisfação sexual ego-centrada dos parceiros não é afectada pela ansiedade de seu par, ou seja, o vínculo ansioso do homem e da mulher parece que não influi nos resultados do seu par na satisfação sexual ego-centrada (Campbell & Kashy, 2002; Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006; Kline, 2011).

Consequentemente, é possível afirmar que a Hipótese 6 confirma-se, mas unicamente quanto aos efeitos actor. De facto é possível que os sujeitos ansiosos da amostra apresentem uma associação negativa com a satisfação sexual, porque ou se centram mais nas

necessidades do seu par romântico, ou porque têm receio de serem abandonados ou de não serem emocional e afectuosamente correspondidos, conduzindo-os a focarem-se no seu par, e em satisfazer as necessidades e desejos deste (Birnbbaum et al., 2006; Feeney & Noller, 2004).

Quando analisamos o modelo APIM, em que a comunicação sexual é a variável predictor, e a satisfação sexual ego-centrada é a variável dependente ou endógena, é possível verificar, uma vez mais, que apenas se observam os efeitos actor, ou seja, o efeito de comunicação sexual do homem e da mulher predizem a sua própria satisfação sexual ego-centrada, no sentido de níveis mais elevados de comunicação sexual associam-se a mais satisfação sexual ego-centrada, em ambos os géneros. Estes resultados corroboram a literatura, pois para esta amostra parece que a capacidade em comunicar os seus desejos, fantasias, necessidades sexuais, aumenta a eficácia da comunicação sexual (Greene & Faulkner, 2005). Além disso, a comunicação sexual associa-se positiva e significativamente com a satisfação sexual (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Gossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993).

Os dados alcançados comprovam um conjunto significativo de investigações (Byers & Demmons, 1999; Gossman et al., 2003; Philippsohn & Hartmann, 2009; Purnine & Carey, 1997; Refoios et al., 2005; Sprecher & McKinney, 1993; Valdés, Sapién, & Córdoba, 2004) que confirmaram a existência de associações estatisticamente significativas e positivas entre a satisfação sexual e a comunicação sexual, em homens e mulheres. De facto, parece que discutir sobre os aspectos sexuais facilita o intercâmbio sexual mais satisfatório, na medida que a comunicação sexual pode ter um impacto positivo na satisfação sexual e no funcionamento sexual (Montesi et al., 2010).

Verifica-se, igualmente, que os homens demonstram uma maior associação com a satisfação sexual ego-centrada, comparativamente com as mulheres, sendo que o modelo explica um 40% nos homens e um 24% em mulheres. No entanto, não é possível afirmar que a comunicação sexual de um dos parceiros afecta a satisfação sexual ego-centrada do outro membro da díade, o que nos permite dizer que a Hipótese 8 foi parcialmente confirmada.

Parece que, de uma forma geral, os homens apresentam uma satisfação sexual mais direccionada ao resultado das sensações e experiências sexuais, e as mulheres tendem a sentir maior satisfação sexual derivada das reacções / comportamentos sexuais do seu parceiro, e da diversidade e/ou frequência das actividades sexuais. Consequentemente, será que é possível

colocar a hipótese de que os homens da amostra têm mais probabilidade de utilizar uma comunicação sexual mais instrumental? Será que os homens da amostra têm maior propensão em comunicar os seus desejos, necessidades, fantasias, preferências sexuais com o intuito de comunicarem o que lhes agrada e o que os desagrada sexualmente, por forma a obterem mais o que lhes agrada (MacNeil & Byers, 2005, 2009), comparativamente com as mulheres da amostra? E será que as mulheres da amostra utilizam uma comunicação sexual mais expressiva em que o objectivo é o aumento do bem-estar, do conforto sexual ao intensificar a intimidade? (Byers, 2011; MacNeil & Byers, 2005, 2009). Consequentemente, acreditamos que seria interessante em investigações posteriores analisar-se, igualmente, o que defendem MacNeil e Byers (2005, 2009), de que a relação entre a comunicação sexual e a satisfação sexual pode ser dividida em dois tipos de vias, instrumental e expressiva, e observar a existência de diferenças estatisticamente significativas em função do género.

Ao observar o sétimo modelo APIM, em que a variável preditora é a ansiedade, enquanto a variável dependente é a comunicação sexual, foi possível verificar a existência de dois efeitos actor estatisticamente significativos, e negativos, como previsto, sendo que as mulheres apresentam uma associação mais forte entre a ansiedade e a sua comunicação sexual, comparativamente com os homens, e o modelo explica 36% nas mulheres e 23% nos homens. Para esta amostra de casais heterossexuais portugueses parece que para a mulher e o homem ansiosos, o partilhar, revelar e/ou negociar os desejos, necessidades, fantasias sexuais poderá promover no parceiro a sensação de que está a ser pressionado, ou como uma possível reclamação sobre as potenciais capacidades sexuais do par romântico.

Este modelo apresenta, igualmente, um efeito parceiro no qual a ansiedade do homem prediz a comunicação sexual da mulher, permitindo-nos afirmar que é possível que os dois membros da díade façam parte de um sistema interdependente (Kenny et al., 2006). De facto, a ansiedade actor do homem associa-se negativamente com a comunicação sexual da sua parceira. As parceiras dos homens ansiosos têm mais probabilidade de comunicar com menos frequência os seus desejos, necessidades, fantasias sexuais. Assim sendo, podemos analisar que a Hipótese 7 confirma-se em quase a totalidade, na medida em que só não se observou o efeito parceiro mulher-homem, como se havia previsto, ou seja, parece que a ansiedade da mulher não influi na comunicação sexual do seu parceiro.

Possivelmente a ansiedade da mulher promove no seu parceiro uma comunicação mais passiva, na medida em que parece que as mulheres utilizam a comunicação sexual com

o objectivo de obter intimidade e proximidade, e evitar o abandono (Noar et al., 2002a; Tannen, 1990, citado por Crooks & Baur, 1999).

Como em todos os modelos APIM acima mencionados apresentam efeitos actor estatisticamente significativos, foi possível estabelecer a existência de um efeito que pode ser mediado (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998; Judd & Kenny, 1981, citado em Baron & Kenny, 1986). Consequentemente fomos analisar se a comunicação sexual era mediadora entre a relação do vínculo afectivo ansioso com a satisfação sexual ego-centrada em ambos os géneros. Medições do vínculo ansioso, da satisfação sexual ego-centrada, e da comunicação sexual, nos homens e nas mulheres, foram utilizadas para testar se a comunicação sexual medeia a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual ego-centrada ao nível da díade (Peugh, Dillio, & Panuzio, 2013).

A análise de mediação é um método estatístico utilizado para analisar a forma como o efeito de uma variável independente em um resultado é transmitida através de uma variável interveniente (mediador) (Tofghi & Thoemmes, 2014), ou seja, a medição consiste em estimar o efeito indirecto da variável X (ansiedade neste modelo) em Y (satisfação sexual ego-centrada), através da variável mediadora (comunicação sexual) (Baron & Kenny, 1986; Hayes, 2009; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Preacher & Hayes, 2010; Preacher & Kelley, 2011).

No primeiro modelo de mediação – Ansiedade x Comunicação Sexual x Satisfação Sexual Ego-Centrada – é possível verificar a existência de relações estatisticamente significativas entre as variáveis independentes com a variável mediadora (ansiedade homem X comunicação sexual homem, e ansiedade mulher X comunicação sexual mulher). Da mesma forma, é possível observar a existência de associações estatisticamente significativas entre as variáveis critério ou variáveis dependentes, e a variável mediadora (comunicação sexual homem X satisfação sexual ego-centrada homem; e comunicação sexual mulher X satisfação sexual ego-centrada mulher). Finalmente, foi possível verificar que quando a variável mediadora é incluída no modelo, os efeitos actor, anteriormente significativos, controlados pela comunicação sexual, apresentam valores correlacionais negativos não significativos (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998). Consequentemente, calculou-se um novo modelo, sendo que os caminhos não significativos foram excluídos do modelo recalculado.

Quando o modelo é especificado, os parâmetros identificados e os dados em condições para a análise, o passo seguinte é a estimação (Albright & Park, 2009; Hooper et al., 2008; Hoyle, 2012; Kline, 2011; Schermelleh-Engel et al., 2003; Schumacker & Lomax, 2004

Todos os *paths* revelaram valores estatisticamente significativos, e a significância do efeito indirecto mediador foi confirmado pelo teste de Sobel (1982). O modelo ajustado explica 39% da variabilidade da satisfação sexual ego-centrada do homem, e 21% da variância da satisfação sexual das mulheres.

Ao observar o modelo é possível comprovar a existência de três efeitos indirectos estatisticamente significativos, igualmente designados de efeito mediador (MacKinnon, 2000). Consequentemente, é possível colocar a hipótese de que os dados são indicadores que a ansiedade do homem é preditora de uma menor satisfação sexual centrada em si mesmo, através da comunicação sexual do homem; enquanto a ansiedade da mulher previu uma relação estatisticamente negativa com a satisfação sexual ego-centrada, através da comunicação sexual das mulheres. Da mesma forma, é possível verificar que o modelo revelou um efeito directo do vínculo afectivo ansioso do homem com a comunicação sexual da mulher, sendo, igualmente, possível confirmar a existência do terceiro efeito indirecto em que a comunicação sexual da mulher a relação entre a ansiedade do homem e a satisfação sexual ego-centrada da sua parceira (efeito parceiro).

Por conseguinte, pode-se aludir que confirmou parcialmente a Hipótese 9. De acordo com a nossa hipótese, os dados resultantes da análise de correlação mostraram que a ansiedade associa-se negativa e moderadamente com a comunicação sexual, em ambos os membros da dupla. É o mesmo que dizer que os homens e as mulheres da amostra que apresentaram valores mais elevados de ansiedade na relação, revelaram menos capacidade em comunicar as suas necessidades, desejos, fantasias sexuais. Além disso, a comunicação sexual diádica demonstrou estar fortemente relacionada com a satisfação sexual ego-centrada do homem, e moderadamente associada com a satisfação sexual ego-centrada das mulheres. Estes resultados estão em linha com estudos realizados (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Gossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993)

A presente pesquisa foi testar um modelo mediador no qual foi analisado se os vínculos afectivos ansiosos do homem e da mulher afectavam a satisfação sexual centrada em

si mesmo, através do seu efeito sobre a comunicação sexual. De acordo com nossa previsão os resultados da análise são indicadores de que a comunicação sexual medeia o efeito da ansiedade com a satisfação sexual ego-centrada, em ambos os membros da díade, e medeia o efeito da ansiedade do homem sobre a satisfação sexual da sua parceira. Isto significa que o conforto com a proximidade, bastante confiança em depender do Outro, mas preocupações com a possibilidade de abandono ou rejeição (Collins & Read, 1990), têm impacto na satisfação sexual produzida por sensações / experiências pessoais através da comunicação de fantasias, desejos, necessidades sexuais. Além disso, a ansiedade do homem afecta a satisfação sexual ego-centrada da sua parceira, através da comunicação sexual da mulher.

De acordo com um grupo de investigadores (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Ledermann et al., 2011) pode-se dizer que a comunicação sexual medeia totalmente o efeito da ansiedade na satisfação sexual ego-centrada, em ambos os membros do casal, na medida em que existe um efeito indirecto significativo, mas o efeito directo não é significativo, sendo nula a relação entre a ansiedade e a satisfação sexual, mas medeia parcialmente o efeito da ansiedade do homem na satisfação sexual ego-centrada da sua parceira, pois existe um efeito indirecto significativo, mas, igualmente, um efeito directo parceiro significativo.

Os dados observados neste primeiro modelo de mediação permitem corroborar as alegações de Butzer e Campbell (2008), pois não foram encontrados nenhum efeito parceiro para a ansiedade com relação à satisfação sexual, ou seja, os indivíduos da amostra com pares mais ansiosos não demonstraram sentir menos ou mais satisfação sexual ego-centrada.

Estes resultados poderão ser explicados através da TV (Ainswirth & Bowlby, 1991; Ainswirth et al., 1978; Bowlby, 1969, 1973, 1980, 1989, 2006). As relações humanas são motivadas por inatas emoções de carinho ou de insatisfação, que demonstram e avaliam propósitos e interesses partilhados (Trevarthen, 2005). Consequentemente, ao comunicar as emoções, desejos, sentimentos, necessidades aumenta-se a eficiência da resposta, da acção que permite satisfazer as necessidades, e promove a formação da confiança, e dessa forma o sujeito tende a desenvolver um vínculo com o seu par que está disponível, independentemente da qualidade dos cuidados (Trevarthen, 2005).

A TV defende que o indivíduo ansioso procura na relação a proximidade, segurança, afecto (Davis et al., 2004; Mikulincer & Shaver, 2007), sendo que parece utilizar a sexualidade como veículo para a obtenção dessas emoções (Birnbaum, 2007; Feeney &

Noller, 2004; Schachner & Shaver, 2004). Porém, de acordo com Stephenson e Meston (2007), e Toates (2009) quando o sujeito ansioso utiliza a sexualidade, o sexo, com o objectivo de ter prazer, satisfação sexual (SS-EC), a necessidade de sentir proximidade e segurança parecem apresentar menor importância. Consequentemente, coloca-se a hipótese de que o indivíduo ansioso da amostra revelam utilizar a comunicação sexual para alcançar satisfação sexual ego-centrada, ou seja, a variável mediadora intervém entre a relação da ansiedade e da satisfação sexual ego-centrada.

No segundo modelo APIM, que avalia os efeitos actor e de parceiro da evitação na satisfação sexual ego-centrada, os resultados observados corroboram a literatura, ou seja, associação negativa entre estas variáveis. A variável preditora foi a dimensão evitação, tendo sido analisados os dados do efeito actor e do efeito parceiro nesta dimensão. De facto, para esta amostra de homens e mulheres, quanto mais incómodo face à intimidade, proximidade, dependência e confiança (Brennan et al., 1998; Mikulincer et al., 2002; Schachner & Shaver, 2002), menos satisfação sexual, e vice-versa, confirmando os resultados alcançados em diversas investigações (Butzer & Campbell, 2008; Feeney et al., 2000). Possivelmente o desconforto com relação à proximidade e intimidade (Brennan et al., 1998; Schachner & Shaver, 2002), assim como a dificuldade em confiar e depender do Outro (Hazan & Shaver, 1987; Strachman & Impett, 2009), promove a vivência de uma sexualidade menos agradável e prazerosa.

Foi possível comprovar a existência de efeitos actor negativos e estatisticamente significativos, para homens e mulheres, ou seja, o efeito da evitação do homem prediz a sua própria satisfação sexual ego-centrada, enquanto o efeito da evitação das mulheres é um preditor da sua satisfação sexual egofocada, no sentido de níveis mais elevados de vínculo afectivo evitante, em ambos os géneros, menos satisfação sexual ego-centrada. Os homens e mulheres evitantes têm maior probabilidade a experimentar e vivenciar menos satisfação sexual derivada das reacções e dos comportamentos sexuais do parceiro, e da diversidade e frequência das actividades sexuais. Foi observado, igualmente, um efeito parceiro estatisticamente significativo e negativo da evitação da mulher com a satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro, sugerindo que a satisfação sexual ego-centrada do homem é afectada negativamente pela evitação da sua parceira, ou seja, parece que a evitação da mulher influi nos resultados do seu par na satisfação sexual ego-centrada (Campbell & Kashy, 2002; Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006; Kline, 2011).

Consequentemente é possível afirmar que a Hipótese 6 confirma-se quase na sua totalidade.

Ao observar o oitavo modelo APIM, em que a variável exógena é a evitação, enquanto a variável dependente é a comunicação sexual, foi possível verificar a existência de dois efeitos actor estatisticamente significativos, e negativos, como previsto, sendo que as mulheres apresentam uma relação mais forte entre a evitação e a sua comunicação sexual, comparativamente com os homens, explicando o modelo um 40% nas mulheres e um 36% nos homens. Para esta amostra de díades heterossexuais portuguesas parece que para a mulher e o homem evitantes partilhar, divulgar e/ou negociar os desejos, necessidades, fantasias sexuais poderá promover no par romântico a sensação de que está a ser pressionado, ou como uma possível reclamação sobre as potenciais capacidades sexuais do par romântico. Possivelmente, o indivíduo da amostra com vínculo afectivo evitante, e com o objectivo de evitar a proximidade e intimidade, poderá apresentar menos revelação dos seus sentimentos, emoções, desejos, e necessidades sexuais.

De facto, e de acordo com Collins e Feeney (2000), os indivíduos com vínculo afectivo inseguro – ansioso ou evitante – apresentam esta dificuldade em comunicar e negociar suas necessidades e desejos sexuais, na medida em que poderão associar-se com a expectativa negativa sobre o suporte e a resposta do seu par romântico.

Neste modelo é possível verificar, igualmente, a existência de dois efeitos parceiro, nos quais a evitação do homem prediz a comunicação sexual da sua parceira, e o vínculo afectivo evitante da mulher prognostica a comunicação sexual do seu parceiro, sendo possível afirmar que os dois membros da díade parecem fazer parte do mesmo sistema interdependente (Kenny et al., 2006). A evitação actor do homem e da mulher associam-se negativamente com a comunicação sexual do seu par romântico, respectivamente. As parceiras dos homens evitantes, e os parceiros das mulheres evitantes demonstram maior propensão em comunicar com menos frequência os seus desejos, emoções, necessidades, fantasias sexuais. Assim sendo, podemos analisar que a Hipótese 7 confirma-se na sua totalidade.

Os modelos APIM que apresentam efeitos actor estatisticamente significativos entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada, entre a evitação e a comunicação sexual, e entre a comunicação sexual e a satisfação sexual ego-centrada, permitem determinar a presença de um efeito que pode ser mediado (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998; Judd & Kenny,

1981, citado em Baron & Kenny, 1986). Por conseguinte foi-se verificar se a comunicação sexual diádica revelava ser mediadora entre a relação do vínculo afectivo evitante com a satisfação sexual ego-centrada, em ambos os géneros. Medições da evitação, da satisfação sexual ego-centrada, e da comunicação sexual, nos homens e nas mulheres, foram utilizadas para testar se a comunicação sexual medeia a relação entre a evitação e a satisfação sexual ego-centrada ao nível da díade (Peugh et al., 2013).

No segundo modelo de mediação – Evitação x Comunicação Sexual x Satisfação Sexual Ego-Centrada – é possível verificar a existência de relações estatisticamente significativas entre as variáveis independentes com a variável mediadora (evitação homem X comunicação sexual homem, e evitação mulher X comunicação sexual mulher). Da mesma forma, é possível observar a existência de associações estatisticamente significativas entre as variáveis critério ou variáveis dependentes, e a variável mediadora (comunicação sexual homem X satisfação sexual ego-centrada homem; e comunicação sexual mulher X satisfação sexual ego-centrada mulher). Finalmente, foi possível verificar que quando a variável mediadora é incluída no modelo, alguns dos efeitos actor, anteriormente significativos, controlados pela comunicação sexual, apresentam valores negativos não significativos (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998). Consequentemente, calculou-se um novo modelo, sendo que as vias não significativas não foram incluídas no modelo recalculado.

Pode-se concluir que o segundo modelo de mediação é apropriado para explicar a estrutura correlacional das variáveis observadas na presente amostra, na medida em que é um modelo ajustado (Marôco, 2010b).

Todos os *paths* revelaram valores estatisticamente significativos, e a significância do efeito indirecto mediador foi confirmado pela prova de Sobel (1982). O modelo ajustado explica 46% da variabilidade da satisfação sexual ego-centrada do homem, e 26% da variância da satisfação sexual das mulheres.

Ao observar o modelo é possível comprovar a existência de três efeitos indirectos estatisticamente significativos, igualmente designados de efeito mediador (MacKinnon, 2000). Consequentemente, é possível colocar a hipótese de que os dados são indicadores de que a evitação do homem é preditora de uma menor satisfação sexual centrada em si mesmo, através da comunicação sexual do homem; enquanto a evitação da mulher previu uma relação estatisticamente negativa com a sua satisfação sexual ego-centrada, através da comunicação sexual própria. Da mesma forma, é possível verificar que o modelo revelou dois efeitos

directos do vínculo afectivo evitante da mulher com a comunicação sexual, e com a satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro, sendo, igualmente, possível confirmar a existência do terceiro efeito indirecto em que a comunicação sexual do homem medeia a relação entre a evitação da mulher e a satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro (efeito parceiro).

Estes resultados confirmam, igualmente, os alcançados por Butzer e Campbell (2008), no sentido de se ter verificado que os homens da amostra com parceiras evitantes demonstraram menos satisfação sexual ego-centrada, sugerindo que este efeito parceiro parece propor que a distância emocional e o desconforto com relação à intimidade e proximidade potencialmente sentida pelas mulheres da amostra associa-se a menos satisfação sexual do seu parceiro.

Por conseguinte, pode-se referir que o segundo modelo de mediação confirmou parcialmente a Hipótese 9. De acordo com a nossa hipótese, os dados resultantes da análise de correlação mostraram que a evitação associa-se negativamente, e moderadamente com a comunicação sexual do homem, e fortemente com a comunicação sexual das mulheres. É o mesmo que dizer que os homens e as mulheres da amostra que apresentaram valores mais elevados de evitação na relação revelaram menos capacidade em comunicar as suas necessidades, emoções, desejos, fantasias sexuais, e vice-versa. Além disso, a comunicação sexual diádica demonstrou estar positiva e moderadamente associada com a satisfação sexual ego-centrada do homem, em ambos os géneros. Estes resultados corroboram as investigações realizadas (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Gossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993)

A presente dissertação procurou avaliar um modelo mediador no qual foi analisado se a evitação do homem e da mulher afectavam a satisfação sexual centrada em si mesmo, através do seu efeito sobre a comunicação sexual. De acordo com nossa hipótese os resultados da análise são indicadores de que a comunicação sexual medeia o efeito da evitação com a satisfação sexual ego-centrada, em ambos os membros da díade, assim como o efeito da evitação da mulher sobre a satisfação sexual do seu parceiro. Isto significa que o desconforto com a proximidade e com a intimidade, a dificuldade em confiar e depender do Outro (Collins & Read, 1990) têm repercussões na satisfação sexual produzida por sensações / experiências pessoais através da comunicação de emoções, fantasias, desejos, necessidades

sexuais. Além disso, a evitação da mulher afecta a satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro, através da comunicação sexual do homem.

De acordo com um grupo de investigadores (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Ledermann et al., 2011) pode-se dizer que a comunicação sexual medeia totalmente o efeito da evitação na satisfação sexual ego-centrada, em ambos os membros do casal, na medida em que existe um efeito indirecto significativo, mas o efeito directo não é significativo, sendo nula a relação entre a evitação e a satisfação sexual, mas medeia parcialmente o efeito do vínculo afectivo evitante da mulher na satisfação sexual ego-centrada do seu parceiro, pois existe um efeito indirecto significativo, mas, igualmente, um efeito directo parceiro significativo.

No quarto modelo APIM, que avalia os efeitos actor e de parceiro da ansiedade na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, os resultados observados confirmam a literatura, pois existe associação negativa entre estas suas variáveis (Brennan et al., 1998; Butzer & Campbell, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2002). A variável exógena foi a dimensão ansiedade, tendo sido analisados os resultados do efeito actor e do efeito parceiro nesta dimensão. De facto, para esta amostra de homens e mulheres, as representações mentais que têm de si mesmos e do Outro, o conforto com relação à intimidade, à proximidade, à dependência, e à confiança (Brennan et al., 1998; Mikulincer et al., 2002; Schachner & Shaver, 2002), assim como a maximização dos sinais de ameaça, e de dor com o objectivo de obter atenção e conforto (Cassidy & Berlin, 1994), associam-se a menos satisfação sexual, e vice-versa, confirmando os resultados alcançados em diversas investigações (Butzer & Campbell, 2008; Davis et al., 2006; Feeney et al., 2000). É possível que o conforto face à proximidade, intimidade (Brennan et al., 1998; Schachner & Shaver, 2002), assim como a facilidade em confiar e depender do Outro (Hazan & Shaver, 1987; Strachman & Impett, 2009), promova a vivência de uma sexualidade menos satisfatória.

Foi possível comprovar a existência de efeitos actor negativos e estatisticamente significativos, para homens e mulheres, sendo que o efeito da ansiedade do homem prediz a sua satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual, enquanto o efeito da ansiedade das mulheres é um preditor da sua satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, no sentido de níveis mais elevados de ansiedade, em ambos os géneros, menos satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual.

Os homens e mulheres com vínculo afectivo ansioso têm maior probabilidade a experimentar e vivenciar menos satisfação sexual relacional, ou seja, derivada das reacções e dos comportamentos sexuais do parceiro, e da diversidade e frequência das actividades sexuais. Foi observado, igualmente, um efeito parceiro estatisticamente significativo e negativo da ansiedade do homem com a satisfação sexual da sua parceira, sugerindo que a satisfação sexual da mulher é influenciada negativamente pela ansiedade do seu parceiro, ou seja, parece que a ansiedade do homem afecta os resultados do seu par na satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual (Campbell & Kashy, 2002; Cook & Kenny, 2005; Kenny et al., 2006; Kline, 2011), o que nos permite concluir que a Hipótese 6 confirma-se quase na sua totalidade.

Ao observar o sexto modelo APIM, em que a variável preditora é a comunicação sexual, enquanto a variável endógena é a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, foi possível comprovar a existência de dois efeitos actor estatisticamente significativos, e positivos, como previsto, sendo que os homens da amostra apresentam uma relação mais forte entre a comunicação sexual e a sua satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual, comparativamente com as mulheres da amostra, explicando o modelo um 38% nas mulheres e um 34% nos homens. Para esta amostra de díades heterossexuais portuguesas parece que, para a mulher e o homem ansiosos, a partilha e divulgação dos desejos, das necessidades, das emoções, e das fantasias sexuais promovem mais satisfação sexual centrada no par e na relação sexual.

Neste modelo é possível verificar, igualmente, que não se verificam quaisquer efeitos parceiro, e, assim sendo, podemos analisar que a Hipótese 7 confirma-se parcialmente.

Ao verificarem-se efeitos actor estatisticamente significativos entre a ansiedade e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, entre a comunicação sexual e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, e entre a ansiedade e a comunicação sexual, é possível determinar-se a existência de um efeito que pode ser mediado (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998; Judd & Kenny, 1981, citado em Baron & Kenny, 1986). Por conseguinte foi-se verificar se a comunicação sexual diádica revelava uma variável mediadora entre a relação do vínculo afectivo ansioso com a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, em ambos os géneros.

No terceiro modelo de mediação – Ansiedade x Comunicação Sexual x Satisfação Sexual Centrada no Par e na Actividade Sexual – é possível verificar a existência de relações

estatisticamente significativas entre as variáveis exógenas com a variável mediadora (ansiedade homem X comunicação sexual homem, e ansiedade mulher X comunicação sexual mulher). Da mesma forma, é possível observar a existência de correlações estatisticamente significativas entre as variáveis critério ou variáveis dependentes, e a variável mediadora (comunicação sexual homem X satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual homem; e comunicação sexual mulher X satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual mulher). Finalmente foi possível verificar que quando a variável mediadora é incluída no modelo, os efeitos actor, anteriormente significativos, controlados pela comunicação sexual, apresentam valores correlacionais não significativos (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998). Por conseguinte calculou-se um novo modelo, sendo que as vias não significativas não foram incluídas no modelo definitivo.

Todos os *paths* revelaram valores estatisticamente significativos, e a significância do efeito indirecto mediador foi confirmado pelo teste de Sobel (1982). O modelo ajustado explica 32% da variabilidade da satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual do homem, e 42% da variância da satisfação sexual das mulheres.

Ao observar o modelo é possível comprovar a existência de três efeitos indirectos estatisticamente significativos, igualmente designados de efeito mediador (MacKinnon, 2000). Consequentemente, é possível colocar a hipótese de que os dados são indicadores de que a ansiedade do homem é preditora de uma menor satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, através da comunicação sexual do homem; enquanto a ansiedade da mulher previu uma relação estatisticamente negativa com a sua satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, através da comunicação sexual própria. Da mesma forma, é possível verificar que o modelo revelou um efeito directo do vínculo afectivo ansiedade do homem com a comunicação sexual da mulher, sendo possível confirmar a existência do terceiro efeito indirecto em que a comunicação sexual da mulher media a relação entre a a ansiedade do homem e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual da mulher (efeito parceiro).

Por conseguinte, pode-se referir que o terceiro modelo de mediação confirmou parcialmente a Hipótese 9. De acordo com a nossa hipótese, os dados resultantes da análise de correlação mostraram que a ansiedade correlaciona-se negativamente, e moderadamente com a comunicação sexual em ambos os géneros, ou seja, os homens e as mulheres da amostra que apresentaram valores mais elevados de ansiedade na relação revelaram menos

capacidade em comunicar as suas necessidades, emoções, desejos, fantasias sexuais. Além disso, a comunicação sexual diádica demonstrou estar positiva e moderadamente associada com a satisfação sexual do homem, e fortemente correlacionada com a satisfação sexual da mulher. Estes resultados confirmam os estudos realizados (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Gossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993)

Procurou-se estimar um modelo mediador no qual foi avaliado se a ansiedade do homem e da mulher a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, através do seu efeito sobre a comunicação sexual. De acordo com nossa hipótese os resultados da análise são indicadores de que a comunicação sexual medeia o efeito da ansiedade com a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, em ambos os membros da díade, assim como o efeito da ansiedade do homem sobre a satisfação sexual da sua parceira. Isto significa que o conforto com a proximidade e com a intimidade, a facilidade em confiar e depender do Outro (Collins & Read, 1990) têm repercussões na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, através da comunicação de emoções, fantasias, desejos, necessidades sexuais. Além disso, a ansiedade do homem afecta a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual da sua parceira, através da comunicação sexual da mulher.

De acordo com um grupo de investigadores (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Ledermann et al., 2011) pode-se dizer que a comunicação sexual medeia totalmente o efeito da ansiedade na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, em ambos os membros do casal, na medida em que existe um efeito indirecto significativo, mas o efeito directo não é significativo, sendo nula a relação entre a evitação e a satisfação sexual, mas medeia parcialmente o efeito do vínculo afectivo ansioso do na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual da parceira, pois existe um efeito indirecto significativo, mas, igualmente, um efeito directo parceiro significativo.

No quinto modelo APIM, que avalia os efeitos actor e de parceiro da evitação na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, os resultados observados confirmam a literatura, pois existe associação negativa entre estas suas variáveis (Brennan et al., 1998; Butzer & Campbell, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007; Schachner & Shaver, 2002). A variável independente foi a evitação, tendo sido analisados os resultados do efeito actor e do efeito parceiro nesta dimensão. De facto, para esta amostra de homens e mulheres, os modelos internos dinâmicos, o desconforto com relação à intimidade, à proximidade, à

dependência, e à confiança (Brennan et al., 1998; Mikulincer et al., 2002; Schachner & Shaver, 2002), assim como a minimização dos sinais emocionais face ao desejo de estar próximo do Outro (Cohen & Belsky, 2008), associam-se a menos satisfação sexual, e vice-versa, confirmando os resultados alcançados em diversas investigações (Butzer & Campbell, 2008; Davis et al., 2006; Feeney et al., 2000).

Foi possível comprovar a existência de efeitos actor negativos e estatisticamente significativos, para homens e mulheres, sendo que o efeito do homem prediz a sua satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual, enquanto o efeito da evitação das mulheres é um preditor da sua satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, no sentido de níveis mais elevados de evitação, em ambos os géneros, menos satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual. De acordo com um conjunto de autores (Birnbaum et al., 2006; Feeney & Noller, 2004), a distância emocional e o desconforto face à intimidade e proximidade poderão ser preditores destes resultados. Contudo não foram observados quaisquer efeitos parceiro, o que nos permite concluir que a Hipótese 6 confirma-se parcialmente.

Sendo que as mulheres da amostra, em geral, revelaram sentir mais satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, e a revelar e comunicar sobre este tipo de satisfação sexual, será que os níveis de evitação demonstrados pelas mulheres da amostra são exclusivos de uma associação com a relação emocional, íntima e não com outro tipo de relacionamento? Será que estas mulheres utilizam outras formas sexuais, como a masturbação, para se sentirem sexualmente satisfeitas e, por isso, apresentam relações mais baixas com a satisfação sexual ego-centrada, comparativamente com os homens da amostra?

Após a observação de diversos efeitos actor – entre a evitação e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, entre a comunicação sexual e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, e entre a evitação e a comunicação sexual – é possível determinar-se a existência de um efeito que pode ser mediado (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998; Judd & Kenny, 1981, citado em Baron & Kenny, 1986). Por conseguinte foi-se verificar se a comunicação sexual diádica revelava ser mediadora entre a relação do vínculo afectivo evitante com a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, em ambos os géneros.

No quarto e último modelo de mediação – Evitação x Comunicação Sexual x Satisfação Sexual Centrada no Par e na Actividade Sexual – é possível verificar a existência

de relações estatisticamente significativas entre as variáveis exógenas com a variável mediadora (evitação homem X comunicação sexual homem, e evitação mulher X comunicação sexual mulher). Da mesma forma, é possível observar a existência de correlações estatisticamente significativas entre as variáveis critério ou variáveis dependentes, e a variável mediadora (comunicação sexual homem X satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual homem; e comunicação sexual mulher X satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual mulher). Finalmente foi possível verificar que quando a variável mediadora é incluída no modelo, a maioria dos efeitos actor, anteriormente significativos, controlados pela comunicação sexual, apresentam valores de associação não significativos (Baron & Kenny, 1986; Kenny et al., 1998). Por conseguinte calculou-se um novo modelo, sendo que as vias não significativas não foram incluídas no modelo definitivo.

Após ter emergido uma solução razoável, procedeu-se à estimação e à avaliação do ajustamento do modelo (Albright & Park, 2009; Hooper et al., 2008; Hoyle, 2012; Kline, 2011; Schermelleh-Engel et al., 2003; Schermelleh-Engel et al., 2003; Schumacker & Lomax, 2004).

Todos os *paths* revelaram valores estatisticamente significativos, e a significância do efeito indirecto mediador foi confirmado pelo teste de Sobel (1982). O modelo ajustado explica 32% da variabilidade da satisfação sexual centrada na parceira e na actividade sexual do homem, e 47% da variância da satisfação sexual das mulheres.

Ao observar o modelo é possível comprovar a existência de três efeitos indirectos estatisticamente significativos, igualmente designados de efeito mediador (MacKinnon, 2000), e dois efeitos directos. Consequentemente é possível colocar a hipótese de que os dados são indicadores de que a evitação do homem é preditora de uma menor satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, através da comunicação sexual do homem; enquanto a evitação da mulher previu uma relação estatisticamente negativa com a sua satisfação sexual centrada no parceiro e na actividade sexual, através da comunicação sexual própria. Da mesma forma, é possível verificar que o modelo revelou um efeito parceiro directo do vínculo afectivo evitação da mulher com a comunicação sexual do parceiro, e um efeito actor entre a evitação da mulher com a própria satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, sendo possível confirmar a existência do terceiro efeito indirecto em que a

comunicação sexual do homem media a relação entre a evitação da mulher e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual do homem.

Por conseguinte, pode-se referir que o quarto modelo de mediação confirmou parcialmente a Hipótese 9. De acordo com a nossa hipótese, os dados resultantes da análise de correlação mostraram que a evitação correlaciona-se negativamente, e moderadamente com a comunicação sexual em ambos os géneros, ou seja, os homens e as mulheres da amostra que apresentaram valores mais elevados de evitação na relação revelaram menos capacidade em comunicar as suas necessidades, emoções, desejos, fantasias sexuais. Além disso, a comunicação sexual diádica demonstrou estar positiva e moderadamente associada com a satisfação sexual de ambos os géneros. Estes resultados confirmam os estudos realizados (Byers, 2011; Byers & Demmons, 1999; Cupach & Comstock, 1990; Gossman et al., 2003; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; MacNeil & Byers, 1997, 2005, 2009; Purnine & Carey, 1997; Sprecher & McKinney, 1993).

Procurou-se estimar um modelo mediador no qual foi avaliado a evitação do homem e da mulher e a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, através do seu efeito sobre a comunicação sexual. De acordo com nossa hipótese os resultados da análise são indicadores de que a comunicação sexual medeia o efeito da evitação com a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, em ambos os membros da díade, assim como o efeito da evitação da mulher sobre a satisfação sexual do seu parceiro; a evitação da mulher afecta a satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual do parceiro, através da comunicação sexual do homem.

O vínculo afectivo evitante reflecte a representação mental negativa do Outro, e positiva de si mesmo, associando-se com o distanciamento emocional em momentos de ansiedade, de aflição, de forma a inibir o afecto e a minimizar o impacto da relação de vinculação (Creasey & Ladd, 2005). Os indivíduos evitantes apresentam níveis mais baixos de conforto face à proximidade e intimidade, sendo que os resultados revelam que ambos os efeitos, vínculo evitante actor e parceiro, associam-se negativamente com a satisfação sexual e a comunicação sexual, na medida em que devido à tendência para se distanciar emocionalmente e ao medo da intimidade, o sujeito evitante tem maior probabilidade em promover insatisfação sexual e na relação, em geral, o que poderá ser a causa para que eles próprios se sintam insatisfeitos quer na relação quer a nível da sua sexualidade, pois esperam ser rejeitados por parte do seu par romântico (Pistole, 1989; Pistole & Arricale, 2003).

De acordo com um grupo de investigadores (Baron & Kenny, 1986; Kenny, 2014; Kenny et al., 1998; Ledermann et al., 2011) pode-se dizer que a comunicação sexual medeia totalmente o efeito da evitação do homem na sua satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual, na medida em que existe um efeito indirecto significativo, mas o efeito directo não é significativo, sendo nula a relação entre a evitação e a satisfação sexual, mas medeia parcialmente o efeito da evitação da mulher na sua própria satisfação sexual, e o efeito do vínculo afectivo evitante da mulher na satisfação sexual centrada no par e na actividade sexual do parceiro, pois existe um efeito indirecto significativo, mas, igualmente, um efeito directo parceiro significativo, ou seja, existe um efeito mediador total e dois efeitos mediadores parciais.

De uma forma geral os dados alcançados confirmam a existência de relação entre os vínculos afectivos e a satisfação sexual, mas também corroboram a importância que o modelo APIM apresenta nas investigações sobre as relações de casal.

É possível concluir, igualmente, que resultados observados são indicadores de que a comunicação sexual o efeito da ansiedade e da evitação na satisfação sexual, em ambos os géneros.

Evidenciamos, também, que os resultados observados na presente dissertação apresentam algumas similaridades entre os géneros, sendo consistentes com a Teoria da Semelhança entre os géneros (Hyde, 2005). Parece que ao longo do tempo do relacionamento, as diferenças entre homens e mulheres tendem a desaparecer contribuindo, hipoteticamente, para a saúde relacional, individual, e sexual do sujeito e do casal (Fincham & Beach, 2010; Heiman et al., 2011).

8.1. Contributos da Investigação, Limitações, e Indicações para Estudos Futuros

O presente estudo tem vários pontos fortes importantes e notáveis quando comparado a outras investigações sobre relações românticas adultas. Em primeiro lugar e de forma mais significativa é a utilização de dados diádicos, em detrimento de dados individuais, ou seja, o de se analisar as variáveis sexuais com os vínculos afectivos inseguros em relações românticas, através de um constructo diádico, através da utilização de modelos interdependentes, em detrimento de modelos individuais. De facto, a maior parte das investigações existentes na literatura sobre as áreas da sexualidade e da vinculação foca-se,

primeiramente, na análise individual, associando um conjunto de variáveis, relacionais, emocionais, psicológicas, sexuais, como sendo características individuais. Por outro lado, e referindo-nos a outra vantagem da presente investigação, é o de termos considerado relações românticas em amostras de adultos (Aubin & Heiman, 2004; Brassard et al., 2007; Butzer & Campbell, 2008; DeLamater & Hyde, 2004; Feeney & Noller, 2004; MacNeil & Byers, 2005).

A maior parte das variáveis sexuais e relacionais é interpessoal, na medida em que envolve, pelo menos, dois indivíduos, e, conseqüentemente, delimitar a análise a modelos individualistas, limita a compreensão destes fenómenos (DeLamater & Hyde, 2004). Conseqüentemente o tipo de relacionamento do indivíduo, se é uma relação amorosa, ou se é uma relação de cariz sexual, mas sem envolvimento emocional, apresentam uma associação importante com o tipo e a frequência da actividade sexual (Gagnon, Giami, Michaels, & de Colomby, 2001). A compreensão do casal sexualmente activo tem evoluído ao longo das últimas décadas, pois se nos estudos de Kinsey e colaboradores (1970a, 1970b) a vivência de uma sexualidade activa estava restrita à díade heterossexual casada, actualmente o casal heterossexual e o estado civil casado já não são a norma para a vivência de uma vida sexual saudável e activa (Gagnon et al., 2001).

O uso do inventário ECR-R permitiu a análise de variáveis contínuas de ansiedade e evitação, pois este questionário tem exibido fortes propriedades psicométricas entre os diversos estudos em que é utilizado, tendo-se tornado num dos instrumentos mais utilizados na investigação sobre vinculação adulta.

Contudo, o presente estudo apresenta, igualmente, algumas limitações. A amostra é constituída, maioritariamente, por participantes com alto nível de escolaridade, e recolhida, predominantemente, em zonas metropolitanas.

Devido à escassez de estudos similares sobre relações homossexuais masculinas e femininas, seria extremamente importante e benéfico para a literatura sobre a vinculação e a satisfação sexual, a comunicação sexual, e o comportamento sexual, replicar o presente estudo com amostras indistinguíveis, como a amostra com parceiros homossexuais, como forma de determinar se os mesmos processos de vinculação e de satisfação sexual são igualmente mediados pela comunicação sexual, contribuindo para a compreensão desta temática e para o enriquecimento da literatura.

Ao analisar-se variáveis relacionais e sexuais, e ao se utilizar instrumentos de auto-relato, existe a probabilidade de ocorrer o efeito de desajustabilidade social, ou seja, do sujeito responder de acordo com o que espera que o investigador pretende ouvir, e/ou de suceder distorções e falseamento de respostas, pois o indivíduo poderá sentir a pressão da avaliação (Barefoot, citado por Ferreira, 2000; Huelva & Chaves, 2002; Porto & Tamayo, 2003). Consequentemente, em investigações futuras sugere-se a integração da desajustabilidade social como variável mensurável, de forma a se ultrapassar esta limitação.

Apesar dos instrumentos de auto-relato constituírem a maioria dos dados publicados sobre a investigação de variáveis sexuais nas relações românticas (Wiederman, 2004), ao basear-se em questionários de auto-resposta não nos é possível tirar conclusões de natureza causal, limitando-nos ao carácter associativo das variáveis em estudo, sendo que outra desvantagem na utilização de medidas de auto-relato refere-se à compreensão das instruções por parte dos participantes, exigindo a utilização de instruções e vocabulários claros e simples de forma a reduzir a ambiguidade (Catania, Gibson, Chitwood, & Coates, 1990).

Outra limitação associada a este tipo de questionários está relacionada à credibilidade da investigação (Winer, Makowski, Alpert, & Collins, 1988). Apesar da presente dissertação estar associada a uma instituição de credibilidade reconhecida (Universidade de Salamanca), assim como a existência de informação específica nos protocolos sobre a natureza científica deste estudo, os investigadores não conseguem controlar a seriedade e honestidade nas respostas dos participantes.

Devido à metodologia de recolha de dados utilizada, a interacção entre participante e investigador foi limitada, não tendo sido possível examinar e esclarecer as significações apresentadas, sendo que a existência de questões e/ou descrições potencialmente ambíguas ou pouco claras não puderam ser aprofundadas. Como forma de ultrapassar esta limitação, sugere-se que em investigações futuras se utilize entrevistas individuais ou recolha de dados através do *focus group*.

Parece que outra limitação do estudo foi o de ter conceptualizado a satisfação sexual como estando em interconexão com o coito, a penetração pénis-vagina. Consequentemente, sugere-se que em investigações futuras se avalie a frequência da satisfação sexual nas diferentes actividades sexuais.

Existem também limitações associadas com a recolha da amostra, pois como a mesma não foi recolhida de forma aleatória, não tendo sido utilizados métodos aleatórios na selecção

dos participantes, foi impossível constituir-se uma amostra representativa da população e, conseqüentemente, não nos é possível generalizar consistentemente os resultados para a população geral de casais heterossexuais portugueses.

Sugere-se a utilização de estudos de natureza longitudinal, devido à bidireccionalidade entre algumas das variáveis em estudo (*e.g.* satisfação sexual) (Goodwin, 2002).

Com respeito ao procedimento, é importante indicar que não foi possível controlar as condições de administração do questionário. Enquanto alguns dos participantes preencheram o protocolo em sessões colectivas nas respectivas instituições de ensino, outros preencheram em casa ou no local de trabalho ou noutras situações logísticas.

Uma das vantagens do presente estudo associa-se ao tamanho da amostra utilizado. Basso, Berman, Burnett, e Degoratis (2000) afirmam que uma das características comuns entre investigações que analisam variáveis sexuais é o facto de utilizarem casuísticas não adequadas.

Finalmente é importante mencionar que as análises estatísticas efectuadas durante os diversos estudos empíricos são da nossa exclusiva responsabilidade.

Não obstante os limites da presente investigação, consideramos que a mesma poderá contribuir para o enriquecimento sobre a informação e a literatura, e conhecimento sobre os vínculos afectivos inseguros, a comunicação sexual e a satisfação sexual em relações românticas adultas.

A validação do instrumento sobre a satisfação sexual poderá ser usada, futuramente, em diversos estudos com amostras portuguesas, sendo que a mesma já foi utilizada por investigações portuguesas com variáveis distintas, como a pesquisa de Carvalho e colaboradores (2012).

O facto da presente dissertação ter um carácter exploratório, como o de analisar a mediação da comunicação sexual na relação entre os vínculos afectivos inseguros e a satisfação sexual, é sinónimo de que, apesar de ser uma área promissora, carece de mais investigações por forma a enriquecer a literatura existente e aprofundar a compreensão sobre esta temática. Conseqüentemente, pensamos que com esta característica exploratória, aliada à utilização do modelo diádico, ter contribuído para o conhecimento e compreensão de uma área que, apesar de não ser recente e ser emergente, tem vindo a ganhar notoriedade e importância no estudo de variáveis diádicas: a análise diádica.

Ao nível clínico, esta temática poderá contribuir para a literatura, analisando, por exemplo, e através do modelo diádico, a relação entre a vinculação, a intimidade, a satisfação sexual e conjugal, e as dificuldades / disfunções sexuais. De facto, são vários os autores que salientam a importância das variáveis relacionais, defendendo que as mesmas devem ser avaliadas, igualmente, no contexto clínico, devido às repercussões que promovem na vida do indivíduo (Basson, Brotto, Laan, Redmond, & Utian, 2005; Hatzichristou, Rosen, Broderick, Clayton, Cuzin, Derogatis, Litwin et al., 2004). Os autores argumentam a emergência de se analisar a intimidade, a comunicação, a satisfação relacional e sexual, na medida em que são centrais para a avaliação da sexualidade e da área relacional do indivíduo, sendo determinantes para as estratégias de intervenção.

Por outro lado, os resultados observados no presente estudo destacam a importância do vínculo afectivo inseguro na sexualidade, mais precisamente na satisfação e comunicação sexuais do sujeito. Consequentemente, os terapeutas individuais poderão orientar os pacientes de forma a desenvolverem estratégias de vinculação mais seguras, abordando as características que afecta, negativa e positivamente, a regulação de capacidades, e da reconstrução das representações mentais negativas sobre si e sobre o Outro, enquanto os terapeutas de casal poderão, através da identificação dos padrões inseguros de vinculação, trabalhar com a díade de forma a aumentar a responsividade face às necessidades do par, e promover uma melhor compreensão sobre a sexualidade, fomentando as competências comunicacionais.

Existem poucos estudos que tenham adoptado uma abordagem interdependente, e que tenham analisado a vinculação e as variáveis sexuais, como a comunicação sexual e a satisfação sexual, em relações românticas adultas, tendo a nossa investigação contribuído para o preenchimento dessa lacuna.

Parece que o nosso estudo poderá ter implicações teóricas, no sentido de validar o papel mediador da comunicação sexual na relação entre os vínculos afectivos inseguros e a satisfação sexual.

Esperamos que esta investigação possa contribuir para um momento de reflexão sistematizada e que seja capaz de introduzir novos conceitos e sinais inovadores, contribuindo, desta forma, para a literatura existente na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramson, P. R., & Pikerton, S. D. (2002). *With pleasure: Thoughts on the nature of human sexuality*. New York: Oxford University Press.
- Acuña, E., & Rodriguez, C. (2004). The treatment of missing values and its effect in the classifier accuracy. In W. Gaul, D. Banks, L. House, F.R. McMorris, P. Arabie (Eds.), *Classification, Clustering and Data Mining Applications* (pp. 639-648). Berlin: Springer.
- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of*. Baltimore: John Hopkins University Press. [Adobe Digital Edition Version]. Retrieved from <http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/uganda20.pdf>
- Ainsworth, M. (1979). Attachment as related to mother-infant interaction. *Advanced Studies in Behavior*, 9, 1–49.
- Ainsworth, M. D. S. (1983). Mary D. Salter Ainsworth. In A. N. O’Connell, & N. F. Russo (Eds.), *Models of achievement: Reflections of eminent women in psychology* (pp. 200-219). New York: Columbia University Press. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda_autobio.pdf
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Attachment across the life-span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 792-812. Retrieved from <http://europepmc.org/backend/ptpmcrender.fcgi?accid=PMC1911889&blobtype=pdf>
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M., Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.) *Attachment across the life cycle* (pp 33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M. D. S. (2010). Security and attachment. In R. Volpe (Ed.), *The secure child: Timeless lessons in parenting and childhood education* (pp. 43-53). USA: IAP-Information Age Publishing. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/ainsworth_security_and_attachment.pdf
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration, and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41, 49-67. Retrieved from

<http://static1.squarespace.com/static/53836937e4b0135aba1b8f43/t/53af0297e4b0d621f6a92bfa/1403978391869/Mary+Ainsworth.pdf>

- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. V. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development, 43*, 1171-1180.
- Ainsworth, M., Bell, S. M. V., & Stayton, D. J. (1972). Individual differences in the development of some attachment behaviors. *Merrill-Palmer Quarterly, 18*, 123-143. Retrieved from <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED050827.pdf>
- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist, 46*(4), 333-341. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/ainsworth_bowlby_1991.pdf
- Akaike, H. (1974). A new look at the statistical model identification. *IEEE Transactions on Automatic Control, AC-19*(6), 716-723.
- Albright, J.J., & Park, H.M. (2009). *Confirmatory factor analysis using Amos, LISREL, Mplus, SAS/STAT CALIS*. Indiana University. Retrieved from <http://www.indianauniversity.net/~statmath/stat/all/cfa/cfa.pdf>
- Alferes, V. R. (2002). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia social da sexualidade* (2ª Edição). Porto: Edições Afrontamento.
- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare? *The Journal of Sex Research, 43*(4), 307-317.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em Psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Alonso-Arbiol, I., Balluerka, N., & Shaver, P. R. (2007). A Spanish version of the Experiences in Close Relationships (ECR) adult attachment questionnaire. *Personal Relationships, 14*, 45-63.
- Arbuckle, J.L. (2009). *Amos18 user's guide*. Chicago: SPSS. Retrieved from http://www.sussex.ac.uk/its/pdfs/Amos_18_Users_Guide.pdf
- Arriaga, M., Veríssimo, M., Salvaterra, F., Maia, J., & Santos, O. (2010). *A avaliação da vinculação no adulto: Será só uma questão de diferentes métodos?* Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga: Universidade do Minho. 4 a 6 Fevereiro.

- Atkins, R. (2008). The attachment theory website. Retrieved from <http://www.richardatkins.co.uk/atws/page/5.html>
- Aubin, S., & Heiman, J.R. (2004). Sexual dysfunction from a relationship perspective. In J.H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The Handbook of Sexuality in Close Relationships* (pp.477-517). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Bakermans-Kranenburg, M. J., & van IJzendoorn, M. H. (1993). A psychometric study of the Adult Attachment Interview: Reliability and discriminate validity. *Developmental Psychology*, 29(5), 870-879. Retrieved from https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/2326/168_127.pdf?sequence=1
- Balami, J., & Robertson, D. (2007). Parkinson's Disease and Sexuality. *British Journal of Hospital Medicine* 68(12), 644-647.
- Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2, 247-261. Retrieved from <http://selfesteemgames.mcgill.ca/research/baldwinfehr.pdf>
- Bancroft, J. (2002). The medicalization of female sexual dysfunction: The need for caution. *Archives of Sexual Behavior*, 31(5), 451–455.
- Bancroft, J. (2010). *Human sexuality and its problems* (3rd Edition). London: Churchill Livingstone.
- Bancroft, J., Loftus, J., & Long, J. S. (2003). Distress about sex: A national survey of women in heterosexual relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 32(3), 193–208. Retrieved from <http://www.kinseyinstitute.org/publications/PDF/JohnDistressArticle.pdf>
- Bargiota, A., Dimitropoulos, K., Tzortzis, V., & Koukoulis, G. N. (2011). Sexual dysfunction in diabetic women. *Hormones*, 10(3), 196-206. Retrieved from <http://www.hormones.gr/pdf/196-206.pdf>
- Barlow, D. H. (1986). Causes of sexual dysfunction: The role of anxiety and cognitive interference. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(2), 140-148.
- Barlow, D. H., Sakheim, D. K., & Beck, J. G. (1983). Anxiety increases sexual arousal. *Journal of Abnormal Psychology*, 92(1), 49-54.
- Baron, R.M., & Kenny, D.A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research – conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173–1182.

- Barón, M. J. O., Zapiain, J. G., & Apodaca, P. (2002). Apego y satisfacción afectivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, *14*(2), 469-475. Retrieved from <http://www.psicothema.com/pdf/750.pdf>
- Barragán, F. (1999). *Programa de Educación Afectivo Sexual. Educación Secundaria*. Tomo I I. Una Propuesta Constructivista para la Educación Sexual de la Educación Secundaria. Junta de Andalucía. Conserjería de Educación y Ciencia e Instituto de a Mujer. Retrieved from <http://www.educagenero.org/ESJunta/Secundaria/tomo%20II%20metodologia.pdf>
- Barret, P. (2007). Structural equation modelling: Adjudging model fit. *Personality and Individual Differences*, *42*, 815–824. doi:10.1016/j.paid.2006.09.018
- Barrientos, J., & Páez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *32*(5), 351–368. DOI: 10.1080/00926230600834695
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*(2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244. Retrieved from <http://members.psyc.sfu.ca/documents/doc/144>
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guildford Press.
- Basson, R. (2000). The female sexual response: A different model. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *26*(1), 51-65.
- Basson, R. (2001a). Human sex-response cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *27*(1), 33-44.
- Basson, R. (2001b). Using a different model for female sexual response to address women's problematic low sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *27*(5), 395-403.
- Basson, R. (2002a). Women's sexual desire: Disordered or misunderstood?. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *28*(1), 17-28.
- Basson, R. (2002b). Are our definitions of women's desire, arousal and sexual pain disorders too broad and our definition of orgasmic disorder too narrow? *Journal of Sex & Marital Therapy*, *28*, 289-300.

- Basson, R., Berman, J., Burnett, A., & Degoratis, L. (2000). Report of the International Consensus Development: Conference on female sexual dysfunction: Definitions and classifications. *Journal of Urology*, *163*, 188-193.
- Basson, R., Brotto, L. A., Laan, E., Redmond, G., & Utian, W. H. (2005). Assessment and management of women's sexual dysfunctions: Problematic desire and arousal. *Journal of Sexual Medicine*, *2*(3), 291-300.
- Baumeister, R. F. (2000). Gender differences in erotic plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. *Psychological Bulletin*, *126*, 347–374.
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Vohs, K. D. (2001). Are there gender differences in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions and a review of relevant evidence. *Personality and Social Psychology Review*, *5*, 242-273.
- Becker, T. E., Billings, R. S., Eveleth, D. M., & Gilbert, N. W. (1997). Validity of scores on three attachment style scales: Exploratory and confirmatory evidence. *Educational and Psychological Measurement*, *75*, 477-493. Retrieved from <http://www.researchgate.net/publication/247728375> Validity of Scores on Three Attachment Style Scales Exploratory and Confirmatory Evidence
- Beliz, V., & Pereira, N. M. (2009). *Estilos de masturbação feminina e o orgasmo durante o coito*. [Dissertação do Mestrado Transdisciplinar de Sexologia]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Manuscrito não publicado.
- Belsky, J. (2005). The developmental and evolutionary psychology of intergenerational transmission of attachment. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis* (pp. 169–198). Cambridge: MIT press.
- Belsky, J., & Fearon, R. M. P. (2008). Precursors of attachment security. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (2nd Edition) (pp. 295–316). New York: Guilford Press.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child Development*, *62*, 647-670. Retrieved from https://software.rc.fas.harvard.edu/lds/wp-content/uploads/2011/09/belsky_steinberg_1991_CD.pdf

- Berman, W., & Sperling, M. (1994). The Structure and Function of Adult Attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 3-28). New York: The Guilford Press. Retrieved from <https://books.google.pt>
- Birnbaum, G. E. (2007). Attachment orientations, sexual functioning, and relationship satisfaction in a community sample of women. *Journal of Social and Personal Relationships, 24*, 21–35.
- Birnbaum, G. E., & Gillath, O. (2006). Measuring subgoals of the sexual behavioral system: What is sex good for? *Journal of Social and Personal Relationships, 23*(5), 675-701.
- Birnbaum, G. E., Reis, H. T., Mikulincer, M., Gillath, O., & Orpaz, A. (2006). When Sex Is More Than Just Sex: Attachment Orientations, Sexual Experience, and Relationship Quality. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*(5), 929–943. DOI: 10.1037/0022-3514.91.5.929
- Blum, D. (2002). *Love at goon park: Harry Harlow and the science of affection*. London: Basic Books. Retrieved from <http://www.theopennotebook.com/wp-content/uploads/2011/11/Blum-Goon-Park-edits1.pdf>
- Bogaert, A. F. & Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships, 9*, 191-204.
- Bollen, K. A. (1986). Sample size and Bentler and Bonnet's nonnormed fit index. *Psichometrika, 51*(3), 375-377. Retrieved from <http://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02294061#page-1>
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their character and home-life. *International Journal of Psychoanalysis, 25*, 19-52. Retrieved from <http://www.simplypsychology.org/Bowlby%2044%20Thieves.pdf>
- Bowlby, J. (1952). *Maternal care and mental health*. Geneva: World Health Organization (2nd Edition), (Obra original publicada em 1951). Retrieved from http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/40724/1/WHO_MONO_2_%28part1%29.pdf
- Bowlby, J. (1956). The growth of independence in the young child. *Royal Society of Health Journal, 76*, 587-591. Retrieved from <http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/independence.pdf>
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis, 39*, 350-373. Retrieved from

<http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/nature%20of%20the%20childs%20tie%20bowlby.pdf>

- Bowlby, J. (1960). Grief and mourning in infancy and early childhood. *The Psychoanalytic of the Child*, 15, 9-52. Retrieved from <http://icpla.edu/wp-content/uploads/2012/10/Bowlby-J.-Grief-and-Mourning-in-Infancy-and-Early-Childhood-vol.15-p.9-52.pdf>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1989). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. [Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego] (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1988).
- Bowlby, J. (2006). *The making and breaking of affectional bonds*. [Formação e rompimento dos laços afetivos] (4ª ed.), (A. Cabral, Trad.). São Paulo, Brasil: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1979).
- Bowlby, J., Robertson, J., & Rosenbluth, D. (1952). A two-year-old goes to hospital. *The Psychoanalytic Study of the Child*, VII, 82-94.
- Brace, N., Kemp, R., & Snelgar, R. (2000). *SPSS for psychologists. A guide to data analysis using SPSS for windows*. New York: L.E.A.
- Branco, I., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2015). O conhecimento e acesso ao script de base segura e a percepção de suporte social em mães com crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 2 (XXXIII), 235-247. doi: 10.14417/ap.936
- Brassard, A., Shaver, P. R., & Lussier, Y. (2007). Attachment, sexual experience, and sexual pleasure in romantic relationships: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 14, 475–93. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2007.00166.x
- Brehm, S. S. (1992). *Intimate Relationships* (2nd Edition). New York: McGraw-Hill.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998a). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guildford Press.

- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimension of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *21*(3), 267-283. DOI: 10.1177/0146167295213008
- Brennan, K. A., Shaver, P. R., & Tobey, A. E. (1991). Attachment styles, gender, and parental problem drinking. *Journal of Social and Personal Relationship*, *8*, 451-466. DOI: 10.1177/026540759184001
- Brennan, K. A., Wu, S., & Loev, J. (1998b). Adult romantic attachment and individual differences in attitudes toward physical contact in the context of adult romantic relationships. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 394-428). New York: The Guilford Press.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. Monographs of the Society for Research. *Child Development*, *50*(1-2), 3-35. · DOI: 10.2307/3333824
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, *28*, 759-775. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/inge_origins.pdf
- Bretherton, I. (1995). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds), *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives* (pp. 45-85). Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Bretherton, I. (2003). Mary Ainsworth: Insightful observer and courageous theoretician. In G. A. Kimble, & M. Wertheimer (Eds.), *Portraits of pioneers in psychology* (vol. 5). Washington, D.C.: American Psychological Association. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda_inge.pdf
- Bretherton, I. (2003). Mary Ainsworth: Insightful observer and courageous theoretician. In G. A. Kimble, & M. Wertheimer, *Portraits of pionners in psychology* (Vol. V). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Bretherton, I. (2004). The roots and growing points of attachment theory. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 9-32). London: Taylor & Francis e-Library
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 102-127). New York: The Guilford Press.

- Bridges, S. K., Lease, S. H., & Ellison, C. R. (2004). Predicting sexual satisfaction in women: Implications for counselor education and training. *Journal of Counseling and Development, 82*, 158-166. Retrieved from <https://www.questia.com/library/journal/1G1-117425289/predicting-sexual-satisfaction-in-women-implications>
- Brogan, S.M., Fiore, A., & Wrench, J.S. (2009). Understanding the psychometric properties of the Sexual Communication Style Scale. *Human Communication, 12(4)*, 421-445. Retrieved from http://www.uab.edu/Communicationstudies/humancommunication/120405_Brogan.pdf
- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 1-16). New York: Cambridge University Press.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and brain sciences, 12*, 1-49. Retrieved from <https://labs.psych.ucsb.edu/roney/james/other%20pdf%20readings/Buss37cultures.pdf>
- Buss, D. M. (1998). Sexual strategies theory: Historical origins and current status. *Journal of Sex Research, 35(1)*, 19–31. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.387.5277&rep=rep1&type=pdf>
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships, 15(1)*, 141-154.
- Byers, E. S. (1999). The interpersonal exchange model of sexual satisfaction: Implications for sex therapy with couples. *Canadian Journal of Counselling, 33(2)*, 95-111.
- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of Sex Research, 42(2)*, 113–118.
- Byers, E. S. (2011). Beyond the birds and the bees and was it good for you?: Thirty years of research on sexual communication. *Canadian Psychology, 52(1)*, 20-28.
- Byers, E. S., & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual self-disclosure within dating relationships. *Journal of Sex Research, 36(2)*, 180–189.

- Byers, E. S., Demmons, S., & Lawrance, K. (1998). Sexual satisfaction within dating relationships: A test of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*(2), 257–267.
- Byers, E. S., & MacNeil, S. (2006). Further validation of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy, 32*(1), 53-69.
- Campbell, L., & Kashy, D. A. (2002). Estimating actor, partner, and interaction effects for dyadic data using PROC MIXED and HLM: A user-friendly guide. *Personal Relationships, 9*, 327–342.
- Campbell, L., Simpson, J. A., Kashy, D. A., & Rholes, W. S. (2001). Attachment orientations, dependence, and behavior in a stressful situation: An application of the Actor-Partner Interdependence Model. *Journal of Social and Personal Relationships, 18*(6), 821-843. doi: 10.1177/0265407501186005
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da *Adult Attachment Scale-R (AAS-R)* na população Portuguesa. *Psicologia, 20*(1), 155-186. Retrieved from <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a08.pdf>
- Capellá, A. (2003). *Sexualidades humanas, amor e loucura*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carpenter, L. M., Nathanson, C. A., & Kim, Y. J. (2009). Physical women, emotional men: Gender and sexual satisfaction in midlife. *Archives of Sexual Behavior, 38*(1), 87–107. DOI 10.1007/s10508-007-9215-y
- Carrillo, S. (1999). Mary Salter Ainsworth (1913-1999). *Revista Latinoamericana de Psicología, 31*(2), 383-386. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/805/80531211.pdf>
- Carrobbles, J. A., & Sanz, A. (1991). *Terapia Sexual*. Madrid: Fundación Universidad Empresa.
- Carvalho, A., & Leal, I. (2008). Os determinantes da satisfação sexual feminina: Um estudo português. *Revista Internacional de Andrologia, 6*(1), p. 3-7. DOI: 10.1016/S1698-031X(08)72559-7
- Carvalho, B., Pereira, H., & Tapadinhas, A. (2012). *A importância do peso corporal no bem-estar psicoemocional e na satisfação e comunicação sexual*. [Dissertação de Mestrado]

- em Psicologia Clínica e da Saúde]. Covilhã: Universidade da Beira Interior – Ciências Sociais e Humanas.
- Carver, C. S. (1997). Adult attachment and personality: Converging evidence and a new measure. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(8), 865-883. Retrieved from http://www.psy.miami.edu/faculty/ccarver/documents/p97_attachmt.pdf
- Cassidy, J. (2000). Adult Romantic Attachments: A Developmental Perspective on Individual Differences. *Review of General Psychology*, 4(2), 111-131.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3, 121-155. Retrieved from <http://lifespanlearn.org/documents/Cassidy-truthliesandintimacy.pdf>
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's tie. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 3-22). New York: The Guilford Press.
- Cassidy, J., & Berlin, L. (1994). The insecure/ambivalent pattern of attachment: Theory and research. *Child Development*, 65, 971-981.
- Casullo, M. M., & Liporace, M. F. (2004). Evaluación de los estilos de apego en adultos. *Facultad de Psicología - UBA / Secretaría de Investigaciones / XII Anuario de Investigaciones*, 12, 183-192. Retrieved from www.scielo.org.ar/pdf/anuinv/v12/v12a18.pdf
- Catania, J. A., Gibson, D. R., Chitwood, D. D., & Coates, T. J. (1990). Methodological problems in AIDS behavioral research: Influences in measurement error and participation bias in studies of sexual behavior. *Psychological Bulletin*, 108, 339-362.
- Cavalcanti, A. L., Bagnoli, V. R., Fonseca, A. M., Fegies, L., & Pinotti, J. A. (2002). Sexualidade nas mulheres histerectomizadas. *Revista de Ginecologia e Obstetrícia*, 13(3), 171-184.
- Cavanaugh, J. C., & Blanchard-Fields, F. (2006). *Adult development and aging* (5th Edition). USA: Thomson Wadsworth. Retrieved from <https://books.google.pt/>
- Chivers, M. L. (2005). A brief review and discussion of sex differences in the specificity of sexual arousal. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(4), 377-390. DOI: 10.1080/14681990500238802

- Christopher, F. S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 999–1017. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2000.00999.x
- Cicchetti, D., Ganiban, J., & Barrett, D. (1991). Contributions from the study of high-risk populations to understanding the development of emotion regulation. In J. Garber, & K. A. Dodge (Eds.), *The development of emotion regulation and dysregulation* (pp. 15-48). New York: Cambridge University Press.
- Ciocca, G., Limoncin, E., Di Tommaso, S., Gravina, G. L., Di Sante, S., Carosa, E., Tullii, A., Marcozzi, A., Lenzi, A., & Jannini, E. A. (2013). Alexithymia and vaginismus: A preliminary correlation perspective. *International Journal of Impotence Research*, 25(3), 113–116. doi: 10.1038/ijir.2013.5
- Ciocca, G, Limoncin, E., Di Tommaso, S., Mollaioli, D., Gravina, G. L., Marcozzi, A., Tullii, A., Carosa, E., Di Sante, S., Gianfrilli, D., Lenzi, A., & Jannini, E. A. (2015). Attachment styles and sexual dysfunctions: A case-control study of female and male sexuality. *International Journal of Impotence Research*, 27(3), 81-85. Retrieved from <http://www.medscape.com/viewarticle/844703>
- Clymer, S., Ray, R., Trepper, T., & Pierce, K. (2006). The relationship among romantic attachment style, conflict resolution style and sexual satisfaction. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 5, 71-89.
- Código Civil (2010). *Código Civil: Atualizado até Lei n.º 103/2009 de 11 de Setembro*. Verbo Jurídico.
- Cohen, D. L., & Belsky, J. (2004). Avoidant romantic attachment and female orgasm: Testing an emotion-regulation hypothesis. *Attachment & Human Development*, 10(1), 1-10. DOI: 10.1080/14616730701868555
- Cohen, J., & Cohen, P. (1983). *Applied multiple regression/Correlation analysis for the behavioral sciences* (2nd Edition). Hillsdale: L. Erlbaum Associates.
- Coleman, E. (2006). The public health challenge. In World Health Organization (WHO), *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health*. Geneva: 28-31 January. Retrieved from http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf

- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*(4), 810–832.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support-seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*(6), 1053-1073. DOI: 10.1037//OO22-3514.78.6.1053
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In D. Mashek, & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp.163-188). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(4), 644-663. Retrieved from https://labs.psych.ucsb.edu/collins/nancy/UCSB_Close_Relationships_Lab/Publications_files/Collins%20and%20Read,%201990.pdf
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of adult attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.) *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5), (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley, Inc.
- Collins, W. A., & Sroufe, A. S. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Conradi, H. J., Gerlsma, C., van Duijn, M., & Jonge, P. (2006). Internal and external validity of the experiences in close relationships questionnaire in an american and two dutch samples. *European Journal of Psychiatric, 20*(4), 258-269. Retrieved from <http://www.rug.nl/research/portal/files/9848173/10-DuijnMvan-Internal-2006.pdf>
- Cook, W. (1998). Integrating models of interdependence with treatment evaluations in marital therapy research. *Journal of Family Psychology, 12*(4), 529-542.
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The Actor–Partner Interdependence Model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development, 29* (2), 101–109.
- Cooper, M. L., Pioli, M., Levitt, A., Talley, A., Micheas, L., & Collins, N. (2006). Attachment style, sex motives, and sexual behavior: Evidence for gender specific expressions of

- attachment dynamics. In M. Mikulincer, & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 243-274). New York: The Guilford Press.
- Costa, P. T., Terracciano, A., & McCrae, R. R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*(2), 322-331.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Creasey, G. & Ladd, A., (2005). Generalized and specific attachment representations: Unique and interactive roles in predicting conflict behaviors in close relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin, 31*, 1026-1038.
- Crittenden, P. M. (2002). Attachment, information processing, and psychiatric disorder. *World Psychiatry, 1*, 72–75. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1525137/>
- Crooks, R. & Baur, K. (2014). *Our Sexuality* (12th Edition). New York: Brooks/Cole Publishing Company.
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 599-635). New York: Guildford Press.
- Crowell, J. A., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development, 4*, 294-327.
- Crowell, J. A., Treboux, D., & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: The transition to marriage. *Developmental Psychology, 38* (4), 467-479. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/online_2/stability_final02.pdf
- Crowell, J. & Owens, G. (1998) *Manual for the current relationship interview and scoring system*. Version 4. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/cr_manual_4.pdf
- Cruz, J. F. A., Vilaça, M. T., Sousa, A. C., Gomes, A. R., Melo, B., Araújo, M. S., Dias, C. S., Freitas, M. C., & Ruivo, M. L. (1997). Prevenção do VIH e do SIDA nos adolescentes e jovens adultos: Investigação do conhecimento, atitudes e comportamento sexual. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 2*, 279-304.

Retrieved from

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5349/1/Cruz%2520et%2520al-SIDA-Revista-UM.pdf>

- Cupach, W. R., & Comstock, J. (1990). Satisfaction with sexual communication in marriage: Links to sexual satisfaction and dyadic adjustment. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*(2), 179–86.
- Cyranowski, J. M., Bromberger, J., Youk, A., Matthews, K., Kravitz, H., & Powell, L. (2004). Lifetime depression history and sexual function in women at midlife. *Archives of Sexual Behavior, 33*(6), 539–548.
- Darling, C. A., & Davidson, J. K. (1986). Enhancing relationships: Understanding the feminine mystique of pretending orgasm. *Journal of Sex & Marital Therapy, 12*(3), 182-196.
- Darling, C. A., Davidson, J. K., & Cox, R. P. (1991a). Female sexual response and the timing of partner orgasm. *Journal of Sex & Marital Therapy, 17*(1), 3-21.
- Darling, C. A., Davidson, J. K., & Jennings, D. A. (1991b). The female sexual response revisited: Understanding the multi-orgasmic experience in women. *Archives of Sexual Behavior, 20*(6), 527-540.
- Davidson, J., Darling, C., & Norton, L. (1995). Religiosity and the sexuality of women: Sexual behaviour and sexual satisfaction revisited. *The Journal of Sex Research, 32*(3), 235-243.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up. *Personality and Social Psychology Bulletin, 29*, 871-884. DOI: 10.1177/0146167203029007006
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personal Social Psychology Bulletin, 30*, 1076-1090.
- Davis, D, Shaver, P. R., Widaman, K. F., Vernon, M. L., Follette, W. C., & Beitz, K. (2006). “I can’t get no satisfaction”: Insecure attachment, inhibited sexual communication, and sexual dissatisfaction. *Personal Relationships, 13*, 465-483.
- Davis, C. M., Yarber, W. H., Bauserman, R., Scheer, G., & Davis, S. L. (1998). *Handbook of sexuality-related measures* (2nd Edition). USA: Sage Publications.

- Dragisic, K. G., & Milad, M. P. (2004). Sexual functioning and patient expectations of sexual functioning after hysterectomy. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, *190*(4), 1416-1418.
- DeLamater, J., & Hyde, J. (2004). Conceptual and theoretical issues in studying sexuality in close relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher, (Eds.), *The Handbook of Sexuality in Close Relationships* (pp. 7-30), New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dewitte, M. (2012). Different perspectives on the sex-attachment Link: Towards an emotion-motivational account. *Journal of Sex Research*, *49*(2-3), 105-124. DOI: 10.1080/00224499.2011.576351
- Del Giudice M. (2009). Human reproductive strategies: Na emerging synthesis? *Behavioral and Brain Sciences*, *32*, 45-67. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0140525X09000272>
- Del Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-Analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *37*(2), 193-214.
- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological Review*, *110*(1), 173-192. DOI: 10.1037/0033-295X.110.1.173
- Dias, P., Soares, I., & Freire, T. (2004). Percepção do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: Construção de uma escala para professores. *Revista Portuguesa de Educação*, *17*(1), 191-207. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417109>
- Doumas, D., Pearson, C., Elgin, J., & McKinley, L. (2008). Adult attachment as a risk factor for intimate partner violence: The “mispairing” of partners’ attachment styles. *Journal of Interpersonal Violence*, *23*(5), 616-634. DOI: 10.1177/0886260507313526
- Downey, R. G., & King, C. V. (1998). Missing data in likert ratings: A comparison of replacement methods. *The Journal of General Psychology*, *125*(2), 175-191.
- Draba, R. E. (1977). The identification and interpretation of item bias. *MESA Memorando*, *25*, 1-6.
- Eagle, M. (2007). Attachment and sexuality. In D. Diamond, S. J. Blatt & J. D. Lichtenberg (Eds.), *Attachment & sexuality* (pp. 27-50). New York: Taylor & Francis Group.

- Edelstein, R. S., & Shaver, P. R. (2004). Avoidant attachment: Exploration of an oxymoron. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 397-412). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Erol, B., Tefekli, A., Ozbey, I., Salman, F., Dincag, N., Kadioglu, A., & Tellaloglu S. (2002). Sexual dysfunction in type II diabetic females: A comparative study. *Journal of Sexual & Marital Therapy, 28 Suppl 1*, 55-62.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento* (pp. 121-158). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Farré et al. (1997). *Enciclopédia da sexualidade* (Vol. IV). Lisboa: Oceano Liarte.
- Feeney, J. A. (2002). Attachment, marital interaction, and relationship satisfaction: A diary study. *Personal Relationships, 9*, 39-55. doi:10.1111/1475-6811.00003
- Feeney, J. A. (2004). Hurt feelings in couple relationships: Towards integrative models of the negative effects of hurtful events. *Journal of Social and Personal Relationships, 21(4)*, 487-508. doi: 10.1177/0265407504044844
- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment: Developments in the study of couples relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 456-481). New York: The Guilford Press.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 80(6)*, 972-994.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2004). Interpersonal safe haven and secure base caregiving processes in adulthood. In W. S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 300-338). New York: The Guilford Press.
- Feeney, J. A., Kelley, L., Gallois, C., Peterson, C., & Terry, D. J. (1999). Attachment style, assertive communication, and safer-sex behavior. *Journal of Applied Social Psychology, 29*, 1964-1983. Retrieved from https://espace.library.uq.edu.au/view/UQ:36080/UQ_AV_36080.pdf
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 58(2)*, 281-291.

- Feeney, J. A., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (2004). Attachment and sexuality in close relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 183-201). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Feeney, J. A., Noller, P., & Callan, V. J. (1994b). Attachment style, communication and satisfaction in the early years of marriage. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5), (pp. 269–308). London: Jessica Kingsley.
- Feeney, J. A., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994a). Assessing adult attachment. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 128-152). New York: Guilford Press.
- Feeney, J. A., Peterson, C., Gallois, C., & Terry, D. J. (2000). Attachment style as a predictor of sexual attitudes and behavior in late adolescence. *Psychology and Health, 14*, 1105-1112. doi: 10.1080/08870440008407370.
- Feeney, J. A., & Raphael, B. (1992). Adult attachments and sexuality: Implications for understanding risk behaviours for HIV infection. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 26*(3), 399-407.
- Ferreira, F., & Pinho, P. (2010). *Psicanálise e teoria da vinculação*. Retrieved from www.psicologia.com.pt
- Ferreira, P. P. L. A. (2000). *Violência nos videogames e a agressividade: Estudo exploratório da associação entre jogar videogames violentos e a agressividade em adolescentes*. [Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica]. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Field, A. P. (2005). *Discovering statistics using SPSS* (2nd Edition). London: Sage.
- Field, T. (1996). Attachment and separation in young children. *Annual Review of Psychology, 47*, 541-561. Retrieved from http://www.epi.msu.edu/janthony/requests/articles/Field_Attachment%20and%20Separation.pdf
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2010). Marriage in the new millennium: A decade in review. *Journal of Marriage & Family, 72*(3), 630-649.
- Fisher, D. V. (1984). A conceptual analysis of self-disclosure. *Journal for the Theory of Social Behavior, 14*(3), 277-296.

- Fisher, H. E. (1998). Lust, attraction and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature*, 9, 23-52. Retrieved from <http://www.helenfisher.com/downloads/articles/10lustattraction.pdf>
- Fisher, J. D., & Fisher, W. A. (1992). Changing AIDS-risk behavior. *Psychological Bulletin*, 111(3), 455-474. Retrieved from http://digitalcommons.uconn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=chip_do_cs
- Fisher, T. D., Davis, C. M., Yarber, W. L., & Davis, S. L. (2011). *Handbook of sexuality-related measures* (3rd Edition). New York: Taylor & Francis.
- Fonseca, M., Martins, C., Soares, I., Tereno, S., & Carvalho, A. (2006). *Reciprocal attachment questionnaire de West, Sheldon, & Reiffer (1987): Resultados de um estudo de adaptação para Portugal*. Poster apresentado en la XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga, Portugal.
- Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, 20(1), 187-208.
- Fossati, A., Feeney, J.A., Donati, D., Donini, M., Novella, L., Bagnato, M., Acquarini, E., & Maffei, C. (2003). On the dimensionality of the Attachment Style Questionnaire in Italian Clinical and Nonclinical Participants. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(1), 55-79. DOI: 10.1177/0265407503020001187
- Foucault, M. (2003). *Histoire de la sexualité I: La Volonté de savoir* [História da sexualidade I: A vontade de saber] (15^a Edición) (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). São Paulo: Edições Graal (Obra Original publicada em 1976).
- Fraley, R. C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, 6(2), 123–151. Retrieved from <http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/danfords2002/documents/fraley2.pdf>
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1998). Airport separations: A naturalistic study of adult attachment dynamics in separating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(5), 1198–1212.
- Fraley, R. C., Waller, N. G., & Brennan, K.A. (2000). An item response theory analysis of self-report measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 350-365.

- Frank, E., Anderson, C., & Rubinstein, D. (1979). Marital role strain and sexual satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 47*(6), 1096-1103.
- Freeman, H., & Bradford B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 30*(6), 653 –674. Retrieved from <http://website.education.wisc.edu/prsg/wp-content/uploads/2014/07/Freeman-Brown-2001-Primary-attach.pdf>
- Fritz, M. S., & MacKinnon, D. P. (2007). Required sample size to detect the mediated effect. *Psychological Science, 18*(3), 233.239. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2843527/>
- Frohlich, P., & Meston, C. (2002). Sexual functioning and self-reported depressive symptoms among college women. *Journal of Sex Research, 39*, 321-325.
- Fuertes, A., & López, F. (1997). *Aproximación al estudio de la sexualidad*. Salamanca: Amarú.
- Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2002). *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Retrieved from http://www.ifl.pt/ifl_old/dfmp_files/seguranca.pdf
- Furman, C., & Simon, V. A. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 75-98). New York: Cambridge University Press.
- Furman, C., & Simon, V.A. (2006). Actor and partner effects of adolescents' romantic working models and styles on interactions with romantic partners. *Child Development, 77*(3), 588-604.
- Gagnon, J. H., Giami, A., Michaels, S., & de Colomby, R. (2001). A comparative study of the couple in the social organization of sexuality in France and the United States. *Journal of Sex Research, 38*(1), 24-34.
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: The sexual sources of human sexuality*. Chicago: Aldine.
- Garbarino, J. J. (1998). Comparisons of the constructs and psychometric properties of selected measures of adult attachment. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development, 31*(1), 28-46.
- Garza-Mercer, F. (2006). The evolution of sexual pleasure. En M. R. Kauth (Ed.), *Handbook of the evolution of human sexuality* (pp.107-124). New York: The Haworth Press.

- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *The Adult Attachment Interview*. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/aai_interview.pdf
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 833-856). New York: The Guilford Press.
- Gentzler, A. L., & Kerns, K. A. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal Relationships, 11*, 249–265.
- Gil, S. (2007). Body image, well-being and sexual satisfaction: A comparison between heterosexual and gay man. *Sexual and Relationship Therapy, 22*(2), 1468-1749. DOI: 10.1080/14681990600855042
- Gillath, O., & Schachner, D. A. (2006). What is adult attachment? In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 337-355). New York: The Guilford Press.
- Gleitman, H. (1986). *Psicologia* (2^a Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldberg, S., (1995). Introduction. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds), *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives* (pp. 1-19). Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Goodwin, C. J. (2002). *Research in psychology: Methods and Design* (3rd Edition). USA: John Wiley & Sons.
- Gossmann, I., Juliene, D., Mathieu, M., & Chartrand, E. (2003). Determinants of sex initiation frequencies and sexual satisfaction in long-term couples' relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality, 12*(3-4), 169–181.
- Greene, K., & Faulkner, S. L. (2005). Gender, belief in the sexual double standard, and sexual talk in heterosexual dating relationships. *Sex Roles, 53*(3-4), 239–251. Retrieved from http://www.researchgate.net/publication/227294654_Gender_Belief_in_the_Sexual_Double_Standard_and_Sexual_Talk_in_Heterosexual_Dating_Relationships
- Greenfield, S., & Thelen, M. (1997). Validation of the fear intimacy scale with a lesbian and gay male population. *Journal of Personal and Social Relationships, 14*(5), 707-716. doi: 10.1177/0265407597145007

- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994a). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67 (3), 430-445.
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994b). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5), (pp. 17–52). London: Jessica Kingsley.
- Guerrero, L. K., Andersen, P. A., & Afifi, W. A. (2014a). Conceptualizing relational communication: Definitions and principles. In L.K.Guerrero, P.A. Andersen, & W.A. Afifi (Eds.), *Close encounters: Communication in relationships* (4th Edition), (pp. 1-24). San Diego: Sage Publications.
- Guerrero, L. K., Andersen, P. A., & Afifi, W. A. (2014b). Communicating sexually. In L.K.Guerrero, P.A. Andersen, & W.A. Afifi (Eds.), *Close encounters: Communication in relationships* (4th Edition), (pp. 216-241). San Diego: Sage Publications.
- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>
- Guzman, B. L., Schlehofer-Sutton, M. M., Villanueva, C. M., Dello Stritto, M. E., Casad, B. J., & Feria, A. (2003). Let's talk about sex: How comfortable discussions about sex impact teen sexual behavior. *Journal of Health Communication*, 8, 583-598.
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-419.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis* (7th Edition). Upper Sadle River: Prentice Hall.
- Haning, R., O'Keefe, S., Randall, E., Kommor, M., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(2), 93–113. DOI:10.1080/00926230601098449
- Harlow, H. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 673-685. Retrieved from <http://psychclassics.yorku.ca/Harlow/love.htm>

- Harlow, H. F., & Zimmermann, R. R. (1959). Affectional responses in the infant monkey. *Science*, *130*(3373), 421–432. Retrieved from <http://nurturedbydesign.com/en/blog/wp-content/uploads/2015/04/Harlows-Monkey.pdf>
- Harter, S., Alexander, P. C., & Neimeyer, R. A. (1988). Long-term effects of incestuous child abuse in college women: Social adjustment, social cognition, and family characteristics. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *56*, 5-8.
- Harvey, J., Wenzel, A., & Sprecher, S. (2004). Why a handbook on sexuality in close relationships is warranted. In J. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 3-6). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hatfield, E., Brinton, C., & Cornelius, J. (1989). Passionate love and anxiety in young adolescents. *Motivation and Emotion*, *13*(4), 271-289. Retrieved from <http://www2.hawaii.edu/~elaine/80.pdf>
- Hatzichristou, D., Rosen, R.C., Broderick, G., Clayton, A., Cuzin, B., Derogatis, L., Litwin, M., Meuleman, E., O’Leary, M., Quirk, F., Sadovsky, R., & Seftel, A. (2004). Clinical evaluation and management strategy for sexual dysfunction in men and women. *Journal of Sexual Medicine*, *1*(1), 49-57.
- Hayes, A. F. (2009). Beyond Baron and Kenny: Statistical mediation analysis in the new millennium. *Communication Monographs*, *76*(4), 408-420. DOI: 10.1080/03637750903310360
- Hayes, A. F., & Preacher, K. J. (2010). Quantifying and testing indirect effects in simple mediation models when the constituent paths are nonlinear. *Multivariate Behavioral Research*, *45*, 627-660. DOI: 10.1080/00273171.2010.498290
- Hazan, C., Campa, M., & Gur-Yaish, N. (2006). What is adult attachment? In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 47-70). New York: The Guilford Press.
- Hazan, C., & Diamond, L. M. (2000). The place of attachment in human mating. *Review of General Psychology*, *4*(2), 186-204. DOI: 10.1037//1089-2680.4.2.186
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524. Retrieved from <http://www2.psych.ubc.ca/~schaller/Psyc591Readings/HazanShaver1987.pdf>

- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, *59*(2), 270-280. Retrieved from http://www.researchgate.net/profile/Phillip_Shaver/publication/247434449_Love_and_Work_An_Attachment-Theoretical_Perspective/links/0a85e5310e1af6b24b000000.pdf
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, *5*(1), 1-22. Retrieved from http://www.psy.miami.edu/faculty/dmessenger/c_c/rsrscs/rdgs/attach/hazanandshaver.pdf
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5), (pp. 151–178). London: Jessica Kingsley.
- Heffernan, M. E., Fraley, R. C., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2012). Attachment features and functions in adult romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, *29*(5), 671-693. DOI: 10.1177/0265407512443435
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C. (2011). Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five countries. *Archives of Sexual Behavior*, *40*, 741–753. DOI 10.1007/s10508-010-9703-3
- Heiman, J.R., & LoPiccolo, J. (2001). *Becoming orgasmic: A sexual and personal growth programme for women*. London: Piatkus (Obra original publicada em 1988).
- Hendrick, S. S. (1981). Self-disclosure and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, *40*(6), 1150-1159.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1989). Research on love: does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*(5), 784-794. DOI: 10.1037/0022-3514.56.5.784
- Henseler, J., & Sarstedt, M. (2013). Goodness-of-fit indices for partial least squares path modeling. *Computational Statistics*, *28*(2), 565–580. DOI 10.1007/s00180-012-0317-1
- Hesse, E. (2008). The adult attachment interview: Protocol, method of analysis, and empirical studies. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory,*

- research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 552-598). New York: The Guilford Press.
- Hill, C. A., & Preston, L. K. (1996). Individual differences in the experience of sexual motivation: Theory and measurement of dispositional sexual motives. *Journal of Sex Research, 33*(1), 27–45. DOI: 10.1080/00224499609551812
- Hill, M. M., & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hill, C. T., & Stull, D. E. (1982). Disclosure reciprocity: Conceptual and measurement issues. *Social Psychology Quarterly, 45*(4), 238-244.
- Hite, S. (1980). *The Hite report: A nationwide study of female sexuality* [Relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina] (2^a Edição) (A.C. César, Trad.). Lisboa: Livraria Bertrand (Obra original publicada em 1976).
- Hite, S. (2002). *Teorías sobre la sexualidad humana: El orgasmo femenino* (M.R. Tapia, Trad.). Barcelona: Liberdúplex (Obra original publicada em 2002).
- Holmberg, D., & Blair, K. L. (2009). Sexual desire, communication, satisfaction, and preferences of men and women in same-sex versus mixed-sex relationships. *Journal of Sex Research, 46*(1), 57–66. doi: 10.1080/00224490802645294.
- Holmes, J. (1996). *Attachment, intimacy and autonomy: Using attachment theory in adult psychotherapy*. Northdale: Jasen Aronson. Retrieved from <https://books.google.pt>
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M.R. (2008). *Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit*. Dublin Institute of Technology. Retrieved from <http://arrow.dit.ie/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=buschmanart>
- Hordern, A. (2000). Intimacy and sexuality for the woman with breast cancer. *Cancer Nursing, 23*(3), 230-236.
- Hsiu-Chen, Y., Lorenz, F. O., Wickrama, K. A. S., Conger, R. D., & Elder, G. H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality, and marital instability at midlife. *Journal of Family Psychology, 20*(2), 339-343. DOI: 10.1037/0893-3200.20.2.339
- House, J. S., Landis, K. R., & Umberson, D. (1988). Social relationships and health. *Science, 241*(4865), 540-545. Retrieved from <http://www.fundacion-salto.org/documentos/Social%20relationships-Health,%20Science,%201988.pdf>
- Hu, L., & Bentler, P.M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparameterized model misspecification. *Psychological Methods, 3*(4), 424-453.

- Hudson, W. W., Harrison, D. F., & Crosscup, P. C. (1981). A short-form scale to measure sexual discord in dyadic relationships. *The Journal of Sex Research, 17*(2), 157-174.
- Huelva, D. C., & Chaves, R. A. (2002). Estudio de la —deseabilidad socialll en una investigación mediante encuestas a empresarios andaluces. *Metodología de Encuestas, 4*(2), 211-225.
- Hurlbert, D.F. (1991). The role of assertiveness in female sexuality: a comparative study between sexually assertive and sexually non-assertive women. *Journal of Sex & Marital Therapy, 17*(3), 183-190.
- Hurlbert, D. F., & Apt, C. (1994). Female sexual desire, response and behavior. *Behavior Modification, 18*(4), 488–504.
- Hurlbert, D. F., Apt, C., & Rabehl, S. M. (1993). Key variables to understanding female sexual satisfaction: An examination of women in nondistressed marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy, 19*, 154-165.
- Hyde, J. S. (2005). The gender similarities hypothesis. *American Psychologist, 60*(6), 581-592.
- Impett, E. A., & Peplau, L. A. (2002). Why some women consent to unwanted sex with a dating partner: Insights from attachment theory. *Psychology of Women Quarterly, 26*, 360-370.
- Impett, E., & Tolman, D. (2006). Late adolescent girls' sexual experiences and sexual satisfaction. *Journal of Adolescent Research, 21*(6), 628–646.
- Jackson, J. J., & Kirkpatrick, L. A. (2007). The structure and measurement of human mating strategies: Towards a multidimensional model of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior, 28*, 382-391. doi:10.1016/j.evolhumbehav.2007.04.005
- Jang, S. A., Smith, S. W., & Levine, T. R. (2002) To stay or to leave? The role of attachment styles in communication patterns and potential termination of romantic relationships following discovery of deception. *Communication Monographs, 69*, 236-252.
- Jerome, E. M., & Liss, M. (2005). Relationships between sensory processing style, adult attachment, and coping. *Personality and Individual Differences, 38*(6), 1341-1352. doi:10.1016/j.paid.2004.08.016

- Jongenelen, I., Soares, I., Grossmann, K., & Martins, C. (2006). Vinculação em mães adolescentes e seus bebês. *Psicologia, 20(1)*, 11-36. Retrieved from <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a02.pdf>
- Johnson, S. M. (2003). Introduction to attachment: A therapist guide to primary relationships and their renewal. In S. M. Johnson, & V. A. Whiffen (Eds.), *Attachment processes in couple and family therapy* (pp. 3-17). New York, USA: The Guilford Press.
- Kalichman, S. C., Sarwer, D. B., Johnson, J. R., Ali, S. A., Early, J., & Tuten, J. T. (1993). Sexually coercive behavior and love styles: A replication and extension. *Journal of Psychology and Human Sexuality, 6*, 93–106.
- Kaplan, H. S. (1983). *The evaluation of sexual disorders: Psychological and medical aspects*. New York: Brunner/Mazel Publishers.
- Kaplan, H. S. (1974). *The new sex therapy: Active treatment of sexual dysfunction*. New York: Brunner/Mazel.
- Karen, R. (1998). *Becoming attached: First relationships and how they shape our capacity to love*. Oxford: Oxford University Press.
- Kashy, D. A., & Kenny, D. A. (2000). The analysis of data from dyads and groups. In H.T.Reis & C.M.Judd (Eds.), *Handbook of research method in social psychology* (1st Edition), (pp. 451-477). New York: Cambridge Univesrsity Press.
- Kauth, M. R. (2006). The evolution of human sexuality: An introduction. En M. L. Kauth (Ed.), *Handbook of the evolution of human sexuality* (pp. 1-22). New York: The Haworth Press.
- Kenny, D. A. (1996). Models of non-independence in dyadic research. *Journal of Social and Personal Relationships, 13(2)*, 279–294. doi: 10.1177/0265407596132007
- Kenny, D. A. (2014). *Dyadic analysis*. Retrieved from <http://davidakenny.net/dyad.htm>
- Kenny, D. A., Kashy, D., & Bolger, N. (1998). Data analysis in social psychology. In D. Gilbert, S. Fiske, and G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (4th ed.), (pp. 233-265). New York: McGraw-Hill. Retrieved from http://www.columbia.edu/~nb2229/docs/KennyKashyBolger1998-Data_analysis.pdf
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York: The Guilford Press.

- Kenny, D. A., Mannetti, L., Pierro, A., Livi, S., & Kashy, D.A. (2002). The statistical analysis of data from small groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(1), 126–137. DOI: 10.1037//0022-3514.83.1.126
- Kiecolt-Glaser, J. K., Bane, C., Glaser, R., & Marlakei, W. B. (2003). Love, marriage, and divorce: Newlywed's stress hormones foreshadow relationship changes. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 176-188. DOI: 10.1037/0022-006X.71.1.176
- Kiecolt-Glaser, J. K., Malarkey, W. B., Chee, M., Newton, T., Cacioppo, J. T., Mao, H., & Glaser, R. (1993). Negative behavior during marital conflict is associated with immunological down-regulation. *Psychosomatic Medicine*, 55(5), 395-409.
- Kiecolt-Glaser, J. K., & Newton, T. L. (2001). Marriage and health: His and hers. *Psychological Bulletin*, 127(4), 472-503. Retrieved from [https://interferon.osumc.edu/KG%20Publications%20\(pdf\)/142.pdf](https://interferon.osumc.edu/KG%20Publications%20(pdf)/142.pdf)
- Kiecolt-Glaser, J. K., Newton, T., Cacioppo, J. T., MacCullum, R. C., Glaser, R., & Malarkey, W. B. (1996). Marital conflict and endocrine function: Are men really more physiologically affected than women? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(2), 324-332.
- Kim, D. H., Lee, Y. S., & Lee, E. S. (2003). Alteration of sexual function after classic intrafascial supracervical hysterectomy and total hysterectomy. *Journal of the American Association of Gynecologic Laparoscopists*, 10(1), 60-64.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1970a). *Sexual behavior in the human male*, [O comportamento sexual do homem], (A. C. Lage & P. D. Miranda, Trans.). Lisboa: Editora Meridiano (Obra original publicada em 1948).
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1970b). *Sexual behavior in the human female*, [O comportamento sexual da mulher], (A. C. Lage & P. D. Miranda, Trans.). Lisboa: Editora Meridiano (Obra original publicada em 1953).
- Kirkpatrick, L. A. & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 502-512. doi:10.1037/0022-3514.66.3.502
- Kline, R. B. (2005). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (2nd Edition ed.). New York: The Guilford Press.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modelling* (3rd ed.). New York: The Guildford Press.

- Kobak, R. R., & Duemmler, S. (1994). Attachment and conversation: Toward a discourse analysis of adolescent and adult security. In K. Bartholomew, & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5) (pp. 121-149). London: Jessica Kingsley Publisher.
- Kobak, R., & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*(6), 861-869.
- Kobak, R., Little, M., Race, E., & Acosta, M. (2001). Attachment disruptions in seriously emotionally disturbed children: Implications for treatment. *Attachment and Human Development*, *3*(3), 243-258. DOI: 10.1080/14616730110096861
- Kobak, R., & Madsen, S. (2008). Disruptions in attachment bonds: Implications for theory, research and clinical intervention. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. (2nd Edition), (pp.23-47). New York: Guilford Press.
- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, *59*, 135-146.
- Komisaruk, B. R., Beyer-Flores, C., & Whipple, B. (2006). *The science of orgasm*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- Kotler, T. (1985). Security and autonomy within marriage. *Human Relations*, *38*, 299-321.
- Kraft-Ebing, R. (1965). *Psychopatia Sexualis*. New York: Bell.
- Krapp, K. (2005). Mary D. Salter Ainsworth. In K. Krapp (Ed.), *Psychologists and their theories for students* (Vol. I) (pp. 1-14). Farmington Hills, USA: Thomson Gale.
- Kresin, D. (1993). Medical aspects of inhibited sexual desire disorders. In W. O'Donohue & J. H. Geer (Eds.), *Handbook of sexual dysfunctions: Assessment and treatment*. Boston: Allyn and Bacon.
- Kunce, L. J., & Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships: Attachment processes in adulthood* (Vol. 5), (pp. 205-237). London: Kingsley.
- Lafontaine, M. F., & Lussier, Y. (2003). Structure bidimensionnelle de l'attachement amoureux: Anxiété face à l'abandon et évitement de l'intimité. *Canadian Journal of Behavioural Science*, *35*(1), 56-60.

- La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfilment, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*(3), 367-384. DOI: 10.1037//0022-3514.79.3367
- Lantéri-Laura, G. (1994). *Lecture des perversions: Histoire de leur appropriation médicale*. [Leitura das perversões: História de sua apropriação médica]. (V. Ribeiro Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1979).
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Laursen, B. (2005). Dyadic and group perspectives on close relationships. *International Journal of Behavioral Development, 29* (2), 97–100. DOI: 10.1080/01650250444000450
- Lawrance, K., & Byers, E. S. (1992). Development of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction in long term relationships. *The Canadian Journal of Human Sexuality, 1*, 123-28.
- Lawrance, K., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Personal Relationships, 2*, 267-285.
- Ledermann, T., & Macho, S. (2009). Mediation in dyadic dData at the level of the dyads: A Structural equation modeling approach. *Journal of Family Psychology, 23*(5), 661–670. DOI: 10.1037/a0016197
- Ledermann, T., Macho, S., & Kenny, D. A. (2011). Assessing mediation in dyadic data using the actor-partner interdependence model. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal, 18*(4), 595-612.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg, & M. Barnes (Eds.), *The Psychology of Love* (pp. 38-67). New Haven: Yale University Press.
- Levine, S. (1991). Psychological Intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy, 17*(4), 259-267.
- Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representations. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*(2), 407-419.

Retrieved from <http://levylab.psych.psu.edu/publications/1998/attachment-styles-and-parental-representations>

- Levy, K. N., & Kelly, K. M. (2010). Sex differences in jealousy: A contribution from attachment theory. *Psychological Science, 21*(2), 168-173. DOI: 10.1177/0956797609357708
- Levy, M. B., & Davis, K. E. (1988). Love styles and attachment styles compared: Their relations to each other and to various relationship characteristics. *Journal of Social and Personal Relations, 5*, 439- 471. doi: 10.1177/0265407588054004
- Limke, A., Showers, C. J., & Zeigler-Hill, V. (2010). Emotional and sexual maltreatment: Anxious attachment mediates psychological adjustment. *Journal of Social and Clinical Psychology, 29*(3), 347-367.
- Linacre, J. M. (2002a). What do infit and outfit, mean-square and standardized mean? *Rasch Measurement Transactions, 16*(2), 878.
- Linacre, J. M. (2002b). Optimizing Rating Scale Category Effectiveness. *Journal of Applied Measurement, 3*, 85-106.
- Linacre, J. M. (2011). *Winsteps® (Version 3.71.0) [Computer Software]*. Beaverton, Oregon: Winsteps.com. Retrieved from <http://www.winsteps.com>.
- Logan, T. K., Cole, J., & Leukefeld, C. (2002). Women, sex, and HIV: Social and contextual factors, meta-analysis of published interventions, and implications for practice and research. *Psychological Bulletin, 128*(6), 851-885. DOI: 10.1037//0033-2909.128.6.851
- López, F. (1999). Evolución del apego desde la adolescencia hasta la muerte. In F. López, I. Etxebarria, M.J. Fuentes, & M.J. Ortiz (Eds), *Desarrollo afectivo y social* (1ª Edición), (pp.41-66). Madrid: Pirámide.
- López, F. (2003). Apego y relaciones amorosas. *Información Psicológica, 82*, 36-48.
- López, F. (2005). *La educación Sexual*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- López, F. (2009). *Amores y desamores: Procesos de vinculación y desvinculación sexuales y afectivos*, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Lopez, F. G., & Brennan, K. A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: Toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology, 47*(3), 283-300.

- Lorenz, K. (1937). *The companion in the bird's world*. *The Auk*, 54(3), 245-273. Retrieved from <http://elibrary.unm.edu/sora/Auk/v054n03/p0245-p0273.pdf>
- Lourenço, M. (2002). Afectos, sexualidade e desenvolvimento humano. *Revista Saúde Mental*, 4, 20-28.
- Low, B. S. (2000). *Why sex matters*. Princeton: Princeton University Press.
- Lowenstein, L., Yarnitsky, D., Gruenwald, I., Deutsch, M., Sprecher, E., Gedalia, U., & Vardi, Y. (2005). Does hysterectomy affect genital sensation? *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 119(2), 242-245.
- Lowyck, B., Luyten, P., Demyttenaere, K., & Corveleyn, J. (2007). Efectos de los modelos operativos internos (MOI) generales y específicos en la satisfacción de la relación de pareja: Un estudio prospectivo. *Persona*, 10, 13-27. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=147112813002>
- Loyola, M. A. (2003). Sexualidade e medicina: A revolução do século XX. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 875-899. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n4/16839b>
- Lyddon, W. J., Bradford, E., & Nelson, J. P. (1993). Assessing adolescent and adult attachment: A review of current self-report measures. *Journal of Counseling and Development*, 71(4), 390-395.
- Machado, G., Soares, I., & Silva, C. (1996). Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade da relação actual pais-adolescentes. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Org.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, IV vol. Braga: APPORT.
- MacKinnon, D. P., Fairchild, A. J., & Fritz, M. S. (2007). Mediation analysis. *Annual Review of Psychology*, 58, 593-614. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2819368/>
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, 7(1), 83-104. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2819363/>
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate*

- Behavioral Research*, 39(1), 99–128. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2821115/>
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (1997). The relationships between sexual problems, communication and sexual satisfaction. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 6(4), 277–283.
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2005). Dyadic assessment of sexual self-disclosure and sexual satisfaction in heterosexual dating couples. *Journal of Social & Personal Relationships*, 22(2), 169-181.
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2009). Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *Journal of Sex Research*, 46(1), 1–12.
- Madueño, C. (2004). *El sexólogo en casa*. Madrid: Libsa.
- Maestriperi, D., & Roney, J. R. (2006). Evolutionary developmental psychology: Contributions from comparative research with nonhuman primates. *Developmental Review*, 26, 120-137.
- Mah, K., & Binik, Y. M. (2001). The nature of human orgasms: A critical review of major trends. *Clinical Psychology Review*, 21(6), 823-856. Retrieved from <http://www.gfactorconsulting.com/Downloads/Ejaculation/Ejaculation%20VII.pdf>
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Pinto, A. (2014). Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceptual? *Análise Psicológica*, 3(XXXII), 279-288. doi: 10.14417/ap.853
- Main, M. (1999). Mary D. Salter Ainsworth: Tribute and portrait. *Psychoanalytic Inquiry*, 19(5), 682-736. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda_bio_mm.pdf
- Main, M., Hesse, E., & Kaplan, N. (2008). Predictability of attachment behavior and representational processes at 1, 6, and 19 years of age: The Berkely longitudinal study. In K. E. Groosman, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. . [Previsibilidade do comportamento de apego e processos representacionais com 1, 6 e 19 anos de idade. In *Apego da infância à idade adulta: Os principais estudos longitudinais*] (pp. 234-293), (R. C. de Andrade, Trad.). São Paulo, Brasil: Roca. (Obra original publicada em 2005).

- Main, M., Kaplan, K., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. Monographs of the Society for Research. *Child Development*, 50(1-2), 66-104. DOI: 10.2307/3333827
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure disorganized/disoriented attachment pattern: Procedures, findings and implications for the classification of behavior. In T. Brazelton, & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95–124). New Jersey: Norwood. Retrieved from <https://books.google.pt>
- Malatesta, V. J., Polack, R. H., Crotty, T. D., & Peacock, L. J. (1982). Acute alcohol intoxication and female orgasmic response. *Journal of Sex Research*, 18, 1-17.
- Mallinckrodt, B., & Wang, C. C. (2004). Quantitative methods for verifying semantic equivalence of translated research instruments: A Chinese version of the Experiences in Close Relationships scale. *Journal of Counseling Psychology*, 51(3), 368-379. DOI: 10.1037/0022-0167.51.3.368
- Marazziti, D., Consoli, G., Albanese, F., Laquidara, E., Baroni, S., & Dell’Osso, M. C. (2010). Romantic Attachment and Subtypes/Dimensions of Jealousy. *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 6, 53-58.
- Marganska, A., Gallagher, M., Miranda, R. (2013). Adult attachment, emotion dysregulation, and symptoms of depression and generalized anxiety disorder. *American Journal of Orthopsychiatry*, 83(1), 131–141. DOI: 10.1111/ajop.12001
- Margolese, H., & Assalian, P. (1996). Sexual side effects of antidepressants: A review. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 22, 209-217.
- Marôco, J. (2010a). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marôco, J. (2010b). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Martins, C., Soares, I., & GEV (2007). Contributos metodológicos para a investigação em vinculação: Métodos e instrumentos de avaliação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento* (pp. 241-286). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1981). *Human sexual response*. [Respuesta sexual humana]. Bilbao: Intermédica. (Obra original publicada en 1966).
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1985). *Homosexuality in perspective*. England: Lippincott Williams and Wilkins (Obra original publicada em 1979).

- Masters, W. H., Johnson, V. E., & Kolodny, R. C. (1986). *Masters and Johnson on Sex and human loving*. Boston: Little, Brown and Company.
- Masters, G. N., & Wright, B. D. (1984). The essential process in a family of measurement models. *Psychometrika*, *49*, 529-544.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*: Faculdade de Psicologia, Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, *11(1)*, 93-109. Retrieved from http://www.aidep.org/03_ridep/R11/R115.pdf
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, *20(2)*, 97-126.
- Matos, O. S., & Mota, C. P. (2014). Protótipos de vinculação amorosa: Bem-estar psicológico e psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas. *Análise Psicológica*, *3(XXXII)*, 307-322. doi: 10.14417/ap.718
- Matud, P., & Aguilera, L. (2009). Roles sexuales y salud mental en una muestra de la población general española. *Salud Mental*, *32(1)*, 53-58. Retrieved from http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0185-33252009000100007&script=sci_arttext
- McCabe, M. P. (1999). The interrelationship between intimacy, relationship functioning, and sexuality among men and women in committed relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality*, *8(1)*, 31-38.
- McCarthy, B. W., & Bodnar, L. E. (2005). The equity model of sexuality: Navigating and negotiating the similarities and differences between men and women in sexual behavior, rules and values. *Sexual and Relationship Therapy*, *20(2)*, 225-235. DOI:10.1080/14681990500113229
- McClelland, S. I. (2010). Intimate justice: A critical analysis of sexual satisfaction. *Social and Personality Psychology Compass*, *4(9)*, 663-680. Retrieved from <http://www.progresslab.info/downloads/IntimateJustice.2010.pdf>

- McConell, M., & Moss, E. (2011). Attachment across the life span: Factors that contribute to stability and change. *Australian Journal of Educational & Developmental Psychology*, 11, 60- 77. Retrieved from <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ960225.pdf>
- McCroskey, J. C., & Richmond, V. P. (1977). Communication apprehension as a predictor of sel-disclosure. *Communication Quarterly*, 25(4), 40-43. Retrieved from <http://www.jamescmccroskey.com/publications/076.pdf>
- McDonald, R. P., & Ho, M. H. R. (2002). Principles and practice in reporting structural equation analyses. *Psychological Methods*, 7(1), 64–82. DOI: 10.1037//1082-989X.7.1.64
- McNulty, J. K., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 229–240. DOI 10.1007/s10508-007-9176-1
- Melo, O., & Mota, C. P. (2014). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587-597. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n4/02.pdf>
- Meissner, W. W. (2009). Classical psychoanalysis. In B. J. Sadock, V. A. Sadock, & P. Ruiz (Eds.), *Kaplan & Sadock's comprehensive textbook of psychiatry* (Eds.), (Vol. I), (9th Edition), (pp. 788-838). Philadelphia, USA: Lipincontt Williams & Wilkins.
- Meston, C. M., & Buss, D. (2007). Why humans have sex. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 477–507.
- Meston, C. M., & Trapnell, P. (2005). Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The sexual satisfaction scale for women (SSS-W). *Journal of Sexual Medicine*, 2(1), 66-81.
- Meyers, S. A., & Landsberger, S. A. (2002). Direct and indirect pathways between adult attachment style and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 9, 159-172. doi:10.1111/1475-6811.00010
- Mikulincer, M. (2006). Attachment, caregiving, and sex within romantic relationships: A behavioral systems perspective. In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 23-44). New York: The Guilford Press.

- Mikulincer, M., & Florian, V. (2000). Exploring individual differences in reactions to mortality salience: Does attachment style regulate terror management mechanisms? *Journal of Personality and Social Psychology, 79*(2), 260-273. DOI: 10.1037//0022-3514.79.2.260
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: a systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process, 41*(3), 405-434. Retrieved from http://www.researchgate.net/profile/Carolyn_Cowan2/publication/11066810_Attachment_security_in_couple_relationships_a_systemic_model_and_its_implications_for_family_dynamics/links/02e7e51a4f2e93269b000000.pdf
- Mikulincer, M., Florian, V., & Tolmacz, R. (1990). Attachment styles and fear of personal death: A case study of affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(2), 273-280.
- Mikulincer, M., & Shaver, P.R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P.R. (2008). Adult attachment and affect regulation. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 503-531). New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., Gillath, O., & Nitzberg, R. A. (2005). Attachment, caregiving, and altruism: Boosting attachment security increases compassion and helping. *Journal of Personality and Social Psychology, 89*(5), 817– 839. DOI: 10.1037/0022-3514.89.5.817
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamic development, and cognitive consequences of attachment-related strategies. *Motivation and Emotion, 27*(2), 77–102. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.131.142&rep=rep1&type=pdf>
- Moffitt, T. E., Caspi, A., Krueger, R. F., Magdol, L., Margolin, G., Silva, P. A., & Sydney, R. (1997). Do partners agree about abuse in their relationship? A psychometric evaluation on interpartner agreement. *Psychological Assessment, 9*(1), 47-56. DOI: 10.1037/1040-3590.9.1.47

- Molero, F., Shaver, P. R., Ferrer, E., Cuadrado, I., & Alonso-Arbiol, I. (2011). Attachment insecurities and interpersonal processes in Spanish couples: A dyadic approach. *Personal Relationships, 18*, 617–629. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2010.01325.x
- Mohr, J. J. (2008). Same-sex romantic attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 482-502). New York: The Guilford Press.
- Montagnier, L. (1995). *Des vírus et des hommes*. [Vírus e homens: O combate contra a SIDA]. (M. Carvalho, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget (Obra original publicada em 1994).
- Montagnier, L. (2002). Historical essay. A history of HIV discovery. *Science 298* (5599), 1727–1728. doi:10.1126/science.1079027
- Montero, I., & León, O. G. (2005). Sistema de clasificación del método en los informes de investigación en Psicología. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 5*(1), 115-127. Retrieved from <http://www.aepc.es/ijchp/SCMIIP.pdf>
- Montesi, J.L., Fauber, R.L., Gordon, E.A., & Heimberg, R.G. (2010). The specific importance of communicating about sex to couples' sexual and overall relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 28*(5), 591–609. DOI: 10.1177/0265407510386833
- Mooney, C.G. (2010). *An introduction to Bowlby, Ainsworth, Gerber, Brazelton, Kennel & Klaus*. USA: Redleaf Press.
- Money, J. (1980). Sexosophy: The principles of erotic sexuality. In J. Money (Ed.), *Love and lovesickness: The science of sex, gender differences, and pair-bonding* (pp. 43-72). Baltimore: John Hopkins University Press.
- Montgomery, S.A., Baldwin, D.S., & Riley, A. (2002). Antidepressant medications: A review of the evidence for drug-induced sexual dysfunction. *Journal of Affective Disorders, 69* (1-3), 119-140.
- Montoro, G.M.C.F. (2004). Amor conjugal e padrões de relacionamento. In M.A.F. Vitale (Ed.), *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama* (1^a Edição), (pp. 101-134). São Paulo: Ágora.
- Moreira, J. M. (2002). *Altera pars auditur: The dual influence of the quality of relationships upon positive and negative aspects of coping with stress*. [Dissertação de

- doutoramento]. Manuscrito não publicado. Universidade de Lisboa, Portugal.
Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3092/1/ulfp014395_td.PDF
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Moreira, J. M. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalizabilidade. *Psicologia, XX(1)*, 127-154.
- Moreira, J. M., Bernardes, S., Andrez, M., Aguiar, P., Moleiro, C., & Silva, M. F. (1998). Social competence, personality and adult attachment style in a Portuguese sample. *Personality and Individual Differences, 24(4)*, 565-570. DOI: 10.1016/S0191-8869(97)00200-6
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). "Experiências em relações próximas", um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia, 4(1)*, 3-27. Retrieved from <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/130/1/LP%204%281%29%20-%203-27.pdf>
- Moret, L. B., Glaser, B. A., Page, R. C., & Barger, E. F. (1998). Intimacy and sexual satisfaction in unmarried couple relationships: A pilot study. *Family Journal, 6(1)*, 33-39.
- Mulhall, J., King, R., Gline, S., & Hvidsten, K. (2008). Importance of and satisfaction with sex among men and women worldwide: Results of the global better sex survey. *Journal of Sexual Medicine, 5(4)*, 788-795. doi: 10.1111/j.1743-6109.2007.00765.x
- Munarriz, R., Talakoub, L., Kuohung, W., Gioia, M., Hoag, L., Flaherty, E., Min, K., Choi, S., & Goldstein, I. (2002). The prevalence of phimosis of the clitoris in women presenting to the sexual dysfunction clinic: Lack of correlation to disorders of desire, arousal and orgasm. *Journal of Sex & Marital Therapy, 28(s)*, 181-185. DOI: 10.1080/00926230252851302
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência- IPPA. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.). *Testes e provas psicológicas em Portugal*, vol. 2 (pp. 37-48). Braga: APPORT/SOHO.

- Neyer, F. J. (2002). The dyadic interdependence of attachment security and dependency: A conceptual replication across older twin pairs and older couples. *Journal of Social and Personal Relationships, 19*(4), 483-503.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 25*(2), 223 –249. DOI: 10.1177/0272431604274174
- Nicolosi, A., Moreira, E., Villa, M., & Glasser, D. (2004). A population study of the association between sexual function, sexual satisfaction, and depressive symptoms in men. *Journal of Affective Disorders, 82*, 235–243. DOI: 10.1016/j.jad.2003.12.008
- Noar, S. M., Carlyle, K., & Cole, C. (2006). Why Communication Is Crucial: Meta-Analysis of the Relationship Between Safer Sexual Communication and Condom Use. *Journal of Health Communication, 11*(4), 365-390. DOI: 10.1080/10810730600671862
- Noar, S. M., Morokoff, P. J., & Harlow, L. L. (2002a). Condom negotiation in heterosexually active men and women: Development and validation of a condom influence strategy questionnaire. *Psychology & Health, 17*(6), 711-735. DOI: 10.1080/0887044021000030580
- Noar, S. M., Morokoff, P. J., & Redding, C. (2002b). Sexual assertiveness in heterosexually active men: A test of three samples. *AIDS Education and Prevention, 14*(4), 330-342.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções Sexuais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Nobre, P. (2009). Determinants of sexual desire problems in women: Testing a cognitive-emotional model. *Journal of Sex & Marital Therapy, 35*(5), 360-377. doi: 10.1080/00926230903065716.
- Nobre, P. (2010). Psychological determinants of erectile dysfunction: Testing a cognitive-emotional model. *Journal of Sexual Medicine, 7*(4, Pt 1), 1429-1437. DOI: 10.1111/j.1743-6109.2009.01656.x
- Nobre, P., & Pinto-Gouveia, J. (2008). Cognitive and emotional predictors of female sexual dysfunctions: Preliminary findings. *Journal of Sex & Marital Therapy, 34*(4), 325-342. DOI: 10.1080/00926230802096358
- Nodin, N. (2001). *Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 575-584.
- Norusis, M. J. (2010). *PASW statistics 18 statistical procedures companion*. USA: Prentice Hall.
- Nowosielski, K., Drosdzol, A., Sipiński, A., Kowalczyk, R., & Skrzypulec, V. (2010). Diabetes mellitus and sexuality—does it really matter? *Journal of Sexual Medicine, 7* (2 Pt 1), 723-735.
- Obegi, J. H., Morrison, T. L., & Shaver, P. R. (2004). Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal Relationships, 21*(5), 625-638. DOI: 10.1177/0265407504045891
- Olsson, I. Sørebo, Ø, & Dahl, A. A. (2010). The Norwegian version of the Experiences in Close Relationships measure of adult attachment: psychometric properties and normative data. *Nordic Journal of Psychiatry, 64*(5), 340-349.
- Ortiz, M. J., & Yáñez, S. (1993). *Teoría del apego y relaciones afectivas*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- Owiredu, W., Amidu, N., Alidu, H., Sarpong, C., & Gyasi-Sarpong, C. K. (2011). Determinants of sexual dysfunction among clinically diagnosed diabetic patients. *Reproductive Biology and Endocrinology, 9*:70.
- Pacheco, A. P., Costa, R. A., & Figueiredo, B. (2003). Estilos de vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica: Estudo exploratório com mães adolescentes. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 3*(1), 35-59. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3697/1/Estilo%20de%20vincula%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Pais-Ribeiro, J. L. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde* (2ª Edição). Porto: Legis Editora.
- Pais-Ribeiro, J. (2001). Mental health inventory and adaptation study. *Psicologia, Saúde & Doenças, 2*(2), 77-99.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2014). Revisão de investigação e evidência científica. *Psicologia, Saúde e Doenças, 15*(3), 671-682. Doi: 10.15309/14psd150309.

- Parish, W. L., Luo, Y., Stolzenberg, R., Laumann, E. O., Farrer, G., & Pan, S. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: A population based study of Chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior, 36*, 5-20. DOI 10.1007/s10508-006-9082-y
- Pascoal, P., Vilarinho, S., Pereira, N. M., Nobre, P., & Narciso, I. (2009). *Psychometric properties of The Global Measure of Sexual Satisfaction: Two preliminary studies on two portuguese samples*, poster session at the 19th World Congress for Sexual Health, Gotemburg.
- Pasqualotto, E. B., Pasqualotto, F. F., Sobreiro B. P., & Lucon, A. M. (2005). Female sexual dysfunction: The important points to remember. *Clinics, 60(1)*, 51-60.
- Paul, E. L., McManus, B., & Hayes, A. (2000). "Hookups": Characteristics and correlates of college students' spontaneous and anonymous sexual experiences. *Journal of Sex Research, 37(1)*, 76-88. <http://dx.doi.org/10.1080/00224490009552023>
- Pauls, R. N. (2010). Impact of gynecological surgery on female sexual function. *International Journal of Impotence Research, 22(2)*, 105-114.
- Perlman, S., & Abramson, P. (1982). Sexual satisfaction among married and cohabiting individuals. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 50(3)*, 458-460.
- Pedersen, C. A., Ahnert, L., Anzenberger, G., Belsky, J., Draper, P., Fleming, A. S., Grossmann, K., Sachser, N., Sommer, S., Tietze, D. P., & Young, L. J. (2005). Beyond infant attachment: the origins of bonding in later life. In C.S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser, *Attachment and bonding: a new synthesis (Dahlem Workshop Reports)* (pp. 385–428). Cambridge: MIT Press.
- Pedersen, W., & Blekesaune, M. (2003). Sexual satisfaction in young adulthood: Cohabitation, committed dating or unattached life? *Acta Sociologica, 46(3)*, 179–193. doi: 10.1177/00016993030463001
- Peplau, L. A., Rubin, Z., & Hill, C. T. (1977). Sexual intimacy in dating relationships. *Journal of Social Issues, 33(2)*, 86-109. Retrieved from http://www.peplaulab.ucla.edu/Peplau_Lab/Publications_files/Peplau_Rubin_Hill_77.pdf
- Perrone, K., & Worthington, E. (2001). Factors influencing ratings of marital quality by individuals with dual-career marriages: A conceptual model. *Journal of Counseling Psychology, 48(1)*, 3-9.

- Peugh, J. L., DiLlilo, D., & Panuzio, J. (2013). Structural equation modeling: A multidisciplinary journal. *Structural Equation Modeling*, 20, 314–337. DOI: 10.1080/10705511.2013.769395
- Philippsohn, S., & Hartmann, U. (2009). Determinants of sexual satisfaction in a sample of german women. *Journal of Sexual Medicine*, 6(4), 1001-1010. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00989.x.
- Phillips, N. A. (2000). Female sexual dysfunction: Evaluation and treatment. *American Family Physician*, 62(1), 127-136.
- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155-175. DOI: 10.1037/111089-2680.4.2.155
- Pietromonaco, P. R., & Beck, L. A. (2015). Attachment processes in adult romantic relationships. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. A. Simpson, & J. F. Dovidio (Eds.), *APA Handbook of Personality and Social Psychology (Volume 3 – Interpersonal Relations)*, (pp. 33-64). Washington, DC, USA: American Psychological Association. Retrieved from [file:///C:/Users/Sofia%20Refoios/Downloads/pietromonacoandbeckchapterinpress%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Sofia%20Refoios/Downloads/pietromonacoandbeckchapterinpress%20(4).pdf)
- Pinedo, J., & Santelices, M. P (2006). Los modelos operantes internos y la teoría de la mente. *Terapia Psicológica*, 24(2), 201-210. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=78524210>
- Pinney, A. M., Gerrard, M., & Denney, N. W. (1987). The Pinney Sexual Satisfaction Inventory. *Journal of Sex Research*, 23(2), 233–2512. DOI: 10.1080/00224498709551359
- Pistole, M. C. (1989). Attachment in adult romantic relationships: Style of conflict resolution and relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6(4), 505-510.
- Pistole, M. C., & Arricale, F. (2003). Understanding attachment: Beliefs about conflict. *Journal of Counseling & Development*, 81, 318-328.
- Porto, J. B. & Tamayo, A. (2003). Desenvolvimento e validação da escala de civismo nas organizações. *Estudos de Psicologia*, 8, 393-402.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York, USA: The Guilford Press.

- Prager, K. J. (2000). Intimacy in personal relationships. In S. Hendrick & C. Hendrick (Eds.), *Close relationships* (pp. 229-244). Thousand Oaks: Sage.
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, *36*(4), 717-731.
- Preacher, K. J., & Kelley, K. (2011). Effect size measures for mediation models: Quantitative strategies for communicating indirect effects. *Psychological Methods*, *16*(2), 93–115. DOI: 10.1037/a0022658
- Prieto, G., & Delgado, A. (1996). Construcción de ítems. In J. Muñiz (Ed.), *Psicometría* (pp. 105-138). Madrid: Universitas.
- Prieto, G., & Delgado, A. (2003). Análisis de un test mediante el modelo de Rasch. *Psicothema*, *15*, 94-100.
- Purnine, D. M., & Carey, M. P. (1997). Interpersonal communication and sexual adjustment: The roles of understanding and agreement. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *65*(6), 1017–1025.
- Ramos, A.M. (2004). *Psicofármacos: Nova estratégia*. Lisboa: Lidel.
- Rathus, S. A., Nevid, J. S., & Fichner-Rathus, L. (2005). *Sexualidad Humana* (6ª Edición). Madrid: Pearson Prentice Hall.
- Ravitz, P.; Maunder, R.; Hunter, J.; Sthankiya, B.; & Lancee, W. (2010). Adult attachment measures: A 25-year review. *Journal of Psychosomatic Research*, *69*(4), 419-432. doi:10.1016/j.jpsychores.2009.08.006
- Refoios, S. M., Esteves, F., & Lourenço, M. (2005). *Sexualidade feminina: A importância da estimulação directa do clitóris para o orgasmo e para a satisfação sexual*. [Dissertação de Mestrado na especialidade em Sexologia]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Refoios, S. M., Fuertes, A. M., & Báz, B. O. (2012). *Validation of the New Sexual Satisfaction Scale (NSSS) on a Heterosexual Portuguese sample – Escala de Satisfação Sexual (ESS)*. Poster presentation on the 38th Annual Meeting of the International Archives of Sexual Research (IASR). Estoril/Lisbon, Portugal – 8 to 11 July 2012.
- Refoios, S. M., Fuertes, A. M., & Lourenço, M. (2009). *Construcción, validación y evaluación de las calidades psicométricas de la escala femenina de creencias sobre la*

- masturbación en una muestra de mujeres portuguesas*. [Dissertação de Grado en el Doctorado en Sexualidad y Relaciones Interpersonales]. Manuscrito não publicado. Salamanca: Faculdade de Psicologia - Universidade de Salamanca.
- Rerkpattanapipat, P., Stanek, M. S., & Kotler, M. N. (2001). Sex and the heart: What is the role of the cardiologist? *European Heart Journal*, *22*(3), 201-08.
- Rholes, W.S., & Simpson, J.A. (2004). Attachment theory: Basic concepts and contemporary questions. In W.S. Rholes & J.A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications*. New York: The Guilford Press.
- Ribeiro, J., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, *1*(xx), 67-75.
- Riggs, S. A., Vosvick, M., & Stallings, S. (2007). Attachment style, stigma and psychological distress among HIV+ adults. *Journal of Health Psychology*, *12*(6), 922-936. DOI: 10.1177/1359105307082457
- Roberts, N., & Noller, P. (1998). The associations between adult attachment and couple violence: The role of communication patterns and relationship satisfaction. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 317-352). New York: The Guilford Press.
- Robles, T. F., & Kiecolt-Glaser, J. K. (2003). The physiology of marriage: Pathways to health. *Psychology and Behavior*, *79*, 409-416. doi:10.1016/S0031-9384(03)00160-4
- Roisman, G., Madsen, S. D., Hennighausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behavior across parent-child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment and Human Development*, *3*(2), 156-172. DOI: 10.1080/14616730126483
- Roovers, J. P., van der Bom, J. G., van der Vaart, C. H., & Heintz, A. P. (2003). Hysterectomy and sexual wellbeing: Prospective observational study of vaginal hysterectomy, subtotal abdominal hysterectomy, and total abdominal hysterectomy. *British Medical Journal*, *327*(7418), 774-778.
- Rosen, R., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R. et al. (2000). The female sexual function index (FSFI): A multidimensional self-report instrument for the assessment of female sexual function. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *26*(2), 191-208.

- Rusbult, C. E., Kumashiro, M., Coolsen, M. K., & Kirchner, J. L. (2004). Interdependence, closeness, and relationships. In D. J. Mashek, & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy* (pp. 137-162). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rust, J., & Golombok, S. (1985). The Golombok Rust Inventory Of Sexual Satisfaction (GRISS). *British Journal of Clinical Psychology, 24(1)*, 63-64.
- Rust, J., & Golombok, S. (1986) The GRISS: A psychometric instrument for the assessment of sexual dysfunction. *Archives of Sexual Behaviour, 15(2)*, 157- 165.
- Sable, P. (2010). The origins of an attachment approach to social work practice with adults. In S. Bennett, & J.K. Nelson (Eds.), *Adult Attachment in Clinical Social Work: Practice, research, and policy* (pp. 17-30). London: Springer.
- Sadock, B. J., & Sadock, V. A. (2007). Human development throughout the life cycle. In B. J. Sadock, & V. A. Sadock (Eds.), *Kaplan & Sadock's synopsis of psychiatry: Behavioral science/clinical psychiatry*. (10th Edition), (pp. 12-69). Philadelphia, USA: Lippincott Williams & Wilkins. Retrieved from <https://books.google.pt>
- Sadovsky, R., Basson, R., Krychman, M., Morales, A. M., Schover, L., Wang, R.R., & Incrocci, L. (2010). Cancer and sexual problems. *Journal of Sexual Medicine, 7(1 Pt 2)*, 349-373. doi: 10.1111/j.1743-6109.2009.01620.x.
- Sanford, K., & Rowatt, W. C. (2004). When is negative emotion positive for relationships? An investigation of married couples and roommates. *Personal Relationships, 11*, 329-354.
- Scarfe, E. (1996). *A test of Bartholomew's four-category model of attachment in a clinical sample of adolescents*. [Doctoral Dissertation]. Department of Psychology, University of Western Ontario. Retrieved from <file:///C:/Users/Sofia%20Refoios/Downloads/b18025857.pdf>
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships, 1*, 23-43.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2002). Attachment style and human mate poaching. *New Review of Social Psychology, 1*, 122-129.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships, 11*, 179–195. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2004.00077.x
- Schachner, D. A., Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2003). Adult attachment theory, psychodynamics, and couple relationships. In S. M. Johnson, & V. A. Whiffen (Eds.),

Attachment processes in couple and family therapy (pp. 18-42). New York, USA: The Guilford Press.

- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online*, 8(2), 23-74.
- Schmitt, D. P. (2008). Evolutionary perspectives on romantic attachment and culture: How ecological stressors influence dismissing orientations across genders and geographies. *Cross-Cultural Research*, 42, 220-247.
- Schmitt, D. P. et al. (2003). Are men universally more dismissing than women? Gender differences in romantic attachment across 62 cultural regions. *Personal Relationships*, 10, 307-331. Retrieved from <http://www.bradley.edu/dotAsset/165849.pdf>
- Schröder-Abe, M., & Schütz, A. (2011). Walking in each other's shoes: Perspective taking mediates effects of emotional intelligence on relationship quality. *European Journal of Personality*, 25(2), 155-169. DOI: 10.1002/per.818
- Segraves, R.T. (1995). Antidepressant-induced orgasm disorder. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21, 192-201.
- Segraves, R.T., Balon, R. (2003). *Sexual pharmacology: fast facts*. New York: W. Norton & Company.
- Shaver, P. R., Belsky, J., & Brennan, K. A. (2000). Comparing measures of adult attachment: An examination of interview and self-report methods. *Personal Relationships*, 7, 25-43.
- Shaver, P. R., & Brennan, K. A. (1992). Attachment styles and the 'Big Five' personality traits: Their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18(5), 536-545.
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(4), 473-501. DOI: 10.1177/0265407588054005
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The anatomy of love* (pp. 68-98). New Haven, CT: Yale University Press.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment and Human Development*, 4, 133-161. DOI: 10.1080/14616730210154171

- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2006). A behavioral systems approach to romantic love relationships: Attachment, caregiving and sex. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 35-64). New Haven: Yale University Press.
- Shrout, P. E., & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and nonexperimental studies: new procedures and recommendations. *Psychological Method*, 7(4), 422–445. DOI: 10.1037//1082-989X.7.4.422
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2010). *A beginner's guide to structural equation modeling* (3th Edition). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sibley, C. G., Fischer, R., & Liu, J. H. (2005). Reliability and Validity of the Revised Experiences in Close Relationships (ECR-R) Self-Report Measure of Adult Romantic Attachment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(11), 1524-1536. DOI: 10.1177/0146167205276865
- Silva, S. M., & Alvarez, M. P. S. (2007). Los Modelos Operantes Internos y sus Abordajes en Psicoterapia. *Terapia Psicológica*, 25(2), 163-172. Retrieved from http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-48082007000200007
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. DOI: 10.1037/0022-3514.59.5.971
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal Of Personality and Social Psychology*, 60(6), 870-883. Retrieved from [http://pavlov.psyc.vuw.ac.nz/courses/Psyc%20325/Lab%20reports/Attachment%20report/Simpson%20%20Gangestad%20\(1991\).pdf](http://pavlov.psyc.vuw.ac.nz/courses/Psyc%20325/Lab%20reports/Attachment%20report/Simpson%20%20Gangestad%20(1991).pdf)
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (1998). Attachment in adulthood. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 3-21). New York: The Guilford Press.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2010). Attachment and relationships: Milestones and future directions. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(2), 173-180. DOI: 10.1177/0265407509360909
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety provoking situation: The role of attachment styles.

- Journal of Personality and Social Psychology*, 62(3), 434-446. DOI: 10.1037/0022-3514.62.3.434
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: An attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 899-914.
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., Oriña, M.M., & Grich, J. (2002). Working models of attachment, support giving, and support seeking in a stressful situation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(5), 598-608. doi: 10.1177/0146167202288004
- Sipski, M.L., & Alexander, C.J. (1997). Sexual function in people with disability and chronic illness: A health professional's guide (1st Edition). Maryland: Aspen Publishers.
- Soares, E., & Mautoni, M. (2013). *Conversando sobre o luto*. São Paulo, Brasil: Ágora.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: Mãe-filho(a)*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.
- Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos: Segurança, protecção e desenvolvimento da regulação emocional no contexto da relação mãe-bebé. In M. C. Canavarro (Coord.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 75-104). Coimbra: Quarteto.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento* (pp. 13-46). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I., & Dias, P. (2007). Apego y psicopatología en jóvenes y adultos: Contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(1), 177-195. Retrieved from http://www.aepc.es/ijchp/articulos_pdf/ijchp-215.pdf
- Soares, I.; Dias, P.; Fernandes, C.; Klein, J.; Freitas, A.; Machado, P.; Felgueiras, I.; Jongenelen, I.; Ferreira, A.; Pinho, A.; Matos, R.; Gonçalves, S.; Figueiredo, B.; Cunha, J. P. (2002). Actividade psicofisiológica durante a AAI em pacientes com perturbações alimentares: Estudo preliminar com análise de casos, *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 143 - 158. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4236/1/Actividade%20fisiol%C3%B3gica%20durante%20a%20AAI%20%282002%29.pdf>

- Sobel, M.E. (1982). Asymptotic confidence intervals for indirect effect in structural equation models. *Sociological Methodology*, 13, 290-312. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.452.5935&rep=rep1&type=pdf>
- Solomon, J., & George, C. (2008). The measurement of attachment security and related constructs in infancy and early childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 383-416). New York: The Guilford Press.
- Soper, D. S. (2015). *Sobel test calculator for the significance of mediation* [Software]. Retrieved from <http://www.danielsoper.com/statcalc>
- Sprecher, S. (2001). Equity and social exchange in dating couples: Associations with satisfaction, commitment and stability. *Journal of Marriage and Family*, 63, 599–613.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39(3), 190-197.
- Sprecher, S., & Cate, R.M. (2004). Sexual satisfaction and sexual expression as predictors of relationship satisfaction and stability. In J.H. Harvey, A. Wenzel & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 235-256). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Sprecher, S. & Hendrick, S. (2004). Self disclosure in intimate relationships: Associations with individual and relationship characteristics over time. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(6), 857-877.
- Sprecher, S., & McKinney, K. (1993). *Sexuality*. London: Sage.
- Sroufe, L., & Waters, E. (1977). Attachment as an Organizational Construct. *Child Development*, 48, 1184-1199. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/courses/620/pdf_files/org_construct.pdf
- Stephenson, K. R., & Meston, C. M. (2010a). Differentiating components of sexual well-being in women: Are sexual satisfaction and sexual distress independent constructs? *Journal of Sexual Medicine*. 7(7),2458-2468.

- Stephenson, K. R., & Meston, C. M. (2010b). When Are Sexual Difficulties Distressing for Women? The Selective Protective Value of Intimate Relationships. *Journal of Sexual Medicine*, 7(11), 3683–3694.
- Stephenson, K. R., & Meston, C. M. (2011). The associations between sexual costs and sexual satisfaction in women: An exploration of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 20(1), 31-40.
- Stephenson, K. R., & Meston, C. M. (2013). The conditional importance of sex: Exploring the association between sexual well-being and life satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 00(00), 1–14. DOI: 10.1080/0092623X.2013.811450
- Stern, D. (1974). The goal and structure of mother and infant play. *Journal of the American Academy of Child Psychiatric*, 13, 402-421. Retrieved from [http://www.jaacap.com/article/S0002-7138\(09\)61348-0/pdf](http://www.jaacap.com/article/S0002-7138(09)61348-0/pdf)
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. Retrieved from http://pzacad.pitzer.edu/~dmoore/psych199/1986_sternberg_trianglelove.pdf
- Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love: Intimacy, passion, commitment*. New York: Basic Books.
- Strachman, A., & Impett, E. (2009). Attachment orientations and daily condom use in dating relationships. *The Journal of Sex Research*, 46(4), 319-329.
- Štulhofer, A., Buško, V., & Brouillard, P. (2010). Development and bi-cultural of the new satisfaction scale. *The Journal of Sex Research*, 47(4), 257-268.
- Suomi, S. J. (2008). Attachment in Rhesus Monkeys. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 173-191) New York: Guilford Press.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th Edition). Boston: Pearson/Allyn & Bacon.
- Tereno, S., Soares, I., Martins, E., Sampaio, D., & Carlson, E. (2005). *Teoria e investigação na vinculação na infância: Contributo para uma perspectiva desenvolvimental da pediatria*. Lisboa: Neofarmacêutica. [Adobe Digital Edition Version]. Retrieved from <http://www.apmi.org.pt/site/images/pdf/vinculacao1.pdf>
- Thomas, A. M., & LoPiccolo, J. (1994). Sexual functioning in persons with diabetes: Issues in research, treatment, and education. *Clinical Psychology Review*, 14(1), 61-86.

- Timm, T. M., & Keiley, M. K. (2011). The effects of differentiation of self, adult attachment, and sexual communication on sexual and marital satisfaction: A path analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy, 37*(3), 206–223.
DOI:10.1080/0092623X.2011.564513
- Toates, F. (2009). An integrative theoretical framework for understanding sexual motivation, arousal, and behavior. *Journal of Sex Research, 46*(2-3), 168–193.
- Tofghi, D., & Thoemmes, F. (2014). Single-level and multilevel mediation analysis. *Journal of Early Adolescence, 34*(1), 93–119. DOI: 10.1177/0272431613511331
- Trevarthen, C. (2004). Learning about ourselves, from children: Why a growing human brain needs interesting companions. In *Perception in action publications* (pp. 1-36). Scotland: University of Edinburgh. Retrieved from <http://www.atotalapproach.com/images/docs/ColwynTrewarthen2004.pdf>
- Trevarthen, C. (2005). “Stepping away from the mirror: Pride and shame in adventures of companionship” – Reflections on the nature and emotional needs of infant intersubjectivity. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis (Dahlem Workshop Reports)* (pp. 55-84). Cambridge: MIT Press. Retrieved from <http://ebooksclub.info/read?id=0262033488&server=1>
- Trinke, S. J., & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationship in young adults. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*(5), 603-625. Retrieved from <file:///C:/Users/Sofia%20Refoios/Downloads/b17697281.pdf>
- Troth, A., & Peterson, C. C. (2000). Factors predicting safe-sex talk and condom use in early sexual relationships. *Health Communication, 12*(2), 195-218.
- Trudel, G. (2002) Sexuality and Marital Life: Results of a Survey. *Journal of Sex and Marital Therapy, 28*, 229-249. DOI: 10.1207/S15327027HC1202_5
- Valdés, R. M. P., Sapién, L. J. S., & Córdoba, B. D. I. (2004). Significados de satisfacción sexual en hombres y mujeres de la zona metropolitana. *Psicología y Ciencia Social, 6*(1), 34-48. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/314/31406104.pdf>
- Vallejo, J. (2011). *Introducción a la psicopatología y la psiquiatría*. Barcelona: Elsevier Masson
- Van der horst, F. C. P. (2008). *John Bowlby and ethology: A study of cross-fertilization*. [Tese de Doutorado]. Amsterdam: Institute for the Study and Education of Human

- Development. [Adobe Digital Edition Version]. Retrieved from https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/13467/vanderhorst_081127_dissertatie_definitief.pdf?sequence=1
- Van der Horst, F. C. P., & Van der Veer, R. (2008). Loneliness in infancy: Harry Harlow, John Bowlby and issues of separation. *Integrative Psychological and Behavior Science, 42*, 325-335. DOI 10.1007/s12124-008-9071-x
- Van der Horst, F. C. P., & Van der Veer, R. (2009). Changing attitudes towards the care of children in hospital: a new assessment of the influence of the work of Bowlby and Robertson in the UK, 1940-1970. *Attachment & Human Development, 11*(2), 119-142.
- Van der Horst, F. C. P., Van der Veer, R., & Van IJzendoorn, M. H. (2007). John Bowlby and ethology: An annotated interview with Robert Hinde. *Attachment & Human Development, 9*(4), 321-335. Retrieved from <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/13467/03.pdf?sequence=8>
- Van Dijken, K. S. (1998). *John Bowlby: His early life*. London: Free Association Books.
- Van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin, 117*(3), 387-403.
- Van IJzendoorn, M. H. (2005). Attachment at an early age (0-5) and its impact on children's development. In R. E. Tremblay, R. G. Barr, R. V. Peters (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development* (pp. 1-6). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. [Adobe Digital Edition Version]. Retrieved from http://www.child-encyclopedia.com/Pages/PDF/van_IJzendoornANGxp.pdf
- van IJzendoorn, M. H., & Sagi-Schwartz, A. (2008). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.)(pp. 880-905). New York: Guilford Press.
- Vaughn, B. E., & Waters, E. (1990). Attachment behavior at home and in the laboratory: Q-Sort Observations and strange situations classifications of one-year-olds. *Child Development, 61*, 1965-1973.
- Vaughn, B. E., Waters, H. S., Coppola, G., Cassidy, J., Bost, K. K., & Verissimo, M. (2006). Script-like attachment representations and behavior in families and across cultures:

- Studies of parental secure base narratives. *Attachment and Human Development*, 8(3), 179-184. DOI: 10.1080/14616730600856008
- Vicedo, M. (2010). The evolution of Harry Harlow: From the nature to the nurture of love. *History of Psychiatry* 21(2), 1–16. DOI: 10.1177/0957154X10370909
- Vilarinho, S. M., & Nobre, P. J. (2006). *Vulnerabilidade Psicológica para as Disfunções Sexuais: Resultados de um estudo Multicêntrico*. In Actas do IV Simpósio de Sexologia da Universidade Lusófona.
- Waite, L. J., & Joyner, K. (2001). Emotional satisfaction and physical pleasure in sexual unions: Time horizon, sexual behavior, and sexual exclusivity. *Journal of Marriage & the Family*, 63(1), 247–264.
- Waters, E. (1995). Appendix A: Attachment Q-set (version 3.0). In Waters, Vaughn, Posada, & Kondon-Ikemura (Eds.), *Monographs Child Development*, 60 (2-3), 234-246. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/aqs_items.pdf
- Waters, E., Crowell, J., Elliott, M., Corcoran, D., & Treboux, D. (2002). Bowlby's secure base theory and the social/personality psychology of attachment styles: Work(s) in progress. *Attachment & Human Development*, 4, 230-242. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/waters_ahd_comment.pdf
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/waters_cummings.pdf
- Waters, E., & Deane, K. E. (1985). Defining and assessing individual differences in attachment relationships: Q-Methodology and the organization of behavior in infancy in early childhood. In I. Bretherthon & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research* (pp.41-65). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2), 41-65. Retrieved from http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/waters_deane.pdf
- Waters, E., Garber, J., Gornall, M., & Vaughn, B. E. (1983). Q-sort correlates of visual regard among preschool peers: Validation of a behavioral index of social competence. *Developmental Psychology*, 19(4), 550-560.

- Waters, H., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*(3), 185-197. DOI: 10.1080/14616730600856016
- Webster, L. (1994). Management of sexual problems in diabetic patients. *British Journal of Hospital Medicine, 51*(9), 465-468.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The experiences in Close Relationship Scale (ECR)-Short Form: Reliability, validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment, 88*, 187-204.
- Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-77). London: Routledge.
- West, M., Sheldon, A. E. R., & Reiffer, L. (1987). An approach to a delineation of adult attachment: Scale development and reliability. *The Journal of Nervous and Mental Disease, 175*, 738-741. Retrieved from <http://www.psychwiki.com/dms/other/labgroup/Measu235sdgse5234234resWeek2/Belen2/West%201987.pdf>
- Whitley, M. P., & Poulsen, S. (1975). Assertiveness and sexual satisfaction in employed professional women. *Journal of Marriage and the Family, 37*, 573-581.
- Whiffen, V. E., & MacIntosh, H. B. (2005). Mediators of the link between childhood sexual abuse and emotional distress: A critical review. *Trauma, Violence, and Abuse, 6*, 24-39.
- Widman, L., Welsh, D. P., McNulty, J. K., & Little, K. C. (2006). Sexual communication and contraceptive use in adolescent dating couples. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine, 39*(6), 893-899. doi:10.1016/j.jadohealth.2006.06.003
- Wiegel, M., Meston, C., & Rosen, R. (2005). The Female Sexual Function Index (FSFI): Crossvalidation and development of clinical cutoff scores. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*(1), 1-20. DOI: 10.1080/00926230590475206
- Willems, M. C., Sprecher, S., & Beck, F. D. (2004). Overview of sexual practices and attitudes within relational contexts. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The Handbook of Sexuality in Close Relationships* (pp.57-86). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Wincze, J. P., & Carey, M. P. (2001). *Sexual dysfunction: A guide for assessment and treatment* (2nd Edition). New York: The Guilford Press.
- Winer, G. A., Makowski, D., Alpert, R. H., & Collins, F. J. (1988). An analysis of experimenter effects on responses to a sex questionnaire. *Archives of Sexual Behavior*, *17*, 257-263.
- Wolley, M. J., & Vigilanti, M. A. (1984). Psychological separation and die sexual abuse victims. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice Training*, *21*(3), 347-352.
- World Health Organization [WHO] (1975). *Education and treatment in human sexuality: the training of health professionals*. Geneva, WHO Technical Report Series No. 572.
- World Health Organization [WHO] (2006). *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health*. 28-31 January 2002, Geneva. Retrieved from http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf
- Wright, B. D. (1996). Reasonable mean-square fit values. In Wright, B. D., & Linacre, J. M. (Eds.), *Rasch measurement transactions*. Part 2. Chicago: MESA Press.
- Wright, B. D., & Mok, M. (2004). An overview of the family of Rasch measurement models. In E. V. Smith & R. M. Smith (Eds.), *Introduction to Rasch Measurement*. Maple Grove: JAM Press.
- Wright, M. (1996). William Emet Blatz. In G. A. Kimble, M. Wertheimer, & C. A. Boneau (Eds.), *Portraits of pioneers in psychology* (Vol. II) (pp. 199-212). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Yáñez, S., Alonso-Arbiol, I., Plazaola, M., & Murieta, M. S (2001). Apego en adultos y percepción de los otros. *Anales de Psicología*, *17*(2), 159-170. Retrieved from http://www.um.es/analesps/v17/v17_2/02-17_2.pdf
- Young, M., Denny, G., Luquis, R., & Young, T. (1998). Correlates of sexual satisfaction in marriage. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, *7*(2), 115-127.
- Young, M., Denny, G., Young, T., & Luquis, R. (2000). Sexual satisfaction among married women. *American Journal of Health Studies*, *16*(2), 73-84.
- Young, M., & Luquis, R. (1998). Correlates of sexual satisfaction in marriage. *Canadian Journal of Human Sexuality*, *7*, 115-127.
- Yuan, K. H. (2005). Fit indices versus test statistics. *Multivariate Behavioral Research*, *40*(1), 115-148.

- Zapiain, J. G. (2009). *Apego y sexualidad: Entre el vínculo afectivo y el deseo sexual*. Madrid: Alianza Editorial.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd Edition), (pp. 436-455). New York: The Guilford Press.
- Ziherl, S., & Masten, R. (2010). Differences in predictors of sexual satisfaction and in sexual satisfaction between female and male university students in slovenia. *Psychiatria Danubina*, 22(3), 425-429. Retrieved from http://www.hdbp.org/psychiatria_danubina/pdf/dnb_vol22_no3/dnb_vol22_no3_425.pdf

ANEXOS

Anexo 1

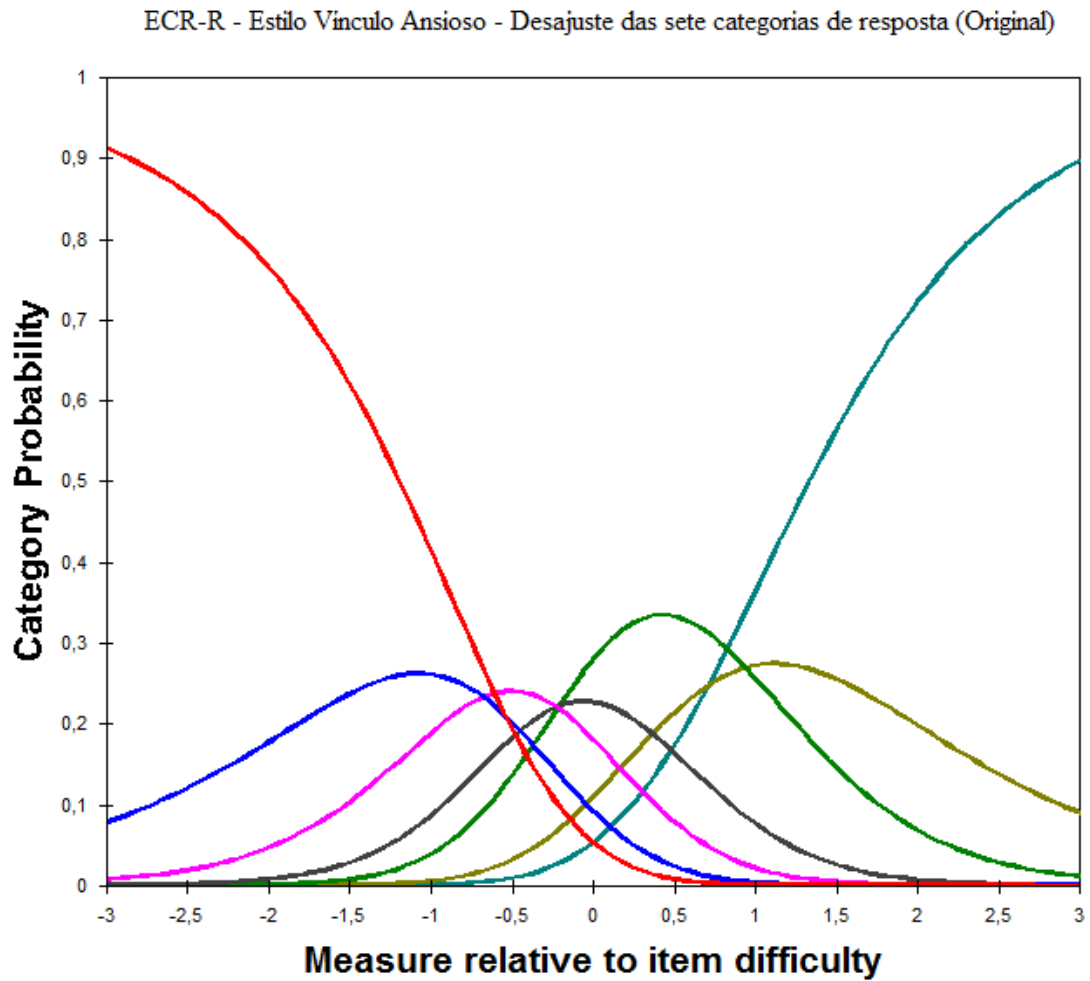
Estatística correspondente às sete categorias de resposta das dimensões do ECR-R

<i>Categoria</i>	<i>Observado</i>	<i>B</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Passo</i>
<i>Estilo de Vínculo Ansioso</i>					
1 = DT	1079 (20%)	-1.06	.90	.97	---
2 = DM	798 (15%)	-.67	1.08	1.08	-.54
3 = D	892 (17%)	-.39	.86	.77	-.68
4 = NC/ND	821 (16%)	-.12	.83	.77	-.23
5 = C	946 (18%)	.06	.95	1.00	-.21
6 = CM	436 (8%)	.28	1.07	1.10	.94
7 = CT	320 (6%)	.35	1.43	1.48	.71
<i>Estilo de Vínculo Evitante</i>					
1 = DT	1187 (23%)	-1.36	.84	.93	---
2 = DM	1085 (21%)	-.80	1.10	1.10	-.93
3 = D	1254 (24%)	-.46	.85	.83	-.81
4 = NC/ND	624 (12%)	-.13	.81	.76	.30
5 = C	517 (10%)	.04	.88	.89	.05
6 = CM	372 (7%)	.29	1.07	1.12	.46
7 = CT	225 (4%)	.15	1.85	2,18	.93

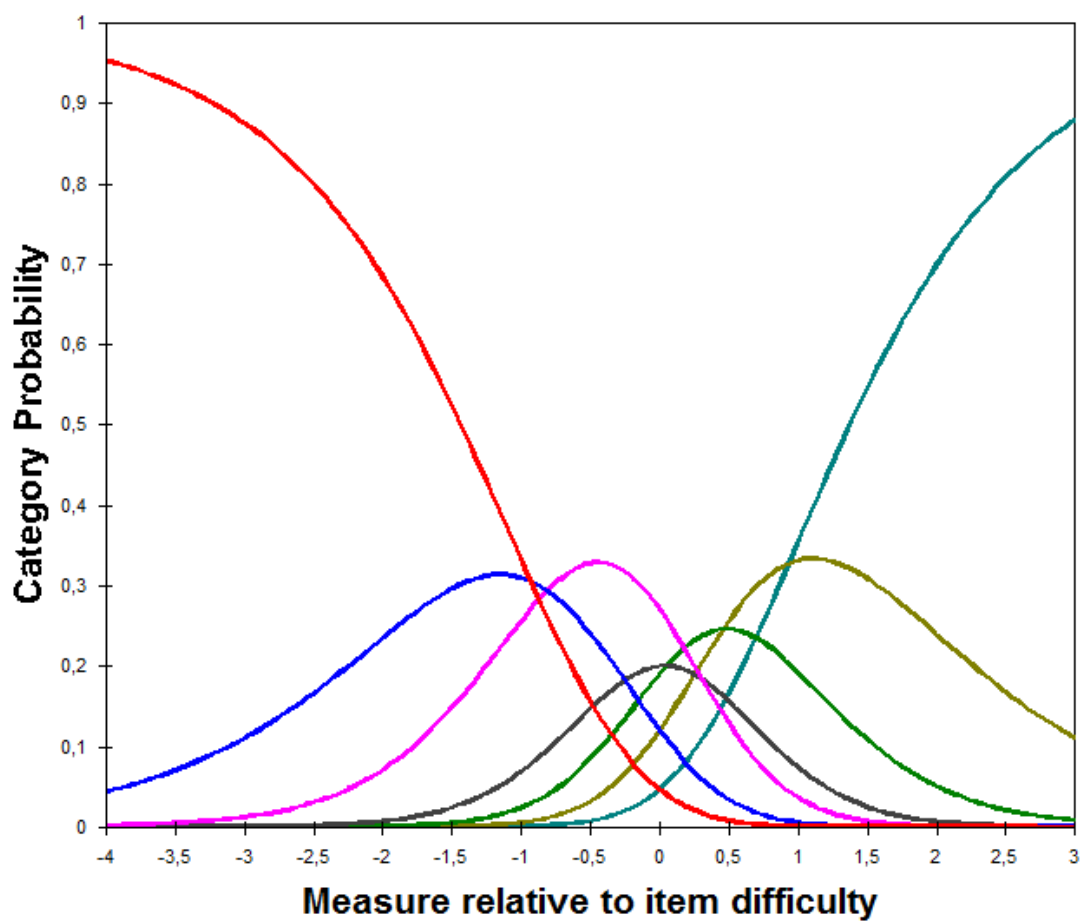
Nota. DT = Discordo Totalmente; DM = Discordo Moderadamente; D = Discordo; NC/ND = Não concordo nem discordo; C=Concordo; CM= Concordo Moderadamente; CT = Concordo Totalmente.

Anexo 2

Representação Gráfica do desajuste das curvas características das categorias da ECR-R na situação de ansiedade e na situação de evitação



ECR-R - Estilo Vínculo Evitante - Desajuste das sete categorias de resposta (Original)



Anexo 3

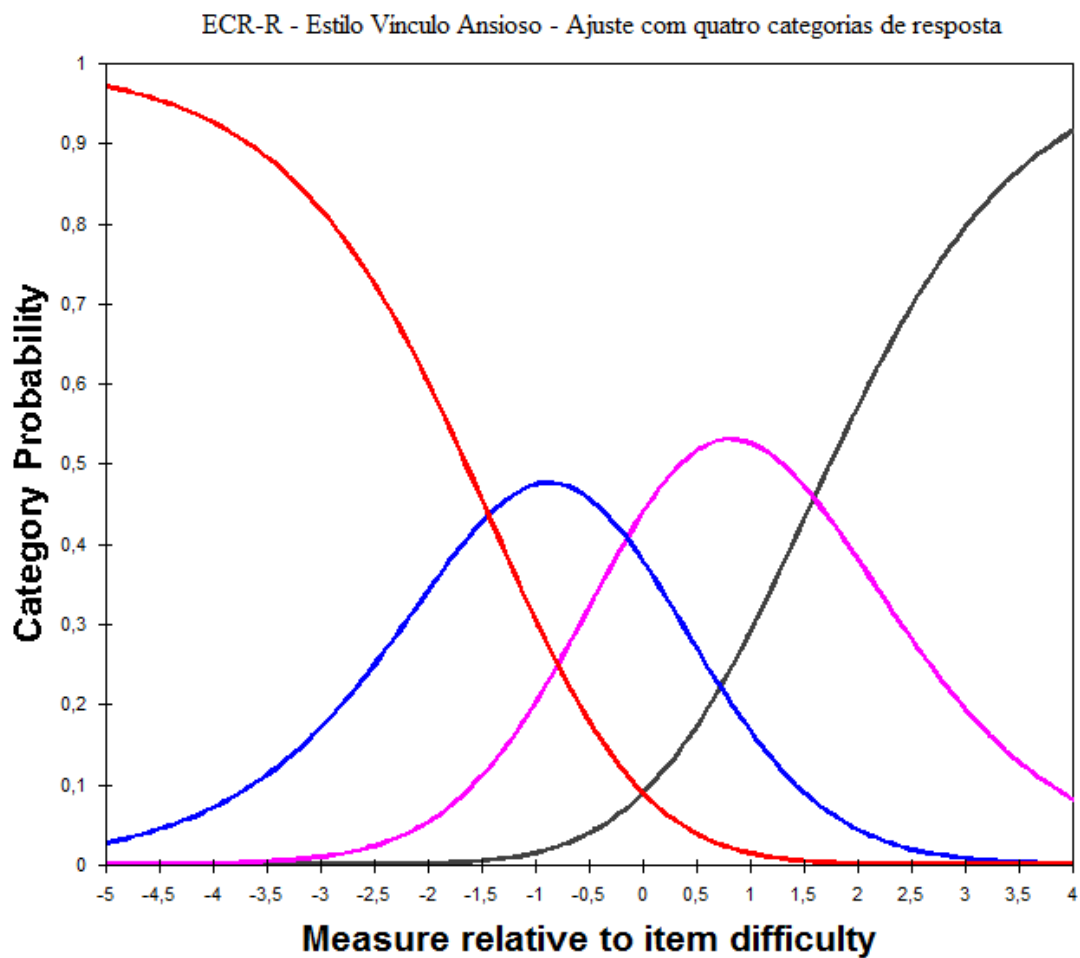
Estatística correspondente às categorias de resposta das dimensões do ECR-R, depois da recodificação

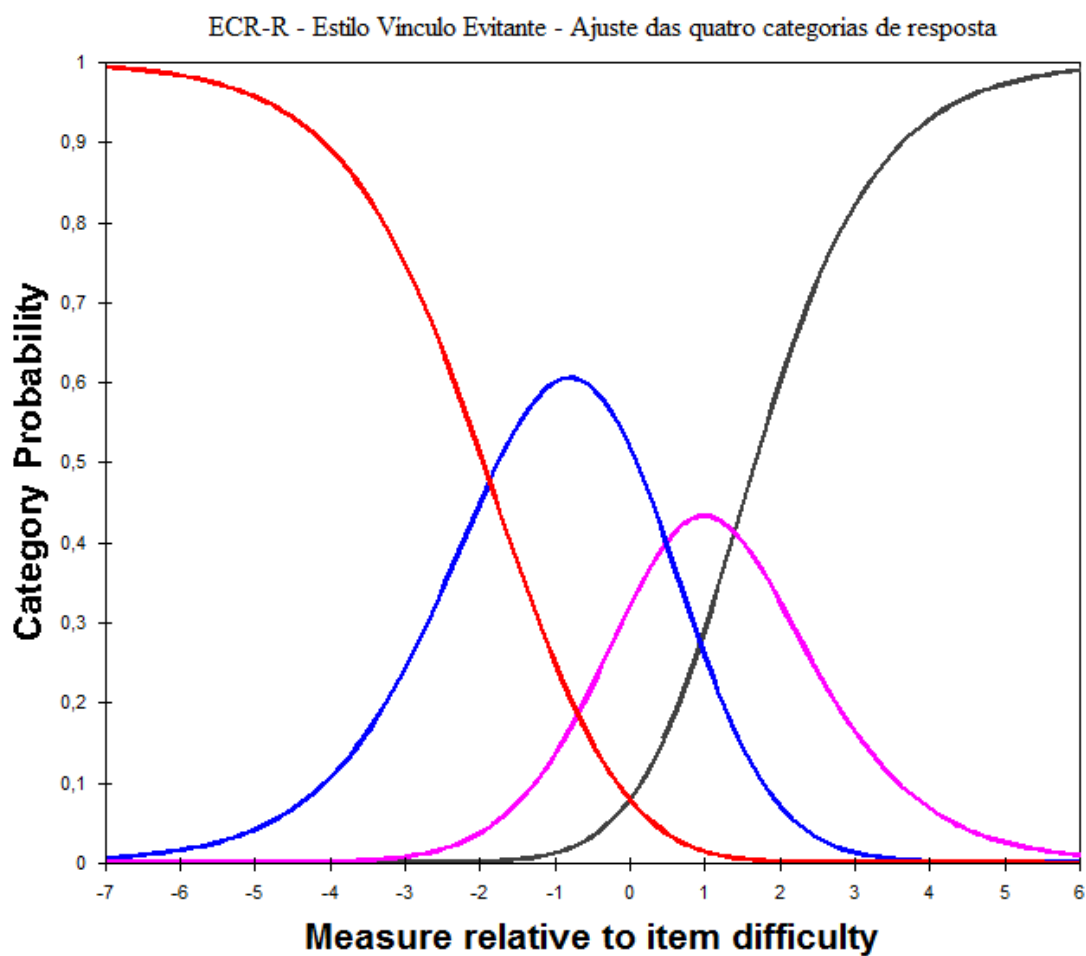
<i>Categoria</i>	<i>Observado</i>	<i>B</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Passo</i>
<i>Estilo de Vínculo Ansioso</i>					
1 = DT	1079 (20%)	-1.58	.91	.96	---
2 = D	1690 (32%)	-.47	.95	.92	-1.44
3 = C	1767 (33%)	-.39	.86	.87	-.15
4 = CT	756 (14%)	1.01	1.25	1.26	1.59
<i>Estilo de Vínculo Evitante</i>					
1 = DT	1187 (23%)	-1.97	.86	.92	---
2 = D	2339 (44%)	-.61	.98	1.07	-1.88
3 = C	1141(22%)	.41	.80	.80	-.48
4 = CT	597 (11%)	.91	1.41	1.52	1.39

Nota. DT = Discordo Totalmente; D = Discordo; C=Concordo; CT = Concordo Totalmente.

Anexo 4

Representação Gráfica do ajuste das curvas características das categorias de resposta das duas dimensões do ECR_R, depois da recodificação





Anexo 5

Características Psicométricas dos itens das duas dimensões do ECR-R após a recodificação

<i>Itens</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Di</i>	<i>SE</i>
<i>Estilo de Vínculo Ansioso</i>				
1	1.15	1.15	-.63	.08
2	.77	.77	.02	.08
3	.69	.68	.28	.08
4	.62	.62	.12	.08
5	1.16	1.15	-.64	.08
6	1.56	1.56	-1.29	.09
7	.80	.77	-.42	.08
8	.58	.58	-.11	.08
9	1.36	1.47	-.60	.08
10	1.01	.98	.95	.08
11	1.47	1.58	-.84	.08
12	1.08	1.07	.61	.08
13	.78	.74	.80	.08
14	1.08	1.08	.88	.08
15	.95	.93	.58	.08
16	1.14	1.15	-.55	.08
17	.96	.96	-.08	.08
18	.91	.91	.91	.08
Média	1.01	1.01	.00	.08
DP	.27	.29	.66	.01
<i>Estilo de Vínculo Evitante</i>				
1	1.06	1.17	.23	.09
2	1.00	1.01	.10	.09
3	1.65	1.90	-1.19	.08
4	.76	.79	.22	.09
5	.84	.81	.21	.09
6	.84	.82	.47	.09
7	.87	.85	.31	.09
8	.94	.94	-.03	.09
9	.91	.95	-.05	.09
10	.72	.70	.39	.09
11	.86	.81	1.15	.10
12	.96	1.09	-.18	.08
13	.82	.81	.31	.09
14	.96	.94	.31	.09

Vínculos Afectivos, Satisfação Sexual e Comunicação Sexual

15	1.51	1.59	-1.46	.08
16	1.55	1.98	-1.39	.09
17	1.01	1.04	.43	.09
18	.80	.87	.18	.09
Média	1.00	1.06	.00	.09
DP	.27	.38	.66	.00

Anexo 6

Análise Factorial Exploratória com rotação varimax da Escala de Satisfação Sexual (ESS) – versão portuguesa da New Sexual Satisfaction Scale (NSSS)

<i>Items</i>	<i>1º Factor</i>	<i>2º Factor</i>	<i>α se eliminado</i>
<i>Item 4-</i> A minha concentração durante a actividade sexual	.863	.189	.951
<i>Item 6-</i> O funcionamento sexual do meu corpo	.859	.188	.951
<i>Item 5-</i> A forma como reajo sexualmente ao meu parceiro	.846	.229	.951
<i>Item 7-</i> A minha predisposição emocional face ao sexo	.828	.114	.952
<i>Item 3-</i> O meu conforto e entrega ao prazer sexual durante as relações sexuais	.825	.231	.951
<i>Item 8-</i> O meu estado de ânimo / humor após a actividade sexual	.735	.351	.951
<i>Item 2-</i> A qualidade dos meus orgasmos	.726	.364	.951
<i>Item 1-</i> A intensidade da minha excitação sexual	.705	.288	.952
<i>Item 10-</i> O prazer que proporciono ao meu parceiro	.699	.254	.952
<i>Item 11-</i> O equilíbrio entre o que recebo e o que proporciono	.616	.504	.950
<i>Item 9-</i> A frequência dos meus orgasmos	.579	.521	.951
<i>Item 18-</i> A disponibilidade sexual do meu parceiro	.126	.869	.952
<i>Item 15-</i> A entrega do meu parceiro ao prazer sexual	.274	.822	.951
<i>Item 16-</i> A forma como o meu parceiro cuida das minhas necessidades sexuais	.283	.821	.952
<i>Item 17-</i> A criatividade sexual do meu parceiro	.192	.804	.952
<i>Item 19-</i> A variedade das minhas actividades sexuais	.326	.748	.951
<i>Item 13-</i> Ser o meu parceiro a iniciar a actividade sexual	.101	.713	.954
<i>Item 20-</i> A frequência da minha actividade sexual	.279	.712	.952
<i>Item 14-</i> A capacidade do meu parceiro alcançar o orgasmo	.302	.671	.952
<i>Item 12-</i> A predisposição emocional do meu parceiro durante a relação sexual	.436	.657	.951

Anexo 7

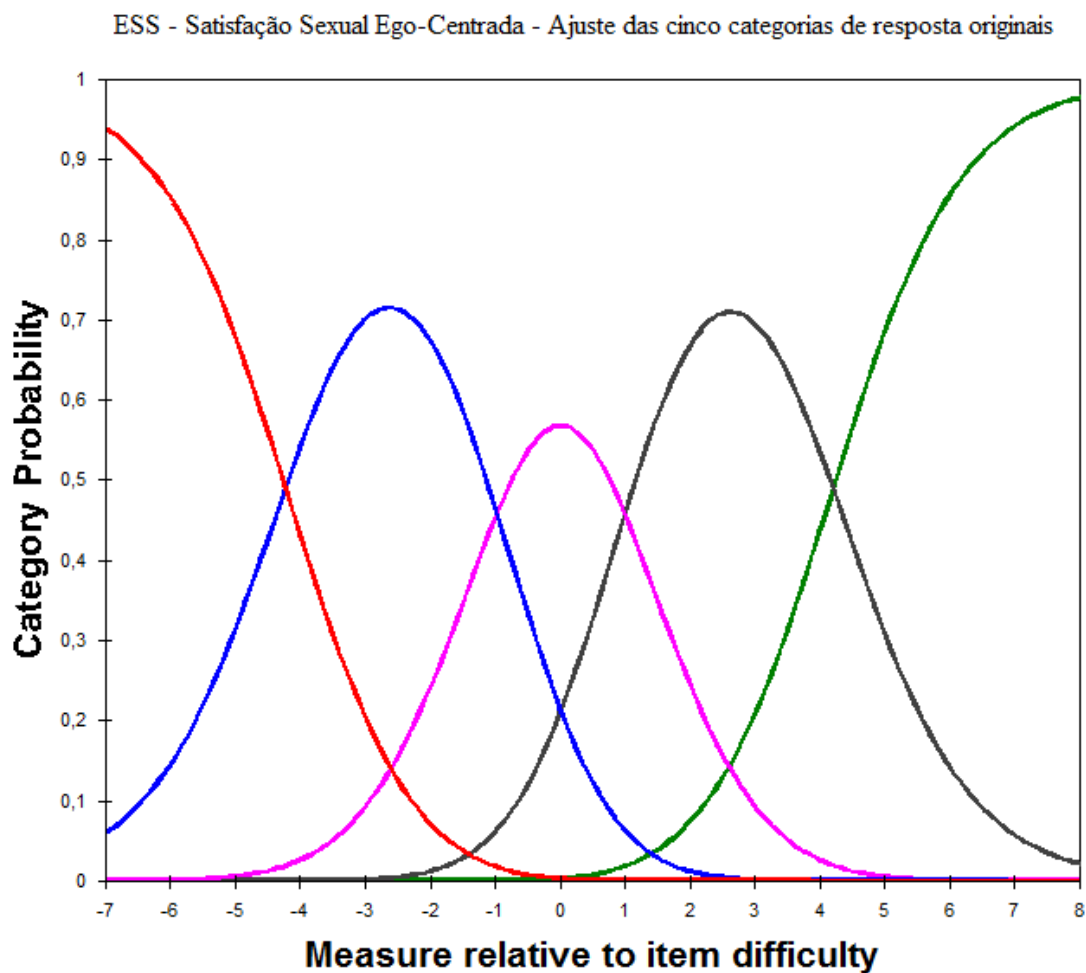
Estatística correspondente às cinco categorias de resposta originais das duas dimensões da ESS

<i>Categoria</i>	<i>Observado</i>	<i>B</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Passo</i>
<i>SS_EC</i>					
1 = NS	50 (2%)	-2.86	1.81	1.73	---
2 = PS	246 (9%)	-1.18	1.00	1.10	-4.23
3 = MS	566 (22%)	.80	.94	.95	-.97
4 = MtS	1118 (43%)	2.49	.92	.92	1.00
5 = ES	648 (25%)	4.32	1.01	.98	4.21
<i>SS_CPASx</i>					
1 = NS	91 (3%)	-2.99	1.37	1.68	---
2 = PS	264 (10%)	-.98	.99	1.06	-3.33
3 = MS	629 (24%)	.40	.89	.93	-1.15
4 = MtS	1098 (43%)	1.79	1.06	1.01	.52
5 = ES	546 (21%)	3.74	.92	.91	3.65

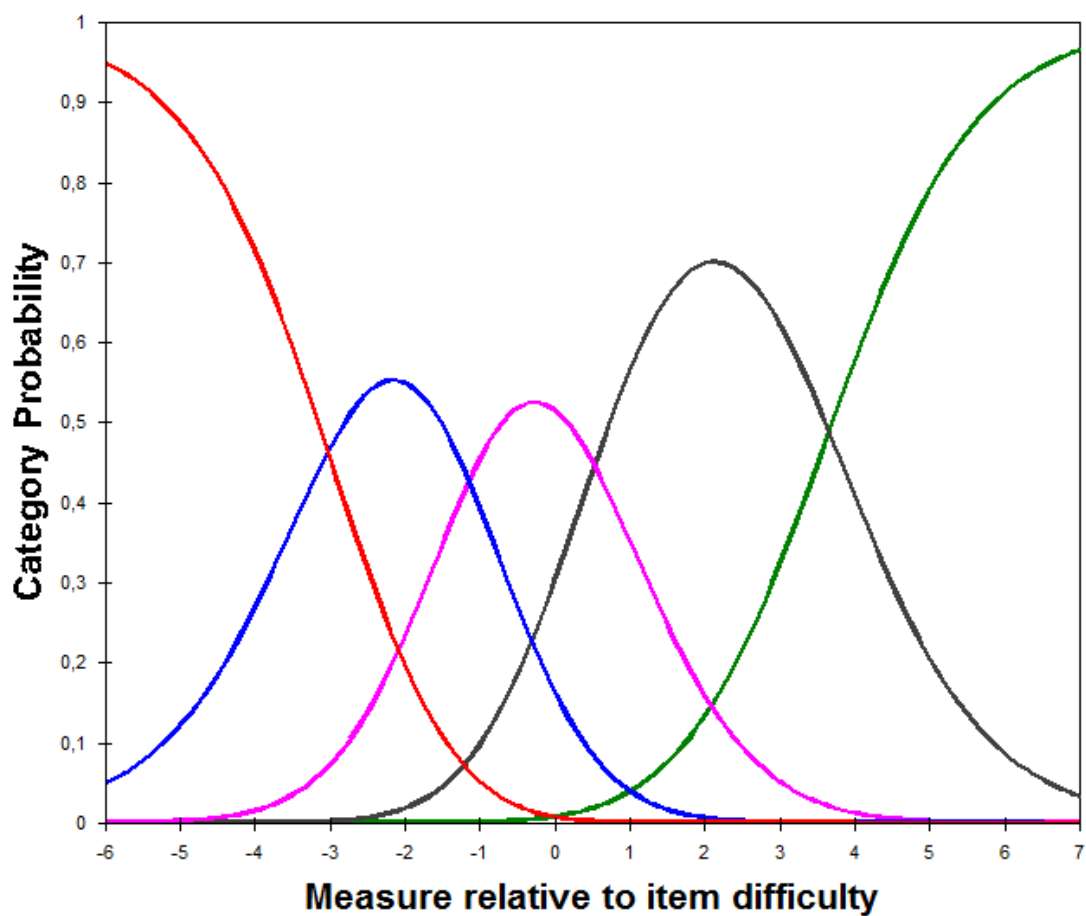
Nota. SS_EC = Satisfação Sexual Ego-Centrada; SS_CPASx = Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual; NS = Nada satisfeito/a; PS = Pouco satisfeito/a; MS = Moderadamente satisfeito/a; MtS = Muito satisfeito/a; ES = Extremamente satisfeito/a.

Anexo 8

Representação Gráfica do ajuste das curvas características das categorias de resposta das duas dimensões da ESS



ESS - Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual - Ajuste das cinco categorias de resposta originais



Anexo 9

Características Psicométricas dos itens das duas dimensões da ESS

<i>Itens da ESS</i>	<i>Itens da NSSS</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Di</i>	<i>SE</i>
<i>SS_EC</i>					
1	1	1.14	1.18	.49	.10
2	2	1.04	1.02	-.05	.11
3	3	.79	.79	-.20	.11
4	4	.72	.71	.11	.11
5	5	.76	.72	-.19	.11
6	6	.83	.82	.17	.10
7	7	1.17	1.16	.29	.10
8	8	1.15	1.16	-.76	.11
9	10	1.34	1.43	.14	.11
Média		.99	1.00	.00	.11
DP		.21	.24	.34	.00
<i>SS_CPASx</i>					
10	12	1.18	1.28	-.19	.10
11	13	1.31	1.42	.08	.10
12	14	1.10	1.07	-.78	.10
13	15	.82	.74	-.66	.10
14	16	.78	.78	-.16	.10
15	17	.98	.97	.21	.10
16	18	.89	.87	.20	.10
17	19	.83	.85	.38	.09
18	20	1.11	1.18	.93	.09
Média		1.00	1.02	.00	.10
DP		.17	.22	.49	.00

Nota. SS_EC = Satisfação Sexual Ego-Centrada; SS_CPASx = Satisfação Sexual Centrada no Parceiro e na Actividade Sexual.

Anexo 10

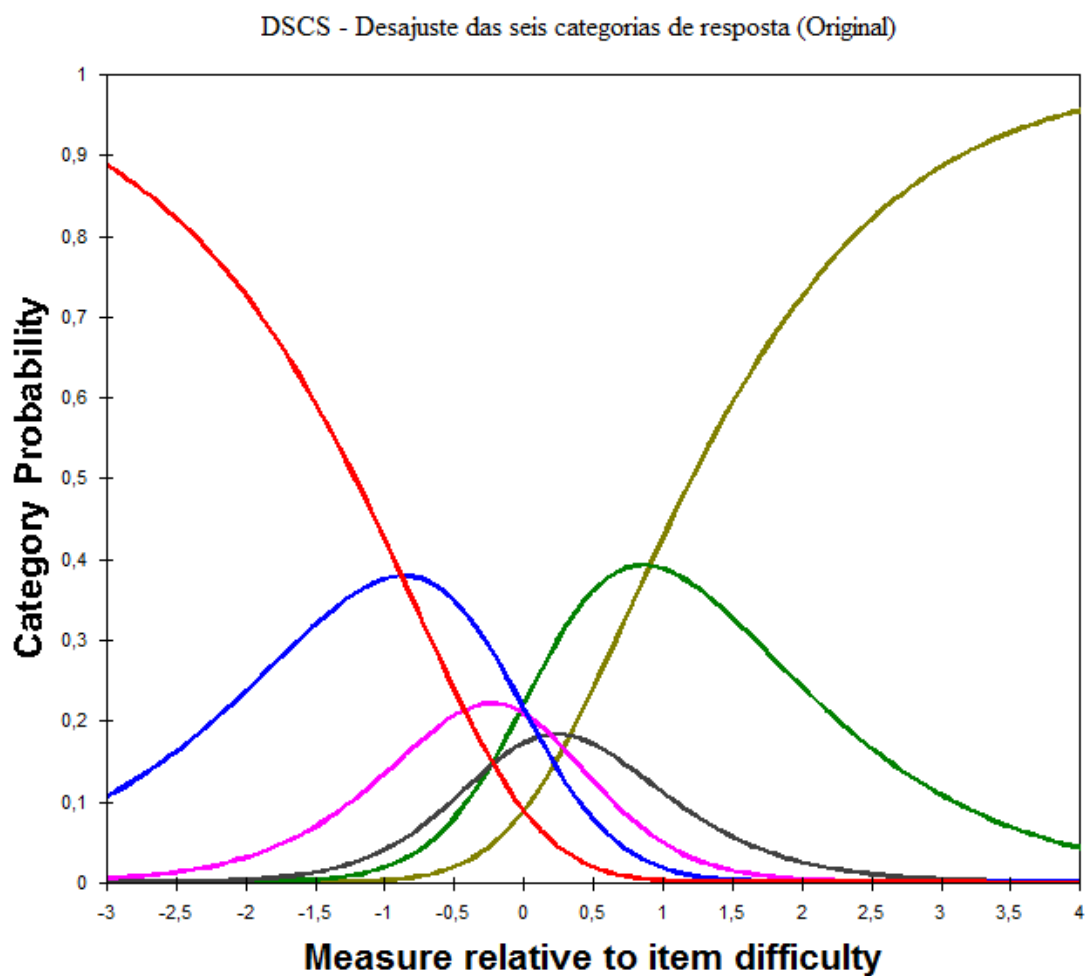
Estatísticos correspondentes às seis categorias de resposta da DSCS

<i>Categoria</i>	<i>Observado</i>	<i>B</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Passo</i>
<i>DSCS</i>					
1 = DT	210 (6%)	-.11	1.51	2.07	---
2 = DM	400 (11%)	-.13	1.00	1.14	-.68
3 = D	390 (10%)	.06	.78	.74	.02
4 = C	418 (11%)	.29	.86	.71	.19
5 = CM	973 (26%)	.77	.96	.92	-.25
6 = CT	1405 (37%)	1.57	.90	.98	.91

Nota. DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale; DT = Discordo totalmente; DM = Discordo Moderadamente; D = Discordo; C=Concordo; CM= Concordo Moderadamente; CT = Concordo Totalmente.

Anexo 11

Representação Gráfica do desajuste das curvas características das categorias de resposta da DSCS



Anexo 12

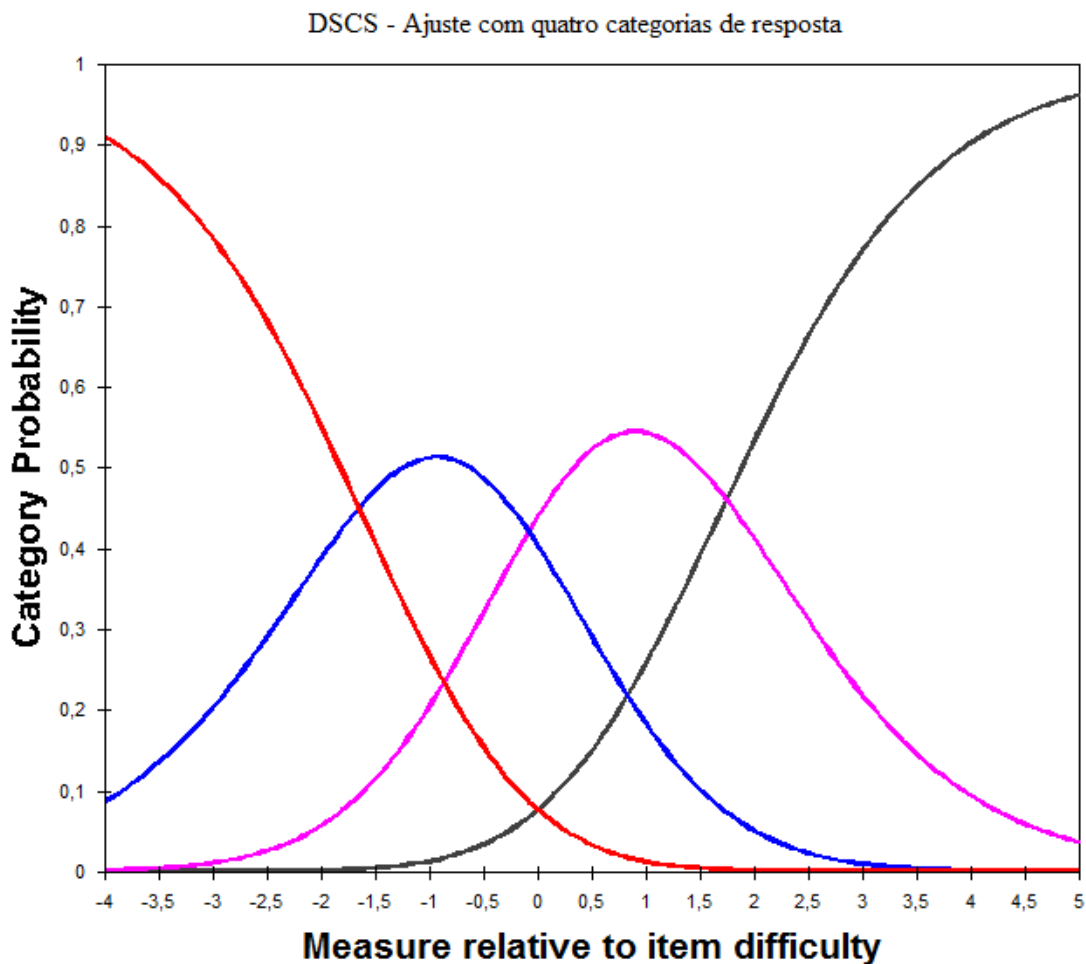
Estatísticos correspondentes às categorias de resposta da DSCS, depois da recodificação

<i>Categoria</i>	<i>Observado</i>	<i>B</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Passo</i>
<i>DSCS</i>					
1 = DT	210 (6%)	-.21	1.50	1.76	---
2 = D	790 (21%)	-.10	.84	.85	-1.65
3 = C	1391 (37%)	-.91	.88	.83	-.09
4 = CT	1405 (37%)	2.37	.92	.95	1.74

Nota. DF = Discordo Totalmente; D = Discordo; C= Concordo; CF = Concordo Totalmente.

Anexo 13

Representação Gráfica do ajuste das curvas características das categorias de resposta da DCSC, após a recodificação



Anexo 14

Características Psicométricas dos 13 itens da DSCS depois da recodificação

<i>Itens</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>Di</i>	<i>SE</i>
<i>DSCS</i>				
1	1.00	1.13	-.44	.10
2	.84	.86	.15	.09
3	.94	.92	.13	.09
4	.86	.80	-.40	.10
5	1.11	1.14	-.63	.10
6	1.03	1.06	-.37	.09
7	1.01	1.01	-.50	.10
8	1.43	1.46	.57	.09
9	1.17	1.25	.67	.09
10	.73	.77	.29	.09
11	.64	.60	-.04	.09
12	1.09	1.11	.39	.09
13	1.23	1.25	.18	.09
Média	1.01	1.03	.00	.09
DP	.20	.22	.41	.00

Nota. DSCS = Dyadic Sexual Communication Scale.

Anexo 15

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS

2Y

O presente questionário insere-se num estudo que tem como objectivo investigar a sexualidade e a intimidade de casais portugueses, no âmbito do doutoramento (Faculdade de Psicologia da Universidade de Salamanca), cujo tema é “Vínculos Afectivos, satisfação sexual e comunicação sexual numa amostra de casais heterossexuais portugueses”, com a orientação do Professor Doutor Antonio Fuertes Martín e da Professora Doutora Begoña Orgáz Báz.

O questionário encontra-se dividido em quatro partes: dados demográficos, e questões de cariz sexual e relacional; uma medida para avaliar os vínculos afectivos; outra medida para estimar a satisfação sexual; e outro instrumento para calcular a comunicação sexual.

Gostaríamos de solicitar a sua colaboração para o preenchimento do questionário, agradecendo os comentários e sugestões que lhe pareçam adequados para a melhor compreensibilidade do mesmo.

Todas as respostas dadas a este protocolo, são anónimas e confidenciais, sendo utilizadas apenas para fins estatísticos. Sendo assim, responda o mais honestamente possível às questões que lhe são apresentadas.

Leia atentamente as instruções e, em caso de dúvidas, não hesite em perguntar.

Se em qualquer momento optar por desistir, é livre de o fazer e de entregar o protocolo selado no envelope.

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade.

Investigadora principal: Sofia Melo Refoios

Contacto: sofia.melo.refoios@gmail.com

Anexo 16

CARTA DE INTRODUÇÃO AOS QUESTIONÁRIOS

Excelentíssimo/a Participante,

Vimos solicitar a sua participação num estudo nacional sobre a sexualidade e a intimidade de casais heterossexuais portugueses, no âmbito do doutoramento (Faculdade de Psicologia da Universidade de Salamanca).

Pedimos-lhe que responda ao questionário que lhe enviamos e que se destina ao indivíduo adulto, envolvido num relacionamento amoroso.

Dado o objecto da investigação, o questionário é anónimo e confidencial, e as suas respostas serão utilizadas exclusivamente para fins estatísticos. Assim, caso pretenda ser informado/a dos resultados obtidos, solicitamos que indique o seu correio electrónico ou, caso não tenha, a sua morada ou contacto telefónico.

Para reenviar o questionário deverá devolver-lo no envelope juntomos (RSF), convenientemente selado e enviá-lo, sem qualquer custo (não é necessário nenhum selo) em qualquer estação ou marco dos CTT.

A resposta a este questionário permitirá contribuir para a literatura científica sobre a relação do vínculo inseguro, da satisfação sexual e da comunicação sexual, sendo a sua participação essencial para o avanço da pesquisa científica Portuguesa nesta área.

Obrigada pela sua Colaboração
Com os melhores cumprimentos

(Sofia Melo Refoios)
(Doutoranda da Faculdade de Psicologia da Universidade de Salamanca).

Anexo 17

DADOS DEMOGRÁFICOS

Idade: _____ anos.

Género: Homem Mulher

Habilitações Literárias:

- | | |
|---|---|
| 1. <input type="checkbox"/> 1º Ciclo (1º, 2º, 3º e 4º anos) | 5. <input type="checkbox"/> Bacharelato |
| 2. <input type="checkbox"/> 2º Ciclo (5º, 6º, 7º, 8º e 9º Anos) | 6. <input type="checkbox"/> Licenciatura (1º ciclo universitário) |
| 3. <input type="checkbox"/> 3º Ciclo (10º, 11º e 12º Anos) | 7. <input type="checkbox"/> Mestrado (2º ciclo universitário) |
| 4. <input type="checkbox"/> Frequência Universitária | 8. <input type="checkbox"/> Doutoramento (3º ciclo univers.) |

Profissão: Estudante Trabalhador/Estudante Empregado/a Desempregado/a Reformado/a Doméstica

Estado Civil: Solteiro/a sem parceira/o sexual Solteiro/a com parceira/o sexual
 Solteiro/a com Namorada/o Casado/a/ União de Facto
Separado/a/ Divorciado/a Viúvo/a

Nacionalidade: _____.

Orientação Sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual

Religião: Não Sim

Se respondeu Sim, por favor especifique qual: _____ É praticante? Não Sim

VIDA SEXUAL E SAÚDE GERAL

1. Mantém uma relação amorosa actualmente? Não Sim

1.1. **Se sim**, dura há quanto tempo? _____ meses.

2. Com que idade iniciou a sua vida sexual? _____ anos.

3. Já experienciou algum orgasmo? Não Sim

4. Tem dificuldade em abordar com o/a seu/sua parceiro/a questões sobre sexualidade segura?
 Não Sim

5. Considera que tem dificuldades na intimidade com o/a seu/sua parceiro/a? Não Sim

6. Considera que tem receio de se envolver emocionalmente com outra pessoa? Não Sim

7. Apresenta algum tipo de doença física e/ou psicológica? Não Sim

Se Sim,

7.1 Que tipo de Doença? (pode marcar (X) mais do que uma opção)

- | | | | |
|---|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Cardiovascular | <input type="checkbox"/> Neurológica | <input type="checkbox"/> Respiratória | <input type="checkbox"/> Muscular/Esquelética |
| <input type="checkbox"/> Endócrina | <input type="checkbox"/> Do foro Psiquiátrico/Psicológico | <input type="checkbox"/> Ginecológica | |

Por favor, especifique qual a doença: _____.

8. Neste momento está a tomar algum tipo de medicação? Não Sim

Se Sim,

8.1 Para o tratamento de que Doença? (pode marcar (X) mais do que uma opção)

- | | | | |
|---|---|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Cardiovascular | <input type="checkbox"/> Neurológica | <input type="checkbox"/> Respiratória | <input type="checkbox"/> Muscular/Esquelética |
| <input type="checkbox"/> Endócrina | <input type="checkbox"/> Do foro Psiquiátrico/Psicológico | <input type="checkbox"/> Ginecológica | |

Por favor, especifique que medicamento: _____.

9. Já sofreu alguma intervenção cirúrgica? Não Sim

Se Sim, 9.1. Qual? _____.

10. Qual a sua situação relativamente ao Consumo de Tabaco:

Não fumador/a Fumador/a Passiva
 Fumador/a Activa Por média, quantos cigarros fuma por dia _____

11. Qual a sua situação relativamente ao Consumo de Álcool:

Não Consumidor/a Consumidor/a

Se Consumidor/a, especifique, por favor, o tipo de consumo:

Ocasional
 Diário

12. Actualmente consome algum tipo de Droga(s)? Não Sim

Se Sim,

12.1. Que tipo de Droga(s)? (pode marcar (X) mais do que uma opção):

Haxixe Cocaína
 Anfetaminas Sintéticas (e.g. LSD, Ecstasy)
 Heroína Outra(s) _____

12.2. Especifique, por favor, o tipo de consumo:

Ocasionalmente Regularmente

13. **Para as mulheres:** Está grávida? Não Sim **Se sim,** de quantos meses? _____.

Anexo 18

The Experiences in Close Relationships Questionnaire-Revised

ECR-R – Fraley, Waller & Brennan, 2000

Tradução: Refoios, S. & Mesquita, F., 2010

As afirmações seguintes referem-se a como **se sente, geralmente, na sua relação com o/a seu/sua parceiro/a (namorado/a, marido, mulher)**. Por favor responda a cada afirmação indicando quanto você discorda ou concorda com as afirmações. Não existem respostas certas nem erradas. Por favor, marque com um **X** a opção de resposta que melhor descreve como se sente.

1	2	3	4	5	6	7
<i>Discordo Fortemente</i>	<i>Discordo Moderadamente</i>	<i>Discordo</i>	<i>Não concordo nem discordo</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo Moderadamente</i>	<i>Concordo Fortemente</i>

1. Receio perder o amor do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
2. Frequentemente preocupa-me que o/a meu/minha parceiro/a não queira ficar comigo	1	2	3	4	5	6	7
3. Frequentemente receio que o/a meu/minha parceiro/a não me ame	1	2	3	4	5	6	7
4. Preocupa-me que o/a meu/minha parceiro/a não se preocupe tanto comigo como me preocupo com ele	1	2	3	4	5	6	7
5. Frequentemente desejo que os sentimentos do/a meu/minha parceiro/a sejam tão fortes como os sentimentos que tenho por ele/a	1	2	3	4	5	6	7
6. Preocupo-me bastante com os meus relacionamentos românticos	1	2	3	4	5	6	7
7. Quando o/a meu/minha parceiro/a está longe, preocupa-me que possa interessar-se por outra pessoa	1	2	3	4	5	6	7
8. Quando revelo os meus sentimentos ao/à parceiro/a, tenho receio que ele/a não sinta o mesmo por mim	1	2	3	4	5	6	7
9. Raramente preocupa-me a possibilidade do/da meu/minha parceiro/a me vai deixar	1	2	3	4	5	6	7
10. O/a meu/minha parceiro/a romântico faz-me duvidar de mim mesmo/a	1	2	3	4	5	6	7
11. Frequentemente não me preocupa ser abandonado/a	1	2	3	4	5	6	7
12. Apercebo-me que o/a meu/minha parceiro/a não quer estar tão próximo/a como eu gostaria	1	2	3	4	5	6	7
13. Por vezes o/a parceiro/a rmodifica os seus sentimentos por mim sem nenhuma razão aparente	1	2	3	4	5	6	7
14. O meu desejo de ser muito próximo(a) por vezes afugenta as pessoas	1	2	3	4	5	6	7
15. Tenho receio de que uma vez que um/a parceiro/a me conheça, não goste de mim como sou	1	2	3	4	5	6	7
16. Fico furioso/a quando não tenho o afecto e apoio que necessito por parte do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
17. Preocupo-me não estar à altura de outras pessoas	1	2	3	4	5	6	7
18. Parece que o/a meu/minha parceiro/a só repara em mim quando estou zangado/a	1	2	3	4	5	6	7
19. Prefiro não revelar ao/à meu/minha parceiro/a como me sinto	1	2	3	4	5	6	7
20. Sinto-me confortável em partilhar com o/a meu/minha parceiro/a os meus pensamentos e sentimentos mais privados	1	2	3	4	5	6	7
21. Acho difícil permitir-me depender do/a meu/minha parceiro/a romântico	1	2	3	4	5	6	7
22. Sinto-me muito confortável em estar próximo(a) e íntimo(a) do/a parceiro/a romântico	1	2	3	4	5	6	7
23. Não me sinto confortável em partilhar o meu íntimo com o/a parceiro/a romântico/a	1	2	3	4	5	6	7
24. Prefiro não estar muito íntimo(a) e próximo(a) do parceiro/a romântico/a	1	2	3	4	5	6	7
25. Sinto-me desconfortável quando um/a parceiro/a romântico/a quer ser muito próximo/a	1	2	3	4	5	6	7
26. Acho que é relativamente fácil ficar íntimo(a) do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
27. Não é difícil ficar íntimo(a) do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
28. Costumo discutir os meus problemas e preocupações com o/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
29. Em tempos de necessidade ajuda-me saber que posso contar com o/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
30. Conto tudo ao/à meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
31. O/A meu/minha parceiro/a ajuda-me a reflectir sobre o que lhe conto	1	2	3	4	5	6	7
32. Fico nervoso/a quando o/a parceiro/a se aproximam demasiado de mim	1	2	3	4	5	6	7
33. Sinto conforto em depender do/a parceiro/a romântico	1	2	3	4	5	6	7
34. Acho que é fácil depender do/a parceiro/a romântico	1	2	3	4	5	6	7
35. É fácil ser carinhoso/a com o/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5	6	7
36. O/a meu/minha parceiro/a realmente entende-me e às minhas necessidades	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 19

The New Sexual Satisfaction Scale

NSSS – A. Štulhofer, V. Buško & P. Brouillard, 2009

Tradução: Refoios, S., & Mesquita, F., 2010

Pense na sua vida sexual durante os últimos seis meses. Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau de satisfação face aos seguintes aspectos. Não existem respostas certas nem erradas. Marque com um **X** a opção de resposta que melhor descreve a sua situação.

1	2	3	4	5
<i>Nada Satisfeito/a</i>	<i>Pouco Satisfeito/a</i>	<i>Moderadamente Satisfeito/a</i>	<i>Muito Satisfeito/a</i>	<i>Extremamente Satisfeito/a</i>

1.	A intensidade da minha excitação sexual	1	2	3	4	5
2.	A qualidade dos meus orgasmos	1	2	3	4	5
3.	O meu “à vontade” e entrega ao prazer sexual durante o sexo	1	2	3	4	5
4.	A minha concentração durante a actividade sexual	1	2	3	4	5
5.	A forma como reajo sexualmente ao/à meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5
6.	O funcionamento sexual do meu corpo	1	2	3	4	5
7.	A minha predisposição emocional face ao sexo	1	2	3	4	5
8.	A minha disposição/humor após a actividade sexual	1	2	3	4	5
9.	A frequência dos meus orgasmos	1	2	3	4	5
10.	O prazer que proporciono ao/à meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5
11.	O equilíbrio entre o que dou e o que recebo no sexo	1	2	3	4	5
12.	A predisposição emocional do/a meu/minha parceiro/a durante o sexo	1	2	3	4	5
13.	Ser o/a parceiro/a a iniciar a actividade sexual	1	2	3	4	5
14.	A capacidade do/a meu/minha parceiro/a atingir o orgasmo	1	2	3	4	5
15.	A entrega do/a meu/minha parceiro/a ao prazer sexual	1	2	3	4	5
16.	A forma como o/a meu/minha parceiro/a cuida das minhas necessidades sexuais	1	2	3	4	5
17.	A criatividade sexual do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5
18.	A disponibilidade sexual do/a meu/minha parceiro/a	1	2	3	4	5
19.	A variedade das minhas actividades sexuais	1	2	3	4	5
20.	A frequência da minha actividade sexual	1	2	3	4	5

Anexo 20

Dyadic Sexual Communication Scale

DSCS – J. A. Catania, 1989.

Tradução: S. Refoios, & F. Esteves, 2004

Instruções: Por favor, leia cuidadosamente as afirmações que se seguem a respeito da comunicação. Não existem respostas certas nem erradas. Certifique-se que respondeu a todos os itens assinalando com uma cruz (X) no número que melhor a descreve para cada situação, segundo a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6
<i>Discordo Fortemente</i>	<i>Discordo Moderadamente</i>	<i>Discordo Pouco</i>	<i>Concordo Pouco</i>	<i>Concordo Moderadamente</i>	<i>Concordo Fortemente</i>

1. Quando quero falar sobre a nossa vida sexual, o meu parceiro(a) raramente responde	1	2	3	4	5	6
2. Alguns assuntos sexuais são incómodos para discutir com o meu parceiro(a)	1	2	3	4	5	6
3. No nosso relacionamento sexual existem alguns assuntos ou problemas que nunca foram discutidos	1	2	3	4	5	6
4. Eu e o meu parceiro(a) nunca resolvemos os nossos desacordos acerca dos assuntos sexuais	1	2	3	4	5	6
5. Quando eu e o meu parceiro(a) falamos acerca de sexo, sinto que ele(ela) me repreende	1	2	3	4	5	6
6. Habitualmente, o meu parceiro(a) queixa-se que não sou suficientemente claro(a) sobre o que quero sexualmente	1	2	3	4	5	6
7. Eu e o meu parceiro(a) nunca tivemos uma conversa séria acerca da nossa vida sexual	1	2	3	4	5	6
8. O meu parceiro(a) não tem dificuldade em falar comigo sobre os seus sentimentos e desejos sexuais	1	2	3	4	5	6
9. Mesmo quando está aborrecido comigo, o meu parceiro(a) está apto a apreciar a minha visão sobre a sexualidade	1	2	3	4	5	6
10. Falar sobre sexo é uma experiência satisfatória para ambos	1	2	3	4	5	6
11. Eu e o meu parceiro(a) conseguimos falar calmamente sobre a nossa vida sexual	1	2	3	4	5	6
12. Tenho pouca dificuldade em dizer ao meu parceiro(a) o que faço ou não sexualmente	1	2	3	4	5	6
13. Raramente sinto-me envergonhado(a) quando discuto com o meu parceiro(a) os detalhes da nossa vida sexual	1	2	3	4	5	6